



CAMISAS DE TÍMES - 1608 2022

APRESENTAÇÃO

Torcedores e torcidas: controle e resistências

Silvio Ricardo da Silva; Felipe Paes Lopes; Verónica
Moreira | 4-6

DOSSIÊ

Cinquenta anos de Gaviões da Fiel sob a ótica da Psicologia Social

Lurdes Perez Oberg, Marcello Alves da Silva
Aguilera | 7-27

Corpo, hierarquia e formas de agir: estética, política e ética nas “barras bravas” em Bogotá

John Alexander Castro Lozano | 28-51

Entre Torcidas Organizadas e Torcidas Antifascistas: considerações sobre as políticas do torcer e suas resistências

Phelipe Caldas, Marianna Castellano Barcelos de
Andrade, Roberto de Alencar Pereira de Souza
Junior | 52-81

Estudos sobre os torcedores de futebol: uma revisão sistemática

Cleyton Batista Sousa, Bruno Otávio de Lacerda
Abrahão | 82-102

O framing como forma de descrédito da mídia aos Barras Bravas mexicanos

Jorge Rosendo Negroe Alvarez | 103-133

O legado do torcer em estádios após os Megaeventos esportivos: economia, apropriação do espaço e o turismo

Fillipe Soares Romano, Natália Rodrigues de Melo,
Felipe Queiroz | 134-157

Torcidas organizadas de futebol e Polícia: confrontos, percepções e outros atores – o caso de Goiânia/Brasil

Fernando Segura, John Williams, David Wood,
Flávia Alchuffi, Vitor Gomes, Luiz Rodrigues |
158-181

PARALELAS

Mesmo campo, diferentes cores de pele: a performance da raça, do colorismo e do racismo antinegro no futebol brasileiro

Francisco Quinteiro Pires | 182-202

Representações sobre corpos, práticas e costumes: uma análise dos anúncios publicitários do *Jornal dos Sports* (1930-1940)

Kelen Katia Prates Silva | 203-223

ENTREVISTA

Futebol e Identidade na contemporaneidade na Comunidade Valenciana: entrevista com o sociólogo Ramón Llopis-Goig

Rodrigo Koch | 224-240

POÉTICA

Um estádio estando país ou o Mineirão é uma esquina redonda [narrativa]

Luis Maffei | 241-249

Vício da Gema [poesia]

Caio Junqueira Maciel | 250-251

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora: Prof.^a Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora: Prof.^a Sueli Maria Coelho
Vice-Diretor: Prof. Georg Otte

FuLiA/UFMG – revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

EDITORES

Elcio Loureiro Cornelsen
Gustavo Cerqueira Guimarães

Dossiê – TORCEDORES E TORCIDAS: CONTROLE E RESISTÊNCIAS

Silvio Ricardo da Silva (UFMG)
Felipe Paes Lopes (Univ. de Sorocaba)
Verónica Moreira (Univ. de Buenos Aires)

EDITORES DE SEÇÃO

Paralelas e Entrevista
Raphael Rajão Ribeiro

Poética
Gustavo Cerqueira Guimarães

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru
Aline Alves Arruda, CEFET/MG
Álvaro do Cabo, UFRJ
Andréa Casa Nova Maia, UFRJ
Andréa Sirihal Werkema, UERJ
André Alexandre Guimarães Couto, CEFET/RJ
André Mendes Capraro, UFPR
Arlei Damo, UFRGS
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV/RJ-SP
Christina Gontijo Fornaciari, UFV/MG
Cleber Dias, UFMG
Edônio Alves Nascimento, UFPB
Euclides de Freitas Couto, UFSJ
Fabiana Campos Baptista, UniBH
Fábio Franzini, UNIFESP
Flávio de Campos, USP
Francisco Ângelo Brinati, UFSJ
Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal
José Carlos Marques, UNESP
José Geraldo Vinci de Moraes, USP
Leda Maria da Costa, UERJ
Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL/MG
Luciane Correa Ferreira, UFMG
Ludmilla Zago Andrade, UFMG
Luis Maffei, UFF/RJ
Luiz Carlos Ribeiro, UFPR
Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG
Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha
Mauricio Murad, UERJ/Universo

Pablo Alabarces, UBA, Argentina
Pedro Henrique Trindade Kalil Auad, UFAL
Plínio Ferreira Guimarães, IFES
Rafael Fortes Soares, UFRJ
Ricardo José Rosa Gualda, UFAL
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP
Silvana Vilodre Goellner, UFRGS
Silvio Ricardo da Silva, UFMG
Tatiana Pequeno, UFF
Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, UFMG
Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova, UFMG
Victor Andrade de Melo, UFRJ
Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

PARECERISTAS AD HOC

Alberto Luiz dos Santos, USP
Ana Carolina Vimieiro, UFMG
André Alcântara Fagundes, UFU
Bruno de Lacerda Abrahão, UFBA
Caio Pinheiro, UECE
César Teixeira Castilho, UFMG
Daniela Araújo, FGV
Daniel Venâncio, UFMG
Denaldo Alchorne de Souza, IFF
Édison Gastaldo, CEP-FDC/RJ

Eduardo Bueno Fontes, IFMG/Varginha
Eduardo Gomes, UFRJ
Enrico Spaggiari, PUC-SP
Eriberto José Lessa de Moura, UFAL
Fausto Amaro Montanha, UERJ/RJ
Felipe Tavares Paes Lopes, UNISO
Fernanda Ribeiro Haag, USP
Flávia Cristina Soares, UNESAV
Francisco Xavier Rodrigues, UFERSA/RN
Glauro José Costa Souza, UFF
Irlan Simões, UERJ/RJ
John Alexander Castro Lozano, UPN
Juliana Nascimento da Silva, PMC
Lívia Gonçalves Magalhães, UFF
Luciano Jahnecka, UFSC
Luiz Henrique de Toledo, UFSCar
Marcel Diego Tonini, Museu do Futebol/SP
Marina de Mattos Dantas, UFPI
Mariane da Silva Pisani, UFPI
Nathália Fernandes Pessanha, UFF
Nicolás Cabrera, UNSAM
Pedro Vasconcelos Costa e Silva, Unisinos/RS
Plínio Labriola Negreiros, PUC-SP
Rodrigo Carrapatoso de Lima, UC
Rosana da Câmara Teixeira, UFF
Verónica Moreira, UBA
Vinicius Garzon Tonet, UFMG

**COORD. EDITORIAL, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA, PREPARAÇÃO
DE ORIGINAIS E DIAGRAMAÇÃO**

Gustavo Cerqueira Guimarães

REVISÃO

Carolina Garcia
Vinícius Fernandes

PROJETO GRÁFICO

PeDRa LeTRa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS

Núcleo FULIA

IMAGEM (*Favicon* do portal)

Pablo Lobato (Brasil/MG)
Um a zero #2, 2012

IMAGEM DA CAPA

Igor Silva (Brasil/MG)
Torcida [p/b], 2022



Torcedores e torcidas: controle e resistências

Fans and Supporters: Control and Resistance

No Brasil, o campo de estudos sobre torcidas de futebol consolidou-se na segunda metade da década de 1990. A despeito de, naquele momento, já haver algumas importantes pesquisas sobre o tema, elas ainda eram assistemáticas. Foi em tal período que uma série de estudos oriundos, principalmente, da Antropologia, da História e da Educação Física começou a se debruçar sobre os rituais, a identidade, a organização e o comportamento das torcidas organizadas, que ganhavam destaque nos noticiários do país graças ao seu protagonismo em eventos violentos, que resultaram em feridos e mortos. Este foi o caso, por exemplo, da famosa “Batalha Campal do Pacaembu”, quando torcedores do Palmeiras e do São Paulo invadiram o campo de jogo e se enfrentaram com paus, pedras e outros artefatos. Diante desse contexto, o poder público começou a tomar uma série de providências e fortaleceu os mecanismos de controle sobre essas

torcidas. Mecanismos que constituem justamente o objeto de pesquisa de parte dos artigos do dossiê desta edição.

A outra parte debruça-se sobre o outro “lado da moeda”: a resistência a esses mecanismos e, também, ao atual processo de (hiper)mercantilização do futebol, que exclui a classe trabalhadora do espetáculo futebolístico e mina uma tradição popular de torcer, atomizando as arquibancadas. Hoje em dia, essa resistência é levada a cabo não apenas pelas torcidas organizadas e suas instituições representativas, mas, também, pelos novos coletivos de torcedores. Estes surgiram, em sua maioria, em meados dos anos 2010, quando o Brasil recebeu a Copa do Mundo de Futebol Masculino e passava por forte turbulência política, que levou ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores. Naquele momento, as ruas do país foram tomadas por protestos protagonizados tanto pelo campo da direita quanto pelo da esquerda. Mais recentemente, em 2020, em plena pandemia da Covid-19, os referidos coletivos e integrantes de torcidas organizadas tomaram a frente nas manifestações contra o governo Jair Bolsonaro e seus seguidores, que defendiam pautas antidemocráticas, como a

volta do regime militar. O fato de terem sido esses coletivos e integrantes – e não organizações políticas tradicionais, como os partidos e os sindicatos – a romperem o silêncio das ruas, certamente, é indicativo do (enorme) poder de mobilização do futebol no nosso país e de sua relação (umbilical) com a política.

O primeiro artigo do **Dossiê** – “Cinquenta anos de Gaviões da Fiel sob a ótica da Psicologia Social”, de Lurdes Perez Oberg e Marcello Alves da Silva Aguilera – visa compreender novas formas de se perceber as torcidas organizadas, dando destaque aos Gaviões da Fiel, durante seus cinquenta anos de história, sob a ótica da Psicologia Social. O segundo – “Corpo, hierarquia e formas de agir: Estética, política e ética nas barras bravas em Bogotá”, de John Alexander Castro Lozano – analisa as formas de constituição do corpo para a organização da hierarquia e suas formas particulares de atuação entre os torcedores, agrupados nas “barras bravas” de Bogotá. O terceiro – “Entre Torcidas Organizadas e Torcidas Antifascistas: considerações sobre as políticas do torcer e suas resistências”, de Phelipe Caldas, Marianna Castellano Barcelos de Andrade, Roberto de Alencar Pereira de Souza Junior – compara os modelos das referidas torcidas. O

quarto – “Estudos sobre os torcedores de futebol: uma revisão sistemática”, de Cleyton Batista Sousa, Bruno Otávio de Lacerda Abrahão – faz um mapeamento da produção acadêmica brasileira sobre os torcedores de futebol. O quinto – “O Framing como forma de descrédito da mídia aos Barras Bravas mexicanos”, de Jorge Rosendo Negroe Alvarez – analisa o enquadramento na gestão midiática da violência no futebol mexicano. O sexto – “O legado do torcer em estádios após os Megaeventos esportivos: economia, apropriação do espaço e o turismo”, de Fillipe Soares Romano, Natália Rodrigues de Melo, Felipe Queiroz – busca elucidar e refletir como as mudanças estruturais para os megaeventos esportivos afetaram nas formas de torcer e nos novos usos de três equipamentos esportivos, o Maracanã, o Mineirão e a Neo Química Arena. E o último – “Torcidas organizadas de futebol e Polícia: confrontos, percepções e outros atores – o caso de Goiânia/Brasil”, de Fernando Segura, John Williams, David Wood, Flávia Alchuffi, Vitor Gomes, Luiz Rodrigues – analisa as interações entre torcedores organizados, policiais e outros atores envolvidos no futebol profissional na cidade de Goiânia.

Por sua vez, a seção **Paralelas** conta com dois artigos. O intitulado “Mesmo campo, diferentes cores de pele: A performance da raça e do colorismo no futebol brasileiro”, de Francisco Quinteiro Pires, investiga como processos de racialização e a ideologia do colorismo operam nos jogos de futebol disputados, na cidade de São Paulo, entre times de brasileiros negros contra times de brasileiros brancos entre 1927 e 1939 e em uma partida de 2003 registrada pelo documentário Preto contra branco. E o intitulado “Representações sobre corpos, práticas e costumes: uma análise dos anúncios publicitários do Jornal dos Sports (1930-1940)”, de Kelen Katia Prates Silva, analisa os anúncios publicitários do Jornal dos Sports como espaço de construção de representações que atendia a interesses múltiplos.

Já a seção **Entrevistas** apresenta uma conversa com o sociólogo Ramon Llopis Goig, professor titular da Universitat de València e autor de livros, artigos e investigações sobre futebol e identidade na Espanha e na Europa. Em tal entrevista, o referido professor apresenta suas considerações sobre o cenário contemporâneo e pandêmico, com maiores atenções para a Comunidade Valenciana.

Por fim, a seção **Poéticas** é constituída por uma narrativa inédita, “Um estádio estando país ou o Mineirão é uma esquina redonda”, do escritor e pesquisador carioca Luis Maffei, e um poema, “Vício da Gema”, do escritor mineiro Caio Junqueira Maciel. Ambas as produções são exemplos de que, se o universo do futebol, por vezes, é caracterizado por confrontos violentos, convertendo-se em um espaço belicoso e, fortemente, controlado e vigiado, como mostram alguns artigos desta edição, ele, também, alimenta a arte, a poesia. E, em um contexto de ataques sistemáticos à cultura, não seria essa uma forma de resistência poderosa? Uma forma de contraposição à barbárie e de afirmação da vida? De potencialização do desejo de seguir existindo e de lutar por novas formas de ser e viver?

Boa leitura!

Sorocaba, Belo Horizonte e Buenos Aires, 21 de setembro de 2022.

Silvio Ricardo da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil

Felipe Paes Lopes

Universidade de Sorocaba/Brasil

Verónica Moreira

Universidad de Buenos Aires/Argentina

Cinquenta anos de Gaviões da Fiel sob a ótica da Psicologia Social

Fifty Years of Fiel Gaviões from the Perspective of Social Psychology

Lurdes Perez Oberg

Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes/RJ, Brasil
Doutora em Psicologia, PUC-Rio
lurdes.oberg@gmail.com

Marcello Alves da Silva Aguilera

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil
Mestrando em Psicologia, UFES

RESUMO: Este artigo visa compreender novas formas de perceber as torcidas organizadas, dando destaque aos Gaviões da Fiel, durante seus cinquenta anos de história, sob a ótica da Psicologia Social. Num primeiro momento, a partir de uma concepção crítica sobre as massas, apresentam-se perspectivas que destacam o controle, como Le Bon, e possibilidades de resistência através de autores como Baudrillard e Canetti. Já num segundo momento, faz-se uma breve discussão sobre reivindicações políticas, potências e atravessamentos plurais da torcida organizada dos Gaviões da Fiel, dando visibilidade a tais aspectos através de uma metodologia exploratória. Conclui-se que é extremamente importante uma mudança no modo como a sociedade e as autoridades públicas lidam com as torcidas organizadas, tendo em vista que atualmente a manifestação coletiva na arquibancada esbarra em inúmeras proibições por parte do poder público.

PALAVRAS-CHAVE: Torcidas Organizadas; Psicologia Social; Autoridades Públicas.

ABSTRACT: This article aims to understand new ways of perceiving organized fans, highlighting Gaviões da Fiel, during its fifty years of history, from the perspective of Social Psychology. At first, from a critical conception of the masses, perspectives are presented that highlight control such as Le Bon and possibilities of resistance through authors such as Baudrillard and Canetti. In a second moment, there is a brief discussion about political demands, powers and plural crossings of the organized fans of Gaviões da Fiel, giving visibility to such aspects through an exploratory methodology. It is concluded that a change in the way in which society and public authorities deal with organized fans is extremely important, considering that currently the collective demonstration in the stands comes up against numerous prohibitions by the government.

KEYWORDS: Organized Fans; Social Psychology; Public Authorities.

INTRODUÇÃO

É raro o torcedor que diz: “Meu time joga hoje”. Sempre diz: “Nós jogamos hoje”. Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música.¹

Por força das circunstâncias, o poema acima, de Eduardo Galeano,² “O torcedor”, nos convoca a refletir sobre a força do coletivo no momento pandêmico em que vivemos. A torcida vivida por muitos brasileiros na aposta de uma vacinação em massa é atravessada por interesses políticos e econômicos, num contexto de uma crescente individualização do social.

Neste artigo, entende-se a relevância do poema do jornalista uruguaio frente às resistências e contradições que estão presentes no enlace das torcidas organizadas. Porém, esse enlace é tecido numa conjuntura em que aspectos econômicos, sociais e políticos prevalecem sobre a potência do “Nós jogamos hoje”.

Este estudo tem o intuito de buscar caminhos para novos posicionamentos diante das torcidas organizadas, tendo como enfoque os Gaviões da Fiel, que completaram cinquenta anos em 2019. Esse tema pode ser disparador de ações participativas no futebol e em outras modalidades esportivas, seus respectivos grêmios associativos e coletivos presentes nesses contextos em clubes, escolas, universidades etc. Nessa direção, com o respaldo da Psicologia Social, contribui para uma perspectiva emancipatória, na qual os sujeitos possam fazer diversos elos entre tais experiências e outras atividades de cunho democrático na sociedade.

Assim, esses grupos nomeados como torcidas organizadas nascem na década de sessenta e, no começo dos anos setenta, eclodem como uma resposta em relação à repressão vivida na Ditadura Militar. Observa-se, nesse período histórico, um repúdio por parte dos modos dominantes de poder em relação aos movimentos sociais e de massa. Nesses tempos, havia justificativas existentes de uma posição de

¹ GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 20.

² GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 20.

“irracionalidade” das massas presentes na forma de perceber esses movimentos e outras formas de coletivismo.

Além disso, presta-se atenção nestes estudos nos riscos de homogeneização impostos pela lógica capitalista e que acabam por impedir que tais movimentos possam produzir modos de subjetividades originais, processos de singularização subjetiva e uma multiplicidade de vozes heterogêneas que podem afirmar outras maneiras de ser, outras sensibilidades etc.³

Sobre os Gaviões da Fiel, Toro⁴ diz que estes surgiram ao buscar cobrar uma tomada de posição mais firme da diretoria do clube Corinthians diante da chamada “situação de seca de títulos” que o time vivia, no período entre 1954 e 1977. Tem-se ainda o conhecimento de que, depois de um jogo no Morumbi, no dia 12 de julho de 1969, em que o time do Corinthians estava mais uma vez fora da disputa do título, nasceram os Gaviões da Fiel.⁵ Sendo assim, entende-se que, a princípio, essa organização emerge com um caráter de reivindicação de direitos no contexto do futebol e de enfrentamento por um espaço político dentro da sociedade.

Diante disso, ressaltamos que as torcidas organizadas não se restringem às ditas confusões, conforme se percebe por diversos espaços do senso comum e por muitas autoridades públicas. Assim, diferentemente dessa visão de que as torcidas provocam apenas tumultos, fazem parte delas as festividades que envolvem os jogos de futebol.

Entretanto, como qualquer torcida organizada no Brasil, a estigmatização faz com que essas agremiações sejam lembradas pelas brigas entre os integrantes das torcidas, com uma parcela da mídia fomentando um sensacionalismo que carimba o preconceito contra os torcedores organizados. Porém, os autores deste trabalho alertam para um cuidado em não generalizar a mídia em todos os seus posicionamentos e justificam a importância em dar visibilidade às fontes dos meios de comunicação que tentam desnaturalizar aspectos normatizados, preconceituosos do cotidiano e que

³ GUATTARI; ROLNIK. *Micropolítica: cartografias do desejo*, p. 45.

⁴ TORO. *O espectador como espetáculo: notícias das torcidas organizadas na Folha de São Paulo*, p. 22.

⁵ DIAFÉRIA. *Coração Corinthiano: grandes clubes do Futebol Brasileiro e seus maiores ídolos*, p. 314.

estão embasadas em questões históricas e políticas que contribuam para o desvelar das situações instituídas do tecido social.

Assim, seus autores tentam dar visibilidade às forças de resistências das torcidas organizadas num contexto de crescente individualização da sociedade capitalista, tendo em vista as possibilidades de serem cooptadas pelas forças dominantes.

Nessa direção, à luz da Psicologia Social numa concepção crítica sobre as massas, apresentamos perspectivas que destacam o controle a partir dos estudos de Le Bon⁶ e possibilidades de resistência através dos sociólogos Baudrillard⁷ e Canetti.⁸ Posteriormente, temos a intenção de debater as torcidas organizadas dos Gaviões da Fiel e as suas forças existentes que lutam por uma sociedade democrática.

A PSICOLOGIA SOCIAL: POR UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DAS MASSAS (ENTRE O CONTROLE E A RESISTÊNCIA)

Diante do exposto, almeja-se ressaltar as contribuições da Psicologia Social que possam reforçar visões emancipatórias das torcidas organizadas, tendo como foco os Gaviões da Fiel.

O nascimento da Psicologia Social no fim do século XX é marcado pelo positivismo nos Estados Unidos. Discute-se que, a partir dos anos setenta, com o posicionamento dos psicólogos(os) latino-americanas(os), foram iniciados os questionamentos acerca da compreensão de que aquela realidade retratada pelos norte-americanos não condizia com a realidade da opressão da população dos países da América Latina.⁹

Essa psicologia americana segue o fluxo da modernidade e enfatiza os pequenos grupos como dispositivos necessários para incrementar modos de subjetividades privatizadas e que buscam a produtividade econômica. Ou seja, há por parte das(os)

⁶ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 8-9.

⁷ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*, p. 8.

⁸ CANETTI. *Massa e poder*, p. 16-7.

⁹ ALMEIDA. Para uma caracterização da Psicologia Social brasileira, p. 132-133; LANE. *Psicologia Social: o homem em movimento*, p. 11; SPINK; SPINK. *A Psicologia Social na atualidade*, p. 567.

pesquisadoras(es) latino-americanas(os) uma tentativa de rompimento com uma ciência que contribui para a manipulação e massificação da sociedade, possibilitando o surgimento de uma nova Psicologia Social.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira,¹⁰ a Psicologia Social Crítica se mantém como área de conhecimento da Psicologia, que procura aprofundar o conhecimento da natureza social e histórica do fenômeno psíquico. Como exemplo dessa vertente na América Latina, os autores desse trabalho fazem referência à Psicologia Comunitária e à Psicologia Política.¹¹ Dentre alguns de seus aspectos principais, esses referenciais enfatizam o seu caráter libertário, a sustentação da ciência como uma prática social e com o seu potencial transformador. Além disso, propõem o rompimento com o paradigma positivista, sustentam uma concepção de homem focada numa perspectiva sócio-histórica, dialeticamente construída e em movimento, investigam uma relação entre os aspectos macro e microestruturais e constroem o diálogo multi, inter e transdisciplinar etc.¹²

Nessa direção, ao adentrar-se nessa perspectiva crítica e histórica, nos deparamos com uma visão reacionária na Europa, no século XIX, acerca dos movimentos das massas, por serem vistas como descontroladas e irracionais em Le Bon,¹³ e uma visão libertária associada à revolução do proletariado em Marx,¹⁴ considerada de resistência ao modo de subjetivação dominante.¹⁵

Sobre o estabelecimento e crise do capitalismo durante o século XIX, debate-se que o processo de instalação do sistema fabril capitalista gerou uma transformação violenta na relação do homem com o trabalho. Com o avanço das máquinas e com o aumento da produção de mercadorias nas fábricas, os lucros foram sendo ampliados. No entanto, as condições de trabalho da nova classe que surgia – o proletariado – eram as

¹⁰ BOCK; FURTADO; TEIXEIRA. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*, p. 192.

¹¹ FREITAS. Contribuições da Psicologia Social e da Psicologia Política ao desenvolvimento da Psicologia Comunitária, p. 65; MARTIN-BARÓ. *Psicologia da Libertação*, p. 197; MONTERO. *Teoría y práctica de la Psicología Comunitaria: la tensión entre comunidade y sociedade*, p. 154.

¹² BOCK; FURTADO; TEIXEIRA. *Psicologias*, p. 185; LANE. *Psicologia Social: o homem em movimento*, p. 12; SPINK; SPINK. *A Psicologia Social na atualidade*, p. 568.

¹³ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 59.

¹⁴ MARX. *Las luchas de classes em Francia (1848-1850)*, p. 56.

¹⁵ BARROS; JOSEPHSON. *A invenção das massas: a psicologia entre o controle e a resistência*, p. 448; FARR. *As raízes da psicologia social moderna*, p. 68.

piores possíveis. Os operários começaram a se organizar para que houvesse movimentos de massas potencializadores e que resultassem em conquistas para a sua classe. Inicialmente essa reação dos trabalhadores era criminalizada e as estratégias de oposição adotadas não resolviam os problemas da dura jornada de trabalho e dos baixos salários.¹⁶

De forma oposta à potência desses movimentos operários, recorre-se a Gustave Le Bon (1841-1931),¹⁷ médico francês de formação multidisciplinar. Esse autor sustenta que independentemente das características da multidão e dos indivíduos que a compõem, só pelo fato de estarem constituindo uma multidão já é concedido ao grupo uma alma coletiva. Para Le Bon,¹⁸ um indivíduo em multidão é incapaz de raciocinar, pode perder seu posicionamento crítico e sua personalidade consciente por meio da sugestão e do contágio dos sentimentos e das ideias. “Só pelo fato de pertencer a uma multidão, o homem desce vários graus na escala da civilização. Isolado seria talvez um indivíduo culto; em multidão é um ser instintivo, por consequência, um bárbaro.”¹⁹

Ao confrontar a racionalidade do indivíduo com a irracionalidade das massas, Le Bon²⁰ ajudou a estabelecer um elo entre a Psicologia Social e a psicopatologia. Ao tomar a razão como o suporte para estabelecer a distinção entre o individual e o coletivo, produz uma primeira aproximação da psicologia em direção ao social, relacionando-o a uma dimensão patológica e “perigosa”, exigindo a intervenção de um líder para governá-la. A “contribuição” da psicologia, nesse sentido, foi de ocultar uma dimensão política dos movimentos das multidões, destacando-se unicamente sua dimensão “patológica”. Reforça-se, assim, a ideia de indivíduo em detrimento do coletivo.²¹

Dessa forma, o olhar de Le Bon²² exposto anteriormente vai totalmente contra o que a Psicologia Social Crítica se dispõe a propor por meio de um compromisso social de conscientização da sociedade, na qual a historicidade dialoga com uma crítica das relações dominantes e de transformação social e subjetiva dos grupos e dos sujeitos.

¹⁶ BARROS; JOSEPHSON. A invenção das massas, p. 446.

¹⁷ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 10.

¹⁸ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 17.

¹⁹ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 14.

²⁰ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 47.

²¹ SILVA. *A invenção da Psicologia Social*, p. 64.

²² LE BON. *La psychologie des foules*, p. 106.

Assim, ao refutar-se Le Bon,²³ apresenta-se outro posicionamento que pode se aproximar de uma compreensão avançada em relação ao fenômeno de massas atribuído às torcidas organizadas, explicado por Canetti (1905-1994),²⁴ em que todos “dançam a mesma música”, momento no qual todos se libertam de suas diferenças e experimentam-se com igualdade. Segundo Canetti,²⁵ somente na massa é possível ao homem ficar livre do temor do contato.

O autor,²⁶ citado acima, sinaliza alguns outros aspectos da massa como interesse em crescer: no seu interior predomina a igualdade, ela ama a densidade e, ainda, necessita de direção, porém com arranjos diferenciados. Esse aspecto que Canetti²⁷ aponta nos faz pensar numa não homogeneização das massas e no reconhecimento de suas singularidades. Importante refletir nesse estudo que, apesar de os movimentos de massa terem possibilitado significativos avanços para os trabalhadores no século XIX, ainda acaba permanecendo o modo indivíduo como o dominante na produção das subjetividades no contexto capitalista.²⁸

Com essas considerações acima, é possível dar relevância às forças disruptivas nessa sociedade automatizada. Tentamos, em algumas situações, realçar no cenário do futebol uma festa à parte movida pelas torcidas organizadas, pois são as massas que enfeitam o espetáculo com seu anseio em ver o time vencer.

Não há como saber antecipadamente se, quando, e de que lado será marcado um gol; e, mesmo paralelamente a esses ansiados acontecimentos principais, há diversas outras coisas que pode conduzir a ruidosas erupções... Ademais, dá-se aos perdedores a oportunidade de uma revanche, e nem tudo terminou para sempre. Nesses espetáculos, a massa pode pôr-se realmente à vontade; pode gritar de todas as maneiras, quando o momento certo se apresenta; e, mesmo estando tudo acabado, pode nutrir a esperança de, no futuro, voltar a ter oportunidades semelhantes.²⁹

²³ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 14.

²⁴ CANETTI. *Massa e poder*, p. 12.

²⁵ CANETTI. *Massa e poder*, p. 12.

²⁶ CANETTI. *Massa e poder*, p. 28.

²⁷ CANETTI. *Massa e poder*, p. 28-9.

²⁸ BARROS; JOSEPHSON. A invenção das massas, p. 441; 445.

²⁹ CANETTI. *Massa e poder*, p. 28.

Reitera-se a partir de Barros e Josephson³⁰ a pluralidade de formas e composições que podem emergir das massas, na análise de Canetti,³¹ Reconhece-se para esses autores que elas expressam “dignidade e responsabilidade”, de forma contrária como ela pode ser vista, como selvagem e destrutiva. Então, observamos duas características que nos aproximam numa visão dialética de posições políticas e de resistências, tanto a pluralidade de formas e composições que afloram das massas, rompendo um viés homogeneizante, quanto a possibilidade de manifestação de dignidade e responsabilidade, em contraposição à visão selvagem das massas.

Infelizmente, o mais beneficiado nesse não reconhecimento da potência dos movimentos das massas é quem explora e oprime, impondo uma demonização, seja ele o patrão ou o Estado.

O fato de as massas serem vistas/pensadas naquele momento como irresponsáveis incontrolláveis, irracionais mostra seu caráter desestabilizador, irruptor. A produção dos discursos da época se encarregou de colocá-las num lugar maldito, a ser expurgado da sociedade, em benefício do bem-estar de cada um e de sua família. Ao perigo das massas serão contrapostos a tranquilidade da família e o bem-estar individual, reafirmando que na sociedade de então, pensada como igualitária, cada um deve cuidar de seu pedaço, tendo, assim, seu justo prêmio assegurado.³²

Outro autor, Baudrillard (1929-2007),³³ também discorre sobre a questão das massas em sua obra *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*, porém com uma visão que se diferencia das demais acerca dessa temática. Esse autor³⁴ nos traz o conceito de “maioria silenciosa” como possibilidade de resistência e de conscientização perante as multidões.

Para Baudrillard,³⁵ a massa é um conjunto no vácuo de partículas individuais, de resíduos do social e impulsos diretos absorvendo toda a energia para desabar sob seu próprio peso. Ele diz que as massas não refletem o social nem se refletem no social. Pelo

³⁰ BARROS; JOSEPHSON. A invenção das massas, p. 455.

³¹ CANETTI. *Massa e poder*, p. 28-9.

³² BARROS; JOSEPHSON. A invenção das massas, p. 457.

³³ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 5-6.

³⁴ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 22.

³⁵ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 10-1.

contrário, o espelho do social que nelas se despedaça. Ou seja, o sociólogo parte da ideia de que não há social, pois este se dissipa na representação da simulação das massas. Dessa forma, só se comportam como massa aqueles que estão liberados de suas obrigações simbólicas.

Baudrillard³⁶ diz que não há significado social para dar força a um significado político. O único referente que ainda funciona é o da maioria silenciosa, através de um silêncio que proíbe a fala do seu nome, longe de ser uma forma de alienação.

Isoladas em seu silêncio, não são mais sujeitos (sobretudo não da história), elas não podem, portanto, ser faladas, articuladas, representadas, nem passar pelo “estágio do espelho” político e pelo ciclo das identificações imaginárias. Percebe-se que poder resulta disso: não sendo sujeito, elas não podem ser alienadas – nem em sua própria linguagem (elas não têm uma), nem em alguma outra que pretendesse falar por elas.³⁷

A forma que os torcedores organizados subvertem a lógica do sistema por meio do seu modo autêntico de se manifestar através das festas nas arquibancadas faz com que haja uma condição possível para uma troca simbólica, ou seja, um campo fértil para a elaboração de uma comunicação para uma maioria silenciosa.

Debatem-se os modos de resistência junto às torcidas e às ações que tentem desqualificar uma possível conscientização dessa massa. A modernização das arenas e a mercantilização do esporte podem torná-lo mais atrativo financeiramente para os clubes.

Baudrillard³⁸ cita um fato que ocorreu com o ativista político Klaus Croissant na Copa de 1998, sediada na França, na qual a televisão transmitia um jogo da França valendo uma classificação para a Copa do Mundo e, em contrapartida, pessoas se manifestavam diante de Santé na noite de extradição de Klaus Croissant.

Quando a França ganhou, explosão de alegria popular. Horror e indignação dos espíritos esclarecidos diante dessa escandalosa indiferença. Le Monde: “21 horas. Nesta hora o advogado alemão já foi retirado da prisão de Santé. Daqui a pouco Rocheteau vai marcar o primeiro gol”. Melodrama da indignação. Nenhuma única interrogação sobre o mistério dessa indiferença.

³⁶ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 22.

³⁷ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 23.

³⁸ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 16.

Uma única razão sempre invocada: a manipulação das massas pelo poder, sua mistificação pelo futebol.³⁹

Em outra direção, o escritor Eduardo Galeano,⁴⁰ em seu livro *Futebol ao Sol e à Sombra*, faz uma menção a um fato ocorrido na Argentina na sua poesia “O ópio dos povos”. Muitos intelectuais de esquerda sempre se colocaram contra o futebol, com a opinião de que há um desvio de sua energia revolucionária, tratando dessa forma o esporte do povo como Pão e Circo.

No entanto, um fato interessante que ocorreu com o clube Argentinos Juniors enfatiza que futebol não se trata apenas de alienação. Longe disso, futebol também é uma grande arma política para conscientização das classes.

(...) o time Argentinos Juniors nasceu chamando-se Clube Mártires de Chicago, em homenagem aos operários anarquistas enforcados num primeiro de maio, e foi um primeiro de maio o dia escolhido para fundar o clube Chacarita, batizado numa biblioteca anarquista de Buenos Aires. Naqueles primeiros anos do século, não faltaram intelectuais de esquerda que celebraram o futebol, em vez de repudiá-lo como anestesia da consciência. Entre eles, o marxista italiano Antônio Gramsci, que elogiou “este reino da lealdade humana exercida ao ar livre”.⁴¹

Deste modo, podemos enxergar que o futebol junto às torcidas pode ser um instrumento importante para se pensar novas formas de resistência rompendo com a lógica dominante e individualizante que vigora no sistema capitalista. Fazendo uma analogia com o que aconteceu em Roma no início do primeiro milênio, as torcidas organizadas têm um papel fundamental para que o espetáculo do futebol não se torne um “Pão e Circo”, como foi na Itália no passado.

Segundo o historiador Funari,⁴² a expressão “Pão e Circo” foi criada pelo poeta satírico Juvenal em alusão à política implementada pelos Césares. Naquela época, havia distribuição de trigo, o “Pão”, e espetáculos públicos oficiais, o “Circo” para evitar que a plebe romana se rebelasse contra o poder.

³⁹ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 16.

⁴⁰ GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 51.

⁴¹ GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 52.

⁴² FUNARI. *Grécia e Roma*, p. 114.

OS GAVIÕES DA FIEL E A RESISTÊNCIA DAS TORCIDAS ORGANIZADAS

Como já mencionado, o nascimento das torcidas organizadas na época da opressão do regime militar instaurado em 1964, demonstra o quão político é o seu surgimento no Brasil. Segundo Teixeira,⁴³ houve um movimento jovem nos anos setenta contra a ditadura e a sua luta diante da repressão fez criar um espírito diferente nas arquibancadas dos estádios. Isso fez com que as torcidas começassem a se posicionar mais firmemente, protestando diante das diversas dificuldades do time.

As arquibancadas movidas por esse espírito vivido fazem uma conexão com o conceito de massa apresentado por Canetti⁴⁴ em que todos caminham na direção de fortalecer todo o sentimento provocado pelo clube do coração e enaltecer uma vontade de se posicionar junto aos seus semelhantes da torcida.

Esse novo modo de torcer fez com que esse amor pelo clube fosse potencializado através das festas promovidas pelas torcidas. Porém, por contestarmos a homogeneização das torcidas e reconhecermos uma pluralidade de vozes, temos o cuidado em não cairmos num lugar romantizado sobre elas e, também, não esquecendo que o modo indivíduo age como força que insiste em estar presente nas massas.

Outro ponto importante é que as torcidas organizadas em situações de potência representam as vozes de uma pluralidade de torcedores nos momentos de diálogo com a diretoria do clube, fazendo com que a participação política na vida do time possa existir, porém com tensões e forças antagônicas.

Reitera-se que em momentos de inventividade os Gaviões da Fiel tiveram um posicionamento político firme ao longo da sua trajetória. No final da década de setenta, numa partida contra o Santos, os Gaviões da Fiel estenderam uma faixa pedindo “Anistia ampla, geral e irrestrita”,⁴⁵ lutando pela liberdade dos presos políticos e a volta dos exilados.

⁴³ TEIXEIRA. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*, p. 51-2.

⁴⁴ CANETTI. *Massa e poder*, p. 14.

⁴⁵ CARA; STRINI. Futebol também foi arma para lutar contra a ditadura, online.

Depois de seis meses do ato feito pelos Gaviões da Fiel, a Lei de Anistia foi aprovada pelo ex-presidente Figueiredo. Porém, os crimes cometidos durante o período militar contra os opositores também foram anistiados. Desse modo, os torturadores se isentaram através dessa lei brasileira.



Figura 1. Corinthians 1x1 Santos, fevereiro de 1979 – Gaviões da Fiel levanta a faixa “Anistia ampla, geral e irrestrita”.⁴⁶

Apesar disso, é importante ressaltar a importância da militância dentro da torcida para reivindicar a Lei da Anistia no país.

Futebol não é alienação, ao contrário. Ele mobiliza, ele reúne, ele é meio para que as pessoas se organizem e sintam sua força enquanto coletividade. Não terá sido por acaso, (...) que a primeira faixa pela Anistia no Brasil a aparecer para um grande público tenha sido desfraldada exatamente no meio da torcida corintiana, numa partida contra o Santos, no Morumbi, com mais de 110 mil pessoas, no dia 11 de fevereiro de 1979.⁴⁷

Além da luta política dos Gaviões da Fiel, o Corinthians – clube que inspira a agremiação dos Gaviões – também teve uma participação essencial no confronto contra o regime militar. Em 1982, um movimento liderado por seus ex-jogadores Sócrates, Casagrande e Wladimir surgiu para abalar a estrutura da ditadura instaurada no Brasil.

⁴⁶ CARA; STRINI. Futebol também foi arma para lutar contra a ditadura, online.

⁴⁷ KFOURI. *A emoção Corinthians*, p. 36.

Dentro do clube, todas as decisões eram tomadas democraticamente através do voto, o que demonstrava uma clara oposição ao regime da época. No campo essa atitude promoveu efeitos positivos e o Corinthians consagrando-se bicampeão paulista nos anos de 1982 e 1983. O movimento da Democracia Corinthiana acabou em 1984, mas ficou na memória dos brasileiros por ser um expressivo movimento libertário da história do futebol, além de ter sido fundamental para a conquista da Democracia no país.

Além disso, um contraponto relevante em relação aos relatos de confusão das torcidas organizadas é a participação dos Gaviões da Fiel no Carnaval de São Paulo, desde 1976, sendo campeã quatro vezes do grupo especial (1995, 1999, 2002, 2003). Esse fato enfatiza a contribuição das torcidas organizadas para além da esfera do esporte, trazendo à tona a questão cultural envolvida na construção de toda a festa promovida por essas instituições.⁴⁸

Recentemente, outro acontecimento importante de resistência dentro dos Gaviões foi sobre um escândalo que ocorreu em São Paulo. Em 2016, os Gaviões da Fiel fizeram atos e entoaram o cântico “Eu não roubo merenda, eu não sou deputado. Trabalho todo dia, não roubo meu Estado”, protestando contra o deputado Fernando Capez (PSDB) que participava do escândalo da merenda.

Além do que, houve manifestações por parte da torcida contra as proibições impostas pela Federação Paulista de Futebol, na qual a punição foi feita pelo fato de a torcida ter acendido sinalizadores numa partida contra o Flamengo pela Copa São Paulo.

Na nota,⁴⁹ os Gaviões afirmam que: “O que há de pior para o futebol são os escândalos de corrupção, o valor abusivo dos ingressos, os esquemas de empresários, a mercantilização da paixão, a elitização e embranquecimento das arquibancadas. Não as faixas, bandeiras, instrumentos, cânticos e muito menos a pirotecnia”.⁵⁰

Observa-se que essa movimentação dos Gaviões dialoga diretamente com a proposta da Psicologia Social, pois há uma disposição em se trabalhar em prol de uma conscientização da sociedade, firma-se o seu compromisso social de mobilização com a

⁴⁸ HOLLANDA; QUEVEDO. *Torcidas organizadas e escolas de samba (I): os Gaviões da Fiel*.

⁴⁹ BRASIL DE FATO. Gaviões da Fiel protesta contra escândalo da merenda, online.

⁵⁰ BRASIL DE FATO. Gaviões da Fiel protesta contra escândalo da merenda, online.

população através dos questionamentos às relações dominantes, às capturas pela lógica da elitização,⁵¹ como exposto acima por essa torcida.

Sendo assim, existe um diálogo com o conceito de “maioria silenciosa” trazida por Baudrillard,⁵² na qual simbolicamente não se tem mais sujeitos, se tem resistência, e, sendo assim, existem brechas para possibilidade de conscientização, apesar de todas as contradições decorrentes da dialética entre o sujeito e o mundo social na conjuntura do capitalismo.

Num passado recente, toda essa movimentação política nos Gaviões fez com que a entidade se manifestasse novamente nas eleições de 2018, dessa vez contra o candidato a presidência Jair Messias Bolsonaro. Em uma nota oficial⁵³ publicada no próprio site dos Gaviões da Fiel, se referindo a uma homenagem feita em 2016, pelo ex-deputado Jair Bolsonaro ao torturador Ustra em uma votação na Câmara dos Deputados, eles reiteraram que “[...] é importante deixar claro a incoerência que há em um Gavião apoiar um candidato que, não apenas é favorável à Ditadura Militar pelo qual nascemos nos opondo, mas ainda elogia e homenageia publicamente torturadores que facilmente poderiam ter sido os algozes de nossos fundadores”.⁵⁴

É evidente o engajamento político que emerge da relevante torcida organizada do país que representa o Sport Club Corinthians Paulista e espanta-se com a forma que vários setores do poder público lidam com os torcedores organizados que estão envolvidos em brigas.

Murad⁵⁵ explica que as práticas de violências em nosso futebol e as mortes de torcedores são operadas por minorias, representando apenas entre 5% e 7% dos torcedores organizados. Segundo Pimenta,⁵⁶ a violência nas torcidas organizadas não está disjunta da realidade social, visto que é parte da dimensão real do cotidiano dos grandes centros urbanos brasileiros. Essa reflexão dialoga diretamente com a ideia de

⁵¹ LOPES; HOLLANDA. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo, p. 208-9.

⁵² BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 19.

⁵³ GAVIÕES DA FIEL. Nota oficial: posição dos Gaviões da Fiel sobre candidato antidemocrático, online.

⁵⁴ GAVIÕES DA FIEL. Nota oficial: posição dos Gaviões da Fiel sobre candidato antidemocrático, online.

⁵⁵ MURAD. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro, p. 147.

⁵⁶ PIMENTA. Torcidas organizadas de futebol. Identidade e identificações, dimensões cotidianas, p. 47.

que estigmatizar não é o caminho para conter a violência, seja nas torcidas organizadas ou nos diversos espaços dos centros urbanos – onde majoritariamente estes torcedores estão inseridos.

Já Hollanda e Teixeira⁵⁷ dizem que “depois da condenação moral por parte dos meios de comunicação de massa, uma espécie de cruzada contra as torcidas organizadas se coloca na agenda desde 1995, com a conhecida ‘batalha campal do estádio Pacaembu’”. Esses autores comentam que

[...] os últimos vinte anos têm assistido assim à intensificação do cerco punitivo aos agrupamentos de torcedores. Nesse intervalo de duas décadas, iniciativas do Ministério Público vêm procurando lidar com a situação por meio de medidas de interdição jurídica e por intermédio de atos de extinção legal das entidades torcedoras.

É válido ressaltar que alguns atores em geral analisam as brigas nas torcidas a partir da visão trazida por Le Bon,⁵⁸ pois para esse autor, quando o indivíduo faz parte da massa ele perde a sua singularidade e se torna sugestível. Nessa direção, para se tentar conter as brigas entre torcedores organizados, o Estado responde com um posicionamento uniformizador, sem reconhecimento às diferenças e com inúmeras proibições às torcidas.

Numa outra nota oficial,⁵⁹ lançada em abril de 2016, respondendo a uma medida que proibia a entrada de adereços das organizadas e uma outra medida, que perdura até os dias atuais, determina a presença de torcida única nos estádios em São Paulo, os Gaviões fazem o seguinte apelo:

Generalizar o problema da violência apenas com a proibição das organizadas em estádios paulistas trata-se não apenas de punir quem nada fez, mas deixar de punir quem de fato tenha cometido atos violentos. A falta de punições individuais, investigações inteligentes, identificações nos estádios, e várias outras medidas, são o que de fato estimulam torcedores mal-intencionados. Tais medidas não apenas são ignorantes e sem qualquer eficácia prática, como tem um total apelo midiático, buscando dar uma resposta bem rasa a

⁵⁷ HOLLANDA; TEIXEIRA. Associativismo juvenil e mediação política: as torcidas organizadas de futebol no Brasil e a construção de suas arenas públicas através da FTORJ e ANATORJ, p. 262.

⁵⁸ LE BON. La psychologie des foules, p. 13.

⁵⁹ GAVIÕES DA FIEL. Nota oficial: medidas tomadas após o clássico, online.

uma opinião pública influenciada por distorções e manipulações por parte de uma grande mídia que, conforme é de conhecimento geral, defende seus interesses próprios.⁶⁰

Assim, no texto acima, os Gaviões denunciam o poder público⁶¹ e ressalta-se a construção em conjunto de medidas que sejam benéficas tanto para segurança nos estádios como para a festa nas arquibancadas.

Em um estudo elaborado pelos autores Hollanda e Teixeira⁶² elucida-se a união de “seis lideranças de torcidas da cidade do Rio de Janeiro, responsáveis pela criação de uma entidade em âmbito estadual, a FTORJ, a Federação de Torcidas Organizadas do Rio.” Essa junção traz luz a uma mudança diante de tantas adversidades enfrentadas pelas torcidas organizadas. É importante reafirmar que algumas dessas dificuldades advém dos conflitos causados por seus próprios integrantes, pois, observa-se uma pluralidade de composições existentes nos movimentos de massa, imersas no cenário capitalista.

Rememora-se que na eleição de 2018, o senador Major Olímpio – candidato pelo PSL – se elegeu recebendo mais de nove milhões de votos em São Paulo. Ele coordenou a campanha do Jair Bolsonaro e é autor do Projeto de Lei nº 1.587-A/2015⁶³ que visa extinguir as torcidas organizadas. No estilo de Le Bom,⁶⁴ este grupo representa o que há de mais conservador na política brasileira, na qual as torcidas organizadas correm o risco não somente de serem ainda mais marginalizadas, acabando por extinguirem-se. Atitudes como essas silenciam as vozes das torcidas organizadas num teor fascista que põe em risco o Estado Social Democrático de Direito.

Como vimos, da mesma forma que houve inúmeras mudanças de estratégias e reflexões acerca das mobilizações dos operários no início do século XIX, as torcidas também precisam criar estratégias de conter os associados quando brigam. Mesmo que esses torcedores não representem o que são de fato as torcidas organizadas e a festa promovida por elas nos estádios, esse ponto é um disparador para uma parcela

⁶⁰ GAVIÕES DA FIEL. Nota oficial: medidas tomadas após o clássico, online.

⁶¹ LOPES; HOLLANDA. “Ódio eterno ao futebol moderno”, p. 221.

⁶² HOLLANDA; TEIXEIRA. Associativismo juvenil e mediação política, p. 262.

⁶³ BRASIL. Projeto de Lei nº 1.587/2015-A, p. 2.

⁶⁴ LE BON. La psychologie des foules, p. 65.

conservadora dos meios de comunicação e do senso comum destilar a estigmatização frente ao torcedor organizado.

O futebol não tem mais espaço para posicionamentos proibicionistas e segregacionistas e o público não pode ser prejudicado pelo vandalismo imposto por alguns torcedores. A política de torcida única em São Paulo é um absurdo e só atesta a derrota das autoridades para lidar com o assunto, assim como a proibição de pirotecnia e bandeiras de mastros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso do presente trabalho busca-se traçar um paralelo entre os Gaviões da Fiel ao longo de sua história e as contribuições da Psicologia Social Crítica, trazendo autores que analisam as massas com visões opostas, controle e resistência. A partir disso, discorre-se sobre alguns atravessamentos que guiaram os Gaviões da Fiel durante os seus cinquenta anos de existência defendendo as cores do seu time, o Sport Club Corinthians Paulista.

Os autores deste artigo entendem as diferentes formas de se enxergar o fenômeno das massas e apresentam algumas reflexões para uma análise mais ampla das relações dos Gaviões da Fiel em sua história, tendo em vista suas resistências e paradoxos. Baudrillard⁶⁵ e Canetti⁶⁶ estão mais próximos a resistência como forma de atuação das massas, a compreensão da força vibrante das torcidas organizadas e o modo transformador como elas estão inseridas na sociedade como um todo.

Le Bon⁶⁷ traz na sua crítica às massas uma visão conservadora, pois o indivíduo na multidão perde a consciência de seus atos. Diferente desse autor, Canetti⁶⁸ defende a possibilidade da perda do medo do contato e da possibilidade da liberdade

⁶⁵ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 18.

⁶⁶ CANETTI. *Massa e poder*, p. 13-4.

⁶⁷ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 12.

⁶⁸ CANETTI. *Massa e poder*, p. 14.

proporcionada pelas massas, e Baudrillard⁶⁹ enxerga na autenticidade o posicionamento de uma “maioria silenciosa”.

Essas duas perspectivas apresentadas pautadas na resistência dialogam diretamente com a história de luta dos Gaviões da Fiel desde seu surgimento. No início, os Gaviões nasceram numa época conturbada em que o Brasil vivenciava o regime militar. A partir daí, a torcida que se organizou contra o regime, pôde se estabelecer com o ideal de apoiar o seu time, fiscalizar o clube e lutar por reivindicações que conversavam com as pautas defendidas ao longo dos seus cinquenta anos. Essa mobilização dos Gaviões da Fiel deve ser pesquisada a partir de uma pluralidade de posicionamentos e contradições que se formam no contexto capitalista e constata-se a complexidade de suas composições em seu percurso.

Foram discutidas ao longo desse trabalho as formas de atuação dos Gaviões da Fiel se colocando contra as proibições impostas pela Federação Paulista e, também, dos escândalos de corrupção – como o da merenda em São Paulo, por exemplo –, contestando o atual presidente Jair Bolsonaro e medidas que visam acabar não só com a festa, mas com as próprias torcidas organizadas. Por meio de manifestações e notas oficiais publicadas em seu site oficial, os Gaviões da Fiel tentaram se posicionar diante dessas questões apresentadas.

Os autores desse estudo apostam na criação de um diálogo mais eficaz entre os diversos participantes das torcidas organizadas tendo em vista as suas tensões e conflitos e propõem dar visibilidade as distintas alternativas diante de uma diversidade de vozes existentes nos estádios.

A leitura da Psicologia Social Crítica procura alcançar um compromisso com a conscientização da sociedade, com a pluralidade de ideias dos cidadãos e leva em conta a subjetivação dos indivíduos e dos grupos. Essa posição é necessária para romper com a lógica proibicionista e homogeneizadora de muitas autoridades públicas.

⁶⁹ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 23.

Como possibilidade, dentro do que foi refletido durante este estudo, Hollanda e Teixeira⁷⁰ discorrem sobre a FTORJ – Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro –, que nasce em um momento crítico das associações de torcedores da cidade, pois diante do recrudescimento de uma onda de conflitos e mortes entre os membros dos grupos rivais, tal federação expressa uma alternativa “a contrapelo da monotemática da violência na pauta cotidiana da mídia, um panorama da cooperação futebolística”.

Essa cooperação entre as torcidas organizadas fortalece posições emancipatórias e potencializam forças disruptivas nesse contexto que apostem numa multiplicidade de vozes e que contestem posições romantizadas ou fatalistas sobre as torcidas organizadas. Assim, podemos reconhecer e contestar os atos de violência cometidos por alguns torcedores, apostar nas singularidades dos movimentos de massa e definitivamente, afastar-se de uma visão de controle sustentada por Le Bom.⁷¹

* * *

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leonardo Pinto de. Para uma caracterização da Psicologia Social brasileira. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, n. spe, p. 124-37, 2012.
- BARROS, Regina D. Benevides de; JOSEPHSON, Silvia Carvalho. A invenção das massas: a psicologia entre o controle e a resistência. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira. (Orgs.). **História da psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2007, p. 441-62.
- BAUDRILLARD, Jean. **À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas**. Tradução: Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de L. Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BRASIL. **Projeto de lei nº. 1.587-A**. Câmara dos Deputados, Poder Legislativo. Brasília, DF: 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3UvByHq>. Acesso em: 16 jun. 2019.

⁷⁰ HOLLANDA & TEIXEIRA. Associativismo juvenil e mediação política, p. 262-3.

⁷¹ LE BON. La psychologie des foules, p. 59.

CANETTI, Elias. **Massa e poder**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARA, Thiago; STRINI, Antônio. Futebol também foi arma para lutar contra a ditadura. **ESPN**, 01 abr. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3LG19ta>. Acesso em: 16 jun. 2019.

DIAFÉRIA, Lourenço. **Coração Corinthiano**: grandes clubes do Futebol Brasileiro e seus maiores ídolos – v. 2. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1992.

FARR, Robert. **As raízes da moderna psicologia social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Contribuições da Psicologia Social e da Psicologia Política ao desenvolvimento da Psicologia Comunitária. In: **Revista Psicologia e Sociedade**. São Paulo: ABRAPSO, v. 8, n. 1, 1996, p. 63-82.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2011.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

GAVIÕES da Fiel protesta contra escândalo da merenda. **Brasil de Fato**. Belo Horizonte, 05 fev. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3RiOlop>. Acesso em: 16 jun. 2019.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**. Cartografias do Desejo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; QUEVEDO, Luigi Bisso. Torcidas organizadas e escolas de samba (I): os Gaviões da Fiel. **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 9, 2019.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Associativismo juvenil e mediação política: as torcidas organizadas de futebol no Brasil e a construção de suas arenas públicas através da FTORJ e ANATORG. In: **Antropolítica**. Niterói, n. 42, 2017, p. 236-64.

KFOURI, Juca. **A emoção Corinthians**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.

LANE, Silvia. **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo, SP: Brasiliense, 1984.

LE BON, Gustave. La psychologie des foules. Paris, França PUF, 1983 (1895). In: **Psicologia das multidões**. Tradução: Ivone Moura Delraux. Coleção Pensadores. Lisboa, Portugal: Edições Roger Delraux, 1980.

OPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**, Niterói, 2018, v. 24, n. 2, p. 206-32.

MARTIN-BARÓ, Ignacio. **Psicologia da Libertação**. Tradução: Fernando Lacerda. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MARX, Karl. Las luchas de classes em Francia (1848-1850). Madrid: Ayuso. In: SILVA, Rosana Neves da, **A invenção da Psicologia Social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

MONTERO, Maritza. **Teoria y práctica de la Psicología Comunitária**: la tensión entre comunidade y sociedade. Buenos Aires: Paidós, 2003.

MURAD, Mauricio. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. In: **Revista USP**. São Paulo, n. 99, 2013, p. 139-252.

NOTA Oficial: medidas tomadas após o clássico. **Gaviões da Fiel**, São Paulo, SP, 05 abr. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3r3dRs8>. Acesso em: 16 jun. 2019.

NOTA Oficial: posição dos Gaviões da Fiel sobre candidato antidemocrático. **Gaviões da Fiel**, São Paulo, 20 set. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3xDN3mf>. Acesso em: 16 jun. 2019.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas organizadas de futebol. Identidade e identificações, dimensões cotidianas. In: **Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003, p. 39-55, 2003.

SILVA, Rosane Neves da. **A invenção da Psicologia Social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

SPINK, Mary Jane; SPINK, Peter. A Psicologia Social na atualidade. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. Leal; PORTUGAL, Francisco T. (Orgs.). **História da psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro/RJ: Nau Editora, 2007, p. 565-585.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo, SP: Annabulme, 2003.

TORO, Camilo Aguilera. **O espectador como espetáculo**: notícias das torcidas organizadas na Folha de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Unicamp, Campinas/SP, 2004.

* * *

Recebido em: 8 de outubro de 2021
Aprovado em: 2 de março de 2022

Cuerpo, jerarquía y formas de actuar: Estética, política y ética en barras bravas de Bogotá

Body, Hierarchy and Ways of Acting:
Esthetic, Politics and Ethics in “Barras Bravas” in Bogotá

Corpo, hierarquia e formas de agir:
Estética, política e ética nas *barras bravas* em Bogotá

John Alexander Castro Lozano

Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Bogotá, Colômbia
Candidato a Doctor en Estudios Sociales, Universidad Distrital Francisco José de Caldas
alexandercastro1981@gmail.com

RESUMEN: El público asistente constituido alrededor del fútbol en Colombia se puede caracterizar de la siguiente manera: espectadores, simpatizantes e hinchas. Por su parte, los hinchas se han agrupado en barras y también, en *barras bravas*. Cada caracterización depende de la afiliación y la fidelidad – asumida por cada aficionado – con el equipo y con el grupo social. En este aspecto, el propósito del artículo es: comprender las formas de constituir el cuerpo para la organización de la jerarquía y sus particulares formas de actuar entre los hinchas, agrupados en *barras bravas* de Bogotá. De este modo, la participación en el *carnaval* y la permanencia en el *combate*, por parte de los aficionados, demuestran la presencia en la tribuna y en las calles para demostrar el *aguante*. De otra parte, en el aspecto metodológico, el trabajo de campo etnográfico permitió comprender y describir la producción, la reproducción y la difusión de los significados de las prácticas, desde las vivencias y los relatos de los aficionados.

PALABRAS CLAVE: Estética; Política; Ética; Hinchas de fútbol; Bogotá.

ABSTRACT: The public constituted around football in Colombia can be characterized as follows: spectators, fans and supporters. For their part, the supporters have been grouped in “barras” and also in “barras bravas”. Each characterization depends on the affiliation and loyalty - assumed by each supporter - with the team and with the social group. In this aspect, the purpose of the article is: understand the ways of constituting the body for the organization of the hierarchy and its particular ways of acting among the fans, grouped in “barras bravas” of Bogotá. Thus, participation in the “carnaval” and the permanence in the “combate”, on the part of the supporters, demonstrate presence in the stands and on the streets to demonstrate the “aguante”. On the other hand, in the methodological aspect, the ethnographic field work allowed us to understand and describe the production, reproduction and diffusion of the meanings of the practices, from the experiences and the stories of the supporters.

KEYWORDS: Esthetic; Politics; Ethics; Football Supporter; Bogotá.

RESUMO: O público constituído em torno do futebol na Colômbia pode ser assim caracterizado: espectador, simpatizante e fãs. Por sua vez, os fãs foram agrupados em “barras” e também em “barras bravas”. Cada caracterização depende da filiação e lealdade – assumida por cada torcedor – com a equipe e com o grupo social. Nesse sentido, o objetivo do artigo é: compreender as formas de constituição do corpo para a organização da hierarquia e suas formas particulares de atuação entre os torcedores, agrupados nas “barras bravas” de Bogotá. Assim, a participação no “carnaval” e a permanência no “combate”, por parte dos fãs, demonstrar presença nas arquibancadas e nas ruas para demonstrar a “aguante”. Por outro lado, no aspecto metodológico, o trabalho de campo etnográfico permitiu compreender e descrever a produção, reprodução e difusão dos sentidos das práticas, a partir das experiências e das histórias dos fãs.

PALAVRAS-CHAVE: Estética; Política; Ética; Torcedores de futebol; Bogotá.

INTRODUCCIÓN¹

Los años 1980 y 1990 en Colombia fueron décadas de sorpresas futbolísticas pues la Selección Colombia (Sub 20) logró ocupar el tercer lugar en el Campeonato Sudamericano de 1985, esa posición le permitió participar en la Copa Mundial de Fútbol realizada en la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas, URSS. En 1987, la sub 20 conquistó el título en el Sudamericano y así, la clasificación a la Copa Mundial de Fútbol realizada en Chile. La selección de mayores, consiguió – por primera vez en la historia – derrotar a Brasil, aunque fue en un partido amistoso, en 1985. Después alcanzó a ocupar la cuarta posición en la Copa América de 1991, el tercer lugar en 1987, en 1993 y en 1995 y, finalmente, se coronó campeón en 2001. También, pudo clasificar a la Copa Mundial de Fútbol de 1990,² a USA 94 y a Francia 98. De esta manera, es probable que, las victorias futbolísticas produjeran una sensación de una *comunidad imaginada*³ alrededor de la Selección Colombia.

A nivel de clubes, América de Cali consiguió llegar a la final de la Copa Libertadores en 1985, 1986, 1987 y 1996, pero en las cuatro oportunidades quedó en segundo lugar y Nacional de Medellín logró llegar a la final de la Copa Libertadores en 1989, coronándose campeón y en 1995 ocupó el segundo lugar. No obstante, en ese periodo de (un relativo) esplendor futbolístico, varios clubes colombianos fueron relacionados con traficantes de drogas. Por ejemplo, Eduardo Dávila (exportador de marihuana) invirtió en el Unión Magdalena de Santa Marta; Hernán Botero – presidente de Nacional – fue el primer colombiano extraditado a Estados Unidos por lavado de dinero; Octavio Piedrahita fue propietario de Pereira y de Nacional y Pablo Escobar invirtió en Nacional, Piedrahita y Escobar fueron parte del Cartel de Medellín; Miguel Rodríguez – integrante del Cartel de Cali – fue propietario de América; Fernando Carrillo y Phanor Arizabaleta – miembros del Cartel de Cali – fueron propietarios de Santa Fe de Bogotá; José Rodríguez –

¹ El artículo es uno de los resultados de la tesis de grado –intitulada *¡Yo soy azul! La imitación y el aguante entre hinchas en Bogotá*– desarrollada por el autor en la línea de investigación en Subjetividades, Diferencias y Narrativas en el Doctorado en Estudios Sociales de la Universidad Distrital Francisco José de Caldas.

² La última participación de la Selección Colombia se había dado en la Copa Mundial de 1962, realizada en Chile.

³ ANDERSON. Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo, 2011.

asociado al Cartel de Medellín – fue propietario de Millonarios de Bogotá, entre otros traficantes vinculados a diferentes clubes.

De otra parte, a finales de la década de 1980, en la Cadena 3 fueron transmitidos (en diferido) partidos de fútbol extranjero, especialmente argentino. En las emisiones fue posible observar a los aficionados apoyar a su equipo de fútbol de diversas maneras, por ejemplo, detrás de los arcos se ubicaban grupos organizados de hinchas; entonaban canciones; saltaban en conjunto; los goles lo celebraban corriendo hacia abajo de la tribuna; exhibían múltiples banderas; hacían columnas de humo; prendían bengalas y lanzaban papel. En esa década de contrastes, por un lado, se dieron una serie de triunfos futbolísticos sorprendidos, gracias a una generación de jugadores sobresalientes (a la sombra de los traficantes de la droga) y, por otro lado, una generación de hinchas fue influenciada por la festividad argentina. Esos aspectos fueron fundamentales para consolidar una renovada afición futbolística, expresada a través de la organización de las – denominadas – *barras bravas*, desde el año 1991 en Bogotá y en Cali. Posteriormente, agrupaciones semejantes se organizaron en Medellín, Barranquilla, Manizales, Bucaramanga, Neiva, Pereira, Ibagué, Santa Marta, Armenia, Cartagena, Pasto, Tunja, Cúcuta, Valledupar y Córdoba.

Las *barras bravas*⁴ mostraron dos comportamientos regulares, por un lado, expresiones festivas, desde las tribunas ubicadas detrás de los arcos, como formas de apoyo a su club y, por otro lado, conductas violentas al interior y en los alrededores del estadio pues se enfrentaron a los aficionados rivales y a la Policía Metropolitana. Estos comportamientos han sido denominados por los hinchas como el *carnaval* y el *combate*, respectivamente. De esta manera, el propósito del artículo es comprender las formas de constituir el cuerpo para la organización de la jerarquía y sus particulares formas de actuar entre los hinchas, agrupados en *barras bravas* de Bogotá. Por ese motivo, el artículo se ordena de la siguiente manera: la introducción; los aspectos metodológicos; una clasificación de los aficionados; sobre el *carnaval*, el *combate* y el *aguante*; la estética, la política y la ética; y, por último, las conclusiones.

⁴ Otras denominaciones a estos grupos organizados de hinchas son: *hinchadas* o *bandas*.

SOBRE LOS ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este trabajo de investigación se ha desarrollado con hinchas reunidos en Blue Rain y en Comandos Azules Distrito Capital (CADC) de Millonarios Fútbol Club en Bogotá; antes, durante y después de los partidos, al interior y en los alrededores del estadio Nemesio Camacho “El Campín”, entre 2017 y 2018. La formación de las *bandas* de Millonarios se inicia en 1992. Sin embargo, su constitución se da en 1993, su primer nombre fue Blue Rain y se ubicaron en la tribuna oriental general del estadio Nemesio Camacho “El Campín”. En 1996 se trasladan a la tribuna lateral norte altas – ubicada detrás de la portería – y cambian su nombre a Comandos Azules # 13. En 2001, modifican su nombre a Comandos Azules Distrito Capital, entre 2003 y 2005 se producen enfrentamientos internos que desembocan en una división y en la formación de (una nueva) Blue Rain en 2006, quienes ocuparon la tribuna lateral sur altas. Entre 2006 y 2009 se producen enfrentamientos entre las dos *hinchadas*. Entre 2009 y 2019 se presentan rivalidades al interior de Comandos Azules Distrito Capital, pero en 2019 logran un proceso de unificación. Desde 2021, Blue Rain y Comandos Azules Distrito Capital deben ocupar la misma tribuna, lateral sur altas en “El Campín”.

En este aspecto, el trabajo de campo etnográfico es la metodología adecuada para abordar el problema de esta investigación ya que permite comprender y describir la producción, reproducción y difusión de los significados de las prácticas desde las vivencias y los relatos de los hinchas de Millonarios F.C. en las *barras bravas*, complementado a partir de mis experiencias y mis narraciones. De acuerdo con Restrepo, la etnografía es una labor que solamente se experimenta a partir de su práctica, pero el trabajo de campo se define en las peculiaridades que lo circunscribe. Además, es una experiencia particular que altera esencialmente al etnógrafo, quien puede ser distinguido como un “dispositivo de producción de conocimiento, lo cual no sucede impunemente. Esto significa que el principal medio de aprehensión, comprensión y comunicación que media la etnografía es el

etnógrafo y sus sensibilidades, habilidades y limitaciones.”⁵ El investigador al *estar allí* para *estar aquí* pretende comunicar las experiencias y los testimonios de los aficionados y, además, a partir de mis vivencias y mis narraciones. “El etnógrafo ‘inscribe’ discursos sociales, los pone por escrito, los redacta.”⁶

El trabajo de campo etnográfico consiste en un ejercicio de escritura pues “la etnografía está, desde el principio hasta el fin, atrapada en la red de la escritura.”⁷ Los escritos antropológicos son inevitablemente simbólicos y la escritura etnográfica posibilita la emancipación de la representación occidental ya que “es una representación que se autointerpreta.”⁸ En ese aspecto, lo alegórico es pensar lo poético, lo tradicional, lo cosmológico, entre otros aspectos, en cada texto. Cada vez que se escribe, cada vez que las historias se representan, se comunica la imagen del otro en el texto.⁹ La imagen del otro, lo que se logra decir-escribir del otro, es el resultado de una traducción o de un dialogo intersubjetivo, un dialogo que se reelabora en el texto porque al parecer el otro se puede perder en el tiempo y en espacio, pero es posible conservarlo a través de la escritura.

UNA CLASIFICACIÓN DE LOS AFICIONADOS EN BOGOTÁ

Los trabajos de investigación desarrollados por Alabarces, Aragón y Zambaglione bosquejaron una clasificación sobre los aficionados, según las especificidades de sus contextos; una categorización que contribuye al planteamiento de este trabajo investigativo pues los hinchas en Bogotá se han influenciado de los hinchas y las *bandas* de Argentina. De este modo, las denominaciones y las características formuladas son un referente inicial para comprender a los hinchas y las *hinchadas* de Bogotá. En este aspecto, Alabarces caracterizó a espectadores, hinchas militantes y la barra,¹⁰ Aragón planteó las particularidades de espectadores,

⁵ RESTREPO. Etnografía: alcances, técnicas y éticas, 2018, p. 19.

⁶ GEERTZ. La interpretación de las culturas, 2003, p. 31.

⁷ CLIFFORD. Dilemas de la cultura. Antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna, 2001, p. 43.

⁸ CLIFFORD. Sobre la alegoría etnográfica, 1991, p. 153.

⁹ CLIFFORD. Dilemas de la cultura. Antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna, 2001.

¹⁰ ALABARCES. Crónicas del aguante: Fútbol violencia y política, 2012.

hinchas, fanáticos y *barras bravas*¹¹ y Zambaglione propuso el siguiente orden: espectadores comunes, hinchas fanáticos, hinchas duros; la guardia vieja y la hinchada.¹² A continuación, planteo la siguiente clasificación, por un lado, individual: espectadores, simpatizantes e hinchas, y, por otro lado, grupal: barras y *barras bravas*. La distinción fue elaborada en contexto, particularmente de Bogotá, como resultado de la presencia frecuente al estadio Nemesio Camacho “El Campín”, antes, durante y después de los partidos disputados, particularmente por Millonarios Fútbol Club.

Los espectadores del fútbol estiman el deporte como una forma de entretenimiento o de saberes, observan el partido sin ninguna afiliación futbolística y quizá, lo siguen por televisión o asisten al estadio. Los simpatizantes se identifican deportivamente con un equipo, eventualmente siguen los partidos por televisión o tal vez, asisten al estadio. Los hinchas participan en las actividades o eventos de su club; adquieren su indumentaria: camisetas, chaquetas, sudaderas, gorras o bufandas; lo animan desde las graderías del estadio; se han instruido en la historia de su equipo y es posible que participen en peleas. Las barras son una organización de aficionados de un club, promueven la participación grupal en las actividades o eventos de su equipo; adquieren su indumentaria e incluso, producen su propia ropa deportiva; animan a su club desde las graderías del estadio; intercambian detalles o anécdotas de la historia de su equipo y probablemente se involucren en riñas.

Y las *barras bravas* animan o *alientan* a su equipo, a través de expresiones festivas como banderas (*trapos*), canciones, humo de colores, papel, fuegos artificiales, sombrillas, entre otros. Igualmente, se burlan, humillan, insultan, amenazan y desafían a sus rivales. Del mismo modo, participan en enfrentamientos (cuerpo a cuerpo) en los que es posible usar piedras, palos de madera, varillas, cuchillos, navajas, machetes o armas de fuego. Asimismo, contribuyen en las actividades de su club, obtienen la indumentaria del equipo, producen su propia ropa deportiva y quizá, se han instruido en la historia de su club. En Colombia, la

¹¹ ARAGÓN. “Los trapos se ganan en combate”: Una mirada etnográfica sobre las representaciones y prácticas violentas de la “barra brava” de San Lorenzo de Almagro, 2007.

¹² ZAMBAGLIONE. Sobre Las Identidades: ¿Qué Es Una “Hinchada”?, 2008, p. 104.

noción de *barras bravas* no es negativa pero tampoco es positiva pues depende del tono y la intención que le den los hinchas, la opinión pública, los medios de información, las autoridades deportivas y las civiles. En este caso, por *barras bravas* entiendo a grupos organizados de hinchas, quienes se caracterizan por participar en el *carnaval* en la tribuna y permanecer en el *combate* en las calles, antes, durante y después de los partidos de fútbol.

A continuación, presento una reseña sobre los procesos de formación de las *barras bravas* y las *torcidas organizadas* en Suramérica. En Argentina, simpatizantes de San Lorenzo (en 1927) lanzaban pedazos de goma a futbolistas y a aficionados rivales, produciéndoles fuertes lesiones. Este grupo de hinchas fue denominado la Barra de la Goma.¹³ Este tipo de agrupaciones fueron denominadas *barras fuertes* o los *pesados*. El apelativo de *barras bravas* surgió a partir del homicidio de un seguidor de Racing Club, Héctor Souto, en 1967.¹⁴ En Brasil, durante los años cuarenta surgieron las primeras agrupaciones que empezaron a apoyar a su equipo, usar su camiseta, interpretar instrumentos musicales, y, además, establecer un líder; es en la década de 1960 cuando constituyeron las *torcidas organizadas*, su diferencia es su organización burocrática y su participación en las decisiones del equipo.¹⁵ Desde los años setenta las *bandas* iniciaron su proceso de constitución en Uruguay. Durante los ochenta en Paraguay, Chile, Perú y Ecuador. Desde los años noventa en Bolivia, Colombia, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicaragua y Venezuela. Y en Panamá son de reciente fundación. Las *barras bravas* y las *torcidas organizadas* se asemejan en las formas de apoyar a su club y en el enfrentamiento contra sus rivales y se distinguen a partir de sus identificaciones futbolísticas.

En Colombia, las *hinchadas* se constituyeron, primero en ciudades principales, luego en ciudades intermedias y finalmente, en ciudades pequeñas, siguiendo el esquema de consolidación de los equipos de fútbol, es decir, clubes nacionales, regionales y locales. Durante la década de 1990 se formaron las *barras*

¹³ ARAGÓN. “Los trapos se ganan en combate”: Una mirada etnográfica sobre las representaciones y prácticas violentas de la “barra brava” de San Lorenzo de Almagro. 2007

¹⁴ GIL. Hinchas en tránsito: Violencia, memoria e identidad en una hinchada de un club del interior. 2007.

¹⁵ PALHARES, CABRERA y SCHWARTZ. Apuntes para un estudio comparativo entre torcidas organizadas e hinchadas. 2014.

bravas de equipos nacionales y de algunos regionales. Posteriormente, se organizaron alrededor de otros clubes regionales y también de equipos locales. Además, algunas iniciaron procesos de división interna, produciendo la constitución de una nueva *banda*, emprendiendo disputas entre hinchas del mismo equipo de fútbol, agravando la violencia del fútbol en Colombia.

DEL CARNAVAL Y DEL COMBATE PARA DEMOSTRAR EL AGUANTE

Por un lado, en lo relacionado al *carnaval*, el partido de fútbol tiene una duración reglamentaria de noventa minutos. No obstante, para los hinchas – agrupados en la *banda* – el encuentro futbolístico inicia antes ya que es necesario planear y organizar las manifestaciones festivas a exhibir. Por ese motivo, con anterioridad, son realizados múltiples encuentros entre los distintos seguidores, quienes forman en Blue Rain y en CADC. Sin embargo, las expresiones festivas a exhibir se desarrollan en los partidos en los que se enfrenta los rivales – considerados más importantes por los hinchas – de Millonarios, por ejemplo, contra Santa Fe, Cali, Junior, América y Nacional. Esas expresiones festivas inician desde la salida del equipo al campo de juego, durante todo el partido y hasta el retorno de los jugadores al camerino, las *hinchadas* exhiben manifestaciones festivas. Después de concluido el partido, los aficionados, integrantes de la *banda* permanecen en el estadio, especialmente en la tribuna pues es necesario ordenar, transportar y resguardar los instrumentos musicales y los *trapos*. Las expresiones festivas son una forma de reiterar su afiliación y su fidelidad futbolística. Asimismo, les permite a los hinchas, desde la tribuna, mostrar su apoyo (*aliento*) a los jugadores.

Los seguidores de los clubes se autodenominan el jugador número doce, al desempeñar una actuación específica en la gradería. Igualmente, es posible que, la *banda* – en medio de la festividad – incluya aspectos extra futbolísticos en sus expresiones. En el interior de la tribuna distribuyen las sombrillas y el papel entre los *jefes de parche*¹⁶, quienes los reparten entre los integrantes de su grupo. Los fuegos artificiales son retenidos por los *referentes*¹⁷ de la *hinchada* y sus seguidores

¹⁶ Líderes de los sub grupos, los *parches*, de la *barra brava*.

¹⁷ Líderes de la *barra brava*.

o partidarios. Las trompetas, los platillos, los redoblantes, los zurdos, los repiques y los bombos son centralizados por La *Banda* del Bombo de Blue Rain o la Instrumental del Comando de CADC; *parches*¹⁸ delegados para interpretar los instrumentos musicales durante el partido. Después de instalar los *trapos*, centralizar los instrumentos musicales y los fuegos artificiales, entregar las sombrillas y el papel se espera el inicio del encuentro futbolístico. Antes que, el equipo se ubique en el campo de juego, los hinchas empiezan a cantar y a aplaudir esporádicamente. En este aspecto, “Augusto”¹⁹ explica las sensaciones relacionadas al *carnaval*:

Se hace, como le decía, con recursos propios, con ideas propias, bueno pues no tan propias porque eso es copiado de otros países. Primero lo que se hacía era papeles, rollos, humo, bengalas. Con las prohibiciones entonces del humo se pasó a extintores. Y con la llegada de la televisión en todo lado, estas vainas de Europa, entonces se empezaron fue a hacer los tifos²⁰, que aquí nunca resultaron porque no hay sentido de pertenencia, ni apropiación. Eso cuanto a la organización del *carnaval*. Y la intención es avivar al propio equipo, es asustar al rival. Y también mostrar como... pues supremacía, superioridad de mi barra a la del otro. (Entrevista a “Augusto”, ex miembro de CADC y Blue Rain, Bogotá, febrero de 2018).

La *Banda* del Bombo o la Instrumental del Comando inician la interpretación de los instrumentos musicales, impulsando las canciones – adaptadas al contexto del fútbol – y los saltos generalizados entre los seguidores en la tribuna. Igualmente, se abren las sombrillas, se alista el papel, los fuegos artificiales y el humo de colores. Cuando el club pisa el terreno de juego, La *Banda* del Bombo o la Instrumental del Comando guían a los demás aficionados, quienes cantan más fuerte y sincronizan sus saltos. El objetivo de estas expresiones es exhibir su afiliación y su fidelidad futbolística. Además, mostrar su apoyo a los jugadores ya que desde la tribuna los animan en su juego. Las manifestaciones festivas es posible entenderlas como el *carnaval* en el contexto del fútbol.

¹⁸ El *parche* es un sub grupo de la *hinchada*.

¹⁹ Entre 1997 y 2007 fue integrante de Comandos Azules. Entre 2009 y 2016 se integró a Blue Rain.

²⁰ Es un mosaico elaborado por los hinchas y desplegado en la tribuna que ocupan en el estadio, exhibiendo un símbolo del equipo o la barra brava. Se realiza con hojas de papel, plástico o banderas.

Los aplausos, las canciones, los instrumentos musicales, el papel, los fuegos artificiales, los saltos, las sombrillas y los *trapos* se exhiben en la tribuna pues “está integrado, principalmente por expresiones festivas que se articulan alrededor del baile, el canto, la música, el acercamiento corporal”.²¹ En el *carnaval* es posible manifestar conductas usualmente reprimidas en la cotidianidad, facilitando el anonimato de los participantes en la multitud. El *carnaval* permite salir de la vida diaria, entregarse a la exaltación y al delirio, gozar de un sistema simbólico representado por colores, olores, sonidos, sabores; la música deja a un lado al silencio e invita al movimiento, al iniciar la fiesta.²²

Y, por otro lado, en lo relacionado al *combate*, los hinchas de Millonarios constituyeron como competidores futbolísticos a Santa Fe, Cali, Junior, América y Nacional; contrincantes que deben ser derrotados en el terreno de juego. La aparición de las *barras bravas* estableció a los seguidores de esos equipos como los rivales a derrotar en las tribunas y en las calles. De esta manera, la constitución de las *hinchadas* en Colombia permitió que, la apropiación de las rivalidades futbolísticas desembocase en enfrentamientos alrededor del estadio “El Campín”, en distintos barrios de Bogotá, en municipios aledaños a la capital e incluso, en carreteras de Colombia o en el exterior. En este sentido, los aficionados que integran Blue Rain y CADC heredaron y asumieron las rivalidades futbolísticas. Por eso, los hinchas – reunidos en Blue Rain y en CADC – se enfrentan a los miembros de La Guardia Albi Roja Sur de Santa Fe; el Frente Radical Verdiblanco y Avalancha Verde Norte de Cali; el Frente Roji-Blanco Sur y La *Banda* de los Kuervos de Junior; el Disturbio Rojo Bogotá y el Barón Rojo Sur de América; y Los Del Sur y Nación Verdolaga de Nacional.

Los seguidores – en los enfrentamientos – usan, especialmente su cuerpo: cabeza, brazos y piernas. También, es posible que utilicen botellas de vidrio, palos de madera, piedras, tubos de PVC, varillas, armas blancas e incluso de fuego. Los enfrentamientos se pueden desarrollar antes, durante o después del encuentro futbolístico. En otras palabras, en los enfrentamientos deben exponer habilidades en el uso de su cuerpo para atentar contra el rival. En otras ocasiones, la

²¹ LOSADA. Notas de carnaval, 2007, p. 42.

²² BOHÓRQUEZ. La música como dimensión simbólica del Carnaval, 2014.

continuidad y la violencia en los enfrentamientos, les exigió (a los aficionados de los clubes) el empleo de múltiples objetos contundentes e incluso, cuchillos, machetes o armas de fuego. Este ambiente violento es una oposición entre la hombría o la masculinidad agresiva propia frente a la cobardía que reseñan contra los rivales. La hombría o la masculinidad agresiva manifiesta la capacidad para *estar presentes* en el enfrentamiento. En este aspecto, “PQEK”²³ cuenta la disposición para el *combate*:

Combate es cuando va una barra y se encuentra con otra barra y pelean. [...] Normalmente las barras utilizan palos y piedras, es lo que siempre se usó. En este momento no hay que negar que, los muchachos, en vista de tanto conflicto y tanta nota, utilizan armas blancas que, cada vez ponen más complicada la situación, porque la violencia se sale de las manos. (Entrevista a “PQEK”, ex miembro de CADC y Blue Rain, Bogotá, agosto de 2020).

En las tribunas y en las calles, los hinchas – agrupados en las *bandas* – deben enfrentarse a sus rivales. El cuerpo de los seguidores está expuesto a daños físicos, al permanecer en los enfrentamientos pues las piernas, los brazos y la cabeza y, también, los tubos de PVC, las piedras, los palos de madera, las botellas de vidrio, las varillas, los cuchillos, los machetes o las armas de fuego son fundamentales si se pretende una victoria en las peleas. De este modo, los enfrentamientos producen lesiones, fracturas, múltiples heridas e incluso, muertes y, además, la permanencia en el *combate* posibilita el ascenso en el orden interno de la *hinchada*.

Desde la posición de los seguidores, permanecer en las peleas no se censura. No obstante, si no se involucran pueden ser agredidos por los rivales o ser declarados como ausentes por sus colegas. Si permanecen con la *barra brava* pueden resultar golpeados, pero sus semejantes estimarán su firmeza porque *están presentes* en los *combates*. De acuerdo con lo dicho, Moreira – elaboró su investigación con la *hinchada* del Club Atlético Independiente de Avellaneda – sostiene que, el *combate* posibilita distinguir a los hinchas del mismo club y los

²³ Desde 1997 hasta 2005 fue integrante de Comandos Azules. En 2006 participa de la formación de (la nueva) Blue Rain, entre 2008 y 2011 fue su referente principal. Posteriormente, se retiró de las actividades de Blue Rain.

enfrentamientos generan una sucesión continua de provocaciones y duelos entre las hinchadas rivales, con el propósito de conservar y revalidar su honor²⁴.

De esta manera, el *aguante* exhibe una convicción – por parte del integrante de la *barra brava* – de participar en el *carnaval* y de permanecer en el *combate*, es decir, *estar presentes* en las expresiones festivas y en las conductas violentas. Silvio Aragón especifica que, el *aguante* posee un doble significado “desde saltar y *alentar* los noventa minutos del partido, hasta ‘plantarse de manos’ para defender una bandera y robar la de otra barra” y complementa, está relacionado “a seguir al equipo, aunque no gane, tenga problemas institucionales o pierda algo considerado sagrado”²⁵. De esta manera, los aficionados deben demostrar su compromiso y su responsabilidad pues es fundamental *estar presentes* en las distintas prácticas que, la *barra brava* promueve en el estadio y en sus alrededores, en distintos barrios de Bogotá, en municipios aledaños e incluso, en carreteras o en el exterior; mostrando una habilidad corporal para tolerar las condiciones, especialmente desfavorables en el *carnaval* y en el *combate*.

El *aguante* es incluyente y es excluyente en la *barra brava*; es incluyente porque reúne a los hinchas, quienes participan y permanecen en las actividades festivas y permanecen en el lugar de la pelea, respectivamente. Y es excluyente porque prescinde de los aficionados que no participan en el *carnaval* y no permanecen en el *combate*.²⁶

En este sentido, “Gordo Lan”²⁷ explica, desde su posición, el *aguante*, relacionando al *carnaval* y al *combate*:

El *aguante* es todo eso que le he depositado a Millonarios. Todo eso es *aguante*, en un viaje, en un partido, en todas las cosas que, en las cuales le he entregado a Millonarios. Ahí veo el *aguante*, en la tribuna, en los viajes, en cualquier cosa. Un *aguante*, hasta me he aguantado un tiro en la boca, eso es tener *aguante*, y seguir todavía de pie. Tener *aguante* es perder un partido, estar de últimas en la tabla y el primer semestre es estar de primeras, eso es tener *aguante*. Tener *aguante* es ver y soñar que Millos va a ser campeón y perder. Tener *aguante* es todo eso, tener

²⁴ MOREIRA. Trofeos de guerra y hombres de honor, 2006.

²⁵ ARAGÓN. “Los trapos se ganan en combate”: Una mirada etnográfica sobre las representaciones y prácticas violentas de la “barra brava” de San Lorenzo de Almagro, 2007, p. 73.

²⁶ CASTRO. Carnaval, combate y jerarquía entre los hinchas que forman una barra brava de Bogotá, 2020, p. 69.

²⁷ Entre 2001 y 2005 fue integrante de Comandos Azules. En 2006 participa de la formación de (la nueva) Blue Rain y pertenece hasta el 2009. A partir de 2009 se integró, nuevamente a Comandos Azules.

aguante es eso. El *aguante* es lo que nos hace ser, lo que nos representa y nos define como *barras bravas*. (Entrevista a “Gordo Lan”, miembro de CADC, Bogotá, marzo de 2018).

El testimonio de “Gordo Lan” permite entender la demostración del *aguante*, una exhibición permanente pues está vinculado a la identificación futbolística y, además, grupal. La identificación solicita, por ejemplo, la asistencia al estadio – especialmente a las tribunas ocupadas por Blue Rain o CADC – *alentando* al equipo de local y, particularmente de visitante. Los resultados de los encuentros futbolísticos no son relevantes; es necesario *aguantar* los ataques rivales y estar dispuesto a permanecer en el enfrentamiento. En otras palabras, las diversas experiencias en el *carnaval* y en el *combate* demuestran el *aguante*, una disposición y una responsabilidad que, constituyen una identidad particular y determinada. Dicho de otra manera, “el *aguante* permite recurrir a lo que sea necesario para derrotar al rival, sin importar la desventaja que se asuma en la pelea.”²⁸ El *aguante* se constituye en un compromiso y en una responsabilidad de participación en el *carnaval* y de permanencia en el *combate*.

Así, el hincha es incluido en la *barra brava* al ser distinguido por los *referentes* y los *jefes de parche*. Aunque son vivencias y narraciones diferentes, son complementarias. El *aguante* le permite al hincha salir del anonimato pues – sin importar las circunstancias del club de fútbol y de la *hinchada* – el hincha está presente en la tribuna y en la calle. La demostración del *aguante* permite la construcción de la realidad social de los hinchas en la *banda*, al aceptar la afiliación y la fidelidad futbolística y la pertenencia grupal y también, las rivalidades (en el contexto del fútbol) constituidas desde lo territorial, lo pasional, lo histórico, lo sociocultural, lo político-económico, lo étnico y lo sexual. Lo anterior permite identificar, desde afuera del grupo social, aspectos relacionados con lo estético, lo político y lo ético entre los aficionados.

²⁸ CASTRO. Carnaval, combate y jerarquía entre los hinchas que forman una barra brava de Bogotá, 2020, p. 70.

DE LA ESTÉTICA EN LA *BARRA BRAVA*

En el *carnaval*, los hinchas que participan en la composición de canciones, en la elaboración *trapos* y en la adquisición de instrumentos musicales, papel, fuegos artificiales y sombrillas serán ubicados en diferentes posiciones en el orden interno o en la jerarquía de la *barra brava*. La composición, la elaboración y la consecución de cada uno de estos aspectos implica una reunión entre los seguidores para lograr componer nuevas canciones, elaborar nuevas banderas y conseguir papel, fuegos artificiales y sombrillas. Por eso, los aficionados se reúnen con el propósito de adaptar las canciones más escuchadas y, además, ensayar con los instrumentos musicales, ensayos que les permitirá mejorar lo ya conocido y aprender las nuevas composiciones. En los encuentros, se plantean múltiples propuestas para la elaboración de *trapos*; quizá el uso de pintura para el rostro, el uso de máscaras o algunos hinchas decidirán tatuarse para exhibir su afiliación y su fidelidad futbolística y, asimismo, su pertenencia grupal.

Para el *combate*, los seguidores que intervengan en los robos, las emboscadas o los ataques a los rivales y, además, quienes permanezcan en el sitio en el que son embestidos o protejan los *trapos*, podrán ser ubicados en diferentes posiciones en la jerarquía o en el orden interno de la *barra brava*. Por eso, los aficionados, también se reúnen para entrenar su cuerpo para el *combate*, la pelea callejera o en diferentes deportes de contacto. El entrenamiento es primordial si quieren lograr una victoria en pelea o por lo menos, permanecer en los *combates*. Asimismo, es posible utilizar botellas de vidrio, palos de madera, piedras, varillas o armas blancas. Por eso, la permanencia deja, inevitablemente huellas en el cuerpo, hematomas, hinchazón, dolor o heridas por arma, huellas que se convertirán en cicatrices. Sin embargo, se ha popularizado en el uso de armas blancas o de fuego, utilización que ha iniciado una preocupante lista de asesinatos en Colombia.

Los hinchas, quienes forman la *barra brava*, deben disponer su cuerpo para las expresiones festivas y para las conductas violentas, es decir, deben *estar presentes* – por lo menos – antes, durante y después de los partidos, las reuniones, los viajes y los enfrentamientos. En este sentido, por un lado, los seguidores deben aplaudir, cantar y saltar antes, durante y después del partido del club y por el otro,

deben usar su cuerpo y también, botellas de vidrio, palos de madera, piedras, tubos de PVC, varillas, armas blancas o de fuego para enfrentarse a los rivales. Los aficionados deben estar dispuestos a participar en el *carnaval* y en el *combate* pues les otorga múltiples experiencias, convertidas – posteriormente – en testimonios para relatar a otros hinchas. La participación y la permanencia les posibilita constituir semejanzas y distinciones; semejanzas entre los que participan y los que permanecen y distinciones entre los que no participan y no permanecen. La participación y la permanencia generan sentidos de pertenencia y vínculos comunitarios que ratifican su afiliación y fidelidad futbolística con el equipo y la *barra brava*. Las expresiones festivas y las conductas violentas exhiben lo estético en la *barra brava* pues les posibilita vivenciar múltiples experiencias en el *carnaval* y en el *combate*.

Este tipo de manifestaciones, el *carnaval* y el *combate* no son estáticas. Por el contrario, son dinámicas, a partir de la categoría de *técnicas corporales* planteada por Mauss es posible explicar las formas particulares en que los hombres usan su cuerpo en diferentes sociedades, distintas épocas y en distintas generaciones, especificidades que se generan mediante un aprendizaje específico, mostrando costumbres explícitas a partir de una autoridad social. “Estos ‘hábitos’ varían no sólo con los individuos y sus imitaciones, sino sobre todo con las sociedades, la educación, las reglas de urbanidad y la moda.”²⁹ El concepto de *técnicas corporales* está relacionado con las formas de actuar: correr, bailar, saltar, movimientos de fuerza, entre otros. De acuerdo con lo dicho, desde el concepto de *técnicas corporales* es posible interpretar a los seguidores que integran las *hinchadas*. Además, *técnicas corporales* que han variado a partir de nuevas generaciones, modificando las prácticas y los propósitos de los aficionados pues de una generación a otra se distinguen en las formas de actuar. En este aspecto, es posible realizar una comparación entre la *barra brava* de los noventa, de la primera década del 2000 y en los años 2010 pues los relevos generacionales han modificado las prácticas de los hinchas.

²⁹ MAUSS. Sociología y antropología, 1979, p. 340.

En la década de 1990, en lo relacionado al *carnaval*, los saltos se caracterizaban por una posición inclinada hacia adelante del cuerpo y los brazos al frente, dispuestos a empujar, esperando el momento para realizar una avalancha.³⁰ Y los seguidores bailaban mientras cantaban, es decir, *pogueaban*,³¹ algunos de los aficionados estaban influenciados por el rock en general y el metal en particular, quienes lograban que fuesen imitados por los demás. En lo relacionado al *combate*, los enfrentamientos eran cuerpo a cuerpo, buscando una lesión provocada por un golpe con la cabeza, con el puño o una patada. En las persecuciones, la *barra brava* perseguida corría para evitar que los rivales los alcanzaran y así, protegerse; quienes perseguían corrían para alcanzarlos y así, agredirlos.

Desde la década de 2000 y en los años 2010, los *pogos* son mucho más lentos pues los gustos musicales han variado, en el presente, la cumbia villera se ha popularizado entre los hinchas. La instalación de los rompeolas en la tribuna, modificó los saltos pues los seguidores saltan con un cuerpo erguido y los brazos doblados. Y el enfrentamiento hoy es mediado por armas blancas o de fuego, agresiones que pueden lograr la eliminación del rival, es decir, en los enfrentamientos pueden asesinar a los rivales. Por último, las persecuciones se han reducido pues la presencia de la Policía Metropolitana – particularmente el Escuadrón Móvil Anti Disturbios, ESMAD – es considerable, quien actúa para dispersar a los aficionados y es posible que, la legislación establecida haya contribuido a la disminución de este tipo de hechos.

Finalmente, lo estético se manifiesta a través del cuerpo, los tatuajes y las cicatrices son su demostración pues, por un lado, el tatuaje plasma los emblemas del club y de la *barra brava*, exhibidos, particularmente en la tribuna mientras *alientan* o animan al equipo, participando en las expresiones festivas durante el partido, y, por otro lado, las cicatrices son el resultado de la permanencia en los enfrentamientos, ya sea al emboscar a los rivales o al atacarlos a ellos; se evidencian en diferentes lugares del cuerpo y son producto de golpes o ataques con armas corto punzantes.

³⁰ Por la gradería, los hinchas bajan corriendo, detenidos por la baranda de seguridad o la malla.

³¹ Es un tipo de baile iniciado desde el *punk*. Los individuos se mueven (según el ritmo de los instrumentos) de un lado a otro y levantan las piernas y los brazos.

DE LA POLÍTICA ENTRE LOS HINCHAS EN LA *HINCHADA*

La participación en el *carnaval* y la permanencia en el *combate* les posibilita a los hinchas ser reconocidos pues salen del anonimato en la *barra brava*, demostrando su *aguante*. *Estar presentes* en el *carnaval* y en el *combate* ordena la jerarquía entre los antiguos y los nuevos miembros de la *hinchada*, una ubicación desde la decisión y el compromiso de cada aficionado. Dicho de otra manera, el hincha manifiesta que – sin importar las circunstancias –, él está dispuesto a participar en el *carnaval* y a permanecer en el *combate*, es decir, manifiesta *estar presente*. Blue Rain y CADC se ordena jerárquicamente (de arriba abajo) de la siguiente manera: *referentes*, *jefes de parche*, partidarios y *pelaos* o *chinos*. A los *referentes* también, los denominan *cuchos* o *viejos* – usualmente superan los 28 años – ya que integran la *barra brava* desde años atrás; su pertenencia les ha posibilitado lograr notoriedad y liderazgo.

La posición de los *referentes* les permite relacionarse con directivos del club, patrocinadores, periodistas y autoridades deportivas y civiles. Los *jefes* son los líderes de los *parches* de la *barra brava*; ellos promocionan la intervención en las diferentes actividades planteadas por los *referentes* y al mismo tiempo, sus propias actividades. De este modo, la autoridad de los *referentes* se entrevé en la participación que logran de los diferentes *parches* y sus respectivos miembros. Los partidarios son los aficionados quienes sostienen a los *referentes* y a los *jefes de parche*. Los partidarios son denominados (de forma despectiva) *carros* pues – según algunos hinchas – llevan y traen mensajes, órdenes o encargos de los *referentes* o de los *jefes*. Por último, los *pelaos* o los *chinos* son los miembros más jóvenes (quizá inexpertos) de la *barra brava* y usualmente, su integración inicia con la asistencia a la tribuna y posteriormente, se integran a los *parches*.

Los *referentes*, los *jefes de parche*, los partidarios y los *pelaos* o los *chinos* tienen encuentros en horarios distintos y en lugares diferentes a los partidos de su equipo. Las reuniones son realizadas lejos del sitio del entrenamiento del club o del estadio. Los lugares de encuentro son parques, plazoletas o canchas de microfútbol; sitios ubicados en barrios de influencia de la *barra brava*. Asimismo, los lugares escogidos son alternados, semana a semana, al buscar algunas

condiciones de seguridad pues es probable una emboscada por parte de los seguidores que integran *bandas* rivales. Durante la semana se desarrollan dos reuniones. La primera es cerrada y asisten los *referentes*, los *jefes de parche* y los partidarios. La segunda es abierta y asisten *referentes*, *jefes de parche*, partidarios y, además, los *pelaos* o los *chinos*. También, pueden participar aficionados, aunque no pertenezcan a ningún *parche* o a la *hinchada*.

En la reunión de los *referentes*, los *jefes de parche* y los partidarios convienen distintos objetivos y una división del trabajo que permite: conseguir tela para hacer y pintar nuevos *trapos* o la conservación de los existentes; algo semejante sucede con los instrumentos musicales para su preservación o su adquisición. Igualmente, la búsqueda de papel, sombrillas, humo de colores y fuegos artificiales. Posteriormente, en el encuentro abierto los *referentes* anuncian a los *pelaos* y a los demás hinchas, sobre las decisiones tomadas y la trascendencia de la participación en el mantenimiento de los *trapos*, las sombrillas y los instrumentos musicales o la necesidad de elaborarlos o adquirirlos nuevamente. Asimismo, diversos aportes, particularmente en dinero para la adquisición de papel, humo de colores y fuegos artificiales. Y si el partido es de visitante, inician con la promoción y la organización del viaje al lugar a donde el equipo va a disputar su partido.

Los *referentes*, los *jefes de parche* y los partidarios, por igual, deben demostrar su *aguante*, especialmente a los *chinos*, a los seguidores del mismo club y a los aficionados rivales. Los *referentes* y los *jefes de parche* se han posicionado en el orden interno desde la promoción, la participación y la permanencia en las distintas actividades de la *barra brava*. Por ese motivo, reciben boletas de entrada al estadio, en los viajes aseguran su puesto en los buses, reciben la ropa deportiva oficial del club y, tal vez, la posibilidad de obtener distintos puestos de trabajo, entre otros beneficios. Los *referentes* y los *jefes de parche* distribuyen, parcialmente los beneficios conseguidos para conservar la jerarquía, aunque la posición no se comparte. En este sentido, la administración de los dineros y los contactos son manejo exclusivo de los *referentes*. Al mismo tiempo, promocionan y participan vigorosamente en las distintas actividades y *están presentes* en las diferentes situaciones de la *barra brava*, favorables o especialmente adversas.

Por último, lo político se determina a partir del compromiso del hincha con el equipo de fútbol y la *hinchada*. La jerarquía se establece a partir de una serie de relaciones de subordinación y de dependencia recíproca entre los hinchas, mostrando la responsabilidad adquirida por cada uno y la capacidad de convocatoria a los conciertos, los encuentros futbolísticos, las fiestas, las marchas, las reuniones, los viajes y los enfrentamientos. De esta manera, las relaciones de subordinación y de dependencia recíproca constituyen relaciones de clientelismo a partir de la comprobación y el reconocimiento de su afiliación y fidelidad futbolística y, también, a la pertenencia a la *banda*. En otras palabras, a partir de los aplausos, los saltos, las canciones, las burlas, los insultos, los desafíos, las amenazas y las peleas con rivales; los seguidores reciben distinciones por su participación en el *carnaval* y en el *combate* como, por ejemplo, boletas de ingreso e indumentaria del club, entre otros estímulos. El orden interno o la jerarquía exponen lo político en la *barra brava* ya que les permite entenderse y convivir en función del beneficio de los aficionados.

DE LA ÉTICA ENTRE LOS AFICIONADOS EN LA *BANDA*

Lo festivo se exhibe en la tribuna y en las calles se evidencia el *combate*. No obstante, la festividad se puede presentar en las calles y los enfrentamientos es posible que, se desarrollen en las graderías. Los hinchas, quienes participen en lo festivo y en lo violento, serán identificados por *referentes* y *jefes de parches* pues participar en el *carnaval* y permanecer en el *combate* posibilita la individualización de los seguidores en la *barra brava*. Entonces cantar, saltar y levantar los puños puede conceder distintos beneficios y por eso el deseo de muchos integrantes de las *bandas* de participar en el *carnaval* y en el *combate*; buscando, poco a poco, remplazar a quien lidera porque él tiene sus garantías y es evidente que, por eso se puede pelear.

Lo festivo y lo violento no son expresiones accidentales ya que se han planeado en las reuniones, particularmente las vinculadas al *carnaval*. Las relacionadas al *combate* se pueden desarrollar de forma fortuita o accidental, aunque en algunas ocasiones si pueden ser planificadas. Los *referentes*, los *jefes de*

parche y los partidarios impulsan en la tribuna las canciones y los saltos durante el partido y en las calles, siguen en el sitio del enfrentamiento, influyendo sobre los *chinos* a involucrarse en la participación en el *carnaval* y la permanencia en el *combate*. En este sentido, Panfichi – elaboró su investigación con las *barras bravas* de Comandos Svr de Alianza Lima y Trinchera Norte de Universitario de Deportes – señala que, la masculinidad agresiva destaca a los líderes y son respaldos por otros hinchas pues “tienen la responsabilidad de vigilar en las graderías que todos canten desaforadamente o ‘guerreen’ en defensa de sus colores”.³²

La promoción, la participación y la permanencia en las distintas prácticas de la *barra brava* les posibilita a los *referentes*, los *jefes de parche* y los partidarios el prestigio, la notoriedad y, así, se convierten en un modelo a seguir para los *chinos*. Asimismo, alcanzan una autoridad que les permite tomar las decisiones ineludibles para exigirles a los *chinos* – y a los otros seguidores – cumplir lo relacionado al *carnaval* y al *combate*.

Por lo tanto, el *aguante* constituye a los *referentes*, a los *jefes de parche* y a los partidarios pues sus vivencias y relatos son la demostración de su compromiso y su antigüedad. Esas experiencias se van acumulando, pero deben renovarse partido tras partido, no es posible heredarlas; logrando la identificación y la distinción entre los hinchas que integran la *barra brava*, hinchas rivales y autoridades oficiales. La promoción y la participación de los *referentes* y los *jefes de parche* en las distintas actividades establece el orden interno ya que la *barra brava* es un grupo social jerárquico.³³

Los *referentes* y los *jefes de parche* se diferencian de los partidarios y de los *pelaos* al participar y permanecer en las expresiones festivas y en las conductas violentas. De esta manera, demuestran un compromiso “incondicional” con el club y con la *hinchada*, es decir, demuestran su *aguante*. Por ese motivo, los *referentes* y los *jefes de parche* se posicionan en la cumbre del orden interno ya que su compromiso les concede una autoridad para sobreponerse ante los partidarios y los *pelaos*.

Los *referentes* frenan a los *jefes de parche* en su ascenso en el orden interno; quienes, al mismo tiempo, detienen a los partidarios; quienes, también, atajan a los

³² PANFICHI. Representación y violencia en el fútbol peruano: barras bravas, 1999, p. 158.

³³ CASTRO. Carnaval, combate y jerarquía entre los hinchas que forman una barra brava de Bogotá, 2020, p. 72.

chinos, quienes les exigen a los nuevos seguidores participar en el *carnaval* y permanecer en el *combate*. Los *referentes*, los *jefes de parche*, los partidarios, los *chinos* y los aspirantes no pretenden estar en el anonimato y aspiran ascender en el orden interno. No obstante, los *referentes* y los *jefes de parche* les entregan algunos beneficios a aquellos que pretendan escalar en la jerarquía pues los pueden, de una u otra manera, neutralizar. Aunque si mantienen su anhelo, deben exponer creatividad e ingenio en las propuestas sobre las acciones relacionadas con lo festivo y lo violento. Además, los *referentes* y los *jefes de parche*, partido tras partido, deben renovar la demostración de su compromiso, de su *aguante*, conservando su ubicación en el orden interno de la *barra brava* pues está determinado por quien ejerce la autoridad en la *barra brava*. Pero los hinchas que deseen subir en la jerarquía de la *barra brava* pueden sobreponerse sobre sus referentes o sus jefes de parche mediante el ejercicio de la violencia, es decir, por medio del *combate*.

La promoción, la participación y la permanencia no son asumidos por todos los aficionados (por diferentes decisiones, motivos o circunstancias personales) ya que la gran mayoría no se dedican o no se comprometen de la misma forma al equipo y a la *barra brava*. De este modo, los que no demuestran compromiso, no son parte del grupo social. Los *referentes* y los *jefes de parche* promueven, participan y permanecen en los conciertos, los encuentros futbolísticos, las fiestas, las marchas, las reuniones, los viajes y los enfrentamientos. Los hinchas, quienes participen y permanezcan en el *carnaval* y en el *combate*, mostrarán el compromiso con su afiliación y fidelidad futbolística y, también, con la pertenencia a la *banda*. La participación y la permanencia serán comprobadas y reconocidas por los seguidores, quienes forman las *hinchadas*, participación y permanencia que será recompensada. En este sentido, aplaudir, saltar, cantar, burlarse, insultar, desafiar, amenazar y pelear con aficionados rivales, permite salir del anonimato y alcanzar la notoriedad. La participación y la permanencia muestran lo ético en la *barra brava* pues les posibilita a los hinchas orientar sus expresiones y sus conductas individualmente.

CONCLUSIONES

Este artículo se ubica en los estudios sociales del fútbol ya que pretende comprender e interpretar a los sujetos y a los grupos sociales constituidos alrededor del balompié, es decir, a los hinchas y a las *barras bravas*. Los sujetos y los grupos sociales son la evidencia de la reunión multitudinaria en uno de los espectáculos del presente, realizado (una y otra vez) en distintos estadios. Igualmente, en prensa, radio, televisión y en Internet son elaborados múltiples hechos noticiosos en torno a los clubes; posibilitando la continuación y la novedad del fútbol entre los seguidores. En ese entretenimiento, a los aficionados (quienes integran las *hinchadas*) los han incluido en los hechos noticiosos, particularmente en los relacionados a los incidentes violentos, ya sea en las graderías o en los alrededores de los estadios, en barrios o en carreteras. Asimismo, los hinchas y las *bandas* se han constituido como un campo emergente de investigación social.

Lo estético, lo político, y lo ético se pueden evidenciar a partir de la participación en las expresiones festivas y la permanencia en las conductas violentas, posibilitando particulares formas de constituir el cuerpo (tatuajes y cicatrices), la organización de la jerarquía (el orden interno) y el establecimiento de específicas formas de actuar (normas y valores) entre los hinchas, agrupados en Blue Rain y en Comandos Azules Distrito Capital. De este modo, el *carnaval* y el *combate* exhiben la presencia de los aficionados en la tribuna y en las calles, les posibilita exponer su afiliación y su fidelidad futbolística y, además, su pertenencia grupal, es decir, es fundamental *estar presente* en las diferentes vivencias de las *barras bravas* para salir del anonimato y alcanzar notoriedad entre los simpatizantes reunidos en la *banda*. Además, la participación y la permanencia en las múltiples experiencias de los aficionados en las *hinchadas* les otorga recompensas que sólo podrán ser entendidas en contexto, por ejemplo, pases de entrada, ropa deportiva del club y puestos en los buses para los viajes.

De esta manera, la relación contradictoria y, al mismo tiempo, complementaria entre el *carnaval* y el *combate* demuestran el *aguante* entre los seguidores pues los reúne y los cohesiona para exhibirse más festivos y más violentos frente a los rivales y al interior de la hinchada otorga una autoridad que

se constituye en un referente para entender la construcción de su realidad, para comprender las formas de constituir el cuerpo para la organización de la jerarquía y sus particulares formas de actuar. De esta manera, los tatuajes y las cicatrices son relevantes al exponer su identidad futbolística y grupal. El hincha demuestra su compromiso y convicción al *estar presente* en las múltiples necesidades del club y de la *barra brava*. El hincha al participar y al permanecer constituye la *barra brava* y así, la *banda* instituye al hincha, es una relación que los cohesiona para perdurar a través de generaciones y ocupar un lugar.

Por eso, por un lado, la afiliación, la fidelidad futbolística y, por otro lado, la pertenencia grupal, establecen las rivalidades, oposiciones que inician en la competencia deportiva, pero los hinchas adicionan aspectos vinculados a lo territorial, lo pasional, lo histórico, lo sociocultural, lo político-económico, lo étnico y lo sexual, manifestado a través de lo festivo y lo violento, es decir, mediante insultos, ofensas y, fundamentalmente en enfrentamientos. De esta manera, es posible evidenciar lo estético, las relaciones de subordinación y de dependencia a partir del compromiso y la convicción y, también, las pautas que orientan las expresiones y las conductas individuales. Finalmente, la manifestación del *aguante* establece la trascendencia de aplaudir, saltar, cantar, amenazar y, pelear, sin importar cuándo, ni dónde; experiencias que le otorgan auxilios, protección, bienes y servicios. Así, los hinchas – al promover, participar y permanecer en las múltiples prácticas en la *barra brava* – serán identificados como integrantes de la *banda* pues han salido del anonimato y han logrado la notoriedad entre diferentes aficionados.

* * *

REFERENCIAS

ALABARCES, Pablo. **Crónicas del aguante: Fútbol violencia y política**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2011.

- ARAGÓN, Silvio. **“Los trapos se ganan en combate”**: Una mirada etnográfica sobre las representaciones y prácticas violentas de la “barra brava” de San Lorenzo de Almagro. Lanús: Antropofagia, 2007.
- BOHÓRQUEZ, Catalina. La música como dimensión simbólica del Carnaval. In: GONZÁLEZ, Marco. **Carnavales y nación. Estudio sobre Brasil, Colombia, Costa Rica, Cuba y Venezuela**. Bogotá: Corporación de Estudios Interculturales Aplicados, 2014, p. 256-267.
- CASTRO, John. Carnaval, combate y jerarquía entre los hinchas que forman una barra brava de Bogotá. **Debates en Sociología**, Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 51, p. 55-76, 2020.
- CLIFFORD, James. **Dilemas de la cultura. Antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2001.
- CLIFFORD, James. Sobre la alegoría etnográfica. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George. **Retóricas de la antropología**. Madrid: Ediciones Júcar, 1991, p. 151-182.
- GEERTZ, Clifford. **La interpretación de las culturas**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.
- GIL, G. **Hinchas en tránsito: Violencia, memoria e identidad en una hinchada de un club del interior**. Mar del Plata: Editorial de la Universidad de Mar del Plata, 2007.
- LOSADA, Flora. Notas de carnaval. **Revista de Investigaciones Folklóricas**, Buenos Aires, 22, p. 42-47, 2007.
- MAUSS, Marcel. **Sociología y antropología**. Madrid: Editorial Tecnos, 1979.
- MOREIRA, Verónica. Trofeos de guerra y hombres de honor. In: ALABARCES, Pablo. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006, p. 75-89.
- PALHARES, M; CABRERA, N, y SCHWARTZ, G. Apuntes para un estudio comparativo entre torcidas organizadas e **hinchadas**. **Movimento**, Rio Grande do Sul, 20, p. 163-176, 2014.
- PANFICHI, Aldo. Representación y violencia en el fútbol peruano: **barras bravas**. **Contratexto**, Universidad de Lima, Lima, 12, p. 151-161, 1999.
- RESTREPO, Eduardo. **Etnografía: alcances, técnicas y éticas**. Lima: Fondo Editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2018.
- ZAMBAGLIONE, Daniel. Sobre Las Identidades: ¿Qué Es Una “Hinchada”? **Educación Física y Ciencia**, 10, 101-111, 2008.

* * *

Recebido em: 1º de setembro de 2021
Aprovado em: 2 de março de 2022

Entre Torcidas Organizadas e Torcidas Antifascistas: considerações sobre as políticas do torcer e suas resistências

Between Organized Fans and Antifascist Fans: Considerations about
the Politics of Cheering and its Resistance

Phelipe Caldas

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil
Doutorando em Antropologia Social, UFSCar
pontescarvalho@gmail.com

Marianna Andrade

Universidade Federal de São Paulo, São Carlos/SP, Brasil
Mestranda em Ciências Sociais, Unifesp

Roberto Souza Junior

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil
Mestrando em Antropologia Social, UFSCar

RESUMO: Neste artigo, pretendemos analisar comparativamente dois modelos de adesão torcedora em torno do futebol. A saber, as torcidas organizadas e as torcidas antifascistas. Para isso, tomamos como ponto de partida o engajamento de torcedores nos protestos a favor da democracia, contra o Governo Bolsonaro, e que tomaram as ruas de algumas cidades brasileiras durante a pandemia. Discutiremos os alcances de ambos os projetos associativistas no contexto da cidade de São Paulo, e como contraponto traremos um caso singular de um torcedor organizado que também é torcedor antifascista na capital paraibana de João Pessoa. O objetivo é mostrar as estratégias existentes entre essas duas formas de engajamento e, mais do que isso, perceber o quão podem ser múltiplas e complexas as ações torcedoras provocadas pelos mais variados contextos sócio-históricos.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia das práticas esportivas; Torcidas organizadas de futebol; Torcidas antifascistas; São Paulo/SP; João Pessoa/PB.

ABSTRACT: In this article, we intend to comparatively analyze two types of fan found in football. Namely, organized and antifascist fans. For this work, we took as a starting point the engagement of fans in the pro-democracy protests against the Bolsonaro Government, which took to the streets of some Brazilian cities during the pandemic. We will discuss the scope of both associative projects in the context of the city of São Paulo, and as a counterpoint we will bring a singular case of an organized fan who is also an antifascist fan in the capital of Paraíba State, in João Pessoa. The objective here is to show the existing strategies between these two forms of engagement and, more than that, to realize how multiple and complex the actions provoked by the most varied socio-historical contexts can be for football supporters.

KEYWORDS: Anthropology of Sports Practices; Organized Football Fans; Antifascist Fans; São Paulo/SP; João Pessoa/PB.

TORCIDAS: A PANDEMIA E AS RUAS COMO ARQUIBANCADA¹

Era uma tarde de domingo na região central da cidade de São Paulo, capital do estado homônimo, no dia 31 de maio de 2020. Centenas de torcedores de diferentes clubes paulistanos estavam reunidos na Avenida Paulista. Mas, a despeito do que se poderia pensar a princípio, não era dia de jogo. Aliás, a primeira onda da pandemia de Covid-19² no país se aproximava de seu ápice e os jogos de futebol estavam suspensos em todo o país desde março.

O que se via ali era, de certa forma, uma transposição das ações torcedoras das arquibancadas para as ruas da cidade, ressignificando os espaços públicos e trazendo à tona pautas para além do futebol. Expressando tais demandas, as dinâmicas torcedoras estavam presentes em forma de bandeiras, faixas, camisas, gritos de guerra. Aquilo que tradicionalmente se define como sendo as “marcas distintivas”³ das torcidas no futebol se fizeram presentes atestando sua eficácia e plasticidade, mais uma vez, para além dele.

Antecipando outras entidades da sociedade civil, associativismos torcedores diversos e torcedores individuais protagonizaram a defesa do estado democrático e de suas instituições de direito, que àquela altura se viam sob fortes ataques e suspeições. Era um momento de grande tensão política, pois o presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, incitava reiterados ataques contra o Congresso Nacional e, sobretudo, contra o Supremo Tribunal Federal, estimulando diversas mobilizações antidemocráticas insufladas por seus apoiadores e grupos reconhecida-mente à direita do espectro ideológico, que sustentavam seu projeto de poder desde a campanha presidencial de 2018.⁴

¹ O presente artigo contou com leituras prévias e discussões com os integrantes do Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (LELuS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a quem agradecemos pelas contribuições.

² Também chamada de pandemia de coronavírus. De toda forma, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o nome oficial da doença é SARS-CoV-2, ou seja, Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), pertencente à família do Coronavírus (CoV). Foi decretado oficialmente a pandemia em 11 de março de 2020, quando já estava presente em 114 países, incluindo aí o Brasil.

³ TOLEDO. *Torcidas Organizadas de Futebol*, p. 52.

⁴ COLETTA, Ricardo Della, et al. Bolsonaro ignora crise do coronavírus, estimula e participa de ato pró-governo e contra Congresso e STF. Folha de S. Paulo, Brasília, 15 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3DGq65F>.

Somados a essa conjuntura política, o presidente dava seguidas declarações negacionistas no âmbito da saúde pública, em que classificava a pandemia de coronavírus como sendo uma “gripezinha” e afirmava publicamente que o vírus não possuía a gravidade alardeada pela OMS.⁵

Na verdade, a ida de coletividades torcedoras aos espaços públicos da cidade,⁶ mesmo durante a pandemia, não era novidade. Algumas análises⁷ já esboçaram a participação de torcidas organizadas (TO's) de clubes paulistanos (Gaviões da Fiel, no caso do Corinthians; Mancha Verde,⁸ no caso do Palmeiras; Dragões da Real, no caso do São Paulo) como associações populares no combate à pandemia e na proteção de seus integrantes, capilarizando em comunidades periféricas algumas ações que as iniciativas públicas pouco, ou quase nada, alcançavam naquele momento de maior incerteza. E foi diante da gravidade da pandemia que os torcedores continuaram indo às ruas, realizaram campanhas de arrecadação e distribuição de alimentos, de doação de sangue, ofereceram suas sedes para o poder público para trabalharem em conjunto no sentido de mitigar os impactos da propagação do vírus.

A diferença, não obstante, é que a mobilização política de maio foi mais atípica. Primeiro pela dimensão, depois porque modificava provisoriamente a ideia de fronteiras clubísticas que alimenta o entendimento de senso comum sobre esses agrupamentos. E fronteiras, aqui, pensadas como algo que está na liminaridade das identidades, nas fronteiras que definem quem são os diferentes grupos identitários que estão a interagir entre si em dado contexto.⁹

Isso porque, se antes os torcedores de diferentes clubes se reuniam no combate à pandemia em seus respectivos “pedaços”,¹⁰ naquele momento muitas

⁵ COLETTA, Ricardo Della. Em pronunciamento, Bolsonaro critica fechamento de escolas, ataca governadores e culpa mídia. Folha de S. Paulo, Brasília, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3eUrSWo>.

⁶ Não era a primeira vez que torcedores em diferentes cidades do país iam às ruas protestar contra “grupos fascistas”, mas aquela era a maior mobilização até então.

⁷ TOLEDO; SOUZA JUNIOR. Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19.

⁸ Nos dias atuais, a torcida se chama oficialmente Mancha Alviverde. Mas a mudança de nome é apenas para burlar uma proibição por parte da justiça de a agremiação funcionar. No dia a dia, os integrantes da torcida continuam a chamá-la pelo nome original, e é o que faremos aqui, em respeito às decisões êmicas dos torcedores.

⁹ BARTH. *O Guru, o Iniciador: e outras variações antropológicas*.

¹⁰ “Pedaços” no sentido proposto por Magnani (2005), onde aconteceria uma sociabilidade básica mais ampla em determinados espaços da cidade. Falaremos mais sobre essas categorias mais a frente.

lideranças torcedoras se encontravam minimamente acordadas em torno daqueles propósitos, reunindo corinthianos,¹¹ são paulinos, palmeirenses e santistas¹² que ocupavam a mesma avenida num mesmo ato político supra clubístico. Evento que, obviamente, não mascarava outras demarcações identitárias que são próprias dessas organizações e perceptíveis, externas e internamente. E que não estão isentas de tensões próprias da sociabilidade torcedora,¹³ rivalidades internas e discordâncias de toda monta.

Ora, quando Damo¹⁴ fala sobre “clubismo”, e alardeia que a essa forma de identidade se prevê também uma alteridade, uma outra face, sempre oposta, que contrapõe paixões, ele está remetendo principalmente - mas não somente - aos torcedores de diferentes clubes. Colorados e gremistas, por exemplo, apenas para citar o caso que é majoritariamente trazido por ele, mas que se pode generalizar em diversas alteridades clubísticas multipolares Brasil afora.

Tomando como exemplo as torcidas do Corinthians (sempre pensadas no plural), era possível visualizar naquele ato de maio a presença de uma grande faixa do Coletivo Democracia Corinthiana, além de camisas dos Gaviões da Fiel. Concomitantemente, entre os palmeirenses identificados, era notada uma faixa da Por-comunas e outras com identificações associadas à Mancha Verde. E, como veremos neste artigo, esses diferentes agrupamentos marcados pelo pertencimento clubístico não necessariamente acolhem da mesma maneira tanto posicionamentos relacionados aos projetos de torcer quanto pontos de vista políticos, embora ali estivessem acordados em torno de uma conjuntura que lhes parecia hostil.

Tal situação motivou um duplo estranhamento que fez os principais portais de notícias do país alardearem a união de torcedores de diferentes clubes, rivais históricos, que marcharam juntos na avenida; ao tempo que classificaram aquele emaranhado de identidades como sendo simplesmente “torcidas organizadas”.

¹¹ Em que pese a norma culta sugerir a escrita de “corinthiano”, optamos por usar “corinthiano” (com “h”) por ser assim que os torcedores do clube em questão se autoidentificam.

¹² O Santos não é um clube paulistano e está localizado no município litorâneo de mesmo nome, mas tem um número considerável de torcedores que moram na capital, além de a sede da principal torcida organizada vinculada ao clube (Torcida Jovem) estar localizada na cidade de São Paulo, de forma que santistas também estiveram presentes ao ato.

¹³ TOLEDO. Políticas da corporalidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010.

¹⁴ DAMO. Para o que Der e Vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores.

Três dias depois, no entanto, quando o presidente da República criticou os protestos e classificou os torcedores “antifas” como sendo indistintamente “marginais” e “terroristas”,¹⁵ houve uma enxurrada de novas reportagens, em sua grande maioria reclassificando apressadamente aquelas identidades torcedoras como sendo todas “antifascistas”.

O ativismo político exercido por torcedores nas ruas das cidades durante a pandemia nos trouxe, então, alguns questionamentos que nortearão este artigo. Pois, se não foram poucas as confusões em identificar os militantes ora como “torcedores organizados” ora como “torcedores antifascistas”, que diferenças e aproximações podem ser visualizadas a partir dessas duas denominações? E por que pensá-los numa mesma categoria, como fez reiteradamente a mídia, talvez não seja o caminho mais analiticamente produtor?

É sobre isso que queremos analisar aqui. Como torcidas organizadas, coletivos políticos de torcedores¹⁶ e torcidas antifascistas surgiram no contexto e no cotidiano do futebol, passaram a coexistir nas arquibancadas e fora delas, a se relacionarem uns com os outros, mesmo em meio a tensões e conflitos. Afinal, são coletividades formadas por pessoas de perfis socioculturais diferentes, que habitam variadas partes das cidades, reivindicam pautas distintas e são enquadradas em estereótipos muito particulares e opostos.

Um panorama, aliás, que não é necessariamente recente, nem está restrita a São Paulo, mas que se espalha pelas principais cidades do país. Sabe-se que a primeira torcida antifascista do Brasil, por exemplo, se organizou em Fortaleza, em 2005 (falaremos dela mais a frente), de forma que não é difícil supor que em outras cidades as tensões também estão presentes.

É justo uma análise sobre essas tensões que estamos propondo aqui, e fazendo isso de forma comparativa, ao refletir sobre ambas as identidades torcedoras e seus deslocamentos sobre a cidade. Afinal, “se o que está em pauta é o contexto urbano, é preciso levar em consideração dois fatores constituintes: a paisagem

¹⁵ G1. Bolsonaro diz que Antifas são 'marginais' e 'terroristas'. G1, 3 jun. 2020.

¹⁶ O Coletivo Democracia Corinthiana (CDC), por exemplo, não se identifica nem como “torcida organizada” nem como “torcida antifascista”, mas como um coletivo. Isso só evidencia o quão diversas são essas formas de torcer, mas gostaríamos de enfatizar que neste artigo vamos nos ater principalmente à dualidade entre TO's e torcidas antifascistas.

(entendida como o conjunto de espaços, equipamentos e instituições urbanas) e os atores sociais”,¹⁷ no caso, os coletivos torcedores em questão.

Dessa forma, pretendemos abordar a cidade de São Paulo e as especificidades de seu contexto urbano, de suas principais TO's e antifas, e também observar como esse tipo de debate está sendo travado em João Pessoa, capital da Paraíba, a partir da realidade da Torcida Jovem do Botafogo-PB¹⁸ (TJB) e da Belo¹⁹ Antifa.

TO'S E ANTIFAS: ESTILO DE VIDA OU MILITÂNCIA POLÍTICA?

As TO's e as torcidas antifascistas surgem no país, em especial nas cidades de São Paulo e João Pessoa, paisagens que interessam a este artigo, em momentos e contextos bastante distintos. Aqui, discutiremos brevemente o surgimento de cada uma dessas formas coletivas de torcer, mas, antes de seguirmos, se faz necessário dizer que, apesar de proporem perspectivas de torcidas, ambas emergem de fortes tensões políticas experimentadas pelo país em suas respectivas épocas e a partir de rompimentos ou buscas por alternativas com relação às formas de torcer vigentes até então. Logo, apesar de serem movimentos mais ligados às práticas esportivas e ou políticas, as torcidas aqui em debate surgem em suas origens como respostas coletivas a uma conjuntura que, ao menos na visão delas, era saturada e que, de certa forma, não previa formas de se expressar e de ocupar as cidades como almejavam.

Coletividades torcedoras existem desde aproximadamente os anos 1940, principalmente em forma de charangas²⁰ e torcidas uniformizadas.²¹ No caso das

¹⁷ MAGNANI. Os Circuitos dos Jovens Urbanos, p. 252.

¹⁸ O uso da sigla em “Botafogo-PB” se justifica para diferenciar dos muitos homônimos existentes pelo país, sendo o mais famoso o xará do Rio de Janeiro. O nome oficial do clube paraibano é Botafogo Futebol Clube.

¹⁹ “Belo” é o apelido mais popular usado pela torcida para se referir ao Botafogo-PB.

²⁰ As charangas eram coletividades torcedoras que surgem sobretudo no Rio de Janeiro, tendo como precursor Jaime de Carvalho. Aparecem como uma espécie de “banda que incentivava nos estádios e depois saía a comemorar as vitórias em passeatas nas ruas, em desfiles nos bondes (anos 1940) ou nas lotações (anos 1950 e 1960)” (HOLLANDA *et al.*, 2012, p. 103).

²¹ Conhecidas como coletividades torcedoras mais institucionais ligadas aos clubes e sua expressividade oficial e cívica, uma espécie de representante institucional nas arquibancadas. Explica Canale (2020, p. 23): “As torcidas uniformizadas eram parte da vida cívica da cidade de São Paulo e sua presença em datas comemorativas reforçava os laços entre a juventude e os ideais getulistas. (...) Na visão de Silva e Toledo, esses grupos de torcedores eram significativamente inspirados pelos ideais do início dos anos de 1940, como a concepção de raça, ordem

torcidas organizadas, destaque-se que seu surgimento não foi meramente datado como um fato histórico determinado, mas que tal modelo torcedor fez parte de todo um processo de mudanças nas *formas de torcer*, que ganharam dinâmica própria de maneira mais intensa a partir da década de 1970.²²

Diferentemente dos primeiros e de outros associativismos, as TO's inauguraram estruturas mais burocratizadas e hierárquicas em suas formas de organização interna,²³ constituindo assim coletividades que ganharam nova movimentação política dentro dos clubes,²⁴ além de produzirem maior autonomia, revelada tanto em projetos coletivos de se apropriar do futebol do ponto de vista torcedor quanto promover um novo *estilo de vida* e uma sociabilidade contendora que se espalhou e ganhou volume sobretudo entre os jovens, cujos impactos se fizeram notar ao longo das duas décadas seguintes.²⁵

De maneira geral,

o futebol, sobretudo para estes torcedores organizados, não consiste tão-somente num momento de fruição e entretenimento, como se fosse uma mercadoria consumida em algumas poucas horas. Ao contrário, ele é parte constitutiva na elaboração de um estilo de vida próprio. Ao assumirem preferências pelas cores do coração, por símbolos e marcas de cada Torcida Organizada, estes indivíduos referendam condutas específicas diante dos outros grupos, na escola, no trabalho, na vida privada, no próprio cotidiano.²⁶

Estilo de vida que se implantou na cidade a partir de lugares de encontro e vivências que extrapolam a lógica das relações de um consumo ampliado e mais imediato pelo futebol, pois ganhou paulatinamente expressividade num calendário de eventos e festividades que toma outros espaços para além dos estádios. Assim, as quadras e sedes das torcidas, suas ruas perimetrais, bem como os bairros que as

e principalmente de juventude. Simpáticos ao Estado Novo, reivindicavam os símbolos nacionais e tinham seus líderes como peças centrais de sua engrenagem".

²² TOLEDO. Lógicas no Futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional.

²³ CAMPOS; TOLEDO. O Brasil na Arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora.

²⁴ CANALE. Um movimento em muitas cores: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988: Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo).

²⁵ TOLEDO. Políticas da corporalidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010.

²⁶ TOLEDO. *Torcidas Organizadas de Futebol*, p. 114.

abrigam, “agrega[m] indivíduos de várias localidades da cidade, origens sociais, visões de mundo, expectativas”.²⁷

As sedes das TO's como espaços de pertença e fluxo continuados dos torcedores nem sempre estão localizadas próximas aos locais onde os torcedores moram, mas ainda assim são apropriadas num movimento centrípeto de sociabilidade que as elevam a espécies de espaços intermediários entre os bairros e a esfera pública.²⁸

E mesmo em cidades como João Pessoa, cujas torcidas organizadas não possuem grandes espaços privados de pertença e/ou sedes e quadras próprias, tal como ocorre no contexto paulistano, ainda assim as coletividades de torcedores definem seus locais de encontros: bares, praças, pontos específicos do entorno do estádio. Corroborando, aliás, com a tese de Bale²⁹ de que o esporte é uma ciência espacial, em que espaços da cidade são a todo o momento ressignificados por coletividades torcedoras. Esse caráter extra local permeado por esse estilo de vida torcedor, ao mesmo tempo inserido diretamente na sociabilidade cotidiana e cidadina, fez ao longo dessas décadas com que esse modelo se instalasse com relativo sucesso em todo o território nacional.

Mais contemporaneamente, as torcidas antifascistas inauguraram no Brasil novos métodos e formas coletivas e expressivas em torno do torcer e apropriação política dos espaços urbanos de pertencimento torcedor. De todo modo, em termos gerais, elas não são novidades no futebol. A ascensão de um regime fascista na Itália em 1922 e de um regime nazista na Alemanha em 1933, que resultaram na 2ª Guerra Mundial entre 1939 e 1945, provocaram muitos movimentos de resistência que não ficaram alheios ao futebol. E que tiveram repercussões ao longo das décadas seguintes.

Não deve ser por acaso, portanto, que é a Itália o berço oficial do movimento antifascista no futebol mundial. Simões³⁰ explica que isso acontece ainda na década de 1960, com o surgimento de organizações torcedoras denominadas de *ul-*

²⁷ TOLEDO. *Torcidas Organizadas de Futebol*, p. 43.

²⁸ Magnani. *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade*, p. 116.

²⁹ BALE. *Sports Geography: second edition*.

³⁰ SIMÕES. *Clientes versus Rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno*, p. 241.

tras, e a partir “de coletivos e grupos de estudantes de esquerda que passam a utilizar os estádios como formas de manifestação política”.³¹

Ademais, o autor atesta que, com o tempo, movimentos antifascistas se espalharam por toda a Europa, chegando a países como Espanha e França de forma mais intensa a partir da década de 1980 e, depois, migrando para outros países.

E mesmo que na Alemanha os *ultras* só tenham chegado na década de 1990.³² De forma mais tardia, portanto, vale destacar o famoso caso do FC St. Pauli, clube da cidade de Hamburgo que é ligado a um pensamento político de esquerda, que empunha bandeiras antirracistas, antifascistas e contra, por exemplo, preconceito a imigrantes. O caso do FC St. Pauli é peculiar porque suas inclinações políticas não estão restritas às arquibancadas, mas faz parte da postura institucional que o clube adota oficialmente. Ainda assim, na década de 1980 torcedores do clube fundaram a *Millerntor Roar*, uma torcida antirracista que liderou um movimento para abolir do estádio do clube qualquer cântico ou faixa que tivesse alguma conotação preconceituosa.³³

Esses movimentos, aliás, se intensificaram ainda mais a partir dos anos 1990 e 2000, principalmente depois que surgiu em 1999, mais uma vez na Itália, o movimento “*Against Modern Football Manifest*”,³⁴ que combatia a mercantilização do futebol e lutava pelo direito à arquibancada. E isso tanto de um ponto de vista econômico, como de um ponto de vista performático, visto que essa modernização previa aumento dos preços dos ingressos e um maior controle às formas de torcer. Sintomático que é justamente nesse período de politização do torcer pontuado pela Europa que temos no Brasil um processo de maior despolitização das Torcidas Organizadas, em torno de um consenso engendrado de maneira multilateral (grande mídia, promotorias públicas, polícias militares, a própria violência física como

³¹ Importante registrar que nenhum movimento está livre de contestações, de forma que também se popularizou na Europa, em igual medida, *ultras* de extrema direita, em resposta às mobilizações da esquerda.

³² SIMÕES. *Clientes versus Rebeldes*, p. 243.

³³ DANIEL; KASSIMERI. The Politics and Culture of FC St. Pauli: from leftism, through anties-tablishment, to commercialization.

³⁴ “Manifesto contra o Futebol Moderno”, na tradução para o português.

gramática de sociabilidade juvenil) que impôs a judicialização daquilo que se banalizou na expressão “violência torcedora”.³⁵

TEMPO E ESPAÇO COMO FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO DE TO’S E ANTIFAS

A primeira torcida antifascista surgiu no Brasil em julho de 2005, em Fortaleza, no Ceará. Trata-se da torcida Ultras Resistência Coral (URC), fundada por torcedores do Ferroviário que eram militantes do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) e que estavam dispostos a incluir nas arquibancadas o combate a temas como o racismo, o machismo e a homofobia.³⁶

A propósito, a própria fundação da primeira torcida antifascista brasileira é um indício de certa cisão entre as duas formas de torcer. Porque, afinal, os fundadores da URC eram todos integrantes da Falange Coral, principal torcida organizada do Ferroviário, quando decidiram fundar uma nova torcida, pautada agora no combate ao racismo, à homofobia e ao machismo. E fizeram isso porque consideravam “as práticas e as experiências das torcidas organizadas [...] incompatíveis com o projeto político do grupo”.³⁷

Pinheiro³⁸ explica que foi justamente os cânticos homofóbicos e machistas da Falange Coral proferidos nas arquibancadas o primeiro ponto de cisão com os torcedores que fundariam a URC; e, depois, os conflitos contra torcidas rivais aceleraram a separação. Aliás, o slogan proposto pela torcida antifascista e que ainda hoje ecoa entre outras associações do gênero evidencia essa crítica que, inclusive, reforça a ideia de um certo esfriamento das rivalidades clubísticas: “nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes”.

De toda forma, foi só a partir da efervescência política e das reviravoltas provocadas pelo já famoso junho de 2013,³⁹ e principalmente depois do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016 (e a consequente crise das esquer-

³⁵ TOLEDO. Torcer: perspectivas analíticas em antropologia das práticas esportivas.

³⁶ PINHEIRO. As Ondas que (se) Movem (n)o Mar das Torcidas: das charangas à guinada antifascista nas Ultras Resistência Coral (1950-2020).

³⁷ PINHEIRO. As Ondas que (se) Movem (n)o Mar das Torcidas, p. 220.

³⁸ PINHEIRO. As Ondas que (se) Movem (n)o Mar das Torcidas.

³⁹ MARICATO ET AL.. *Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*.

das⁴⁰ que se seguiu), que os movimentos antifascistas (ou antifas) se popularizaram entre as torcidas de praticamente todos os clubes do país.

Tendo ainda essa conjuntura como pano de fundo, o historiador Flávio de Campos aponta que "um conteúdo de crítica surgiu com o contexto da Copa das Confederações, ainda em 2013, e com Copa do Mundo e Olimpíadas pela frente. As críticas justas feitas pelos movimentos sociais transformaram o futebol em causa".⁴¹

É nesse contexto que se desenvolve um novo "espaço" político, comum às torcidas antifascistas, em que a sociabilidade acontece mais virtualizada e ideologicamente direcionada, assentada mais num tempo (histórico) e menos no espaço físico, digamos assim, contrastando com a experimentação das torcidas organizadas amparadas em suas comunidades locais que atualizam práticas de copresença socioespaciais de sociabilidade. Afinal, tal como já fora aludido, por parte das TO's, são as ações de caráter mais presenciais, corpo a corpo, que se tornaram um importante eixo de atuação política dessas agremiações, fazendo até mesmo da política de assistência social uma das práticas mais comuns que extrapolam o ambiente esportivo e torcedor. Já por parte das antifas, os encontros virtuais (e presenciais) estão mais direcionados a protestos e manifestações em torno de pautas político-ideológicas de amplo espectro. E tem sido neste momento, a principal diretriz a direcionar suas agendas.

Para além disso, voltando ao ambiente esportivo das torcidas em questão, outras características bastante distintas das duas *formas de torcer* estão em como elas atuam no cotidiano de seus clubes e em torno das práticas esportivas desses. As antifas, por exemplo, focam suas atuações propondo uma forte oposição ao conservadorismo dos cartolas no comando de seus clubes, mas permanecendo "de fora" possuem uma maior dificuldade de abertura de diálogo com as alas diretivas dos clubes; o que as difere de algumas TO's, que "de dentro" muitas vezes fazem

⁴⁰ Para um breve panorama desses acontecimentos, consultar Tible (2019).

⁴¹ GRILLO, Rodrigo; NINA, Roberta; IAMIN, Leandro. A primavera das torcidas antifascistas. *Elástica*, 24 jun. 2020.

parte do cotidiano da política clubística, tal como aponta Canale:⁴² “As torcidas organizadas em São Paulo representaram, e ainda representam um movimento social e político muito atuante. Em suas ações do cotidiano e na sua busca por maior participação na vida dos clubes, posicionaram-se muitas vezes além das questões do campo esportivo”.

Podemos afirmar que ambas as formas de torcer, uma aparentemente mais popular e de massa, e outra comendo agrupamentos mais modestos em termos quantitativos e de arregimentação a um estilo de vida mais seletivo em relação aos valores políticos de pertença, possuem fortes atravessamentos simbólicos em suas práticas, não raramente assentados em perspectivas e projetos distintos e heterogêneos entre si.

Tal distinção política também se expressa em estéticas singulares e isso se dá tanto por meio de performances quanto de usos da cultura material torcedora nas arquibancadas, e para além delas. Enquanto as torcidas antifascistas possuem um apego maior por uma expressividade nos protestos de rua, suas faixas levadas às arquibancadas⁴³ – ainda que mais raras e esporádicas – têm um apelo francamente mais político-partidário, suscitando debates sobre temas mais permanentes das agendas sociais contemporâneas, tais como o racismo, o machismo e a homofobia. As TO's “vivem” as arquibancadas, suas performances e respectiva cultura material são mais voltadas às práticas torcedoras no próprio estádio, que surge como espaço público notabilizado de expressividade e de onde partem eventualmente suas críticas de natureza mais política enquanto torcem.

Vale destacar também que, como um movimento posterior às TO's, as anti-fas possuem características de justaposições ao modelo tradicional das torcidas organizadas, principalmente à sua sociabilidade mais atrelada historicamente aos eventos midiáticos de violências clubísticas e disputas entre torcidas. A violên-

⁴² CANALE. Um movimento em muitas cores: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988: Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo, p. 30.

⁴³ Vale destacar que manifestações estéticas através de materiais são um ponto delicado e controverso de acordo com cada região do país. Em São Paulo, por exemplo, as anti-fas quase inexitem no ambiente estético e visual dos estádios e de suas arquibancadas. São raríssimas as aparições de faixas nas arquibancadas com alusão aos coletivos e suas pautas. E mesmo quando aparecem debates com temáticas política/social, são geralmente pautadas pelas próprias TO's "mais progressistas" da cidade.

cia, inclusive, é uma pauta de grande relevância no que tange a discussão dos dois modelos torcedores, visto que, de um lado, as TO's convivem, sobretudo desde os anos 1990,⁴⁴ com um forte e controverso discurso criminalizador ético e moral, seja pela mídia ou pelo senso comum.

Por parte das antifas, percebemos uma estratégia discursiva deliberada em tentar se afastar dos estereótipos atrelados às TO's (mais do que propriamente de seus torcedores populares), evitando associação imediata com o modelo coletivista popular mais contendor, que sabidamente abriga de maneira mais complexa, para alguns paradoxal, as performances de violência e transgressão. Aliás, as leituras mais excludentes sobre a sociabilidade transgressora, quando não sobre a violência física, lidam na chave da irracionalidade das paixões torcedoras. E como apanágio justamente dos discursos vindos das elites, que historicamente dominam o futebol masculino profissional, aos torcedores populares se abate uma espécie de etnocentrismo apolítico emulado das arquibancadas.

Partindo dos apontamentos aqui destacados, vemos, portanto, as antifas mais atreladas ao campo das ideias (valores universais, ideologias, novas formas de subjetivação) traduzido numa sociabilidade que não tem a cidade e o espaço físico necessariamente como sua força motriz, tal como se observa no pertencimento característico das TO's, que priorizam espaços e deslocamentos como forma inegociável de produzir sociabilidade, conhecimento e senso prático de seus contextos políticos.

E isso pode ser pensado também a partir das reflexões de Kuschnir⁴⁵ em sua pesquisa sobre o cotidiano da política no contexto urbano. Mais precisamente, em áreas suburbanas – ou periféricas. A autora destaca que nessas áreas das cidades, onde os “acessos” a direitos básicos são mais raros e por isso mais valorizados, existe uma relação maior à localidade, ao bairro. Existem relações de vizinhança mais fortificadas, sentimentos de amizade e de afeto que são mais caros. Que tornam mais urgentes relações políticas próximas em detrimento do macro.

⁴⁴ Sobre alguns dos eventos relacionados a violência torcedora que deflagraram o movimento, da parte do ministério público, contra a presença das TO's nos estádios paulistanos, consultar Toledo (1997).

⁴⁵ KUSCHNIR. *O Cotidiano da Política*.

Fazendo um paralelo com o contexto dos torcedores organizados, a política em seu cotidiano é a de sobrevivências, institucionais e individuais, com suas complexidades e seus conflitos típicos do dia a dia. Como, por exemplo, lutar contra a criminalização das TO's enquanto manifestação popular, contra a proibição dos materiais de torcer no interior dos estádios locais, contra a constante violência e o preconceito policial, contra o preço dos ingressos igualmente. Questões que lhes estão próximas e que conseqüentemente são lidas como mais urgentes.

Em sentido contrário, as antifas nos sugerem um modelo mais ligado a pressupostos políticos e valores tomados a priori do que propriamente norteado por experimentações práticas e sensoriais proporcionadas pelo torcer e pela vida nas arquibancadas como *estilo de vida*. É Oliveira⁴⁶ quem propõe quatro formas de atuação das torcidas antifascistas nos estádios e em seus entornos:

- 1) fora dos estádios, em ações conjuntas com outros movimentos sociais, como movimentos feministas e movimentos negros; 2) dentro dos estádios, confrontando torcedores que apresentem comportamentos discriminadores contra alguma minoria ali presente, sobretudo racismo, machismo ou homofobia; 3) tanto dentro quanto fora dos estádios, em manifestações independentes por ingressos de preço acessível ou orientadas em torno de pautas políticas; 4) em redes sociais virtuais, com publicações que abordem temáticas cujo debate é caro às torcidas antifascistas.

Essas formas específicas de atuar podem fazer com que as antifas alcancem uma projeção mais exclusivista se pensada como forma de torcer, visto que seu público-alvo é baseado na identificação com seus valores e ideais em torno de um projeto político de torcer que não raro coloca de lado as rivalidades clubísticas e cada vez mais se esvazia de pertencas socioespaciais locais. O que não é o mesmo que dizer que tais coletivos também não sejam múltiplos em seus atores, como veremos no caso do torcedor de João Pessoa. Com uma faixa etária em torno dos 28 anos⁴⁷ de idade, os agrupamentos antifas nos sugerem uma certa proximidade característica com os coletivos e os movimentos estudantis.

⁴⁶ OLIVEIRA. O ópio do povo? O futebol e as manifestações políticas no Brasil entre 2013 e 2020, p. 22.

⁴⁷ GRILLO, Rodrigo; NINA, Roberta; IAMIN, Leandro. A primavera das torcidas antifascistas. *Elástica*, 24 jun. 2020. Já sobre a questão geracional das TO's, o dado mais recente que temos é o de Hollanda & Medeiros (2016), o qual indica que, com recorte da cidade de São Paulo,

Ao levarmos mais adiante a discussão, propomos que as torcidas antifascistas coabitam um espaço mais voltado para os ideais políticos, o que faz com que seu alcance seja mais centralizado em parcelas "mais politizadas" da população, que por vezes podem trazer consigo recortes sociológicos específicos, como classe (média e alta), renda (mais elevada), escolaridade (ensino superior), raça (branca) e valores ideológicos (esquerda). Não significa dizer que as antifas não são tomadas por atravessamentos outros, que aqui também trataremos mais adiante ao debatermos um caso etnográfico específico de João Pessoa; mas, antes, apontar que a lógica na qual esse coletivo se constrói está mais em seu *significado* político atribuído ao torcer do que em sua *prática* torcedora em si.

As torcidas antifascistas possuem uma capilaridade que se dá principalmente através dos meios digitais, constituindo assim, como uma de suas bases, uma espécie de *sociabilidade virtual*.⁴⁸ Se no modelo anterior as estratégias eram de adentrar o máximo possível nos cantos heterogêneos da cidade, esse modelo, por sua vez, parece direcionar suas táticas para o encontro de pares ideologicamente direcionados por meio da internet via redes sociais, construindo assim, na maioria das vezes, redes de sociabilidade amparadas não na presença, mas no discurso.

Um dos aspectos mais claros está relacionado ao cultivo de um tipo de sociabilidade que podemos denominar como sendo "virtual". Esse conceito surge do encontro de determinadas características. De um lado temos a presença de práticas de sociabilidade ao "modo clássico", sendo mantida pelo encontro face a face. De outro, está presente a especificidade gerada por tal tecnologia: a presença da interface gráfica como mediador do encontro social.⁴⁹

OS TORCERES NA CIDADE DE SÃO PAULO

Ao olharmos para a cidade de São Paulo, mais especificamente aos deslocamentos torcedores no meio urbano, tanto por parte das TO's quanto das antifas, e seus usos da cidade como paisagem na qual constroem suas relações e formas de torcer,

15% dos torcedores organizados possuem até 19 anos, 52% está entre 20 e 29 anos, 27% entre 30 e 39 anos, e 6% acima dos 40 anos de idade.

⁴⁸ DORNELLES. Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede".

⁴⁹ DORNELLES. Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede", p. 270.

em maior ou menor grau, indagamos: como se dá essa relação no interior da cidade entre as perspectivas torcedoras em questão? Vejamos alguns exemplos a seguir em busca dessa e de outras respostas.

Aqui retomamos algumas categorias analíticas de Magnani,⁵⁰ como a de "pedaço", mais especificamente para demonstrar como os entornos das sedes de cada torcida organizada se constituem também em territórios demarcados pelo clubismo. Como, por exemplo, o Bom Retiro é "lugar de corinthiano e gavião". Já a noção de "mancha"⁵¹ inserimos para indicar como em alguns contextos os "pedaços" se somam, resultando em algo maior, como veremos mais adiante no caso palmeirense. Ainda seguindo com as categorizações do autor, destacamos a noção de "trajeto"⁵² para indicarmos os deslocamentos dos torcedores pela cidade entre suas práticas de sociabilidade.

A torcida organizada que no Brasil inaugurou burocraticamente esse modelo torcedor são os Gaviões da Fiel. Não demorou muito para ampliarem sua sociabilidade na cidade ao se tornarem também uma escola de samba do carnaval paulistano,⁵³ expandindo – como destacamos acima – seu *estilo de vida* para mais esferas e usos da cidade em suas múltiplas experimentações. Logo, para além do futebol e do entorno dos estádios.

Sua sede fica no Bom Retiro, região que apesar de central é considerada marginalizada pelo estigma de violência e pobreza que a circunda. Hoje, a agremiação tem suas atividades regulares em constante deslocamentos pela cidade a partir de sua sede, tanto em torno das práticas esportivas (do Bom Retiro a Itaquera, onde fica o estádio corinthiano), quanto das atividades carnavalescas (dos ensaios no entorno da quadra ao Anhembi - onde acontecem os desfiles). Além das ações sociais (em bairros periféricos espalhados pela cidade), se fazendo presente cada vez mais dentro do cotidiano local de seus integrantes, e tendo suas comunidades co-

⁵⁰ MAGNANI. Os Circuitos dos Jovens Urbanos, p. 278.

⁵¹ MAGNANI. Os Circuitos dos Jovens Urbanos.

⁵² MAGNANI. Os Circuitos dos Jovens Urbanos.

⁵³ Fundada oficialmente como torcida organizada em 1969, os Gaviões da Fiel se tornaram também uma escola de samba em 1989. Caminho esse também trilhado pelas principais agremiações rivais anos mais tarde. Para consultar esse processo com mais detalhamento histórico, consultar Buarque de Hollanda e Medeiros (2018).

mo fontes de pertencimento também através do torcer, do sambar e das ações sociais.

Seguindo na região central da cidade, a menos de 5km de distância temos a sede da Mancha Verde, no bairro da Barra Funda, que apesar de estar localizada na região central, não é no centro propriamente dito. Os deslocamentos e "trajetos" de seus torcedores entre a sede da torcida, o estádio do Palmeiras, e a estação de metrô, todos localizados na mesma região, tornam o bairro ainda mais "palmeirense", constituindo uma espécie de "mancha". No entanto, a capilaridade da torcida também se estende para o interior da cidade, pois seus integrantes estão em constante trajeto de suas casas e trabalhos para a sede da TO e suas demais atividades, inclusive nos ativismos sociais em localidades periféricas.

Atravessando a cidade em direção à Zona Leste, lugar conhecido por seu distanciamento do eixo central paulistano, o que trouxe consigo um frequente abandono histórico por parte do poder público e, como consequência disso, a essencialização do lugar como sendo, ao menos discursivamente, uma das regiões mais pobres da cidade, vemos algumas complexificações nessa disputa socioespacial também em torno do torcer.

Apesar de hoje acolher o estádio do Corinthians⁵⁴ e a sede de uma torcida organizada associada ao clube, a Pavilhão Nove, a região não é apenas um "pedaço" ou uma "mancha" corinthiana, pois ali também se aloja e se desloca a maior torcida organizada santista, a Torcida Jovem do Santos FC. Portanto, a região de Itaquera segue um emaranhado de relações negociadas no interior de seus trajetos, cada um com suas disputas simbólicas que, apesar de perpassar o clubismo, extrapolam também para a capilaridade das ações das TO's no bairro, seus integrantes e suas moradias, seus pontos de encontros, suas idas aos jogos.

Ainda na complexificação das TO's em sua socioespacialidade urbana, existe também a questão das subsedes espalhadas pela cidade. São grupos menores que centralizam uma administração local da torcida no interior de seus bairros, que nativamente são chamados de *quebradas*. Cabe destacar que por estratégias políticas e jurídicas de proteção, muitos desses agrupamentos internos das torcidas não

⁵⁴ Para uma maior compreensão da relação da construção do novo estádio nas mudanças da socialidade dos torcedores locais, consultar Toledo (2013).

são oficializados como subsedes das agremiações, justamente para evitar que sanções sobre a atuação de algum grupo no interior de seu bairro possam prejudicar a organização como um todo. No entanto, em que pese a não formalização das subsedes, isso não diminui em nada o poder de alcance da torcida no interior dos bairros, sobretudo os mais periféricos da cidade, fazendo com que esse *estilo de vida* ligado ao modelo das torcidas organizadas adentre cada vez mais a sociabilidade urbana de seus integrantes.

Diferente das TO's, as antifas não possuem uma sede física na qual constroem suas relações com as pessoas e a cidade, tampouco subsedes no interior dos bairros, logo suas estratégias de alcance não se baseiam numa perspectiva socioespacial da cidade e de seus integrantes, o que conseqüentemente a leva a direcionar seus encontros a partir de mobilizações virtuais através de redes sociais, ao ponto que podemos "ser" de alguma torcida antifa sem sair de casa. Também vale pontuar que seus encontros físicos são em protestos e manifestações políticas, que em sua grande maioria ocorrem no centro, o que conseqüentemente evoca uma menor participação de parcelas mais periféricas da cidade.

Algumas torcidas antifascistas da cidade de São Paulo seguem um modelo de participação regular em protestos e manifestações políticas, nos quais sempre se colocam por meio de suas bandeiras e vestimentas identitárias, além da constante proximidade com coletivos de clubes rivais durante estas situações, também como uma forma de demonstrar uma estética que deixa de lado o clubismo. Como é o caso da corinthiana Coringão Antifa, da palmeirense Porcomunas, da são paulina Bonde do Chê,⁵⁵ da santista Santos Antifascista, dentre muitas outras.

Como vimos, ambos os modelos em seus aparecimentos na cidade nos sugerem experimentações diferentes do viver no meio urbano. Tanto por conta das características abordadas, de uma sociabilidade mais virtualizada⁵⁶ e em sua grande maioria advinda do surgimento de grupos online e universitários por parte das antifas; como a de uma sociabilidade mais atrelada às práticas corporalizadas da

⁵⁵ Vale destacar que essa antifa em específico se declara como "antifascistas da Torcida [organizada] Independente". Apesar de tal associação discursiva, o que nos sugerem os grupos (antifascistas e torcedores organizados) é que mesmo existindo um notável fluxo de pessoas a transitar entre os dois modelos, como veremos etnograficamente no próximo tópico, suas práticas coletivas são bastante diferentes.

⁵⁶ DORNELLES. Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede".

copresença nos espaços, originada de agrupamentos juvenis nas arquibancadas dos estádios, como no caso das TO's.

No tópico a seguir, vejamos como se dá na prática essa complexa relação entre *significados e práticas* no relato etnográfico de um torcedor que vivencia o torcer entre os dois modelos, pois é de uma antifa e também de uma organizada.

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS EM JOÃO PESSOA

João Pessoa é uma cidade muito diferente de São Paulo. Para começar, tem a questão do tamanho. Enquanto a capital paulista tem uma população estimada em 12,3 milhões de pessoas,⁵⁷ a população estimada da capital paraibana é de apenas 817 mil pessoas.⁵⁸ Para além disso, já adentrando na questão do futebol, João Pessoa não possui uma diversidade tão grande de clubes em atividade, participando das competições organizadas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Se em São Paulo nós podemos citar o Corinthians, o Palmeiras e o São Paulo, além de uma forte presença de torcedores do Santos, e, de certa forma, ainda a Portuguesa, em João Pessoa atualmente apenas o Botafogo-PB aparece como clube que ultrapassa os limites do estado e comumente joga competições regionais e nacionais. A saber, está em 2021 na Série C do Campeonato Brasileiro e tem como projeto de curto e médio prazo o acesso para a segunda divisão nacional.

Essas características, portanto, fazem com que a dinâmica da sociabilidade torcedora em João Pessoa seja muito distinta daquela vivenciada em São Paulo. Porque, por exemplo, as alteridades clubísticas não são tão vividas no cotidiano da cidade, nos dias em que não se tem jogo, já que os principais rivais do Belo – o Campinense e o Treze⁵⁹ – estão a 140km de distância de onde estão a maioria dos torcedores botafoguenses.

Ainda assim, são justamente essas características que, talvez, nos possibilitem perceber que o conjunto de torcedores de um mesmo clube de futebol não

⁵⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE: cidades@: São Paulo/SP.

⁵⁸ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE: cidades@: João Pessoa/PB.

⁵⁹ Os dois principais clubes de Campina Grande, a segunda maior cidade da Paraíba.

formam uma unidade. Que não existe “a torcida”, no singular. Mas que esse termo tem que sempre ser pensado no plural, visto que mesmo no interior de um mesmo clube vão surgir inúmeras identidades, que são distintas e conflitantes entre si.

Esse, aliás, foi justamente o debate proposto por Carvalho⁶⁰ durante sua pesquisa de mestrado, quando analisou a realidade do Belo e dos botafoguenses de João Pessoa. Por exemplo, o clube possui duas grandes torcidas organizadas de pista⁶¹ – a já citada TJB e a Fúria Independente – que são originárias de distintos bairros da cidade (Cristo Redentor e Mangabeira respectivamente⁶²) e que possuem um histórico de rivalidades, desavenças e conflitos mútuos.

Mas, mesmo rivais entre si, TJB e Fúria são apenas duas dentre tantas identidades que estão postas nas arquibancadas, disputando espaços, definindo fronteiras, demarcando diferenças. A essas duas somam-se, por exemplo, outras torcidas organizadas, mas que não são de pista; torcedores que não são integrantes de torcidas organizadas, e que quase sempre tendem a ser críticos das TO's; e, mais recentemente, a Belo Antifa.

O que estamos apontando aqui, no entanto, é que essas identidades torcedoras também não representam unidades homogêneas e indivisíveis, nem estão livres de tensões internas. Mais do que isso, em certa medida acontece até mesmo uma espécie de intercâmbio de torcedores entre os diferentes grupos.

É um contexto, portanto, em consonância com o que sugerem Deleuze e Guattari,⁶³ ao defenderem uma certa inventividade, uma criatividade que permite trânsitos, diálogos, afetações entre distintos segmentos de uma dada socialidade. Uma fluidez que, ao menos em certa medida, torna as fronteiras menos rígidas do que se pode supor a princípio.

⁶⁰ CARVALHO. O Belo e suas Torcidas: um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba.

⁶¹ No jargão êmico das TO's, torcidas organizadas de pista são aquelas mais afeitas ao embaite, e que logo vivem de forma mais intensa o clubismo e as rivalidades.

⁶² Como veremos um pouco mais a frente, as ramificações das torcidas não se resumem a um único bairro, mas no discurso êmico elas seguem simbolicamente sendo originárias desses respectivos pontos da cidade.

⁶³ DELEUZE; GUATTARI. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia – Vol. 3.

Vejamos, pois, um exemplo etnográfico de um torcedor botafoguense, que é ao mesmo tempo integrante da TJB e da Belo Antifa.⁶⁴ Mas, antes de prosseguir, vale explicar que, ao contrário do contexto paulistano já apresentado, o perfil majoritário de uma torcida organizada de pista como a TJB é menos heterogêneo.

Até por ser uma agremiação infinitamente menor do que os Gaviões da Fiel, por exemplo, na TJB os associados são majoritariamente homens, jovens, negros, oriundos de classes populares, moradores de bairros considerados periféricos, sem tanto acesso ao ensino superior.⁶⁵ Na Belo Antifa, ao contrário, a partir de observações etnográficas recentes, observa-se um perfil mais próximo daquele registrado em São Paulo, em que os integrantes são em sua maioria brancos, classe média, universitários ou já formados, moradores de bairros considerados “nobres”.

A princípio, portanto, vê-se logo uma distinção, uma fronteira aparentemente bem definida, identidades díspares postas em alteridade. Ao mesmo tempo, uma dualidade que, veremos, não é sempre tão dicotômica assim. Até porque esse perfil majoritário descrito não está livre de exceções que eventualmente permitem múltiplos engajamentos.

Em primeiro lugar, registre-se que um torcedor da TJB, no interior da própria torcida, vai se identificar primeiro com o seu “bonde” do que com a própria torcida organizada. No caso da TJB, os “bondes” são espécies de subsedes (ainda que as sedes não existam de fato) que representam diferentes bairros periféricos de João Pessoa. Então, num contexto interno (como um baile de fim de ano, por exemplo), fala-se primeiro no Bonde do Alto do Mateus, no Bonde do BDI,⁶⁶ no Bonde do Jardim Veneza, entre muitos outros, antes de se referir à TO propriamente dita. Sendo que essa só é acionada no encontro com a Fúria ou com torcidas de outro clube, quando portanto as alteridades são redefinidas.

O torcedor a que nos referimos, pois, morador de um bairro periférico de João Pessoa, sócio da TJB, vendo na torcida organizada o seu associativismo principal (e preferencial), não foge da regra de antes se sentir pertencente a um dos

⁶⁴ Em respeito a um compromisso ético firmado com nosso interlocutor, não divulgaremos a sua identidade.

⁶⁵ CARVALHO. O Belo e suas Torcidas: um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba.

⁶⁶ Sigla para Bairro das Indústrias.

muitos bondes que juntos formam a torcida organizada. Ao mesmo tempo, sendo um dos integrantes da torcida que estudam numa universidade pública, com uma inclinação política de esquerda, buscou na Belo Antifa um tipo de debate político-partidário que nem sempre encontra na Jovem, ao menos não diretamente.

Pensando no início deste artigo, e no coração da Avenida Paulista naquele 31 de maio de 2020, é também por isso que as fronteiras nas ruas parecem rasuradas em dias de protestos de torcedores contra o presidente da República, no embaute público – e político – que acontece fora dos ambientes de jogos de futebol, pois os diferentes grupos reunidos não são visivelmente separáveis sem uma visão mais cuidadosa (e por que não etnográfica?) que se proponha ser “de perto e de dentro”.⁶⁷ Uma visão que a cobertura jornalística nem sempre se preocupa em ter. Mas que é fundamental para tentar entender todas as nuances justapostas.

Tem-se, afinal, a presença de pessoas que ao mesmo tempo dialogam e circulam tanto entre as torcidas organizadas como entre as torcidas antifascistas, ainda que os respectivos associativismos, por muitos dos motivos já expostos aqui, busquem se dissociar uns dos outros. Uma espécie de horizontalidade, ao menos momentânea, que é possível de se identificar em episódios extraordinários como um protesto de rua, que acaba por colocar num mesmo pedaço atores tão diferentes (com suas múltiplas marcas identitárias). E que, ao estarem num mesmo lugar, não são identificados com facilidade, como costuma acontecer no cotidiano das diferentes formas de torcer.

Voltemos ao caso do torcedor que é da Jovem e da Belo Antifa ao mesmo tempo. Nos primeiros encontros em que ele se apresentou como sendo um interlocutor nosso, o contexto inicial sempre foi o da antifa. Ele falava sobre política partidária, sobre futebol e suas torcidas, sobre violência policial, sobre as eleições de 2022. Na primeira oportunidade que o encontro foi no contexto da TJB, contudo, o pedido foi direto. A sua condição de integrante da Belo Antifa não deveria ser mencionada entre os seus pares de torcida organizada.

Não que a informação fosse guardada em segredo, como ele mesmo explicou, mas ele queria apenas evitar polêmicas, discussões desnecessárias, retomadas

⁶⁷ MAGNANI. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana, p. 11.

de questionamentos que na visão dele não tinham a ver com a atuação da Torcida Jovem como agremiação torcedora.

Isso nos indica, logo, que, ainda que em dias de protestos possa haver uma maior aproximação entre esses diferentes grupos torcedores, essa não é a regra cotidiana, e os torcedores que transitam entre esses mundos precisam adaptar as suas performances para o ambiente que está inserido em tal momento específico, ao menos no contexto de João Pessoa.

Ora, o voto na esquerda não é uma unanimidade entre a TJB, assim como não é em nenhuma torcida organizada, mesmo as tidas como mais progressistas. As performances torcedoras das TO's também não são unanimidades entre os integrantes da Belo Antifa. Os trânsitos e diálogos existem, são empiricamente observáveis, ajudam a espriar de um lado para outro distintas experiências torcedoras, mas esse fluxo não é capaz, nem mesmo pretende, pôr fim às fronteiras existentes entre elas. Afinal, como temos apresentado aqui, são modelos torcedores diferentes que alcançam pessoas distintas e constroem suas próprias narrativas políticas em torno do torcer.

Aliás, antes de encerrar este tópico, é importante pontuar que mesmo onde os dois lados mais se aproximam, ainda assim os cotidianos são completamente distintos, o que só ajuda a demarcar de forma mais firme que se trata mesmo de dois "mundos" diferentes, que são atravessados de forma completamente opostas por diversos tipos de estereótipos essencializantes baseados em preconceitos de todos os lados.

Explicamos. As recentes etnografias apontam para a existência de um processo de criminalização de ambas as formas de torcer. Num processo que, apresentamos em dizer, acontece, segundo Tsoukalas,⁶⁸ em meio a “estratégias de controle” pautadas pelo poder estatal sem que possua para tanto qualquer amparo legal e/ou jurídico, baseado numa vaga ideia de combate a “torcedores de risco” que abre margem a subjetividades e preconceitos.

As torcidas antifascistas, por exemplo, foram classificadas pelo presidente Jair Bolsonaro, poucos dias depois dos protestos de maio de 2020, de “terroris-

⁶⁸ TSOUKALAS. Administrar a Violência nos Estádios da Europa: quais racionalidades?.

tas”.⁶⁹ Na mesma época, o deputado estadual paulista Douglas Garcia tornou público um “dossiê” com nomes e dados pessoais de mais de mil torcedores supostamente ligados a torcidas antifascistas, mais uma vez classificando a todos de “terroristas”.⁷⁰

Com as torcidas organizadas, contudo, o processo é antigo, recorrente, muito mais violento. A violência institucional impetrada diuturnamente por polícias militares e ministérios públicos – em São Paulo, na Paraíba, em diversos outros estados do Brasil – provoca um processo de criminalização constante das TO’s, que ajuda a disseminar a fama de “marginais” que esses torcedores organizados acabam carregando. O que fazem deles “culpados a priori” de qualquer incidente que possa acontecer no contexto do futebol.

A questão é que, ao menos no caso paraibano, a violência contra as antifas ainda acontece de forma mais teórica, indireta, numa tentativa vaga de intimidação a quem não se conhece direito. As declarações do presidente e principalmente o dossiê provocaram uma onda de medo, de insegurança nos torcedores paraibanos citados, que exigiu uma estratégia de proteção de dados que logo se dissipou. O caráter difuso da torcida antifascista, que está mais presente nas redes sociais do que em pontos específicos da cidade, torna a identificação de seus membros mais difícil.

O mesmo, contudo, não acontece entre torcedores organizados como o da TJB, que, como já dito ao longo do artigo, carregam o torcer como um *estilo de vida*. Mais ainda, carregam em si “sinais exteriores ancorados nos seus corpos”⁷¹ (corpos negros, pobres, vestidos com uniformes de torcidas organizadas e carregando marcas identitárias como bandeiras e faixas) que o tornam facilmente identificáveis. Torcedores que lutam por um direito à cidade⁷² que passa pelo jogo, pelo futebol, pelo direito de ocupar as ruas e de subverter espaços públicos, tornando-os em lugares de permanência em dias de futebol, por exemplo. Um ato visto como

⁶⁹ G1. Bolsonaro diz que Antifas são 'marginais' e 'terroristas'. G1, 3, jun. 2020.

⁷⁰ CONGRESSO EM FOCO. Com dossiê, deputado bolsonarista incentiva perseguição a opositores. Congresso em Foco, 4 jun. 2020. Um dos autores desse artigo, a propósito, por estar fazendo pesquisas entre torcedores antifascistas à época, foi incluído na lista de “terroristas” do tal dossiê.

⁷¹ VALE DE ALMEIDA. *O Manifesto do Corpo*, p. 17.

⁷² LEFEBVRE. *O Direito à Cidade*.

transgressor, ofensivo a um ordenamento urbano que se pretende cada vez mais normatizador, e que não raro é rechaçado na base da força, das balas de borracha e dos gases lacrimogênicos.

Enfim, é também na forma como cada lado é criminalizado pelas instituições públicas, que as diferenças entre torcidas organizadas e torcidas antifascistas tornam-se ainda mais evidenciadas e mais difíceis de serem contornadas. As pautas são distintas. As estratégias de sobrevivência a que são obrigadas a se submeter são igualmente distintas.

Portanto, as formas de repressão seguem a lógica de agir de cada modelo. Uma sociabilidade mais atrelada ao virtual é reprimida por meio do vazamento de dados, uma sociabilidade corporalizada pelas cidades é reprimida no próprio corpo de seus torcedores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso intuito com este artigo foi demonstrar de antemão a multiplicidade de atores presentes em torno do torcer, e suas mais diversas formas de resistência política em suas práticas. Para isso, utilizamos como contexto as manifestações contra o atual governo ocorridas em 2020, que contaram com a presença de diversos torcedores, além de recortes entre os cenários das cidades de São Paulo e João Pessoa. Para, a partir daí, destacar que os grupos de manifestantes citados inicialmente não eram apenas de um segmento torcedor, mas de incontáveis frentes reunidas nas ruas, dentre elas, torcedores organizados e torcedores antifascistas.

Para a presente análise, nos guiamos por alguns questionamentos iniciais sobre quem eram esses grupos, quais as dinâmicas torcedoras e políticas envoltas de suas práticas, e como se dava essa relação no interior das cidades.

Baseado nisso, traçamos suas socialidades, suas origens, áreas de atuação e alcance, a ponto de concluirmos que não há coerência alguma em pensá-las numa mesma chave analítica, ao menos não do ponto de vista etnográfico. O que nos levou a perceber um antagonismo fundamental entre os dois modelos torcedores, que aqui apontamos como uma *sociabilidade virtualizada* por parte dos antifas,

frente a uma *sociabilidade corporalizada* por parte das TO's, o que as colocam em lugares distintos nas dinâmicas do torcer e do agir politicamente.⁷³

A partir disso, percebemos que não existe uma política do torcer, mas vários e múltiplos caminhos de se fazer política enquanto se torce. Pois, de uma perspectiva antropológica, "a categoria política é sempre etnográfica",⁷⁴ justamente por se desenvolver de maneira particular a seu contexto. Ou seja, o entendimento de "fazer política" de um torcedor antifascista não raro será diferente do significado atribuído por um torcedor organizado. No entanto, ambos, em seus contextos, nunca deixam de fazer política.

A propósito, as distinções entre os dois associativismos estão presentes também naquilo que é pré-requisito para se fazer parte de um e de outro. Nas performances esperadas por cada tipo de torcida. Justamente por causa da pluralidade existente no interior dessas formas de torcer, aquilo que não é permitido em cada modelo ajuda a definir quem são os seus integrantes. No caso das torcidas organizadas, os pré-requisitos são exercer o clubismo frente aos rivais principais e manter uma performance específica e coletiva nos dias de jogos. No caso das torcidas antifascistas, ser de esquerda e ser um eleitor de partidos de esquerda passam a ser os pré-requisitos.

Assim, haverá torcedores de esquerda e de direita dentro de torcidas organizadas, desde que eles exerçam o clubismo da forma como é esperada pelos seus pares. Da mesma forma que haverá torcedores antifascistas que sejam mais ou menos clubistas, desde que necessariamente se declarem e ajam como sendo de esquerda.

E isso vai interferir, obviamente, nas práticas torcedoras e políticas de ambos os modelos. Fazendo das antifas associações mais preocupadas com seus ideais políticos em comum e mais comumente encontradas nas regiões centrais das cidades nos dias de protestos políticos. Enquanto as torcidas organizadas seguem na

⁷³ Apesar de sugerirmos essas diferenças entre ambas as identidades torcedoras, isso não significa dizer que as antifas estão apartadas da *sociabilidade corporalizada*, vide os próprios exemplos das atuações da Tribuna 77 (ligada a torcedores do Grêmio) e da Ultras Resistência Coral (já citada neste artigo) nas respectivas arquibancadas de seus clubes. Assim como as TO's também utilizam cada vez mais estratégias virtuais para expandir seu associativismo. Portanto, o uso aqui foi meramente analítico e não definidor ou reificador.

⁷⁴ PEIRANO. Três Ensaio Breves.

linha oposta, ao estabelecer suas práticas no corpo a corpo do interior das cidades e de seus bairros, tornando-se instituições com forte pertencimento socioespacial.

No caso de São Paulo, alcançando parcelas mais heterogêneas da população; no caso de João Pessoa, alcançando principalmente a população periférica da cidade. Mas, independente de um ou outro contexto, sem ter o viés partidário como pré-requisito associativista.

No entanto, nos parece inegável que ambos os modelos tornaram-se parte do torcer na atualidade, sejam de uma perspectiva de reivindicações políticas ou de atualizações (também políticas) das *formas de torcer*.

* * *

REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador**: e outras variações antropológicas. Trad. John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BALE, Jhon. **Sports Geography**: Second Edition. London and New York: Routledge, 2003.

CAMPOS, Flávio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. **Revista USP**, n. 99, p. 123-138, 2013.

CANALE, Vitor dos Santos. **Um movimento em muitas cores: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988**: Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo. Tese (Doutorado em História), Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 340p., 2020.

CARVALHO, Phelipe C. Pontes. **O Belo e suas Torcidas**: um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPB, João Pessoa, 202p., 2019.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que Der e Vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, 240p., 1998.

DANIEL, Petra; KASSIMERI, Christos. The Politics and Culture of FC St. Pauli: from leftism, through antiestablishment, to commercialization, **Soccer & Society**, v. 14, n. 2, mar. 2013, p. 167-182.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia – Vol. 3. Trad. Aurélia Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo, Editora 34, 1996.

DORNELLES, Jonatas. Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede". **Horizontes Antropológicos**, v. 10, n. 21, p. 241-271, 2004.

FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana**: práticas de libertação no futebol brasileiro. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 306p, 2003.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. Violência, Juventude e Idolatria Clubística: uma pesquisa quantitativa com torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo. **Revista Hydrav**. 1, n. 2, p. 97-125, 2016.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. Escolas de Samba e Torcidas Organizadas de Futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 23-47, 2018.

KUSCHNIR, Karina. **O cotidiano da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MARICATO, Ermínia ET AL., **Cidades Rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedacço**: cultura popular e lazer na cidade. 3ª ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.11-30, jun. 2002.

MAGNANI, José Guilherme. Os Circuitos dos Jovens Urbanos. **Tempo Social**. v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005.

OLIVEIRA, Eric Monné Fraga de. O ópio do povo? O futebol e as manifestações políticas no Brasil entre 2013 e 2020. **Sociedade e Cultura**, v. 24, 2021.

PEIRANO, Mariza. Três Ensaio Breves. Brasília, UnB, **Série Antropologia**, n. 230, p. 17-29, 1998.

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **As Ondas que (se) Movem (n)o Mar das Torcidas**: das charangas à guinada antifascista nas Ultras Resistência Coral (1950-2020). Tese (Doutorado em História), UFRGS, Porto Alegre, 424p, 2020.

SIMÕES, Irlan. **Clientes versus Rebeldes**: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro, Editora Multifoco, 2017.

TOLEDO, Luiz Henrique de; SOUZA JUNIOR, Roberto de Alencar Pereira de. Redes populares de proteção: torcidas organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19, **Ponto Urbe**, n. 26, p. 1-20, 2020.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Short cuts: histórias de jovens, futebol e condutas de risco. **Revista Brasileira de Educação**, v. 6, n. 5, p. 209-221, 1997.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: metafísica do homem comum. **Revista de História**. São Paulo, n. 163, p. 175-189, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Políticas da corporalidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010. In: Buarque de Hollanda, Bernardo; Malaia, João M. C.; Toledo, Luiz Henrique de; Melo, Victor Andrade. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Quase lá: a copa do mundo no Itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. **Horizontes Antropológicos**, v. 19, n. 40, p. 149-184, dez. 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcer**: perspectivas analíticas em antropologia das práticas esportivas. Tese (Titularidade em Antropologia), UFSCar, São Carlos, 319p, 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no Futebol**: dimensões simbólicas de um esporte nacional. Tese (Doutorado em Antropologia Social), USP, São Paulo, 2002.

TIBLE, Jean. Movimentos. **Cadernos de Campo**, v. 28, n. 2, São Paulo: USP, p. 15-20, 2019.

TSOUKALA, Anastassia. “Administrar a Violência nos Estádios da Europa: quais racionalidades?”. In: HOLLANDA, Bernardo Borgues Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (orgs.). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 21-35.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

COLETTA, Ricardo Della, et al. Bolsonaro ignora crise do coronavírus, estimula e participa de ato pró-governo e contra Congresso e STF. Folha de S. Paulo, Brasília, 15 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3SetUz0>. Acesso em: 28. jun. 2022.

COLETTA, Ricardo Della. Em pronunciamento, Bolsonaro critica fechamento de escolas, ataca governadores e culpa mídia. Folha de S. Paulo, Brasília, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3f626yq>. Acesso em: 28. jun. 2022.

CONGRESSO EM FOCO. Com dossiê, deputado bolsonarista incentiva perseguição a opositores. Congresso em Foco, 4. Jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3Us2OWW>.

GRILO, Rodrigo; NINA, Roberta; IAMIN, Leandro. A primavera das torcidas antifascistas. Elástica, 24 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3RZVHDI>. Acesso em: 29 jun. 2022.

G1. Bolsonaro diz que Antifas são 'marginais' e 'terroristas'. G1, 3 jun. 2020. Disponível em: <http://glo.bo/3Bzsc4q>. Acesso em: 20 mai. 2022.

G1. Bolsonaro diz que Antifas são 'marginais' e 'terroristas'. G1, 3, jun. 2020. Disponível em: <http://glo.bo/3Lu5CPq>. Acesso em: 28 jun. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE: cidades@: São Paulo: SP. Disponível em: <https://bit.ly/3Lu5OhC>. Acesso em: 25 jun. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE: cidades@: João Pessoa: PB. Disponível em: <https://bit.ly/3drlYM4>. Acesso em: 25 jun. 2022.

WHO. WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020. WHO, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3DA5Wu6>. Acesso em: 22 jun. 2022.

* * *

Recebido em: 12 de agosto de 2021
Aprovado em: 21 de dezembro de 2021

Estudos sobre os torcedores de futebol: uma revisão sistemática

Studies on Football Fans: A Systematic Review

Cleyton Batista Sousa

Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, Brasil
Doutorando em Educação, UFBA
cleytonbatista1@hotmail.com

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, Brasil
Doutor em Educação Física, Universidade Gama Filho

RESUMO: O presente artigo foi desenvolvido com o objetivo de mapear a produção acadêmica brasileira sobre os torcedores de futebol. Para isso, realizamos uma revisão sistemática nos indexadores DOAJ, SPORTDiscus, LILACS e SCIELO e encontramos um total de 54 artigos a serem analisados. Os resultados apontam uma tendência crescente de estudos sobre os torcedores e um caráter multidisciplinar sobre o tema. Os métodos qualitativos foram os mais utilizados e os torcedores dos clubes da elite do futebol, os principais sujeitos das pesquisas. Apesar das importantes contribuições, identificamos algumas lacunas que reforçam a necessidade de pesquisas futuras com diferentes perfis de torcedores e em regiões distintas do país.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Torcedores; Revisão sistemática.

ABSTRACT: This article aims to map the Brazilian academic production on football fans. We performed a systematic review in the DOAJ, SPORTDiscus, LILACS and SCIELO indexers and found a total of 54 articles to be analyzed. The results point to a growing trend of studies on fans and a multidisciplinary character on the subject. Qualitative methods were the most used and fans of elite football clubs were the main subjects of the research. Although the important contributions, we identified some gaps that reinforce the need for future research with different fan profiles and in different regions of the country.

KEYWORDS: Football; Fans; Systematic Review.

INTRODUÇÃO

O futebol é uma prática cultural que, assentada nos valores da modernidade, se desenvolve em território brasileiro com o advento do século XX. Ele ocupa horário nobre na TV, é manchete de noticiários, assim como pauta de discussões em espaços distintos, desde o interior das casas até as praças públicas. Nesse fenômeno social, o torcedor desponta como um dos seus protagonistas, responsável por tomar as arquibancadas, parte fundamental do espetáculo futebolístico. Assim, cria-se a experiência do pertencimento clubístico, aquela que cria sentimentos de vínculos afetivos e de emoção entre os torcedores e os clubes pelos quais torcem. Toledo¹ chama atenção para a participação e para o engajamento efetivo desses outros atores que “se prestam ao incentivo e elevação da tensão e da incerteza extracampo como elementos cruciais na fruição e ampliação da emoção por este esporte, os torcedores”.

Atentando aos primórdios do torcer no Brasil, podem-se observar a elegância do público e os gestos comedidos — algumas das características da época —, condizentes com o estrato social mais elevado daquele período. Ferreira e Souza² ressaltam que não era visível uma grande vinculação clubística e emocional com o jogo. As arquibancadas eram espaços de divertimento para quem tinha o sentimento de apreciação em relação ao jogo. O que se ouvia nas arquibancadas eram aplausos incentivando os atletas em campo. Fora dele, era um espaço de convivência, de verem e serem vistas. Com a disseminação do futebol entre as ligas locais e, posteriormente, as interestaduais, foram numerosas as partidas entre os mesmos clubes, culminando com a formação de rivalidades que se intensificavam à medida que as partidas ocorriam nos primeiros campeonatos do Brasil.

A categoria social “torcedor” nasce quando o(a) espectador(a) das partidas que transcorriam no processo de popularização do futebol no Brasil começa a se sentir partícipe daquele evento: seus gritos de incentivo o fazem se sentir parte daquela vitória, bem como o faz se chatear o dissabor da derrota. O clube passa a ter sentido para a vida daquele(a) que se devota a segui-lo; antes, pelo rádio; depois, pela televisão; hoje, nas redes sociais. A admiração por uma ou outra agremiação

¹ TOLEDO. *Lógicas no futebol*, p. 221.

² FERREIRA; SOUZA. *Futebol e torcer*.

clubística foi aparecendo nos jogos. Nesse momento, começa a se observar uma conduta mais passional nas arquibancadas, presentes nas vaias à arbitragem, nas críticas e nas agressões a adversários. O uso da palavra torcedor, e não assistente, denota o significado que ele passou a assumir: torcedor passa a ser aquele que torce, retorce, contorce seu corpo afetado pela emoção que assistir às partidas de futebol transmite. Tradicionalmente o torcer se constitui como a mola mestra do futebol.

Silva *et al.*³ entendem que o torcer representa uma real possibilidade de lazer. Motivado pela paixão clubística, o torcedor apresenta-se como um ator fundamental para o espetáculo esportivo, notadamente o futebolístico. O futebol é, no Brasil, um referencial de lazer entre as classes, tanto para as mais quanto para as menos favorecidas, jogando ou torcendo. Os brasileiros não só gostam de futebol, mas o fazem a partir dos “clubes do coração”. Gostar de um clube significa torcer por ele.

Ao longo dos anos, a figura do torcedor ganhou tanta importância no espetáculo futebolístico que, em 2003, foi publicado no cenário brasileiro o Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), dividido em 12 capítulos e 45 artigos. Esse documento é um marco no desenvolvimento do futebol brasileiro pelo seu caráter inovador em defesa dos torcedores, abordando diferentes aspectos, como segurança, alimentação e higiene, arbitragem e justiça desportiva. Apesar de sua importância, pesquisas como as de Campos⁴ e Nicácio,⁵ no estádio Mineirão, em Minas Gerais, indicaram um grande desconhecimento dos torcedores ali presentes, em relação ao Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT) e a seus direitos, ao assistirem a espetáculos esportivos.

Silva e Campos⁶ corroboram com esses argumentos ao apontar que o processo de modernização do futebol brasileiro, ao tomar o cenário europeu como referência a ser seguida, impacta diretamente nas experiências do estádio e nas manifestações do torcer. Diferentes fatores estão relacionados a essa experiência do torcer e à forma como o torcedor se apropria do estádio, são eles: o perfil do torcedor (gênero, idade e classe social); as características estruturais do estádio, seus diferentes setores e a localização geográfica; as diferentes formas de torcer; e o jogo.

³ SILVA *et al.* Torcedores Organizados em Belo Horizonte.

⁴ CAMPOS. As mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão Suas características e relações com o clube e com o estádio.

⁵ NICÁCIO. O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a Educação Física Escolar.

⁶ SILVA; CAMPOS. A experiência do torcer no (dito) “futebol moderno”.

Dada sua importância, as pesquisas sobre o futebol passaram a se importar cada vez mais com os torcedores e suas manifestações do torcer, ao ponto de hoje termos a realização de congressos, fóruns, simpósios e demais eventos científicos voltados especificamente a tratar sobre o tema, como também é o caso do presente dossiê. Destarte, algumas perguntas nortearam a realização desta pesquisa: como se organizam as pesquisas sobre torcedores de futebol na literatura acadêmica? Quais são os principais temas investigados? Quais são os métodos mais utilizados entre os artigos? Que perfil de torcedor participa dos estudos? Buscando responder essas questões, o presente artigo foi realizado com o objetivo de mapear a produção acadêmica brasileira sobre os torcedores e suas manifestações do torcer.

Nosso estudo se caracteriza como uma pesquisa de revisão. Destarte, utilizamos como estratégia metodológica uma Revisão Sistemática. De acordo com Sampaio e Mancini,⁷ essa forma de pesquisa é importante porque “as revisões sistemáticas nos permitem incorporar um espectro maior de resultados relevantes, ao invés de limitar as nossas conclusões à leitura de somente alguns artigos”.

Existem diferentes abordagens para a realização de uma Revisão Sistemática. Neste estudo, utilizamos a Revisão Integrativa, que consiste em investigar a literatura de forma quali e quantitativa, bem como permite incorporar estudos sobre a mesma temática a partir de perspectivas diferentes.⁸

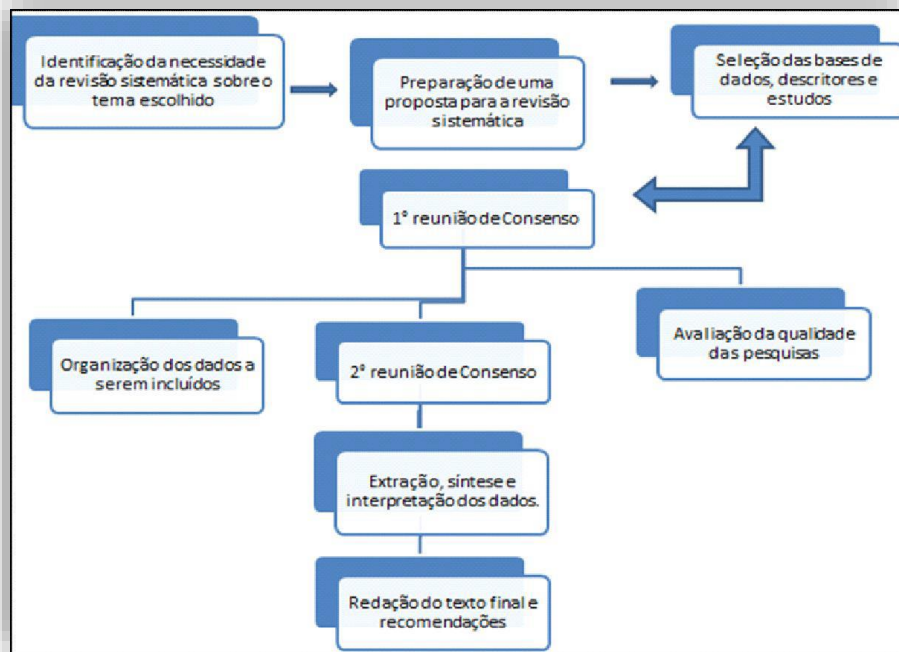
O desenvolvimento de uma revisão sistemática requer, no mínimo, a participação de dois pesquisadores e demanda um detalhamento rígido e bem definido de todas as etapas da pesquisa. Dessa forma, utilizaremos como base o guia elaborado por Gomes e Caminha⁹ para pesquisas de Revisão Sistemática nas Ciências do Movimento Humano. Nesse guia os autores apresentam nove etapas: identificação da necessidade da revisão; preparação de uma proposta; seleção da base de dados; 1ª reunião de consenso; avaliação da qualidade dos estudos; organização dos dados; 2ª reunião; extração, síntese e interpretação dos dados;

⁷ SAMPAIO; MANCINI. Systematic review studies: a guide for careful synthesis of the scientific evidence, p. 84

⁸ DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO; TAKAHASHI; BERTOLOZZI. Revisão sistemática: noções gerais.

⁹ GOMES; CAMINHA. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano.

redação do texto final e recomendações. Todas as etapas são apresentadas em um esquema que podemos observar na Figura 1.



Junção das propostas viáveis encontradas na literatura.

A pergunta de partida que norteará a execução da pesquisa é: como a produção acadêmica brasileira aborda a temática “torcedores” no futebol? Para responder essa pergunta, selecionamos os seguintes indexadores: DOAJ,¹⁰ SPORTDiscus,¹¹ SCIELO¹² e LILACS.¹³ Para a busca dos artigos nessas bases de dados, serão aplicados os seguintes descritores: Futebol AND Torcedor; Futebol AND Torcida; e Futebol AND Torcer.

¹⁰ O DOAJ (Directory of Open Access Journals) é um indexador lançado em 2003 e que atualmente consta com mais de 15.000 periódicos de acesso aberto nas áreas de Ciência, Tecnologia, Medicina, Ciências Sociais, Artes e Humanidades. Disponível em: <https://doaj.org/>.

¹¹ O SPORTDiscus é um indexador líder em pesquisas na área de esportes e medicina esportiva, incluindo milhões de registros das principais revistas sobre o tema. Disponível em: <http://web.b.ebscohost.com/ehost/search/basic?vid=1&sid=1367c546-2201-4eb0-8cdf-6417ba523016%40sessionmgr102>.

¹² A SCIELO (Scientific Electronic Library Online) é um dos principais indexadores de acesso aberto da América Latina, com milhares de periódicos das diferentes áreas do conhecimento. Disponível em: <https://scielo.org/pt/>.

¹³ A LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) é uma das mais importantes bases de dados específica e com acesso gratuito que disponibilizam cerca de 900 mil registros de produções científicas. Disponível em: <https://lilacs.bvsalud.org/>.

Dos artigos encontrados, serão incluídos na análise aqueles que atendam aos seguintes critérios de inclusão: apresentem como tema central debates/reflexões acerca dos torcedores, independentemente da estratégia metodológica utilizada, que sejam realizadas no Brasil, estejam disponíveis na íntegra e trabalhos publicados entre 2003 e 2020.

Sabemos que o campo de produção científica sobre futebol apresenta uma vasta e produtiva contribuição em formato de teses e dissertações. Apesar de tal importância, não incluímos esses formatos em nosso trabalho, pois já encontramos na literatura levantamentos que voltam suas análises para esses tipos de pesquisa. Como exemplo, podemos destacar, entre outros, as análises de Giglio e Spaggiari¹⁴ entre 1990 e 2009, e o levantamento de Fensterseifer¹⁵ entre os anos de 1987 e 2014. Diferente desse cenário, até o momento ainda são incipientes as revisões voltadas para pesquisas em formato de artigos, o que nos motivou a tomar tais escolhas.

Acerca do arco temporal do nosso estudo, alguns aspectos foram levados em consideração. O primeiro é o importante balanço bibliográfico realizado por Toledo¹⁶ sobre o Futebol na produção científica brasileira entre 1982 e 2002. A este se soma o trabalho de Alabarces¹⁷ com o mesmo arco temporal, mas ampliando suas análises para a produção na América Latina. Os autores apontam que as últimas décadas do século XX, impulsionadas pelas ciências sociais, aqueceram os estudos sobre o futebol, que se solidificaram na virada do milênio.

Além disso, o ano de 2003 é marcado no futebol brasileiro pela publicação do Estatuto de Defesa do Torcedor,¹⁸ documento considerado inovador e que buscou estabelecer normas de proteção, defesa e deveres dos torcedores. Acreditamos que esse cenário impulsionou ainda mais as pesquisas sobre o futebol e, especificamente, o torcedor brasileiro.

¹⁴ GIGLIO; SPAGGIARI. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009).

¹⁵ FENSTERSEIFER. Produção científica sobre futebol: uma investigação do estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil.

¹⁶ TOLEDO. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002).

¹⁷ ALABARCES. Vinte anos de ciências sociais e esportes, dez anos depois.

¹⁸ BRASIL. Lei n. 10.671. Estatuto de Defesa do Torcedor.

Feita a seleção dos estudos, utilizaremos estatística descritiva para investigar os seguintes aspectos: estratégia metodológica utilizada; referencial teórico utilizado como base; região de desenvolvimento da pesquisa; temática investigada; apontamentos da pesquisa, área de conhecimento e revista em que foi publicado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos, abaixo, um panorama das pesquisas sobre torcedores, construído após a execução das diferentes etapas da revisão sistemática. Para isso, organizamos nosso debate em duas seções diferentes: a primeira tem por objetivo apresentar importantes dados descritivos das pesquisas sobre os torcedores; a segunda seção, por sua vez, será voltada para o debate sobre os objetivos, temáticas e métodos de pesquisa utilizados pelos autores.

O PERFIL DAS PESQUISAS

Podemos observar na Tabela 1 que, a partir da utilização dos descritores nos diferentes indexadores, encontramos um total de 197 artigos. Após a leitura dos títulos e resumos, bem como a aplicação dos critérios de inclusão/exclusão, obtivemos o número final de 54 artigos a serem analisados.

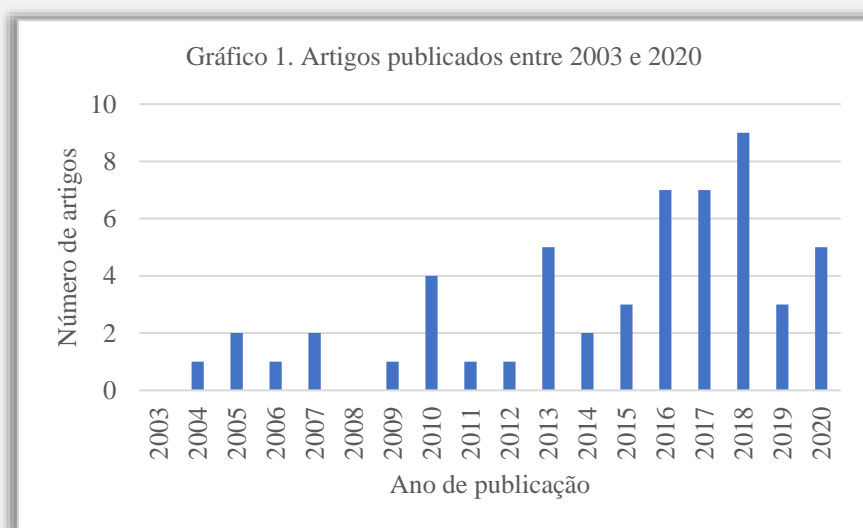
Descritores					
		Futebol AND	Futebol AND	Futebol AND	Total:
	<i>Indexadores</i>	Torcedor	Torcida	Torcer	
	DOAJ	50	30	18	98
	SPORTDISCUS	7	14	1	22
	SCIELO	15	14	7	36
	LILACS	20	12	9	41
	Total:	92	70	35	197
	Total aplicando critérios de inclusão:				54
					artigos

Tabela 1 – Processo de busca e seleção dos artigos. Fonte: elaborada pelos autores (2022)

De acordo com nossas análises, podemos afirmar que o indexador DOAJ apresenta o maior acervo de artigos sobre torcedores em comparação aos demais indexadores analisados (98). Já entre os termos de busca, “Futebol AND torcedor” foi o que apresentou os melhores resultados.

Em relação às revistas, observamos que os 54 artigos foram publicados por 28 revistas científicas diferentes, com destaque especial para a revista Licere, com sete artigos publicados, e para a Revista Brasileira de Futsal e Futebol, com seis publicações sobre o tema.

A respeito do ano de publicação dos estudos, observamos com o gráfico 1 um movimento crescente de pesquisas que buscam discutir sobre os torcedores, principalmente a partir do ano de 2013.



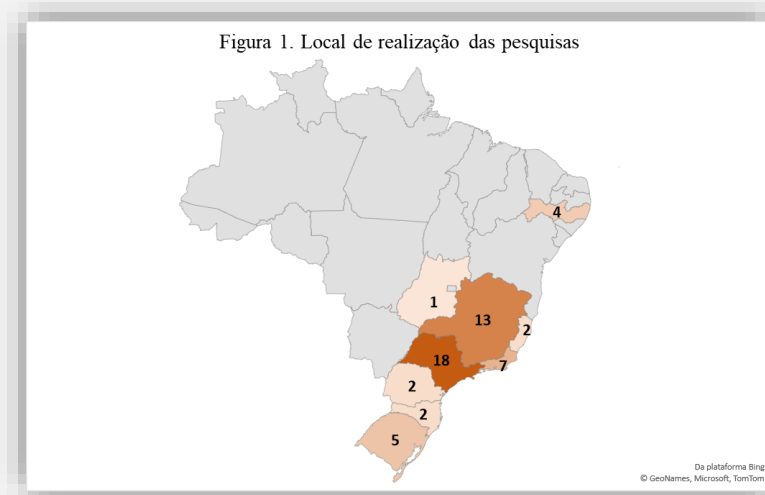
Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Entre as duas décadas pesquisadas, observamos um número crescente de artigos publicados principalmente entre 2010 e 2020. Acreditamos que esse cenário tem relação direta com a preparação do país para receber a Copa do Mundo de futebol masculino, realizada em 2014. Nesse processo, foi assinado em 13 de janeiro de 2010 pelo então ministro do esporte, Orlando Silva, juntamente com prefeitos e governadores, o documento intitulado “Matriz de responsabilidades”.¹⁹ Sua finalidade era definir as responsabilidades de cada ente federativo bem como as áreas prioritárias que passariam por reformas, como a transformação dos estádios

¹⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3SjA1C8>.

em arenas. Ao impactar diretamente as experiências dos torcedores, esse cenário contribuiu para avivar as pesquisas sobre o tema.

Outro aspecto interessante a ser observado diz respeito ao local de realização das pesquisas. Como podemos observar na figura 1, a Região Sudeste concentrou o maior número de trabalhos realizados (40), sendo: 18 em São Paulo, 13 em Minas Gerais, 7 no Rio de Janeiro e 2 em Espírito Santo. Um dado importante a ser destacado é que não foram encontrados artigos realizados na Região Norte do país, bem como constatamos um número reduzido de trabalhos na Região Nordeste, com apenas 4 pesquisas em Pernambuco.



Fonte: elaborada pelos autores (2022).

Esses dados reforçam uma lacuna existente sobre o tema, visto que ainda são incipientes as pesquisas para além do eixo Sul/Sudeste. Concordando com Silva e Campos,²⁰ diferentes fatores interferem nas experiências dos torcedores e, nesse sentido, as pesquisas com torcedores das Regiões Norte/Nordeste são fundamentais para ampliar o olhar acadêmico sobre o fenômeno.

Constatamos o caráter multidisciplinar dos estudos envolvendo a arquibancada, visto que os pesquisadores analisados são oriundos de diversas áreas de conhecimento, variando desde as Ciências Humanas, como antropologia, história e psicologia, até as áreas como Economia, Marketing e Comunicação. Como podemos

²⁰ SILVA; CAMPOS. A experiência do torcer no (dito) “futebol moderno”.

observar na Tabela 2, a formação/área de atuação com o maior número de pesquisadores foi Educação/ Educação Física.

<i>Áreas</i>	Nº de pesquisas em que está presente*
<i>Educação/ Educação Física</i>	27
<i>Psicologia</i>	2
<i>História</i>	3
<i>Marketing / Administração</i>	6
<i>Turismo</i>	1
<i>Comunicação</i>	5
<i>Economia/ Ciências Contábeis</i>	2
<i>Antropologia/ Ciências sociais</i>	11
Total: 8 áreas	

Tabela 3 – Áreas de formação/ atuação dos pesquisadores.

Nota: no caso da pesquisa realizada por autores de diferentes áreas, foram contabilizados todos os autores, por isso o número total desta tabela ser maior que o número de artigos analisados. Fonte: elaborada pelos autores (2022).

Em síntese, os dados desta seção apontam que os estudos sobre os torcedores apresentam uma tendência crescente. As Regiões Sul e Sudeste concentram a maior quantidade de pesquisas, e a temática “torcedores” se caracteriza como um campo de estudo multidisciplinar. Acreditamos que tais dados descritivos podem ser úteis em pesquisas futuras sobre a temática.

COMO SE ESTRUTURAM AS PESQUISAS SOBRE TORCEDORES?

Ao analisar as pesquisas, podemos observar na Tabela 4 um total de 12 categorias temáticas diferentes de estudos. Dentre elas, as categorias Identidade (14) e comportamento (13) foram as mais desenvolvidas. Esses dados apontam que, para além de uma área multidisciplinar, existe um olhar plural sobre os torcedores de futebol no cenário acadêmico brasileiro, variando entre questões sociais, culturais, políticas e econômicas.

Temas	Nº de pesquisas
<i>Identidade</i>	14
<i>Comportamento</i>	13
<i>Violência</i>	7
<i>Diversidade</i>	4
<i>Modernização</i>	3
<i>Economia</i>	3
<i>Rivalidade</i>	2
<i>Legislação</i>	2
<i>Território</i>	2
<i>Mídia</i>	2
<i>Desempenho</i>	1
<i>Arte/ literatura</i>	1
Total: 12 temas	

Tabela 4 – Temas das pesquisas com torcedores. Fonte: elaborada pelos autores (2022).

Construímos essas categorias a partir da análise dos títulos, palavras-chave e objetivos apresentados nos artigos. Na categoria “Identidade” estão os artigos que buscaram as representações, os símbolos, as identificações clubísticas e de torcedores organizados e a relação entre torcida e estádio. Como diferentes classes sociais se identificam com o futebol,²¹ o processo de construção do pertencimento clubístico,²² a identidade pessoal e coletiva das torcidas organizadas²³ e o processo de identificação dos torcedores com os novos ou tradicionais estádios²⁴ são pesquisas dessa categoria.

Organizamos na categoria “comportamento” todas as pesquisas que tiveram como finalidade os aspectos de socialização, os ritos e as variadas formas de torcer. Como exemplo, os artigos aqui organizados versam sobre a ida dos torcedores aos

²¹ FREITAS. As classes sociais na sociedade do espetáculo: o olhar dos torcedores de futebol.

²² SILVA; SOUZA NETO. Da assistência e pertencimento clubístico em Belo Horizonte: a construção de um novo hábito em uma nova cidade.

²³ SOBRINHO; MARRA; SOUZA. Identidade e futebol: um estudo sobre membros de uma torcida organizada.

²⁴ TOLEDO. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquero e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. FERREIRA; LEÃO. Uma mudança em andamento: a troca de “Casa” da torcida do Clube Náutico Capibaribe sob o olhar da casa e da Rua de Roberto DaMatta. TAVARES; TELLES; VOTRE. Estádio do Maracanã: um estudo comparativo entre as representações sociais dos torcedores sobre o antigo e o novo lugar do futebol. TRICHES. Um dia na “casa” colorada e gremista: identidade e representação em um estádio de futebol gaúcho. FLECHA; PONTELLO. Comportamento do torcedor do futebol. FERREIRA; SILVA. A Pampulha e o “Novo” Mineirão: possibilidades para o fomento da prática do turismo futebolístico.

estádios/ arenas,²⁵ o comportamento das torcidas nos bares,²⁶ sua relação com o consumo do álcool²⁷ e análises sobre os modos como as torcidas se manifestam durante o jogo.²⁸

A violência também é um dos temas que desperta mais interesse nas pesquisas sobre os torcedores e, por isso, optamos por criar uma categoria específica. É interessante observar que os artigos analisados buscaram uma discussão para além de apontar o torcedor violento. Se, por um lado, a violência é um elemento presente entre as torcidas, estas não podem ser reduzidas e estereotipadas a isso.²⁹ Outra linha interessante de estudo foi buscar, em experiências exitosas e inovadoras de outros países, possibilidades de prevenção da violência no futebol.³⁰

Além dessas categorias de pesquisa sobre os torcedores, identificamos duas temáticas (Diversidade e Modernização) que vêm ganhando força principalmente a partir da última década. Problematizando a diversidade nas arquibancadas, os artigos analisados versaram sobre a presença das mulheres nas torcidas,³¹ bem como sobre a diversidade sexual de torcidas organizadas.³²

Na categoria “Modernização”, as investigações buscaram analisar como os torcedores interpretam esses dados³³ bem como discutir as razões de uma

²⁵ RODRIGUES *et al.* Aspectos emocionais e experienciais influenciadores da ida do torcedor aos estádios de futebol de Belo Horizonte-MG.

²⁶ ABRANTES; SILVA. O futebol nos bares de Belo Horizonte: o torcer em uma cidade boêmia.

²⁷ ROMERA; MARTINS; REIS. Torcedores jovens e padrão de consumo de bebidas alcoólicas: uma modalidade de lazer.

²⁸ SANTOS *et al.* Símbolos e rituais do futebol espetáculo: uma análise das emoções no campo de jogo. JAHNECKA; RIGO; SILVA. Olhando futebol: jeitos Xavantes de torcer.

²⁹ JARY. Futebol, sociabilidade e psicologia de massas: ritos, símbolos e violências nas ruas de Goiânia. LOPES. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. HOLLANDA; AZEVEDO; QUEIROZ. Das torcidas jovens às embaixadas de torcedores: uma análise das novas dinâmicas associativas de torcer no futebol brasileiro. REIS; LOPES. O torcedor por detrás do rótulo: caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados.

³⁰ TEIXEIRA; LOPES. Reflexões sobre o “Projeto Torcedor” alemão: produzindo subsídios para o debate acerca da prevenção da violência no futebol brasileiro a partir de uma perspectiva sociopedagógica.

³¹ SOUZA NETO; CAMPOS; SILVA. Das Senhoras e Senhorinhas nos “Grounds” do Sport Bretão: A História da Mulher nos Campos de Futebol em Belo Horizonte/MG (1904-1920). SILVA *et al.* As mulheres na torcida jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

³² SOUSA; CAMARGO. ‘Coligay’ e a diversidade sexual no campo esportivo.

³³ HOLLANDA; MEDEIROS. De “país do futebol” a “país dos megaeventos”: um balanço da modernização dos estádios brasileiros sob a ótica das torcidas organizadas da cidade de São Paulo.

resistência a esse processo.³⁴ Pelos impactos nas manifestações culturais dos torcedores, esse processo recente de modernização do futebol brasileiro também inaugura novas possibilidades de estudos com os torcedores.

Confirmando o olhar plural da academia sobre os torcedores, observamos uma série de estudos que, com temáticas distintas, buscaram um debate ampliado sobre o torcedor. Assim, destacamos as pesquisas sobre o torcedor e seu comportamento como consumidor,³⁵ seu conhecimento acerca da legislação do futebol,³⁶ o impacto do programa sócio-torcedor na reconfiguração do estádio³⁷ e a cobertura da mídia sobre as torcidas.³⁸

Em síntese, nossas análises apontam que, apesar de os estudos enfatizarem principalmente as categorias “Identidade”, “Comportamento” e “Violência”, a partir de 2010 ganha força um movimento de investigar os torcedores a partir de novas perspectivas, indicando que atualmente esse é um campo plural e emergente nos estudos envolvendo o fenômeno do futebol.

Acerca das estratégias metodológicas utilizadas pelos 54 artigos, organizamos em oito categorias, que estão descritas na Tabela 5. A realização de pesquisas Etnográficas (12) e com entrevistas (12) foram as mais observadas em nossas análises, seguidas das pesquisas documentais (11) e com aplicação de questionários (9). É importante destacar que algumas pesquisas utilizaram duas ou mais estratégias metodológicas e todas foram computadas. Não entraram nessa análise 7 artigos no formato ensaio e 2 no formato resenha.

Constatamos uma inclinação por pesquisas do tipo qualitativa ao observar os métodos mais utilizados (Etnografias, entrevistas e pesquisa documental). Concordamos com esse direcionamento na medida em que são as estratégias qualitativas que vão possibilitar o aprofundamento do grupo social estudado. Além

³⁴ LOPES; HOLLANDA. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo.

³⁵ BUTIER; LEVRINI. Fatores que influenciam a compra de produtos têxteis oficiais por torcedores de futebol de baixa renda. PEREIRA *et al.* Torcedor-consumidor: fatores que afetam a adoção do Programa Sócio-Torcedor.

³⁶ MEZZADRI *et al.* As interferências do Estado brasileiro no futebol e o estatuto de defesa do torcedor.

³⁷ CARVALHO JUNIOR; TEIXEIRA; XAVIER. Programa Sócio Torcedor e a segregação social dos espaços nos estádios de futebol.

³⁸ MORAES; BASTOS; ROCCO JUNIOR. Torcida única nos clássicos paulistas de Futebol: cobertura da mídia e efeitos no público e nas receitas de bilheteria.

disso, considerando as singularidades das regiões, estádios e torcidas diferentes, os pesquisadores buscam, com os métodos qualitativos, a interpretação dos casos particulares em oposição às leis generalizantes das ciências naturais.³⁹

Métodos	Nº de artigos
<i>Etnografia/observação participante</i>	12
<i>Entrevistas</i>	12
<i>Documental</i>	11
<i>Questionário</i>	9
<i>Pesquisas Estatísticas</i>	4
<i>Mídia</i>	3
<i>História de vida</i>	1
<i>Análise prototípica</i>	1
Total: 8 estratégias metodológicas	

Tabela 5 – Estratégias metodológicas das pesquisas com torcedores.
Fonte: elaborada pelos autores (2022).

Na primeira categoria, estão as pesquisas que buscaram uma “imersão” na cultura dos torcedores. Essa estratégia permite que o pesquisador compreenda o conjunto de símbolos, significados e demais aspectos culturais do grupo investigado. Assim, pesquisas nesse formato requerem um período maior em campo e uma participação ativa do pesquisador.⁴⁰

Guardadas as diferenças entre si, as técnicas de entrevista e questionários são importantes estratégias na medida em que buscam valorizar e dar voz aos torcedores. Todavia, é importante ressaltar que essas técnicas não procuram “encontrar a verdade” sobre determinado assunto, visto que as informações obtidas estão relacionadas à imagem que os torcedores querem passar. Ou seja, aquilo que é revelado e ou silenciado.⁴¹ Partindo desse ponto, foi positivo observar que os artigos que investigaram temas com forte apelo social, como a violência, utilizaram outros métodos além da realização de entrevistas, como a pesquisa de Reis e Lopes,⁴² os quais, ao investigarem as torcidas organizadas de três clubes paulistas, utilizaram dados estatísticos, entrevistas e análises documentais.

³⁹ GOLDENBERG. *A arte de pesquisar*, 1997.

⁴⁰ EMERSON; FRETZ; SHAW. Notas de campo na pesquisa etnográfica.

⁴¹ GOLDENBERG. *A arte de pesquisar*, 1997.

⁴² REIS; LOPES. O torcedor por detrás do rótulo: caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados.

Apesar do número reduzido encontrado aqui, é interessante observar a presença de algumas pesquisas de cunho quantitativo. Esses dados, associados a outras análises bibliográficas já realizadas, como a pesquisa de Medeiros e Hollanda,⁴³ nos ajudam a refletir sobre a utilização dos métodos quantitativos e sobre a ciência de dados no esporte. De acordo com os autores, apesar da percepção de que as análises estatísticas são subutilizadas no campo dos estudos esportivos, existe uma produção acadêmica relevante e emergente com abordagens quantitativas.

Se, por um lado, os métodos qualitativos são interessantes para a interpretação da cultura dos torcedores, a estatística é um caminho mais indicado quando se busca analisar a relação entre variáveis e/ou um espectro maior de participantes.⁴⁴ Assim, consideramos aqui os artigos como os trabalhos de Giovannetti,⁴⁵ Galvão e Galvão,⁴⁶ que buscaram, sob óticas distintas, estabelecer relações estatísticas entre a quantidade do público presente no estádio e o desempenho da equipe.

O estudo biográfico foi um método que também nos chamou atenção. Se tradicionalmente os trabalhos sobre história de vida são mais comuns entre atletas e treinadores, encontramos aqui a pesquisa de Müller e Neitzke,⁴⁷ que realizam um estudo biográfico sobre um torcedor considerado símbolo do Grêmio Atlético Farroupilha. Em um cenário no qual se buscam cada vez o reconhecimento e a valorização dos torcedores de futebol, acreditamos que este pode ser um caminho profícuo para pesquisas futuras.

Nossa última categoria de análise foram os perfis dos torcedores participantes dessas pesquisas. Como apresentado na Tabela 6, para nossa surpresa, 6 tipos de torcedores foram investigados. Além do “Torcedor comum” (23) e das “Torcidas organizadas” (17), identificamos estudos sobre o público geral presente nos estádios (3), um torcedor símbolo do clube (1), o coletivo de torcedores (1) e a presença da torcida na iniciação esportiva.

⁴³ MEDEIROS; DE HOLLANDA. Métodos quantitativos e ciência de dados nos estudos do esporte: prolegômenos a uma relação emergente.

⁴⁴ THOMAS; NELSON; SILVERMAN. Métodos de pesquisa em atividade física.

⁴⁵ GIOVANNETTI *et al.* Medindo a fidelidade das torcidas brasileiras: uma análise econômica no futebol.

⁴⁶ GALVÃO; GALVÃO. Jogo bom e arquibancada cheia: uma análise da relação entre desempenho em campo e atração de público em jogos de futebol.

⁴⁷ MÜLLER; NEITZKE. A vida de um torcedor símbolo.

Métodos	Nº de artigos
<i>Torcedor comum</i>	23
<i>Torcida organizada</i>	17
<i>Público presente</i>	3
<i>Torcedor símbolo</i>	1
<i>Coletivos de torcedores</i>	1
<i>Torcedor na base</i>	1
Total: 6 perfis	

Tabela 6 – Perfil dos torcedores investigados pelas pesquisas.

Fonte: elaborada pelos autores (2022)

Consideramos que esses dados evidenciam um campo ainda pouco explorados nos estudos sobre os torcedores com perfis diferentes das torcidas organizadas e torcedores para além dos principais clubes de futebol.

O desenvolvimento desta pesquisa de revisão na literatura tomou como norteadoras as reflexões de Toledo,⁴⁸ pois concordamos que:

Balances servem de guias bibliográficos e cumprem evidenciar formas de abordagem que levam a prospectar lacunas empíricas e teóricas, identificar inserções institucionais, elencar relevâncias e hierarquias de centros de pesquisa, avaliar contribuições e limites teórico-metodológicos e acomodar ou desacomodar os pesquisadores autores no interior dessas redes parciais.

Seguindo as considerações do autor sobre os “excessos classificatórios” que um balanço bibliográfico pode produzir, é importante justificar que as categorias temáticas construídas aqui neste artigo não têm por objetivo limitar a contribuição dos trabalhos analisados e/ou organizá-los em caixas fechadas. Essa foi uma estratégia pensada para dar visibilidade à identificação da diversidade de caminhos sobre os estudos com torcedores no futebol brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi mapear a produção acadêmica brasileira sobre os torcedores e suas manifestações do torcer e, para isso, analisamos 54 artigos entre

⁴⁸ TOLEDO. Balances bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebóis na antropologia brasileira, p. 2.

os anos de 2003 e 2020. Observamos um movimento crescente de pesquisas sobre o tema, principalmente a partir de 2010. Acreditamos que as diversas mudanças no futebol brasileiro têm influência nesses números.

Os métodos qualitativos foram utilizados pela maioria dos artigos, revelando um movimento de imersão nas arquibancadas com a finalidade de dar voz aos torcedores e interpretar as singularidades das diferentes manifestações do torcer no futebol.

Como tema de estudos, a categoria “torcedor” é multidisciplinar e plural, o que indica a importância desses atores no futebol atual bem como a riqueza de contribuições da literatura acadêmica. Todavia, os estudos ainda estão centralizados nas Regiões Sul e Sudeste e são realizados em sua maioria com torcedores dos clubes da elite do futebol. Se, por um lado, a literatura acadêmica traz relevantes contribuições para entendermos o fenômeno do torcer no futebol; por outro, ainda percebemos a necessidade de pesquisas que atentem a essas lacunas.

Como limitação, indicamos a importância de estudos dessa natureza que levem em consideração outros indexadores e arco temporal, visto que obras importantes podem não ter sido encontradas/analizadas aqui. Todavia, acreditamos que esse mapeamento da produção acadêmica brasileira sobre os estudos com torcedores pode contribuir como auxílio para os pesquisadores identificarem os caminhos até aqui percorridos, as lacunas ainda existentes na área e as possibilidades de pesquisas futuras.

* * *

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula; DA SILVA, Silvio Ricardo. O futebol nos bares de Belo Horizonte: o torcer em uma cidade boêmia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1237-1248, 2016.

ALABARCES, Pablo. Vinte anos de ciências sociais e esportes, dez anos depois. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport**, v. 1, n. 1, p. 17-30, 2011.

BRASIL. **Lei n. 10.671, de 15 de maio de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Brasília, DF: Congresso Nacional, [2003].

BUTIER, Lucas Rial; LEVRINI, Gabriel. Fatores que influenciam a compra de produtos têxteis oficiais por torcedores de futebol de baixa renda. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 143-172, 2013.

CAMPOS. P. A. F. As mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão: suas características e relações com o clube e com o estádio. In: SILVA, Silvio Ricardo et al. (org.). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

CARVALHO JUNIOR, José Roberto Abreu; TEIXEIRA, Lusvanio Carlos; XAVIER, Wescley Silva. Programa Sócio Torcedor e a segregação social dos espaços nos estádios de futebol. **Entre-lugar**, v. 11, n. 22, p. 197-229, 2020.

DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, Mônica Cecília; TAKAHASHI, Renata Ferreira; BERTOLOZZI, Maria Rita. Revisão sistemática: noções gerais. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1260-1266, 2011.

EMERSON, Robert; FRETZ, Rachel I.; SHAW, Linda L. Notas de campo na pesquisa etnográfica. **Revista Tendências: Caderno de Ciências Sociais**, v. 7, n. 1, p. 355-388, 2013.

FENSTERSEIFER, Alex Christiano Barreto et al. Produção científica sobre futebol: uma investigação do estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil. **Pensar a prática**, v. 21, n. 2, p. 240-251, 2018.

FERREIRA, Bruno R. Torres; SOUZA LEÃO, André L. M. de. Uma Mudança em Andamento: a Troca de “Casa” da Torcida do Clube Náutico Capibaribe sob o Olhar da Casa e da Rua de Roberto DaMatta. **Podium Sport**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 61-77, 2016.

FERREIRA, Erick Alan Moreira; DA SILVA, Luciano Pereira. A Pampulha e o “Novo” Mineirão: possibilidades para o fomento da prática do turismo futebolístico. **Licere**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 29-70, 2016.

FERREIRA, Erick Alan Moreira; SOUZA, Adriano Lopes. Futebol e torcer. In: SILVA, Silvio Ricardo da et al. (org.). **O ensino do futebol: para além da bola rolando**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

FLECHA, Angela Cabral; PONTELLO, Mathaeus Levy. Comportamento do torcedor do futebol. **Podium Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 72-87, 2015.

FREITAS, Clara MSM. As classes sociais na sociedade do espetáculo: o olhar dos torcedores de futebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 5, n. 3, p. 329-334, 2005.

GALVÃO, Nadielli; GALVÃO, Nadianne. Jogo bom e arquibancada cheia: uma análise da relação entre desempenho em campo e atração de público em jogos de futebol. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 8, n. 28, p. 52-58, 2016.

GIGLIO, Sérgio Settoni; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 293-350, 2010.

GIOVANNETTI, Bruno *et al.* Medindo a fidelidade das torcidas brasileiras: uma análise econômica no futebol. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 60, p. 389-406, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitana de Oliveira. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 395-411, 2014.

HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de; AZEVEDO, Anna Luiza; QUEIROZ, Ana Luisa. Das torcidas jovens às embaixadas de torcedores: uma análise das novas dinâmicas associativas de torcer no futebol brasileiro. **Record**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1-37, 2014.

HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. De “pais do futebol” a “pais dos megaeventos”: um balanço da modernização dos estádios brasileiros sob a ótica das torcidas organizadas da cidade de São Paulo. **Record**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-27, 2019.

JAHNECKA, Luciano; RIGO, Luiz Carlos; SILVA, Méri Rosane Santos da. Olhando futebol: jeitos Xavantes de torcer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 1, p. 195-210, 2013.

JARY, Marcus. Futebol, sociabilidade e psicologia de massas: ritos, símbolos e violências nas ruas de Goiânia. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 1, p. 99-115, 2007.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 597-612, 2013.

LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**, v. 24, n. 2, p. 206-232, 2018.

MEDEIROS, Jimmy; DE HOLLANDA, Bernardo Buarque. Métodos quantitativos e ciência de dados nos estudos do esporte: prolegômenos a uma relação emergente. **Record**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 1-25, 2020.

MEZZADRI, Fernando Marinho *et al.* As interferências do Estado brasileiro no futebol e o estatuto de defesa do torcedor. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 407-416, 2011.

MORAES, Ivan Furegato; DA CUNHA BASTOS, Flávia; ROCCO JUNIOR, Ary José. Torcida única nos clássicos paulistas de Futebol: cobertura da mídia e efeitos no público e nas receitas de bilheteria. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 11, n. 42, p. 119-128, 2019.

MÜLLER, Dalila; NEITZKE, Juan Sampaio. A vida de um torcedor símbolo. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados/MS, v. 12, n. 2, 2018

NICÁCIO, Luiz Gustavo. O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a Educação Física Escolar. In: SILVA, Silvio Ricardo *et al.* (org.). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

PEREIRA, Leandro França et al. Torcedor-consumidor: fatores que afetam a adoção do Programa Sócio-Torcedor. **Revista de Administração FACES Journal**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 48-66, 2017.

REIS, Heloisa Helena Baldy; LOPES, Felipe Tavares Paes. O torcedor por detrás do rótulo: caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 693-705, 2016.

RODRIGUES, Ricardo Bastos *et al.* Aspectos emocionais e experienciais influenciadores da ida do torcedor aos estádios de futebol de Belo Horizonte/MG. **Revista Brasileira de Marketing**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 31-48, 2018.

ROMERA, Liana Abrao; MARTINS, Raul Aragão; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. Torcedores jovens e padrão de consumo de bebidas alcoólicas: uma modalidade de lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 181-200, 2017.

SAMPAIO, Rosana; MANCINI, Marisa Cotta. Systematic review studies: a guide for careful synthesis of the scientific evidence. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 77-82, 2007.

SANTOS, Ana Raquel Mendes et al. Símbolos e rituais do futebol espetáculo: uma análise das emoções no campo de jogo. **Motrivência**, v. 29, p. 162-180, 2017.

SILVA, Carolina Fernandes *et al.* As mulheres na torcida jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 8, n. 29, p. 197-204, 2016.

SILVA, Silvio Ricardo da; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. A experiência do torcer no (dito) “futebol moderno”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (ed.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

SILVA, Silvio Ricardo da; SOUZA NETO, Georgino Jorge. Da Assistência e Pertencimento Clubístico em Belo Horizonte: a construção de um novo hábito em uma nova cidade. **Fronteiras**, v. 12, n. 22, p. 61-88, 2010.

SILVA, Silvio Ricardo da *et al.* Torcedores Organizados em Belo Horizonte. In: SILVA, Silvio Ricardo da *et al.* (org.). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

SOBRINHO, Thays Moraes; MARRA, Adriana Ventola; SOUZA, Mariana M. P. de. Identidade e futebol: um estudo sobre membros de uma torcida organizada. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo/RS, v. 54, n. 1, p. 49-59, 2018.

SOUZA, Vinicius Gomes; CAMARGO, Wagner Xavier de. 'Coligay' e a diversidade sexual no campo esportivo. **Recordes**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2015.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. 2010. 130 f. Dissertação de Mestrado em Lazer, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA NETO, Georgino Jorge; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; DA SILVA, Silvio Ricardo. Das Senhoras e Senhorinhas nos “Grounds” do Sport Bretão: a história da mulher nos campos de futebol em Belo Horizonte/MG (1904-1920). **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 1-13, 2013.

TAVARES, Ana Beatriz Correia de Oliveira; TELLES, Silvio de Cassio Costa; VOTRE, Sebastião Josué. Estádio do Maracanã: um estudo comparativo entre as representações sociais dos torcedores sobre o antigo e o novo lugar do futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 353-366, 2018.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara; LOPES, Felipe T. Paes. Reflexões sobre o “Projeto Torcedor” alemão: produzindo subsídios para o debate acerca da prevenção da violência no futebol brasileiro a partir de uma perspectiva sociopedagógica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 61, n. 3, p. 130-161, 2018.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

TOLEDO, Luiz Henrique. Balanços bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebolis na Antropologia brasileira. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, v. 94, p. 1-32, 2020.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 133-165, 2001.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerão e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 40, p. 149-184, 2013.

TRICHES, Vinícius. Um dia na “casa” colorada e gremista: identidade e representação em um estádio de futebol gaúcho. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 12, n. 47, p. 52-66, 2020.

* * *

Recebido em: 15 de outubro de 2022
Aprovado em: 7 de fevereiro de 2022

El *Framing* como forma de desprestigio mediático de las Barras Bravas mexicanas

The *Framing* Theory Used as a Form of Media Discredit
of the Mexican *Barras Bravas*

O *Framing* como forma de descrédito da mídia
aos *Barras Bravas* mexicanos

Jorge Rosendo Negroe Alvarez

Universidad Iberoamericana, Ciudad de México, México
Candidato a Doctor en Antropología Social, UIA
jrgnegroe@gmail.com

RESUMEN: Atualmente todos los clubes de fútbol mexicanos cuentan con al menos una Barra Brava, conocidas por ser grupos organizados de jóvenes aficionados que demuestran su entrega por sus clubes. Ramírez Gallegos destaca que los medios mexicanos han problematizado la violencia de las barras bravas en el fútbol, considerándola como derivada de una irracionalidad de masas. Esto ha causado un *framing* en el manejo mediático de la violencia futbolística, a partir de la construcción de discursos basados en la selección de ciertos aspectos y el ocultamiento de otros, según comenta Chihu Amparán. En este texto serán desarrollados dos ejemplos de este *framing*: a) El "Clásico Tapatío" entre Atlas y Chivas en 2014 y b) Tiburones Rojos de Veracruz con los Tigres UANL en 2017. Por medio de un análisis comparativo entre los discursos de los medios de comunicación se mostrará la existencia de ese *framing* en contra de las *barras bravas* mexicanas.

PALABRAS CLAVE: Framing; Medios; Barras Bravas; Fútbol mexicano; Violencia.

ABSTRACT: Nowadays all Mexican football clubs have at least one barra brava, known for being organized groups of young fans who cheer on their clubs. Ramírez Gallegos points out that the Mexican media have problematized the violence of the *barras bravas* in football, treating it as a derivative of mass irrationality. This has caused a framing in the media management of football violence, based on the construction of discourses based on the selection of certain aspects and the concealment of others according to Chihu Amparán. In this text, two examples of this framing will be developed: a) The "Classic Tapatío" between Atlas and Chivas in 2014 and b) Tiburones Rojos de Veracruz with the UANL Tigres in 2017. By means of a comparative analysis between the media speeches of communication will show the media discredit against the Mexican *barras bravas*.

KEYWORDS: Framing; Media; *Barras Brava*; Mexican Football; Violence.

RESUMO: Atualmente todos os clubes do futebol mexicanos contam com pelo menos uma Torcida Organizada, conhecidas por serem grupos organizados de jovens torcedores que torcem por seus clubes. Ramírez Gallegos destaca que a mídia mexicana problematizou a violência das torcidas de futebol, tratando-a como um derivado da irracionalidade de massa. Isso tem causado um enquadramento na gestão midiática da violência no futebol, com a construção de discursos a partir da seleção de alguns aspectos e do encobrimento de outros de acordo com Chihu Amparán. Neste texto, serão desenvolvidos dois exemplos desse enquadramento: a) O "Tapatío Clássico" entre Atlas e Chivas em 2014 e b) Tiburones Rojos de Veracruz com os Tigres UANL em 2017. Por meio de uma análise comparativa entre os discursos da mídia pretende-se mostrar o descrédito contra as torcidas mexicanas.

PALAVRAS-CHAVE: Framing; Mídia; Torcidas Organizadas; Futebol mexicano; Violência.

INTRODUCCIÓN

En los estadios de fútbol profesional en México, han podido verse desde la década de los 60's del siglo pasado, las llamadas "Porras Familiares", que son grupos tradicionales de aficionados quienes demostraban su amistad, su convivencia y el compadrazgo alrededor del equipo que apoyaban, moviendo banderas y entonando gritos coordinados en cada partido.

Pero en la década de los 90's, la directiva del Club Pachuca se interesó en las *barras bravas* de Sudamérica, por lo que decidió emular ese fenómeno en México, creando el 26 de enero 1996 a su propia barra, la *Ultra Tuza*. A partir de ello, este movimiento se propagó entre varios jóvenes mexicanos, quienes en conjunto con las directivas de los clubes crearon sus respectivas versiones. En estos colectivos ellos se representan como rebeldes y "desmadrosos", oponiéndose a las tradicionalmente tranquilas "Porras familiares" y sintiéndose superiores por su forma supuestamente más entregada de alentar al club durante los partidos.¹

"El Tobón", dirigente de Los Azkoz, una de las *barras bravas* que apoyan a los Tiburones Rojos de Veracruz, comenta que las barras son colectividades de aficionados que funcionan como

Un grupo de animación que se encarga de alentar y de motivar al equipo, que sigue al equipo de sus amores; aquí en México vendría siendo lo que en anteriores tiempos era una porra, pero se fue transformando por influencia sudamericana en el grupo que sigue al equipo a todos lados y lo apoya en las buenas y en las malas.²

Para el caso de México, las *barras bravas* serán definidas como un grupo de aficionados organizados compuesto generalmente por hombres jóvenes de entre 15 y 25 años de edad³ pertenecientes a la clase media, media baja y baja (aunque de acuerdo al trabajo de campo realizado por el autor de este texto, se encontró que

¹ MAGAZINE; MARTINEZ y VARELA. Afición Futbolística y rivalidades en el México contemporáneo: una mirada nacional, p. 36-7.

² NEGROE. *El Viaje de Los Azkoz*, p. 76.

³ MAGAZINE; MARTINEZ y VARELA. Afición Futbolística y rivalidades en el México contemporáneo, p. 36.

también asisten mujeres o personas de diferente edad y clase social, aunque sin pertenecer al grupo dominante).

Así, los barristas buscan demostrar su aliento al equipo que siguen por medio de expresiones tanto físicas como simbólicas, utilizando canales visuales y sonoros para ser poseedores y demostradores de una lógica llamada *aguante*, entendido como un tipo de motivación violenta y festiva basada en poner el cuerpo, que además es proveedora de prestigio y cruzada en el caso mexicano por el *desmadre*.⁴

Actualmente todos los equipos de primera y segunda división en el fútbol mexicano cuentan con al menos uno de estos grupos de animación, quienes son señalados como “productores de desorden” por los medios de comunicación en comparación con los miembros de las porras familiares o de los aficionados no barristas.

El teórico argentino Enrique Dussel expresa que parte del mito de la modernidad incluye un “proceso civilizador” en el que la oposición del incivilizado debe ser sometida tanto física como ideológicamente, utilizando la violencia si fuera necesario, pues “para el moderno, el bárbaro tiene una culpa (el oponerse al proceso civilizador) que permite a la Modernidad presentarse no sólo como inocente sino como “emancipadora” de esa “culpa” de sus propias víctimas”.⁵

Pero además de ser una mirada “moderna” es una mirada eurocéntrica, al respecto Santiago Álvarez menciona a Riches quien entiende que “en la cultura anglosajona la violencia es asociada con inaceptabilidad, irracionalidad y bestialidad”,⁶ esta misma visión es la que reproducen los medios de comunicación en México sobre las barras, problematizando el tema de la violencia, según Ramírez Gallegos, al manejarla como derivada de una irracionalidad de masas.⁷

Es un tipo de violencia simbólica, entendida desde Bourdieu como una dominación que opera de acuerdo al “reconocimiento-desconocimiento de las estructuras de poder por parte de los dominados, quienes cooperan en su propia

⁴ NEGROE. *El Viaje de Los Azkoz*, p. 70.

⁵ DUSSEL. *Europa, Modernidad y Eurocentrismo*, p. 49.

⁶ ÁLVAREZ. *¿A qué llamamos violencia en las ciencias sociales?*, p. 66.

⁷ RAMÍREZ GALLEGOS. *Breves apuntes teóricos para acercarse al problema del fútbol, masculinidad y violencia*, 2010.

opresión al percibir y juzgar el orden social a través de categorías que lo hacen parecer como natural y evidente”.⁸

Para fines prácticos se tomarán dos ideas encontradas respecto a la violencia, por un lado el concepto de Bourdieu sobre violencia simbólica y por el otro a la forma de instrumentación que hacen los barristas, el cual expone el teórico argentino José Garriga Zucal, al mencionar que la violencia también construye y destruye comunidad a medida en que es o no considerada legítima por la autoridad,⁹ lo cual por un lado, significará para los medios de comunicación la referencia a las acciones y comportamientos que se contraponen al “orden social establecido”, mientras que por el otro, retomando la idea de Garriga, como una forma de motivación utilizada para ganar prestigio tanto hacia fuera como dentro del grupo de acuerdo a la demostración de afición, estos conceptos se desarrollarán más adelante.

En este punto podríamos afirmar que existe un enfoque (*framing*) noticioso específico en el manejo mediático de la violencia en el fútbol mexicano, el cual está basado en la construcción de discursos a partir de la selección de ciertos aspectos y el ocultamiento de otros.¹⁰ Tal como Garriga Zucal menciona que sucede en Argentina, donde “el resultado de esta operación es atribuir a las llamadas hinchadas todos los males del mundo del fútbol, invisibilizando otras formas de violencia”.¹¹

Estos marcos o *framings* definen situaciones, hechos o problemáticas dándoles una carga simbólica específica y parcializada, según Sábada esto trae como consecuencia la construcción de que lo importante no es la manera en que se presenta la realidad si no su interpretación, proceso en el que el entendimiento es mediado por enfoques, aunados a factores como los conocimientos previos que los individuos tienen del mundo, la incidencia de las reglas sociales, así como los conceptos y formas de comunicación, creando lo que se entendería como “realidad”.¹² La cual viene siendo la subjetivación de los impulsos y conocimientos externos.

⁸ BOURGOIS. *El poder de la violencia en la guerra y en la paz*, p. 75.

⁹ GARRIGA y NOEL. *Notas para una definición antropológica de la violencia: un debate en curso*, p. 108-9.

¹⁰ CHIHU AMPARÁN. *El Framing de la Prensa*, p. 46-7.

¹¹ GARRIGA. *Violencia en el Fútbol y Políticas Públicas en la Argentina*, p. 92.

¹² SÁDABA. *Origen, aplicación y límites de la teoría del encuadre (framing) en comunicación*, 2001.

Así que tomando como base algunas noticias publicadas en los formatos electrónicos de diferentes medios de información se desarrollarán un par de ejemplos de este *framing*:

– El “Clásico Tapatío” entre Atlas y Chivas del 2014, donde un acto de violencia se suscitó al final del juego, entre las barras del Guadalajara y un grupo de policías, haciendo que los medios encuadraran los hechos para desprestigiar las barras.

– La Pelea entre las barras de los Tiburones Rojos de Veracruz con los Tigres de UANL ocurrida en el Estadio Luis Pirata Fuente de Veracruz en febrero del 2017, donde los medios de comunicación juzgaron a las barras de actuar violentamente sin razón alguna.

Utilizando un análisis comparativo muy general entre los discursos de estos medios de comunicación se mostrará la existencia de ese *framing* en contra de las *barras bravas* mexicanas. No se trata de negar la violencia, se trata de intentar entender la agenda mediática en relación a las *barras bravas* mexicanas, misma que al parecer en la mayoría de los casos prefiere emitir juicios y opiniones en vez de investigar el actuar del “otro” y darle voz al mismo, ignorando intencionalmente o no al *aguante* y otras expresiones que hacen sentido en las aficiones al fútbol.

EL FRAMING EN LA PRENSA

Hoy en día el internet nos permite tener acceso inmediato a un sinnúmero de información, pero esta sobresaturación de datos provoca la construcción de imágenes genéricas en ciertos patrones de creencias, valores y comportamientos, casi siempre de corte eurocéntrico, con los que se trata de someter a la población. Una forma de entender cómo se desarrolla esto es por medio de la segmentación de la realidad, la cual se logra tomando una parte de esta e introduciéndola en un “marco” o *framing*.

El concepto de *framing* se da en la unión de tres corrientes ideológicas, La Escuela de Chicago, la fenomenología y la etnometodología según comenta Sádaba.¹³

¹³ SÁDABA. Origen, aplicación y límites de la teoría del encuadre (*framing*) en comunicación, 2001.

La Escuela de Chicago proveyó el concepto de *Interaccionismo Simbólico* el cual dice que el hombre actúa conforme a lo que las cosas significan para él y que este significado surge como consecuencia de una interacción:¹⁴

Alfred Schütz desde la fenomenología constituye a la “realidad suprema” como objeto de estudio entendida como la vida cotidiana, haciendo parte de lo “natural” desde su punto de vista, sin embargo también es consciente que existen otras realidades que le pertenecen a otros individuos.¹⁵

La Etnometodología de Garfinkel señala como las cosas que se dan por supuestas podrían ser de otro modo, no tal cual parecen, pues están socialmente construidas, aunque este teórico se enfoca especialmente en las expresiones lingüísticas.¹⁶

Aunado a esto, “las aportaciones de Erving Goffman dan una mirada del *frame* como un marco que designa el contexto de la realidad y un esquema o estructura mental que incorpora los datos externos objetivos”,¹⁷ es como si viéramos la realidad a través de una cámara fotográfica, donde lo que importará será únicamente lo que sale a cuadro, construyendo significados a partir del enfoque que percibamos y, por supuesto, de quien esté dirigiendo nuestro lente.

Entre los estudiosos de los medios de comunicación como Aquiles Chihu Amparán “el *framing* se considera un enfoque específico de textos comunicativos mediante la selección de ciertos aspectos de la realidad y el ocultamiento de otros, que construye agencia en la percepción de los individuos”,¹⁸ este autor además comenta que

El enmarcado es el proceso mediante el cual el contenido del discurso es organizado. Emplea varias técnicas como la inclusión y la exclusión para crear el efecto deseado en la audiencia que es el de destacar algún hecho con la finalidad de que el discurso adquiera prominencia.¹⁹

¹⁴ ESCRIBANO. *Enquadres de la Violencia de Género en la Prensa Escrita y Digital*, p. 49.

¹⁵ SCHÜTZ. *On Multiple Realities*, 1945.

¹⁶ SÁDABA. *Origen, aplicación y límites de la teoría del encuadre (framing) en comunicación*, 2001.

¹⁷ SÁDABA. *Framing: el encuadre de las noticias*, p. 33.

¹⁸ CHIHU AMPARÁN. *El Framing de la Prensa*, p. 26.

¹⁹ CHIHU AMPARÁN. *El Framing de la Prensa*, p. 46-7.

Es por eso que “en los medios se entienden los encuadres como parte del proceso significativo de la noticia”²⁰ construyendo el enfoque que más se acerca a su conveniencia ya sea económica, social, política, ideológica o de otros tipos.

En los casos que a continuación se desarrollarán se busca mostrar el *framing* de muchos medios de comunicación en México, los cuales consideran a las *barras bravas* como un movimiento violento, innecesario e incluso criminal, por lo que no se les da voz ni enfoque alguno a sus integrantes, son estos quienes, siguiendo a Garriga Zucal,²¹ podrían probar que esa violencia es instrumentada para apoyar a su club por medio del *aguante*, pero al no tener cabida en los medios de comunicación, deben buscar una réplica mandando cartas a las editoriales de los medios o dando su retroalimentación de los hechos por medio de las redes sociales.

Así, se deja en manifiesto la violencia simbólica entendida por Bourdieu como una dominación que opera de acuerdo al “reconocimiento-desconocimiento de las estructuras de poder por parte de los dominados, quienes cooperan en su propia opresión al percibir y juzgar el orden social a través de categorías que lo hacen parecer como natural y evidente”.²²

Es así que “los medios de comunicación... estigmatizan a jóvenes barristas como violentos sin sentido, “barbaros” “salvajes” afectados por el alcohol y las drogas. Recordemos que una forma de violencia social es la exclusión (de la que sufren algunos hinchas de las barras)”,²³ con lo que se busca invisibilizar y acallar a estos grupos, realizando un uso “permitido” de la violencia hacia el mantenimiento del orden social, pues la exclusión de la voz de los barristas de las agendas mediáticas funciona como una acción violenta contra ellos.

En México, las *barras bravas* no han ocasionado directamente la muerte de ningún barrista o aficionado, a comparación con Sudamérica, donde por ejemplo,

²⁰ SÁDABA. Origen, aplicación y límites de la teoría del encuadre (*framing*) en comunicación, p. 157.

²¹ GARRIGA y NOEL. *Notas para una definición antropológica de la violencia*, p. 108-9.

²² BOURGOIS. *El poder de la violencia en la guerra y en la paz*, p. 75.

²³ RAMÍREZ GALLEGOS. Breves apuntes teóricos para acercarse al problema del fútbol, masculinidad y violencia, p. 313.

Garriga Zucal menciona al menos 270 muertos en Argentina.²⁴ Este tipo de comparativos son manejados por los medios mexicanos como una justificación a su actuar, para según ellos, evitar que se llegue a los extremos sudamericanos.

Para poder entender mejor el panorama se debe contestar la pregunta de ¿cómo llegaron a México estos grupos de aficionados organizados?

BARRAS BRAVAS EN MÉXICO

Las *barras bravas* se establecieron oficialmente en México el 26 de enero de 1996, con la presentación de la “Ultra Tuza”, barra del Pachuca. En México, estos grupos de aficionados organizados están compuesto generalmente por hombres jóvenes de entre 15 y 25 años de edad pertenecientes a la clase media, media baja y baja (aunque también asisten mujeres o personas de diferente edad y clase social, pero son una minoría). Este grupo es opuesto a otros aficionados más moderados, pues el mismo se representa como una colectividad de jóvenes rebeldes y “desmadrosos”, sintiéndose superiores a los demás aficionados por su forma supuestamente más entregada de alentar al club durante los partidos.²⁵

Para la mayoría de los integrantes de las barras el fútbol ocurre en dos frentes: en la cancha y en la grada.²⁶

En la cancha con el partido donde los jugadores demuestran sus habilidades para meter o evitar goles, dándole prestigio al equipo con cada victoria; y en la grada donde son los barristas los protagonistas de la acción, demostrando su *aguante* a “los otros” (jugadores, barristas y aficionados), por medio del despliegue de la mayor cantidad de elementos tanto en sentido visual (banderas, trapos, bengalas, confeti) como sonoro (cánticos y ruido de instrumentos musicales) opacando así al rival e “imponiéndose” a él.²⁷

²⁴ GARRIGA. *Violencia en el fútbol y políticas públicas en la Argentina*, p. 94.

²⁵ MAGAZINE; MARTÍNEZ Y VARELA. *Afición Futbolística y rivalidades en el México contemporáneo*, 2012.

²⁶ FERREIRO. *Ni la muerte nos va a separar, desde el cielo te voy a alentar*, 2003.

²⁷ NEGROE. *El Viaje de Los Azkoz*, p. 53.

Si se gana en ambos frentes la victoria será completa, si no, importa entonces ganar en la grada. Es así que las *barras bravas* no son colectividades que ejerzan la violencia sin sentido, por el contrario, la utilizan como una herramienta para legitimar su pasión al club ante “los otros” por medio del *aguante*, una especie de motivación violenta comprendida en los sentidos físico y simbólico, que se manifiesta en mantenerse cantando, apoyando al club, mover banderas, realizar saltos, movimientos coordinados, etc; lo cual les permite escalar socialmente dentro de su misma organización, gracias a dinámicas como el *desmadre*.

El *aguante* se convierte entonces en el capital simbólico que las barras luchan por dominar, el cual se disputa en la tribuna de cada partido; donde según el barrista mexicano conocido como Pech “el aguante es huevos y corazón, dedicación, estar chingándole para la meta”.²⁸ Es así que algunos barristas creen incluso que de ellos depende el resultado del encuentro en la cancha,²⁹ por lo que, son violentos consigo mismos al poner el cuerpo para sufrir, para mantenerse cantando y haciendo ruido todo el juego con el objetivo de motivar a su club y lograr los ansiados triunfos. Actualmente cada equipo de fútbol de la Primera y Segunda División del fútbol mexicano cuenta con al menos uno de estos grupos de animación.

EL AGUANTE COMO MOTIVACIÓN VIOLENTA

Los integrantes de Los Azkoz, una de las barras bravas seguidoras de los Tiburones Rojos de Veracruz le comentaban a Negroe que el *aguante* era “la forma en que te peleas, la forma en que cantas o el tiempo que aguantas cantando” o “es siempre estar con tu equipo aguantándotela, aguantando hambre, frío, insultos, humillaciones, horas de viaje, represiones, aguantando todo”; pero incluyendo además “la fortaleza, la unión, las loqueras que se hacen (*desmadre*) y el viaje”,³⁰ entonces la amistad, la lealtad, la resistencia del cuerpo, el *desmadre*, la imposición masculina, así como la

²⁸ NEGROE. *El Viaje de Los Azkoz*, p. 66.

²⁹ MAGAZINE. *Azul y Oro como mi corazón*, p. 81.

³⁰ NEGROE. *El Viaje de Los Azkoz*, p. 65

violencia canalizada en demostrar apoyo al club y durante los combates, toman lugar a la hora de entender este concepto.

Este tipo de violencia es a la que refiere Garriga Zucal, pues “el aguante es una forma especial de identificación que organiza sentidos de pertenencia, una contraseña que indica un nosotros, que estampa la membrecía a un grupo”.³¹ Esta violencia también construye y destruye comunidad a medida en que es o no considerados legítima por la autoridad,³² además ocurre tanto de manera individual como grupal y de forma interna (autoviolencia) como externa (violencia contra el otro). Entonces, como se dijo anteriormente, mientras esa violencia sería considerada por los medios como destructora, negativa y sin sentido, para los barristas es todo lo contrario.

Se definirá al *aguante* tomando algunas ideas de autores argentinos como Pablo Alabarces quien dice que en términos teóricos es “la puesta en acción de un cuerpo violento, racista, homofóbico y machista que construye legitimidad masculina en la violencia contra el otro”,³³ pero además compaginándolo con otras ideas que el mismo autor escribió junto con Garriga Zucal y Moreira, quienes se refieren a este concepto como “una categoría polisémica que conjuga diferentes significados y provoca distancias y distinciones entre los espectadores... funciona como un sistema de honra y prestigio vinculado indefectiblemente a los enfrentamientos físicos”.³⁴

Sin embargo, gracias al trabajo de campo realizado del 2015 al 2017 entre algunos barristas mexicanos, se encontró con que la definición de Negroe se ajustaba mejor a lo que sucede en México, siendo esta:

Un tipo de motivación violenta proveedora de prestigio, concretada en el hecho de poner en acción el cuerpo, demostrando fortaleza y masculinidad al mantenerlo llevando a cabo acciones visuales y sonoras de aliento al equipo, así como soportando sufrimientos; actuar que se apoya en el tiempo dedicado, en la inversión emocional, así como en un discurso homofóbico y machista que construye la legitimidad masculina en la violencia demostrada física o simbólicamente.³⁵

³¹ GARRIGA. *Violencia en el fútbol y políticas públicas en la Argentina*, p. 95

³² GARRIGA y NOEL. *Notas para una definición antropológica de la violencia*, p. 108-9.

³³ ALABARCES. *Entre la Banalidad y la Crítica*, p. 100.

³⁴ ALABARCES; GARRIGA ZUCAL, MOREIRA. *El aguante y las hinchadas argentinas*, p.118.

³⁵ NEGROE. *El Viaje de Los Azkoz*, p. 70.

Y en el caso de México, este *aguante* está cruzado por el desmadre, el cual se define como “una dinámica de violencia lúdica que sirve de cohesión social, compuesta por insultos y/o agresividades toleradas con el fin de humillar, pero también de reconocer la pertenencia al grupo, misma que puede servir para escalar socialmente dentro la colectividad”.³⁶ Es importante hacer esta distinción entre la noción sudamericana de *aguante* basada en el combate con la mexicana que es más amplia y se utilizará en este texto.

Así, al ser el *aguante* instrumentado durante los partidos mediante la utilización del cuerpo, las performatividades, los movimientos de banderas, la creación de *trapos*³⁷ así como portar cualquier referencia al club, les permite a los barristas crear entre su imaginario colectivo una agencia en el juego para ganarlo, para obtener prestigio como grupo, para que su equipo sume puntos y para que el club pueda así llegar a ser campeón.

EL USO “PERMITIDO” DE LA VIOLENCIA

La violencia no está necesariamente restringida al fútbol, Guillermo Alonso Meneses dice que esta “no nace en los estadios o campos de fútbol, en realidad ésta se gesta, nace y crece en ese seno más amplio que es la sociedad, mediada por códigos de conducta simbólicos según el estilo de cada entorno cultural”.³⁸

Además, “si entendemos a la violencia como un campo de disputas por la significación de las prácticas, en dicho escenario los actores se encuentran en situaciones de poder diferentes, pues no todos los significados tienen las mismas capacidades para volverse legítimos”,³⁹ esto es, que por lo regular será el Estado o el

³⁶ NEGROE. *El Viaje de Los Azkoz*, p. 70.

³⁷ Banderas personales hechizas que contienen la leyenda de barrios, ciudades o alguna referencia al grupo de aficionados que los hace, con esto buscan exaltar su territorialidad y remarcar tanto su presencia como su asistencia a los estadios donde las llevan.

³⁸ MENESES. *En busca de la poesía del fútbol*, p. 191.

³⁹ GARRIGA. *Violencia en el fútbol y políticas públicas en la Argentina*, p. 93.

grupo hegemónico, dependiendo el caso, el que monopolice y decida lo que está “permitido”, además de, quien o quienes serán los agentes de ese permiso.

Se da esta demarcación entre un “nosotros” permitido dentro del orden social y un “los otros” que amenaza ese orden con acciones espontáneas, no programadas o no tradicionales, donde una misma acción puede entenderse de maneras distintas al ser “definida como violencia por un actor cuando es testigo, pero no cuando es ejecutor. Los ejecutores de prácticas definidas por terceros como violentas rara vez definen a sus acciones de esta forma ya que para ellos es legítima”.⁴⁰ Siguiendo a Renzo Taddei “la legitimación de la violencia hace que ésta resulte invisible... cuando la violencia es visible recibe la acusación de ilegitimidad. Ésta es la razón que hace que la violencia constituya un rasgo que caracteriza al otro”.⁴¹

Desde este punto de vista se justifica a la violencia como una “defensa” del ser, de la sociedad, del grupo de pertenencia, del orden, etc. Punto reafirmado por Bourdieu en su definición de violencia simbólica, entendida como una dominación que opera de acuerdo al “reconocimiento-desconocimiento de las estructuras de poder por parte de los dominados, quienes cooperan en su propia opresión al percibir y juzgar el orden social a través de categorías que lo hacen parecer como natural y evidente”⁴² y que además

opera presentando e inculcando, como “naturales” y “universalmente legítimos”, lo que no son más que contenidos arbitrarios, declarados como legítimos por los sectores dominantes de la sociedad en cuestión. Argumentan que es en este equívoco donde reside, precisamente, el carácter violento de la transmisión, en el hecho de que se opera una mistificación que naturaliza la arbitrariedad cultural que los dominantes imponen a los dominados en una sociedad cualquiera. Lo que permite moralmente que la autoridad, la policía o las fuerzas armadas puedan hacer un uso “válido” de ella.⁴³

Desde esta perspectiva el uso permitido de la violencia cumple una función “civilizadora”, la cual intenta mantener el orden, deteniendo a cualquier

⁴⁰ GARRIGA. *Violencia en el fútbol y políticas públicas en la Argentina*, p. 93.

⁴¹ TADDEI. *La invención de la violencia*. p. 19.

⁴² BOURGOIS. *El poder de la violencia en la guerra y en la paz*, p. 75.

⁴³ GARRIGA y NOEL. *Notas para una definición antropológica de la violencia*, p. 106.

comportamiento “salvaje” que se contraponga al orden, muchas veces ocasionado por el uso de la violencia “no permitida”, al respecto Enrique Dussel expresa que parte del mito de la modernidad incluye justamente ese “proceso civilizador” en el que la oposición del incivilizado debe ser sometida tanto física como ideológicamente, utilizando la violencia si fuera necesario, pues “para el moderno, el bárbaro tiene una “culpa” (el oponerse al proceso civilizador) que permite a la “Modernidad” presentarse no sólo como inocente sino como “emancipadora” de esa “culpa” de sus propias víctimas”.⁴⁴

Pero además de ser una mirada “moderna” es una mirada eurocéntrica, al respecto Santiago Álvarez menciona a Riches quien entiende que “en la cultura anglosajona la violencia es asociada con inaceptabilidad, irracionalidad y bestialidad”.⁴⁵

Por ello, la policía, los militares y agentes de seguridad privada, cuentan con el poder de utilizar la violencia “en pro” de la defensa del orden, sometiendo y reprimiendo a cualquier intento por romper esa concepción de comportamiento socialmente aceptable, y/o para evitar que se haga “uso indebido” de los espacios por parte de los aficionados. Así, la presencia de estos elementos “del orden” provoca en los estadios mexicanos una dualidad que entremezcla sentimientos de seguridad con miedo e imposición, pues aunque se sabe que su trabajo es salvaguardar el bienestar, también a la vez son considerados controladores de la libertad.

Esta tensión, aunada a los tratos autoritarios, a los encapsulamientos de las *barras bravas* en zonas específicas de los estadios, a la restringida venta de comida o bebida, a la represión de algunos intentos barristas para expresar su afición y demás formas de coacción, (mismas que el autor de este texto pudo apreciar durante un trabajo de campo realizado para otra investigación, pero que ayudó a identificar estas conductas, el cual fue llevado a cabo en varios estadios de México entre el 2015 y el 2017) ha devenido en ocasiones en enfrentamientos entre “agentes del orden” y *barras bravas*.

⁴⁴ DUSSEL. *Europa, Modernidad y Eurocentrismo*, p. 49.

⁴⁵ ÁLVAREZ. *¿A qué llamamos violencia en las ciencias sociales?*, p. 66.

Pero además, al no ser legitimados por algún grupo hegemónico, estos grupos de aficionados organizados resaltan su posición periférica y por lo tanto son fácilmente señalados como ilegítimamente violentos, aunque esta violencia se manifieste de diversas formas dentro del *aguante*, expresándose en cánticos, música, utilización del cuerpo, performatividades, movimiento de banderas, *trapos*⁴⁶ y cualquier referencia al club, instrumentándolo como un capital simbólico que los motiva a seguir apoyando al club, como se ha explicado anteriormente.

METODOLOGÍA

¿Cómo entienden los medios mexicanos a las *barras bravas* de su país? Esa fue la pregunta que le surgió al autor de este texto cuando las noticias de México hablaban sobre el altercado violento en un estadio, al buscar más información en internet se encontró una tendencia hacia la culpabilización de las *barras bravas* como únicas responsables de lo ocurrido, por lo que se decidió investigar si existían algunas visiones que les dieran la voz a los barristas o contaran otras versiones menos parciales de los hechos.

Es así como nació la idea de este texto, el cual buscaba a partir de la metodología del *framing* entender las diferentes posiciones usadas por los medios de comunicación mexicanos en algunos hechos de violencia ocurridos en los estadios de ese país. Aunque este es un primer ejercicio de introducción al tema, por ahora se busca únicamente poner sobre la mesa el enfoque de los distintos encuadres, esperando en un futuro profundizar de mejor manera al utilizar otras metodologías como el análisis del discurso.

El procedimiento metodológico fue primero identificar dos hechos de violencia acontecidos en estadios mexicanos, luego abrir el buscador Google y a continuación

⁴⁶ Banderas personales hechizas que contienen la leyenda de barrios, ciudades o alguna referencia al grupo de aficionados que los hace, con esto buscan exaltar su territorialidad y remarcar tanto su presencia como su asistencia a los estadios donde las llevan.

explorar en la web noticias relacionadas con estos eventos, para ver desde que *framing* eran abordados, los casos que se tomaron fueron:

CASO 1. El “Clásico Tapatío” entre el Club Atlas y las Chivas Rayadas del Guadalajara, ocurrida el sábado 22 de marzo del 2014 en el Estadio Jalisco de la ciudad de Guadalajara, Jalisco, México.

CASO 2. El juego entre Tiburones Rojos de Veracruz y los Tigres de Universidad Autónoma de Nuevo León ocurrido el 18 de febrero del 2017 en el Estadios Luis Pirata Fuente de la ciudad de Boca del Río, Veracruz, México.

Debido a que no es tan común encontrar hechos de violencia dentro de los estadios de México, cuando estos suceden los medios de comunicación tienden a culpar a los barristas, esto se tomó en cuenta con el propósito de entender la tendencia del *framing* en las notas, por lo que se eligieron entre la población de notas a tres muestras representativas que tuvieran enfoques distintos, así como la frecuencia de cada respectivo *framing*, para el CASO 1: se encontró con mayor frecuencia los que culpaban a las *barras bravas*, denominado para fines prácticos *Frame A*, también se ubicó uno que les daba voz a los barristas y/o que fuera parcial a ellos, designado *Frame B* y uno neutral a ambas posiciones anteriores al que se le llamó *Frame C*.

Para el CASO 2 los protagonistas fueron únicamente los barristas de Tigres y Veracruz, sin que tuvieran injerencia los cuerpos de seguridad públicos o privados, por lo que se observó que el *Frame D* correspondía a la culpabilización de las barras del Veracruz, el *Frame E* responsabilizó a la barra de los Tigres, mientras el *Frame F* tomó un corte más neutral respecto a los hechos.

Además, se contabilizó el número de noticias halladas que cabían en cada una de estas categorizaciones. Por lo que a continuación se dará un rápido contexto de los casos, seguido de la exposición de los hechos acontecidos, luego se usará una muestra referente a cada uno de los *Frames*, de las cuales por razones de espacio sólo se tomarán los fragmentos más importantes que ayuden a explicar las noticias.

CASO 1. EL “CLÁSICO TAPATÍO” ENTRE ATLAS Y CHIVAS DEL 2014

1.1 LAS BARRAS BRAVAS DE CHIVAS

El Club Deportivo Guadalajara es conocido también como “Chivas Rayadas”, se trata de un equipo originario de Guadalajara, ciudad capital del estado de Jalisco, ubicado al occidente de México, el cual juega en el Estadio Akron de esta ciudad, se caracteriza por contratar sólo a jugadores mexicanos, por lo que su discurso identitario busca exaltar la nacionalidad entre sus seguidores.

Es considerado uno de los “Equipos Nacionales”⁴⁷ porque cuenta con aficionados en muchas partes tanto del territorio mexicano como de Estados Unidos, además de ser el segundo mayor campeón en la Liga MX con 12 copas. Las dos *barras bravas* más grandes de las Chivas son “La Legión 1908” (Ciudad de México) y “La Irreverente” (Guadalajara), ambas fundadas en el año 2000.

1.2 LOS HECHOS

El sábado 22 de marzo del 2014, en un juego, correspondiente a la jornada 12 del Torneo Clausura 2014 de la Liga MX, se enfrentaron en el llamado “Clásico Tapatío” (derby local) las Chivas Rayadas contra los Rojinegros del Atlas.

El escenario fue el estadio Jalisco, hogar del equipo Rojinegro, donde luego de 90 minutos terminaron en un empate de 1-1 con goles de Aldo de Nigris por parte de las Chivas y José Ortigoza, durante el segundo tiempo, para el Atlas.

Un acto de violencia se suscitó al final del juego, en la parte alta de la zona sur del estadio, donde estaban las barras del Guadalajara, ahí se desató una batalla campal entre un grupo de policías y las barras de las Chivas en la que 21 elementos policiacos terminaron golpeados, con un saldo final de 19 detenidos y 30 civiles heridos.

⁴⁷ MAGAZINE. *Azul y Oro como mi corazón*, p. 21.

1.3 DISTINTOS *FRAMES*

Ahora se mostrará el enfoque de tres distintas notas deportivas referentes al tema, de las cuales por razones de espacio sólo se tomarán los fragmentos más importantes que ayuden a explicar los hechos, cabe mencionar que para obtener estas noticias se realizó una búsqueda en Google con las palabras clave “clásico tapatío atlas vs chivas 2014”:

La primera nota muestra pertenece al *Frame A* atacando y culpando a las barras del Guadalajara de haber reaccionado violentamente sin razón aparente, en esta categoría se ubicaron 12 notas provenientes de medios como Milenio,⁴⁸ Expansión, La Jornada, Animal Político, Infobae, Informador Mx, Aristegui Noticias, Notus, Canal 6 Multimedios, La Gazzeta DF, La Opinión y Desde el balcón.

La segunda nota con un *Frame B*, muestra una contraposición a la anterior, pues responsabilizaba de la violencia y del origen de los hechos a los policías que provocaron y abusaron de las barras, en esta categoría se hallaron 2 notas publicadas respectivamente en Aristegui Noticias e Informador Mx.

La tercera nota con *Frame C* se enfoca en una actitud neutral respecto a los extremos que toman las categorías anteriores, responsabilizando a otros actores como las directivas o simplemente comentando los hechos sin manejar juicios de valor al respecto, en esta categoría se encontraron 3 noticias en medios como El Financiero, Expansión y ESPN.

1.3.1 PRIMER NOTA, *FRAME A* (FRAGMENTO)

Luto y violencia en el Jalisco. Al menos nueve elementos policiacos resultaron heridos al finalizar el Clásico Tapatío en el estadio Jalisco.⁴⁹

⁴⁸ Todos los links de las notas que componen el cuerpo de cada uno de los *Frames* mostrados se ponen en un apartado de anexos después de la bibliografía

⁴⁹ Fuente: <https://bit.ly/3SoxYgn>.

MILENIO.COM / JESÚS HERNÁNDEZ 23/03/2014 12:09 PM

Guadalajara. La imagen de la televisión en slow motion era cruel. Una turba de mil aficionados al fútbol, sin piedad, pisoteaban, golpeaban, destrozaban a unos 20 policías, quizá menos.

"El aguante", el "capo", el "hicimos correr a la policía", el "nadie sale vivo de aquí" importado de Argentina se cumplió por primera vez en México y tenía que ser en el Jalisco. La violencia llegó al grado más alto y nadie hizo nada. Un partido de alto grado de dificultad terminó con saldo rojo. La pelota se manchó de sangre. Hoy ganaron los violentos. Perdió el fútbol.

El operativo no existió. Una mala planeación del Atlas y la policía de Guadalajara, que no pudieron controlar a las barras visitantes, unos ocho mil y la mayoría de la capital del país derivó en una golpiza monumental contra 20 policías que intentaron controlar a unos aficionados que metieron bengalas al Jalisco y terminaron siendo emboscados en la zona C.

El 22 de marzo quedará para la historia como el día en que las barras tomaron el control, en que "alguien" mandó a 20 policías al matadero y trataron de detener a unos jóvenes, la mayoría borrachos y otro tanto bajo el efecto del thiner golpearon hasta que se dieron gusto, pisotearon a policías de Guadalajara, los desarmaron, y por nada matan a ocho efectivos municipales.

El fútbol está de luto. Una barra festeja a lo grande su batalla más gloriosa de su existencia. En varias colinas populares de la periferia de la ciudad había fiesta y los agresivos barristas siendo tomados como ejemplos.

1.3.2 SEGUNDA NOTA, *FRAME B* (FRAGMENTO)

Policía hostigó, insultó y golpeó a la afición rojiblanca: Barra de Chivas.

Aficionado denuncia abusos policíacos que "se presentaron antes, durante e incluso después del juego" Atlas contra Chivas, el sábado pasado.⁵⁰

Aristegui Noticias/ Redacción AN Marzo 25, 2014 11:39 am

Adrián Oropeza Martínez, integrante de La Banda de Chivas, envió a Aristegui Noticias una carta en la que asegura que los hechos violentos del sábado en el Estadio Jalisco fueron provocados por elementos de la policía, quienes se "enfocaron a hostigar, insultar y golpear a la afición rojiblanca, (y) simplemente llegó el momento en que no se toleró más tanto abuso y violencia... sin justificar a la afición involucrada, estos sólo respondieron a las agresiones.

En el mismo sentido, previamente, en un comunicado, la Banda de Chivas afirmó: "Culpamos totalmente al cuerpo policiaco por la violencia generada el pasado fin de semana en el estadio, la chispa que detonó todo lo

⁵⁰ Fuente: <https://bit.ly/3dzATnB>.

que se ve en las imágenes que presentan los medios, se debe como resultado de la falta de capacitación en casos como estos a las autoridades, por más que se infrinja una ley, para nada se debe tolerar el uso de la fuerza y en su caso violar los derechos y garantías individuales de cada persona”.

1.3.3 TERCERA NOTA, *FRAME C* (FRAGMENTO)

Juan Villoro apunta a directivos por violencia en estadios. En el fútbol, aclaró el escritor, no se genera la violencia, pero sí se catalizan los sentimientos sociales de manera extrema, y eso habla de una descomposición social grande y de una desatención hacia las "barras", a las que se les ha dejado crecer de manera autónoma.⁵¹

El Financiero/ Notimex 26.03.2014 Última actualización 26.03.2014

El escritor Juan Villoro señaló a los directivos de todos los equipos de fútbol del país como responsables de la violencia en los estadios, en complicidad con comerciantes, anunciantes y televisoras. Esto en relación a los hechos registrados el pasado fin de semana en el estadio Jalisco, en el encuentro entre Atlas y Chivas.

Sostuvo que los dueños de los equipos no respetan a los jugadores ni mucho menos a la afición. "Los directivos atentan contra los afectos y la identidad de la gente. ¿Cómo se pide respeto a la afición cuando los directivos hacen lo que quieren con el equipo?", dijo.

Acusó que por intereses televisivos se tienen torneos cortos, lo que impide la regularidad del fútbol y cada campeonato es lo mismo: malversación de fondos de los equipos y una serie de irregularidades.

En estas circunstancias, añadió Villoro, la afición piensa: "están haciendo lo que quieren conmigo y no me respetan", y de manera velada se manifiesta "porque la impunidad viene de arriba hacia abajo".

Los intereses juegan un papel determinante pues obligan la línea del medio de información, parcializando las noticias que se producen o reproducen.

1.4 EN RESUMEN

En el *Frame A* encontramos la mayor concentración de notas sobre la situación, el caso que se expone es el de Milenio, un periódico de línea derechista el cual acusa directamente a las barras de actuar violentamente sin motivo. Si alguien leyera

⁵¹ Fuente: <https://bit.ly/3QZSi6G>.

únicamente esta nota pensaría que las barras de las Chivas son culpables de golpear desmedidamente y sin razón a un grupo de policías que hacían su trabajo, reproduciendo la violencia simbólica antes mencionada.

La segunda noticia se ubica en el *Frame B*, categoría que tiene menos notas sobre el tema que las otras, estas pertenecen a Aristegui Noticias e Informador Mx, medios que también manejaron noticias en *Frame A*, mostrando una dualidad en lo referente al uso del *Framing*. El ejemplo expuesto proviene de un medio de línea izquierdista como lo es Aristegui Noticias, el cual da preferencia a la visión de las barras de las Chivas a partir de la publicación de una carta enviada por uno de sus miembros, quien delata que los policías fueron los que originaron la violencia al hostigar y actuar agresivamente de manera arbitraria, siendo los aficionados quienes respondieron en forma defensiva, autolegitimando de esa forma al actuar violento, así como poniendo en duda la impunidad y el supuesto abuso de la violencia por parte de las “fuerzas del orden”.

Finalmente la tercera publicación es del *Frame C*, hay que mencionar que esta categorización contiene una nota del medio Expansión, mismo que también publicó sobre este tema en el *Frame A*, mostrando que aunque existen distintas líneas editoriales en los medios de comunicación en ocasiones también estos pueden manejar encuadres diferentes e incluso contradictorios para llegar a distintos públicos y/o para excusarse de ciertas situaciones. En El Financiero, se aprecia como un escritor con conocimientos sobre el fútbol acusa a las directivas de los equipos como las causantes no sólo del hecho violento en el Jalisco, si no de más errores que aquejan al fútbol mexicano, dejando de lado las posturas de culpar a barras o a policías respectivamente y asumiendo la idea de que no se está enfocando el tema desde la raíz.

CASO 2. EL JUEGO ENTRE TIBURONES ROJOS DE VERACRUZ Y TIGRES DE UANL OCURRIDO EL 18 DE FEBRERO DEL 2017

2.1 LAS BARRAS BRAVAS DE VERACRUZ Y DE TIGRES DE UANL

El Club Tiburones Rojos de Veracruz fue un equipo que militó en la Primera División del fútbol mexicano hasta que fue desafiado en diciembre del 2019, se trató de un club regional que por lo regular se encontraba en los últimos lugares de la tabla de posiciones. A pesar de eso, existía una arraigada afición tanto entre los habitantes de la ciudad de Veracruz como entre los de algunas otras ciudades de ese estado. En el año 2002 se fundó la “Guardia Roja”, siendo una de las barras más importantes de este equipo, de la cual se desprendieron grupos como “La 47”, “Los Independientes” o “Imperio Rojiazul”, mismos que siguen existiendo actualmente a pesar de no tener club al que apoyar.⁵²

Por su parte el Club Tigres de la Universidad Autónoma de Nuevo León juega en la Liga MX, es considerado el equipo más ganador de la década con 5 títulos obtenidos, además de haber quedado en segundo lugar en la edición 2020 del Mundial de Clubes. Mantiene una rivalidad con los Rayados de Monterrey, con quienes juegan su derby regional conocido como el Clásico Regio. Su afición ha trascendido Nuevo León para crecer en varias partes de México.

En 1998 fue fundada la “Libre y Lokos”, una de las *barras bravas* más consolidadas en el país, con una organización interna que le ha permitido mantenerse entre las mejores de la república mexicana, sin embargo esto ha desarrollado en ellos una actitud bravucona para con las otras barras, misma que han demostrado provocando peleas con aficiones distintas a la suya.

⁵² Este fenómeno de los grupos de aficionados organizados que siguen existiendo y juntándose sin aparente razón de ser, pues el club al que apoyaban ya no existe, es un tema que actualmente está trabajando académicamente el autor de este texto.

2.2 LOS HECHOS

El viernes 17 de febrero del 2017, en un juego correspondiente a la jornada 7 del Torneo Clausura 2017 de la Liga MX, se enfrentaron los Tiburones Rojos de Veracruz contra los Tigres de la Universidad Autónoma de Nuevo León, en este partido el Veracruz se jugaba parte de la permanencia en Primera División, mientras los Tigres llegaban como los entonces Campeones de México.

El escenario fue el Estadio Luis Pirata Fuente, ubicado en Boca del Río, Veracruz, sede de los Tiburones Rojos, en el que los felinos ganaron 3-0 sin gran oposición con anotaciones de Gignac, Quiñones y Damm, en ese orden.

Una pelea estalló en las gradas sobre la parte final del juego luego del tercer gol de Tigres, mientras unos pocos integrantes de la “Libres y Lokos” acompañados de otros aficionados no barristas del mismo club aparentemente se burlaban de la gente por el resultado, lo que originó una pelea entre el público veracruzano y esta barra.

Al ver como los “Libres y Lokos” arremetían contra la afición local, las barras de los Tiburones atravesaron el estadio para enfrentarse a los seguidores tigres, dando como resultado una golpiza hacia éstos.

2.3 DISTINTOS *FRAMES*

Ahora se mostrará la parcialidad de tres distintas noticias deportivas referentes al tema, de las cuales por razones de espacio sólo se tomarán los fragmentos más importantes que ayuden a explicar los hechos, cabe mencionar que para obtener estas noticias se realizó una búsqueda en Google con las palabras clave “Veracruz vs Tigres 2017”. Aquí los protagonistas fueron únicamente los barristas, sin tener injerencia la autoridad policial, por lo que este será el enfoque a analizar:

La primera nota pertenece al *Frame D* atacando y culpando de la violencia a las barras del Veracruz, diciendo que abusaron de su mayoría numérica y empezaron una pelea sin razón aparente, en esta categoría se ubicaron 7 notas en el buscador Google,

provenientes de medios como: Animal Político, Marca, TUDN, Publimetro, Fútbol Sapiens, Milenio y Paola Rojas.com.mx.

La segunda nota sería de *Frame E* responsabilizando de la violencia a las provocaciones realizadas por Tigres y la “Libres y Lokos”, la cual ya tenía antecedentes de peleas originadas por ellos, aquí se hallaron 3 publicaciones en medios como: YA FM, Juan fútbol y Somos Invictos.

La tercera nota, equivalente a un *Frame F* mostró un punto de vista más neutral respecto a los dos anteriores contabilizando la mayoría de las noticias al respecto con 10, las cuales salieron en medios como: Medio tiempo, Infobae, Estadio deportes, AS diario, ESTO, Sin Embargo, Be Soccer, Los Pleyers, Vavel, El Siglo y Conecta noticias.

2.3.1 PRIMER NOTA, *FRAME D* (FRAGMENTO)

Violencia en la Liga MX: fanáticos de Veracruz golpean a los de Tigres; van a ver, dice el Tuca. Aficionados del equipo de fútbol de Veracruz golpearon y lanzaron toda clase de objetos a fans de los Tigres de la Universidad Autónoma de Nuevo León.⁵³

Por Redacción Animal Político 18 de febrero, 2017

Aficionados de los “Tiburones Rojos” de Veracruz golpearon a fanáticos de Tigres de la Universidad Autónoma de Nuevo León, al término del partido en el que los felinos ganaron 3-0 a los locales.

Los aficionados de los Tiburones recorrieron algunos metros en las tribunas del estadio Luis Pirata Fuente para encontrarse con los regios y comenzar la gresca con golpes y lanzando algunos objetos, como vasos y botellas.

El mediocampista de los Tigres Jesús Dueñas sufrió una cortada en el brazo a causa de un botellazo, sin que la situación pasara a mayores una vez que se retiraron los futbolistas del cuadro norteño.

Al percatarse de la violencia en las gradas del estadio de Veracruz, jugadores de los Tigres pidieron a gritos a sus aficionados que se retiraran del lugar. El delantero André-Perre Gignac gritaba a los fans que abandonaran el inmueble a toda costa. “Cuando vayan allá, cuando vayan allá van a ver. Son unos cobardes”, dijo Ferreti, desde el campo a seguidores de Veracruz.

La Comisión Disciplinaria así como las autoridades de la Liga MX deberán analizar los videos, hechos y toda la causa para determinar algún tipo de sanción donde el veto está latente. El Luis “Pirata” Fuente podría

⁵³ Fuente: <https://bit.ly/3SqAgl>.

sufrir un aviso de veto por infringir el artículo 51 del Reglamento de Sanciones y una multa económica.

Con esta derrota en la fecha tres del torneo Veracruz se coloca entre los últimos lugares en la tabla de descenso.

2.3.2 SEGUNDA NOTA, *FRAME E* (FRAGMENTO)

¿Qué fue lo que realmente ocurrió en el Veracruz-Tigres? Aquí te decimos TODOO...⁵⁴

Febrero 18, 2017 19:03 PM | Fuente: Redacción Ya! FM / Internet

El día de ayer en la ciudad de Veracruz puerto, se enfrentaron los Tiburones Rojos de Veracruz contra Los Tigres de la Universidad Autónoma de Nuevo León, tras 90 minutos el club felino se impuso por 3 goles ante el Veracruz, a partir de ahí el estadio Luis Pirata Fuente fue testigo de un terrible acto de violencia en el fútbol mexicano, protagonizado por aficionados de los Tigres y Tiburones Rojos.

Las acciones ocurrieron un par de minutos antes de que el partido concluyera después de cuando la famosa barra 'Libres y Lokos' empezó a agredir a sector de los aficionados al Tiburón, dicho sector en donde se encontraban familias enteras, acto seguido la barra de los Tiburones Rojos, de nombre 'La 47' cruzaron las gradas del inmueble y se filtraron en la zona de la porra visitante, acorralando y agredieron a la barra visitante, con el argumento de que 'Libre y Lokos' habían comenzado la agresión.

Jugadores de Tigres desde el campo intentaron calmar a su afición, aunque sin respuesta, mientras que el "Tuca" Ferreti con las pulsaciones a mil revoluciones empujó a un policía y encaró con groserías a los aficionados en el "Pirata".

En su cuenta de Twitter, los seguidores jarochos dieron su versión de los hechos. BARRA 47: CON LA FAMILIA NADIE SE METE AWANTE LA BANDA DEL PIRATA. Por su parte, en el Twitter de 'Libres y Lokos' fueron publicadas unas fotos en las que se ve a un aficionado de los Tiburones agredir con un picahielo a un seguidor de Tigres. LIBRESYLOKOS.NET: La débil seguridad en el Estadio de @ClubTiburones que dejan entrar armados a sus aficionados. ¿Y aquí que aplica? @LIGABancomerMX.

Recordemos que 'Libres y Lokos' anteriormente ya han tenido fuertes enfrentamientos con otras barras, como sucedió en el caso de Torreón, Ciudad Universitaria, entre otras. El propietario de Tiburones Rojos, Fidel Kuri Grajales, acusó al gobierno de Veracruz de no garantizar la seguridad en los partidos como local de su equipo, pues consideró que faltaron elementos para contener la violencia que desató en las tribunas durante y al término del duelo que sostuvieron escualos y Tigres.

⁵⁴ Fuente: <https://bit.ly/3Ur4nEC..>

2.3.3 TERCERA NOTA, *FRAME F* (FRAGMENTO)

Comisión Disciplinaria abre investigación por violencia en Veracruz. El organismo publicó un breve comunicado en el sitio oficial de la Federación Mexicana de Fútbol.⁵⁵

EDITORIAL MEDIO TIEMPO Ciudad de México / 18.02.2017 15:07:11

Luego de la trifulca suscitada en el Estadio Luis Pirata Fuente en Veracruz, tras el partido que los Tiburones Rojos perdieron 3-0 contra Tigres, la Comisión Disciplinaria abrió una investigación.

En un comunicado, el organismo informó que se abrió un proceso de investigación por los hechos violentos y que al término de las averiguaciones informará el resultado y determinará lo conducente.

De acuerdo con el artículo 50 del Reglamento de sanciones, el club es responsable de la seguridad en el estadio y deberá contar con la fuerza pública y privada necesaria para "guardar el orden" en el inmueble y sus inmediaciones, situación que no ocurrió.

Las sanciones por estos hechos podrían alcanzar una multa de 3000 UMAs que serían unos 226,470 pesos y un veto al estadio. La Disciplinaria también podría sancionar al técnico de Tigres, Ricardo Ferretti, por los insultos contra la afición de los escualos, pues en el mencionado reglamento -en el artículo 32- se tipifican ese tipo de actitudes.

2.4 EN RESUMEN

En la primera categoría correspondiente al *Frame D* encontramos 7 notas sobre la situación, el caso que se expone es el de Animal Político, medio de comunicación de línea centro derecha, el cual acusa directamente a las barras de Veracruz de actuar violentamente por el simple hecho de estar perdiendo el partido. Si alguien leyera únicamente esta nota pensaría que las barras de los Tiburones son culpables de haber golpeado de manera abusiva a los aficionados de los Tigres.

La segunda noticia se ubica en el *Frame E*, categoría con la menor cantidad de notas sobre el tema, siendo 3 estas, se muestra la página de YA FM, una estación de radio de la ciudad de Veracruz, la cual muestra como provocadores a los integrantes de la *Libres y Lokos*, comentando que no es su primer hecho de violencia en otros estadios.

⁵⁵ Fuente: <https://bit.ly/3UtSm1q>.

La tercera publicación es del *Frame F*, hay que mencionar que esta categorización contiene la mayor cantidad de notas con 10 tantos, a diferencia del CASO 1 en este hecho no hubieron medios que publicaran repetidamente más de un *frame*, por el contrario, tomaron una única postura, aunque eso sí, criticando en todas la existencia de la violencia. Vemos entonces un medio especializado en deportes como lo es Mediotiempo, el cual muestra la versión oficial de la Federación Mexicana de Fútbol, donde se anuncia que se realizará una investigación al respecto, así como adelanta que se podrían sancionar a ambos clubes.

Las tres posturas de los *Frames D, E y F* entienden la violencia simbólica desde la perspectiva de mantener el orden establecido, por lo que, al no ser considerados los barristas como actores permitidos para ejercerla, ni por el estado mexicano ni por ningún grupo hegemónico, terminan siendo culpados por los medios de comunicación de los hechos ocurridos, independientemente de si sean parciales con los Tigres, con Veracruz, con ambos o con ninguno.

CONCLUSIONES

Como conclusiones rápidas se podría hablar que un mismo hecho visto desde diferentes *frames* provoca reacciones distintas entre el público, construyendo diversas subjetividades y opiniones, las cuales hacen sentido principalmente si las personas toman como referente de información un medio de comunicación específico sin corroborar algunos otros, y aún haciendo esta triangulación de datos, hay ocasiones en que las agendas de los medios crean tendencias, como las que se mostraron a lo largo de este texto, que no buscan explicación al respecto, si no que simplemente condenan a tal o cual institución, agente, personaje o grupo social.

El público consume el enfoque de la realidad como es mostrada en las líneas editoriales, pues los medios buscan “constituir la idea de que existe una opinión pública unánime y, así, legitimar una política y reforzar las relaciones de fuerza que la

sostienen o la hacen posible”⁵⁶, esto lo logran generándole al público ideas y juicios sobre hechos que no necesariamente ocurrieron como los medios lo muestran, o que quizá tienen un sentido o un trasfondo distinto, así es que los *Frames A, D y F* se basan en el discurso civilizatorio para desprestigiar, reprimir y castigar a los que no se acoplen a lo socialmente permitido, por otro lado el *Frame C* cambia la responsabilidad de la violencia girándola desde los aficionados hacia las directivas y las televisoras, mencionando que este binomio hegemónico es el que realmente maneja el fútbol mexicano a su conveniencia.

Los *Frames B y E* son los únicos que le dan oportunidad de réplica a las *barras bravas* al mostrar una carta de sus integrantes o las publicaciones en redes sociales que estas hacen. Es importante señalar que “la voz” de los actores aparece entonces casi como el único punto de contrapeso a los discursos de los periodistas, quedando en desventaja al ser pocos los medios que manejan este encuadre. Se puede encontrar entonces una agenda mediática en la que en casos de violencia no importa acercarse a escuchar a los aficionados, o a cualquier otro grupo “periférico”.

Pero este tratamiento crea una dicotomía, pues son los mismos medios de comunicación los que gracias a los juicios, encasillamientos y etiquetación de ciertos aspectos, así como el ocultamiento de otros construyen violencia y segmentación. Estos enfoques no sólo evidencian el tratamiento vertical hacia cualquier grupo social que no sea avalado por el estado o cualquier otro círculo hegemónico, si no que además generan entre la población una opinión general de rechazo, de miedo, de incertidumbre y de deshumanización hacia los barristas, pintándolos como violentos grupos de choque sin ningún razonamiento mental.

Sin embargo, debe tomarse en cuenta que la violencia no se limita a las peleas en la grada, pues esta misma es instrumentada por las *barras bravas*, al menos en el caso mexicano, en el *aguante* y la entrega al club. Pero además de esto, también existen peleas entre jugadores en la cancha, mismas que rara vez son comentadas en los medios de comunicación a menos que su mención tenga objetivos específicos o sea

⁵⁶ BOURDIEU. *La opinión pública no existe*, p. 303.

utilizada para afectar alguna persona o institución. En este rápido ejemplo vemos otra aplicación del *Framing*.

En México no hay muertos a causa de las peleas entre barras, más bien estos combates son esporádicos, pese a ello existe una gran magnificación y descalificación por parte de los medios de comunicación respecto a cualquier hecho de violencia que ocurra entre los aficionados, sin intentar entender que en ocasiones son expresiones de *aguante*.

Si la represión genera más violencia, entonces se considera importante la adopción de enfoques parecidos al *Framing B* porque ayudan a construir una comunicación horizontal más democrática, ya que esto puede dar paso a la creación y adopción de propuestas que apoyen a mitigar la violencia. citando a Garriga Zucal “trabajar sobre las violencias en el fútbol permitirá comprender una enmarañada matriz de actores y prácticas que quedan ocultas en las posiciones simplistas que iluminan, siempre a los mismos, como responsables”,⁵⁷ en este caso, a las *barras bravas*.

* * *

BIBLIOGRAFÍA

ALABARCES, Pablo. Entre la Banalidad y la Crítica: Perspectivas de las Ciencias Sociales sobre el Deporte en América Latina. En MARTÍNEZ LÓPEZ, Samuel (Coord.), **Fútbol-Espectáculo, Cultura y Sociedad, una revisión Crítica al Negocio Mundial**. México, DF: Universidad Iberoamericana, 2010, p. 69-104.

ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, Verónica. El aguante y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 14, n. 30, p. 113-136, 2008.

ÁLVAREZ, Santiago. ¿A qué llamamos violencia en las ciencias sociales? **Hallazgos**, n. 20, 2013, p. 61-71.

BOURDIEU, Pierre. La opinión pública no existe. **Debates en Sociología**, Lima, n. 17, p. 301-311, 1992.

⁵⁷ GARRIGA. *Violencia en el Fútbol y Políticas Públicas en la Argentina*, p. 93.

BOURGOIS, Philippe. El poder de la violencia en la guerra y en la paz. **Apuntes de Investigación**, n. 8, p. 73-98, 2002.

CHIHU AMPARÁN, Aquiles. **El Framing de la Prensa**, México, D. F.: Porrúa, 2011.

DUSSEL, Enrique. **Europa, Modernidad y Eurocentrismo**, México, D. F.: UAM-I, 2000.

ESCRIBANO, GONZÁLVEZ, María Isabel. **Encuadres de la Violencia de Género en la Prensa Escrita y Digital, Nacional y Regional** – La Verdad, La Opinión, El Mundo y el País desde la Teoría del Framing (2005-2010). Tesis (Doctorado En Género e Igualdad), Facultad de Derecho, Universidad de Murcia, Murcia, 2014.

FERREIRO, Juan Pablo. Ni la muerte nos va a separar, desde el cielo te voy a alentar, apuntes sobre identidad y fútbol en Jujuy. En ALBARCES, Pablo (Compilador) **Futbologías**. Fútbol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

GARRIGA ZUCAL, José; NOEL, Gabriel. Notas para una definición antropológica de la violencia: un debate en curso. **PUBLICAR En Antropología y Ciencias Sociales**, Buenos Aires, Año VIII, n. IX, 2010, p. 97-121.

GARRIGA ZUCAL, José. Violencia en el Fútbol y Políticas Públicas en la Argentina. **Lúdica Pedagógica**, Bogotá, n. 21, p. 91-101. 2015

HERNÁNDEZ, Jesús. Luto y violencia en el Jalisco. 23.03.2014. **MILENIO.COM**. Disponible en <https://bit.ly/3R5Ztdo>. Consultado el 29 sep. 2015.

MAGAZINE, Roger. **Azul y Oro como mi Corazón** – Masculinidad, juventud y poder en una porra de los Pumas de la UNAM. México: Editorial Universidad Iberoamericana, 2008.

MAGAZINE, Roger, MARTÍNEZ LÓPEZ, Samuel; VARELA HERNÁNDEZ, Sergio. (Coord.). **Afición Futbolística y rivalidades en el México contemporáneo: una mirada nacional**, México: Editorial Universidad Iberoamericana, 2012.

MEDIOTIEMPO. Atlas y Chivas dividieron puntos en el Clásico Tapatío. 23.03.2014. **Zócalo de Saltillo**. Disponible en <https://bit.ly/3BwSsfW>. Consultado el 29 sep. 2015.

MEDIOTIEMPO. Comisión Disciplinaria abre investigación por violencia en Veracruz. 18.02.2017. **Mediotiempo**. Disponible en <https://bit.ly/3duzjmZ>. Consultado 29 sep. 2019.

MENESES, Guillermo Alonso. **En busca de la poesía del fútbol: una aproximación a su genealogía, rasgos culturales y sentido**. Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte, 2014.

NEGROE ALVAREZ, Jorge Rosendo. **El Viaje de Los Azkoz, Identidad de una barra de apoyo al equipo de fútbol Tiburones Rojos de Veracruz**. Tesis (Maestría en Estudios de la Cultura y la Comunicación). Centro de Estudios de la Cultura y la Comunicación. Universidad Veracruzana, Xalapa, 2018.

NOTIMEX. Juan Villoro apunta a directivos por violencia en estadios. 26.03.2014. **El Financiero**. Disponible en <https://bit.ly/3BqfSDK>. Consultado el 29 sep. 2015.

RAMÍREZ GALLEGOS, Jacques. Breves apuntes teóricos para acercarse al problema del fútbol, masculinidad y violencia. En MARTÍNEZ LÓPEZ, Samuel (Coord.), **Fútbol-Espectáculo, Cultura y Sociedad, una revisión Crítica al Negocio Mundial**. México, DF: Universidad Iberoamericana, 2010, p. 297-314.

REDACCIÓN AN. Policía hostigó, insultó y golpeó a la afición rojiblanca: Barra de Chivas. 25.03.2014. **Aristegui Noticias**. Disponible en <https://bit.ly/3f7VNL0>. Consultado el 29 sep. 2015.

REDACCIÓN ANIMAL POLÍTICO. Violencia en la Liga MX: fanáticos de Veracruz golpean a los de Tigres; van a ver, dice el Tuca. 18.02.2017. **Animal Político**. Disponible en <https://bit.ly/3UqeVnE>. Consultado el 29 sep. 2015.

REDACCIÓN YA! FM. ¿Qué fue lo que realmente ocurrió en el Veracruz-Tigres? Aquí te decimos TODOO... 18.02.2017. **Ya! FM**. Disponible en <https://bit.ly/3xD92d6>. Consultado el 20 sep. 2019.

SÁDABA, Teresa. Origen, aplicación y límites de la teoría del encuadre (framing) en comunicación. **Comunicación y Sociedad**, v. 14, n. 2, p. 143-175, 2001.

SÁDABA, Teresa. **Framing: el encuadre de las noticias. El binomio terrorismo medios**. Buenos Aires: Crujía Ediciones, 2008.

SCHÜTZ, Alfred. On Multiple Realities. **Philosophy and Phenomenological Research**, v. 5, n. 4, p. 533-576, 1945.

TADDEI, Renzo. La invención de la violencia (de las hinchadas de Buenos Aires). **Antipoda. Rev. Antropol. Arqueol**, n. 24, Bogotá, p. 15-33, 2016.

* * *

ANEXOS: LINKS DE NOTICIAS

Caso 1

Frame A

ANIMAL POLÍTICO. 2014. <https://bit.ly/3BUBPwb>.

ARISTEGUI NOTICIAS. 2014. <https://bit.ly/3S3GoK7>.

CANAL 6 MULTIMEDIOS. 2014. <https://bit.ly/3f6qqjQ>.

DESDE EL BALCÓN. 2014. <https://bit.ly/3SoHZKy>.

EXPANSIÓN. 2014. <https://bit.ly/3ByEOJp>.

INFOBAE. 2014. <https://bit.ly/3dDqMho>.

INFORMADOR MX. 2014. <https://bit.ly/3qVKvfm>.

LA GAZZETA DF. 2014. <https://bit.ly/3S12Un1>.

LA JORNADA. 2014. <https://bit.ly/3QZLKoC>.

LA OPINIÓN. 2014. <https://bit.ly/3UqVFGq>.

MILENIO. 2014. <https://bit.ly/3faWWI7>.

NOTUS. 2014. <https://bit.ly/3xloLaO>.

Frame B

ARISTEGUI NOTICIAS. 2014. <https://bit.ly/3DLr6p5>.
INFORMADOR MX. 2014. <https://bit.ly/3UIMN57>.

Frame C

EL FINANCIERO. 2014. <https://bit.ly/3f3AHgK>.
ESPN. 2014. <https://bit.ly/3BsXVo2>.
EXPANSIÓN. 2014. <https://bit.ly/3dDsnUq>.

Caso 2

Frame D

ANIMAL POLÍTICO. 2017. <https://bit.ly/3xIC4YF>.
FUTBOL SAPIENS. 2017. <https://bit.ly/3QZl8np>.
MILENIO. 2017. <https://bit.ly/3R0QV7y>.
PAOLA ROJAS.COM.MX. 2017. <https://bit.ly/3SiQ6bk>.
PUBLIMETRO. 2017. <https://bit.ly/3Sgslk0>.
TUDN. 2017. <https://bit.ly/3f6sAjs>.

Frame E

JUAN FUTBOL. 2017. <https://bit.ly/3qXAQF2>.
SOMOS INVICTOS. 2017. <https://bit.ly/3qWiep6>.

Frame F

AS DIARIO. 2017. <https://bit.ly/3BzYEUm>.
BE SOCCER. 2017. <https://bit.ly/3BY1bt2>.
CONECTA NOTICIAS. 2017. <https://bit.ly/3BXkQJu>.
EL SIGLO. 2017. <https://bit.ly/3SnnrBS>.
ESTADIODEPORTES. 2017. <https://bit.ly/3DHHc2T>.
ESTO. 2017. <https://bit.ly/3f8Lmqk>.
INFOBAE. 2017. <https://bit.ly/3S3Jb6e>.
LOS PLEYERS. 2017. <https://bit.ly/3Uv8Oyv>.
MEDIOTIEMPO. 2017. <https://bit.ly/3Uq5DrD>.
SIN EMBARGO. 2017. <https://bit.ly/3qTF7cy>.

* * *

Recebido em: 20 de julho de 2021
Aprovado em: 26 de dezembro de 2021

O legado do torcer em estádios após os megaeventos esportivos: economia, apropriação do espaço e o turismo

Cheering in Stadiums After Mega Events:
Economy, Space Appropriation and Tourism

Fillipe Soares Romano

Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil
Doutorando em Turismo, USP
fillipe.romano@usp.br

Natália Rodrigues de Melo

Université Grenoble Alpes, Grenoble, França
Doutora em Arquitetura, UFRJ

Felipe Queiroz

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutorando em Estudos do Lazer, UFMG

RESUMO: O presente artigo apresenta perspectivas do torcer após as reformas e/ou (re)construções de estádios para a Copa Mundo de 2014 a partir de três eixos analíticos em três estádios: o impacto econômico no Mineirão/MG; o impacto social dada a (re)apropriação do espaço pelos torcedores no Maracanã/RJ; e o impacto sociocultural do turismo na Neo Química Arena/SP. O objetivo é de elucidar e refletir como as mudanças estruturais para os megaeventos esportivos afetaram nas formas de torcer e nos novos usos desses equipamentos. Após análises empíricas realizadas com o auxílio de métodos qualitativos e quantitativos, foi possível atestar que o saldo dos legados dos estádios transformados foi, em sua maioria, negativo: processo de *gentrificação*; sensação de não pertencimento do espaço totalmente modificado; mudança da compreensão de torcedor para consumidor; o empobrecimento da ambiência do lugar. Diante disso, denota-se a necessidade de refletir o estádio como espaço de diversidade econômica e sociocultural que retome maior centralidade na formação identitária do torcedor.

PALAVRAS-CHAVE: Torcer; Estádios; Legados de megaeventos; Economia; Turismo.

ABSTRACT: This paper presents perspectives on cheering after the renovations and/or (re)constructions of stadiums for the 2014 World Cup based on three analytical axes, in three stadiums: the economy impact– Mineirão/MG; the social impact given the (re)appropriation of space – Maracanã/ RJ; and the sociocultural impact due to tourism – Neo Química Arena/SP. The goal is to elucidate and reflect about how the new structural changes for the Mega Sporting Events have affected the ways of cheering and the usages of these arenas. Using empirical analysis carried out by qualitative and quantitative methods, it was possible to verify that the legacy balance of the reformed stadiums was mostly negative due to: the gentrification; the feeling of not belonging to the place; the shift from supporter to consumer; the deterioration of the stadium atmosphere. In light of this, it is pointed out the need to reflect upon the stadium as a space of economic and social diversity that retakes a greater centrality in the identity formation of the supporter.

KEYWORDS: Cheer; Stadiums; Legacy of Mega Events; Economy; Tourism.

INTRODUÇÃO

O futebol, além de ser parte integrante da cultura-história do Brasil, desponta o torcer como parte do imaginário social nacional e forma de lazer popular. Os debates gerados, a partir da escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, entorno das transformações que envolveram para realização desse megaevento, nortearam-se dentre as diversas questões, na dimensão econômica, na (re)apropriação dos estádios e no turismo.

O encarecimento no preço dos ingressos antes mesmo da realização da Copa do Mundo de 2014 mostrou-se como principal razão para uma percepção de elitização e consequente exclusão do torcedor mais popular nos estádios. Além disso, novas formas de torcer foram impostas, dado o aumento da segurança, vigilância dos corpos e da hipersetorização do espaço, desconsiderando qualquer relação de identificação e apropriação do lugar pelo torcedor. Consequentemente, o turismo desses equipamentos também é afetado, ainda que o turista/visitante se aproprie das arenas esportivas como atrativos, utilizando-os como entretenimento, lazer, consumo e até mesmo, trabalho (centro de convenções) e ensino (universidades), a forma como dinamizam essa prática, inclusive em dias sem jogos de futebol.

O presente artigo apresenta perspectivas do torcer após as reformas e/ou (re)construções de estádios para a Copa do Mundo de 2014, a partir de três eixos analíticos e em três estádios: o impacto econômico no Mineirão/MG; o impacto social dada a (re)apropriação do espaço pelos torcedores no Maracanã/RJ; e o impacto sociocultural do turismo na Neo Química Arena/SP. É importante destacar que o presente estudo é resultado da intersecção de duas dissertações e uma tese de pós-graduação de diferentes autores e procedimentos metodológicos. Entretanto, o ponto em comum analisa as mudanças físicas e as consequentes interferências econômicas, sociais e culturais no modo de torcer e nos usos desses novos espaços, objetivo do presente artigo. Dessa forma, busca-se analisar os legados e os impactos de um megaevento esportivo e, por consequência, do próprio capital operacionalizado nesse cenário, no torcer em estádios de futebol no Brasil.

MINEIRÃO: FUTEBOL, ECONOMIA E O TORCER

Para analisar os desdobramentos possíveis observados no torcer do ponto de vista econômico, a partir da reestruturação esportiva para os megaeventos, o recorte espacial proposto foi o estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão.¹ O estádio compartilha com o Maracanã e Neo Química Arena, um espaço representativo do futebol brasileiro, tanto quantitativamente como qualitativamente. Ainda que a gestão esportiva envolvendo preço do ingresso e estádio esteja sujeita a uma complexa rede de atores locais do futebol, os resultados encontrados no Mineirão permitem, pela representatividade do estádio, inferências para uma visão global do futebol brasileiro.

Com o recorte espacial em questão, buscou-se compreender os desdobramentos econômicos do fruir do lazer futebolístico em estádios após a reforma para a Copa do Mundo. Entretanto, reconhece-se que essa expressão de lazer acontece em outros espaços no âmbito público e privado – bares, casa, smartphones –, mas que é na origem da produção do espetáculo que se buscou compreender suas transformações.

O recorte temporal proposto geral da pesquisa foi o intervalo dos anos entre 1994 e 2018, no qual se iniciou o plano real. Nesse período o futebol vivia um momento de transição influenciado por um movimento internacional de reestruturação do esporte desde os anos 1980.² Porém, o foco da análise deste artigo será o triênio que antecede a escolha do Brasil como país sede da Copa do Mundo até o ano de 2018, justificado pelas transformações econômicas vivenciadas pelos megaeventos esportivos, Olimpíadas e Paralimpíadas, além da Copa do Mundo de futebol masculino. A periodização contribuiu na compreensão do tema, na medida em que compartilha elementos dos dois eixos estruturais dessa análise – economia e torcer em estádios de futebol – em um período chave para entender o futebol brasileiro e o modelo econômico contemporâneo.

No âmbito empírico, a pesquisa parte da variável *preço do ingresso* para construir um desenho da evolução do custo do lazer futebolístico no estádio Mineirão. Esse parâmetro econômico é o elemento central demonstrativo na composição do custo,

¹ QUEIROZ. *O preço da emoção: as transformações do custo do lazer futebolístico no estádio Mineirão*.

² PRONI. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*.

sendo possível notar outros, como transporte, alimentação e bebidas – mas que estavam sobre um regime e influência de flutuações macro e microeconômicas diferentes, as quais se distanciam do escopo proposto e, portanto, não foram analisadas.

Cabe ressaltar que o preço do ingresso é o fator determinante na tomada de decisão do consumo do lazer em estádios, sendo elemento central na relação oferta e demanda.³ O preço dos ingressos foi analisado a partir de alguns critérios que consideram a diversidade do espetáculo esportivo em seu âmbito espacial e econômico. Para tanto, busca-se identificar o comportamento dos preços em competições estaduais, nacionais e internacionais. Além das fases, momentos diferentes na competição, ou seja, preço do ingresso na fase classificatória, em etapas eliminatórias, decisões de campeonato ou jogos de maior apelo devido à rivalidade dos clubes. O objetivo dessas escolhas foi compreender a produção do espetáculo esportivo e seu direcionamento e cerceamento econômico no acesso a certos tipos de emoção.

A fonte utilizada foram as fichas técnicas conhecidas como Borderô, documentos disponíveis no site oficial do Estádio Mineirão. A escala temporal definida associada aos recursos estatísticos e de representatividade percentual permitiram uma análise comparativa do período. As variações de preços observadas ao longo dos anos foram associadas à inflação. Essa variável teve como referência o comportamento médio do aumento de preços da economia brasileira, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA, o intuito foi perceber as diferenças entre os valores reais (preço médio do ingresso corrigido pela inflação) e os valores nominais (preço médio do ingresso registrado).

No desenvolvimento do trabalho, foi utilizado o software estatístico R, sendo essencial o emprego de dois pacotes: “ggplot2” e “deflateBR”. O primeiro aprimorou a construção dos gráficos e o segundo possibilitou os cálculos de ajuste financeiro envolvendo o IPCA. A metodologia utilizada para analisar os dados registrados no banco de dados foi a estatística descritiva. O método consiste em um conjunto de ferramentas que possibilitam o resumo, organização e descrição das variáveis observadas. Essas análises podem ser aplicadas individualmente, ou na comparação de grupos.⁴

³ MANKIW. *Introdução à Economia*, p. 67.

⁴ FARIAS; LAURENCEL. *Estatística Descritiva*, 2000.

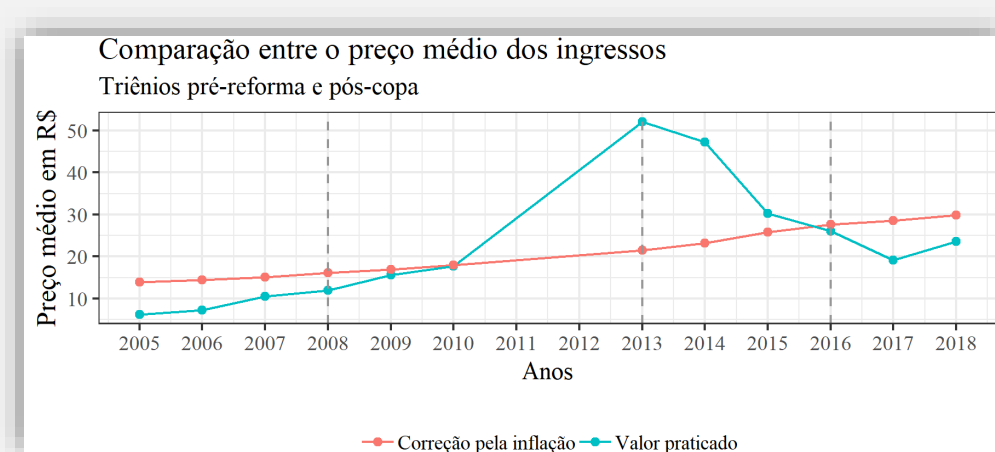


Gráfico 1 - Porcentagem do salário-mínimo que o ingresso representa entre os triênios pré-reforma e pós-copa. Fonte: QUEIROZ (2018).

De 2005 a 2010, a proporção entre preço médio do ingresso e salário mínimo teve um comportamento crescente, sempre se mantendo abaixo de 4%. No primeiro triênio, após a reforma, houve um aumento nessa proporção, para quase 8%, que voltou a cair ainda em 2015. A reta ascendente que começa em 2007 e atinge seu máximo em 2013, com preço médio dos ingressos custando acima dos R\$ 50,00. Ainda que até 2010 os preços tenham permanecido abaixo da inflação histórica ou equivalentes a ela, a percepção de encarecimento pode ser observada pelo consumidor por meio do aumento acintoso.

O tempo é uma variável fundamental para se pensar sobre a reação do consumidor. Ainda que no longo prazo possa existir uma coincidência no final do período estudado dos preços praticados versus os preços corrigidos pela inflação, o comportamento das variações ao longo do tempo é que determina a percepção. Os preços praticados posicionaram-se de maneira deflacionária durante um período, mas o que pode ter determinado a reação dos consumidores, e do próprio debate público e privado, foram as oscilações abruptas. Conforme o gráfico 1, a diferença é um fator relevante quando se discute essa comparação dos preços médios. Comparativamente, poucos produtos e serviços comportaram-se dessa forma entre 2010 e 2013 no consumo do brasileiro médio.

Sendo assim, o aumento do preço médio dos ingressos após a reinauguração do Mineirão em 2013 talvez seja o ponto crucial na percepção da elitização do futebol do ponto de vista econômico. Se em 2010 o preço médio era de R\$ 17,10 e em

2013 foi para R\$ 52,10, houve um aumento percentual de quase 200%. E em se tratando do estádio Mineirão, o impacto do torcedor, levando em conta o período fechado, foi ainda mais contundente.

O gráfico de comparação entre preço médio dos ingressos corrigidos pela inflação ano a ano e preço médio praticado permite constatar que houve uma mudança no padrão do custo no período de 2013, 2014, 2015. Nesses anos, o valor real dos ingressos superou o valor calculado de acordo com a inflação anual. Nos outros períodos foi observado o comportamento oposto. O que se percebe nesse contexto é uma variação no preço do ingresso regida por uma mudança ligada ao universo do futebol. O triênio de alta nos preços dos ingressos compreendeu a reinauguração do Estádio Mineirão após reforma para a Copa do Mundo, a Copa das Confederações e a Copa do Mundo. Em uma pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Blumenschein e Navarro (2013) estimaram as expectativas microeconômicas no setor do futebol em detrimento da Copa do Mundo.

A pesquisa usou como referência os dados do ano de 2009, em que os fluxos monetários diretos do setor futebol no país alcançavam a ordem de R\$ 3,5 bilhões anuais, sendo que o valor adicionado gerado por toda a cadeia produtiva do futebol alcança o patamar de R\$ 6,5 bilhões anuais, representando 0,2% do PIB brasileiro.⁵

Embora o futebol já tenha uma representatividade importante da economia brasileira, a participação pode crescer substancialmente em função de mudanças no perfil dos clubes em um *cenário potencial* no qual os clubes brasileiros desenvolvam sua rentabilidade até um patamar comparável àquele verificado nos clubes europeus. Neste cenário, estima-se que os fluxos monetários diretos do setor futebol nacional pode vir a somar R\$ 21,5 bilhões. Estas mudanças poderão contribuir com mais de R\$ 28 bilhões para a expansão do PIB brasileiro, o que corresponde a um impacto de 0,9% em relação ao Produto Interno Bruto do país em 2009.⁶

A projeção realizada pelos economistas denota a dimensão da expectativa envolvida na Copa do Mundo. Sendo a fruição em estádios um elemento importante nessa contabilização, parte desses efeitos macroeconômicos deveria vir da renda na

⁵ QUEIROZ. *O preço da emoção*.

⁶ BLUMENSCHIEIN; NAVARRO. Impactos socioeconômicos da Copa do Mundo FIFA 2014 e seu legado para o futebol brasileiro, p. 86.

bilheteria e no conseqüente aumento nos preços dos ingressos, haja vista que a própria capacidade dos estádios reformados diminuiu.

Quando analisamos os gráficos desagregados, que consideram cada campeonato separadamente, compreendemos melhor que essa coincidência atual no preço médio dos ingressos e o valor corrigido pela inflação devem ser ponderados. O que os dados demonstram é uma relação inferior dos preços do campeonato brasileiro e do campeonato mineiro em relação ao corrigido conforme a inflação. Já a Copa do Brasil e a Libertadores comportam-se de maneira inversa.

Entretanto, os dados ora considerados para gerar todos os gráficos tratam de um somatório geral ou de modalidades competitivas específicas. Essa afirmação acima com relação às diferenças do que foi esperado no debate público e privado precisa ser aprofundada. Um movimento de desagregar os dados e correlacioná-los de maneira a capturar comportamentos que envolvem momentos de maior apelo e emoção envolvidos mostraram-se necessários. Para tanto, optou-se por trazer dois gráficos que podem ampliar esse debate em cima dos preços dos ingressos.

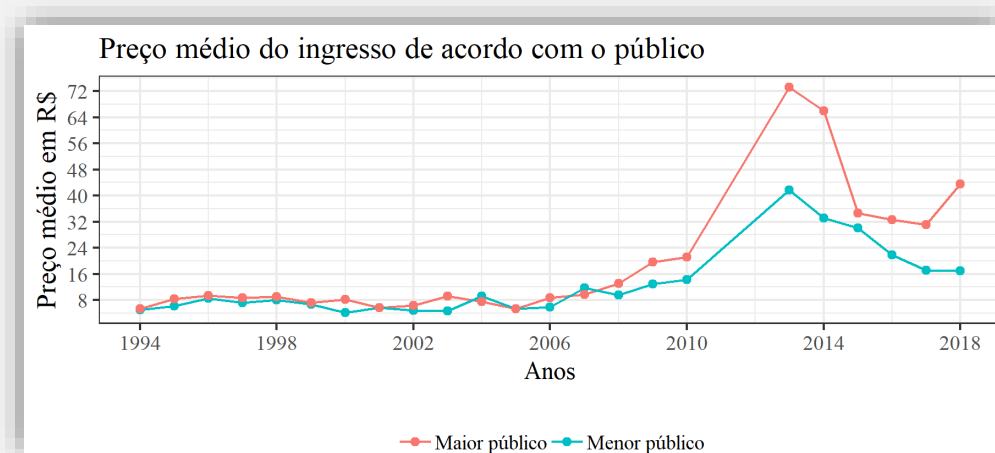


Gráfico 2 - Preço médio do ingresso de acordo com o público. Fonte: QUEIROZ (2018).

O gráfico 2 utilizou-se do preço médio dos dez maiores públicos do ano e dos dez menores, com o objetivo de avaliar o comportamento dos ingressos em momentos das competições que geraram maior demanda e conseqüente emoção esperada envolvida. O gráfico demonstra que, no período pós-copa, o regime de preços mudou. Se até 2010 o preço dos ingressos variava pouco em momentos diferentes da

competição, esse regime estável reconfigura-se em uma nova dinâmica flutuante. Essas assimetrias, em alguns momentos, demonstram variações consideráveis entre jogos de menor apelo e maior, o que nos permite inferir uma elitização relativa mediada pelo cerceamento econômico a certos tipos de emoção, qual sejam as partidas que envolvem grande apelo por parte dos torcedores.

Esse cenário pode indicar uma reconfiguração de pertencimento ao estádio e ao clube, na medida em que os torcedores podem ser selecionados diante ao tipo de jogo que será jogado ou fase da competição. Questões sobre fidelidade clubística e barreiras de acesso a um esporte historicamente popular surgem diante dessa precificação dinâmica do espetáculo esportivo iniciado a partir da reinauguração do Mineirão para a Copa do Mundo de 2014.

MARACANÃ: PÓS-REFORMA E A AMBIÊNCIA DO LUGAR

Um estádio de futebol encerra um conjunto de relações sociais que corroboram para o processo de apropriação e ressignificação como território.⁷ Contudo, para territorializar determinado espaço, não basta somente se apropriar dele, mas ser aceito como parte daquele território, isto é, ser “legitimado” como tal.⁸ Na contemporaneidade presencia-se uma forte tendência de intervir nas cidades,⁹ desconsiderando-se redes sociais e comunitárias. Essas intervenções chegaram aos estádios brasileiros reformados para a Copa do Mundo de 2014. As ditas “melhorias”¹⁰ que os projetistas têm buscado na construção e reforma de muitos deles têm trazido, em contrapartida, um empobrecimento da qualidade sensível desses lugares para o espectador.

Essas transformações dos estádios brasileiros e principalmente nos hábitos de torcer foi objeto de um estudo etnográfico no estádio do Maracanã pós-Mundial de 2014,¹¹ com objetivo principal de conhecer e compreender como a reforma ali

⁷ MASCARENHAS. A mutante dimensão espacial do futebol, p. 61-70.

⁸ LEFEBVRE. *La production de l'espace*. RAFFESTIN. *Pour une géographie du pouvoir*.

⁹ MONTANER; MUXÍ. *Arquitectura y política*.

¹⁰ ROUX. *L'ambiance des stades*, p. 393.

¹¹ MELO. *O grande palco futebolístico: ambiência e memória no estádio do Maracanã pós-reforma para a Copa de 2014*.

realizada tinha impactado a ritualística social do futebol e, conseqüentemente, a atmosfera do lugar, na perspectiva dos torcedores. A ambiência é que o precede e determina os modos de ação e integração de todos os elementos do espaço físico em conjunto com as relações humanas e os aspectos sensíveis ali presentes.¹² Tudo o que está contido em um dado ambiente é cercado ou rodeado por essa “atmosfera moral e material” chamada ambiência. Esta, no entanto, só pode ser compreendida por meio do corpo situado no espaço e é por meio da experiência, do envolvimento/movimento do corpo com o meio, que o ambiente será (re)conhecido.¹³ Havendo a conscientização dessa atmosfera do lugar, o usuário a analisará segundo seus aspectos emocionais e afetivos, tornando-a passível de ser arquivada na memória.

A ambiência do Maracanã vem sendo criada e recriada há muitos anos. Esse estádio foi construído para a Copa do Mundo de 1950 para ser o maior estádio de futebol do mundo. Ao longo de sua extensa história, tornou-se a casa de várias torcidas e, claro, passou por diversas mudanças.¹⁴ Nos anos 2000 é reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Histórico da Humanidade.¹⁵ A partir de então, as reformas estruturais realizadas deveriam, por princípio, atentar e respeitar o projeto original do imóvel e o valor cultural atrelado à ocupação das torcidas.¹⁶ Três reformas foram realizadas após esse reconhecimento: 1) para o Mundial de Clubes em 2000; 2) para os Jogos Pan-americanos em 2007; e 3) para a Copa do Mundo em 2014. Foi essa última reforma, no entanto, que alterou significativamente a arquitetura do Maracanã, especialmente em sua parte interna. Dentre essas mudanças, a mais significativa consiste no processo de hipersetorização,¹⁷ que “confina” os torcedores dentro de setores específicos e, delimitados pelo valor do ingresso (setores oeste e leste com ingressos mais caros e setores norte e sul os mais populares). Conseqüentemente, foram implementadas novas formas de controle dos corpos e, por conseqüente, novas formas de torcer.

¹² THIBAUD. O Ambiente Sensorial das Cidades: para uma abordagem de Ambiências urbanas.

¹³ THIBAUD. O Ambiente Sensorial das Cidades.

¹⁴ BUARQUE DE HOLLANDA. *A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*.

¹⁵ GIRÃO. Maracanã: destruir ou preservar.

¹⁶ GIRÃO. Maracanã: destruir ou preservar.

¹⁷ FERREIRA. *O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã*.

A investigação realizada no Maracanã pautou-se na análise etnotopográfica, um desdobramento da etnografia cujo escopo visa investigar a configuração dos atributos do espaço, a fim de compreendê-lo como materialização das culturas, das subjetividades e dos projetos de vida.¹⁸ Foram realizadas também observações com os participantes e entrevistas com os torcedores. Em seguida, com base nas narrativas colhidas, foram construídos quadros de relatos que surgem como inspiração da ferramenta “Arquivo Mnemônico do Lugar”,¹⁹ para a montagem de histórias coletivas do lugar. Foi criado então o *Arquivo Maracanã*, no qual foram extraídas as metáforas presentes nos fragmentos e traços dos depoimentos dos torcedores.²⁰

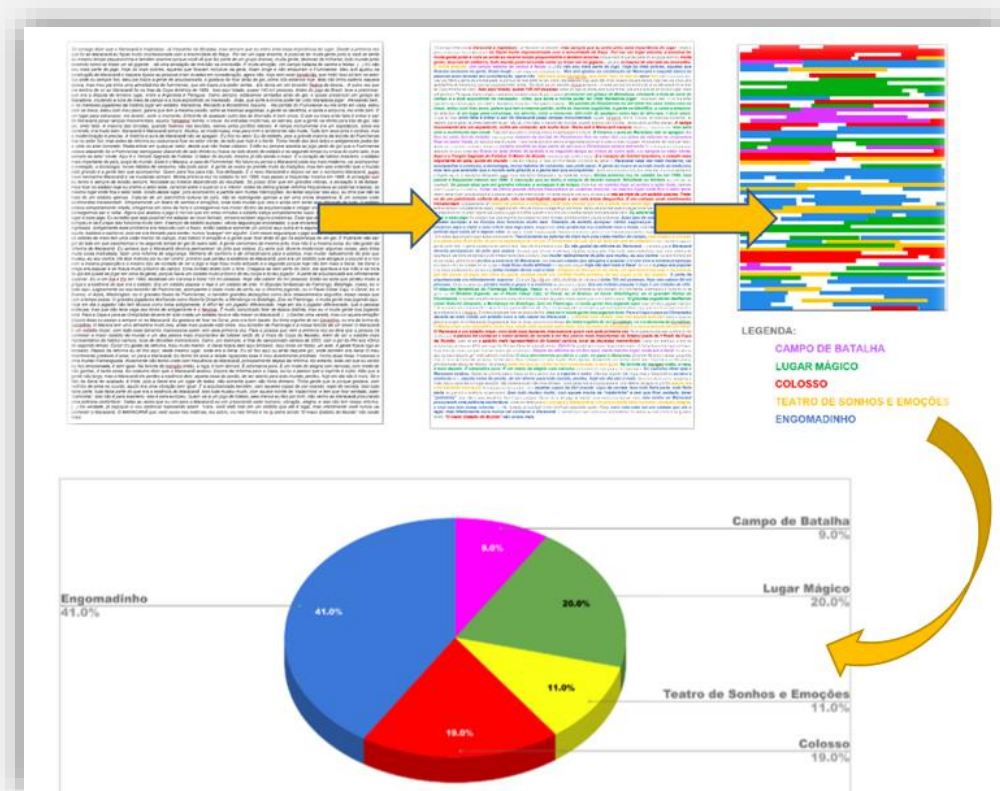


Imagem 1 – Esquema gráfico das etapas metodológicas sobre a análise do Maracanã.
Fonte: MELO (2018).

¹⁸DUARTE *et al.* *O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo.*

¹⁹UGLIONE. *A memória na cidade e a invenção do lugar.*

²⁰MELO. *O grande palco futebolístico.*

O trabalho do Arquivo une e entrelaça narrativas individuais, tomando-se como fio condutor as metáforas que elas possuem em comum. Com esse procedimento, identificaram-se extratos metafóricos, tomados como signos que definem e qualificam o lugar para um certo grupo de sujeitos/narradores. Foram identificadas cinco metáforas do Maracanã e seus respectivos extratos metafóricos, revelados no entrelaçamento das narrativas de 26 torcedores frequentadores do local, entre o período de 2016 e 2017.

O primeiro extrato metafórico, oriundo da metáfora *Campo de Batalha*, narra a partida de futebol como uma “guerra”, do estádio como um território de disputa entre adversários. O inimigo é temporário, mas a ambiência formada no combate do estádio cria e invoca a simbologia que sustentará batalhas presentes e futuras.

Através desse extrato, o processo de reterritorialização foi observado pela formação de microambiências²¹ e na formação de ondas que as dissolvem. Ambas são diferentes em cada jogo, porém elas acumulam e reproduzem grandes similaridades de comportamentos e símbolos. As microambiências são como trincheiras: criadas para o confronto e disseminadas por todo o território.

Um exemplo de microambiência constantemente observada é formada pelas torcidas organizadas. Os membros desses grupos foram forçados pelos gerentes do estádio a estabelecerem suas trincheiras mais ao centro dos setores norte e sul, no nível superior após a última reforma e transformação em Arena. Entretanto, espontaneamente esses torcedores foram expandindo seus territórios para as laterais e para o nível inferior desses mesmos setores, criando uma borda com cânticos, bandeiras e camisetas com as cores do time e símbolos próprios a cada torcida organizada. Outra microambiência característica do Maracanã é a formada pelos “pós-geraldinos”, os saudosistas da “Geral”, conhecido espaço próximo ao campo onde os torcedores assistiam de pé aos jogos e que foi extinta na reforma de 2007. Após a

²¹ As microambiências são fragmentos menores circunscritos dentro de uma ambiência maior. Eles comportam pequenos grupos que “compartilham e/ou experimentam um mesmo acontecimento num determinado espaço, cujas características sensitivas ajudam a proporcionar práticas sociais que se constituem em bordas de menor reverberação” (LIRA, 2015, p. 64). As microambiências clarificam as constantes alterações de elementos sensíveis e as dinâmicas das ocupações dos espaços. No estádio, as microambiências existem pela necessidade dos torcedores em marcar presença, serem identificados e darem respostas viscerais ao seu clube, como afirmou Edensor (2015).

destruição desse espaço, os pós-geraldinos o recriam provisoriamente e formam bordas ao se debruçarem nas divisórias com o gramado, ora xingando os jogadores, ora vibrando com a partida, reforçando assim seu território.

As microambiências levam à compreensão da dominação do território como parte do direito adquirido no *Campo de Batalha*. Não existe mais a “livre territorialização” cunhada pela livre circulação do passado e atualmente dificultada pela hipersetorização. Em dias de partida, as torcidas podem transformar o estádio em um campo de forças e, em consequência, tentam se reapropriar desse território que se dá muitas vezes por identificação,²² mas também por combinação de controles, funções e simbolizações.

O segundo extrato metafórico ligado à metáfora do *Lugar Mágico* representa a transcendência do Maracanã. Nele se traduz a ascendência da ambiência embebida no encantamento que o “gigante do futebol” produz em seus torcedores. Esse extrato fala da dimensão de magia do lugar Maracanã, envolto em ritos, portador de uma alma. Esse templo do futebol lançou os moldes do torcer em massa, “inventou” ídolos, criou formas inusitadas de encorajar as equipes. Ele abriga memórias de finais improváveis e fantasmas de grandes derrotas. Ele possibilitou a criação de uma identidade torcedora e dirimiu diferenças.

Um dos exemplos da magia do novo Maracanã emerge quando ídolos ou mesmo os grandes jogos decisivos são lembrados, retrazidos à tona, denotando que aquele lugar foi o palco de algo memorável, mesmo quando é lembrado também por ter sido lócus de derrotas. Esses fragmentos são acionados pelos torcedores, usando de sua memória, de forma a acharem seu lugar e se sentirem (re)pertencentes ao Maracanã. A construção de mitos²³ não é uma coisa do passado, e sim um conhecimento que temos como indivíduos e como membros de uma determinada sociedade, possuindo forte aderência ao lugar, desde que reutilizados.

Para muitos, o Maracanã ainda é o maior estádio do mundo. Embora sua capacidade máxima tenha sido reduzida na última reforma para cerca de 79 mil torcedores, em oposição aos 200.000 lugares que havia anteriormente, ele ainda é tratado como gigante em sua potencialidade, em seu eco e representatividade para o futebol

²² HAESBAERT. *O mito da desterritorialização*.

²³ TUAN. *Space and Place: The Perspective of Experience*.

e para a arquitetura mundial. E muitas pessoas ainda pensam dessa forma, pois a ideia do terceiro extrato metafórico, conectado à metáfora do *Colosso*, surgiu com muita força em algumas narrativas dos torcedores.

Contudo, essa dimensão da grandiosidade do Maracanã é pautada sobretudo pelo campo simbólico, pelas marcas deixadas no tempo. Além disso, a grandiosidade do estádio se altera com a ambiência de cada partida, nos diferentes jogos, uma vez que ela não está representada somente pelo tamanho físico, mas principalmente pela circulação dos elementos sensíveis. Dado o encarecimento dos ingressos dos jogos, a ambiência da partida e da dimensão do estádio é afetada e sentida pelos aficionados.

O quarto extrato metafórico explicado pela metáfora do *Teatro de Sonhos e Emoções* sintetiza as encenações que se desenrolam no estádio durante uma partida de futebol, das quais os torcedores são espectadores e, ao mesmo tempo, participantes do que se passa no palco futebolístico. Esse extrato foca, sobretudo, nas representações que envolvem um jogo de futebol e todo o ritual desenvolvido por essas atuações.

Em dias de partida, os torcedores analisados insistem na teatralização do novo Maracanã. O *Teatro de Sonhos e Emoções* começa com os rituais de preparação e se estendem ao entorno urbano do estádio, antes do início de cada disputa. Por exemplo, nos bares do entorno, os torcedores ainda são observados devidamente trajados com o uniforme de sua equipe e eles aproveitam para beber, conversar e cantar. Há sempre muitos vendedores de comidas, bebidas, *souvenirs* e torcedores fantasiados com as cores das equipes, cumprindo o papel de animadores do pré-jogo. Embora o que se preveja é uma grande batalha, o ritual que a antecede é bastante festivo, efusivo, com pitadas de tensão, mas, acima de tudo, é muito representativo.

O *Teatro de Sonhos e Emoções* é o rompimento no cotidiano. Torcer é uma festa, as pessoas comuns se transvestem de torcedores, se transformam e se entregam de corpo e alma a essa festa que é a torcida pelo seu time.

Por fim, o quinto extrato metafórico, que é o desdobramento da metáfora do *Engomadinho*, é o resumo da reverberação da angústia, da tristeza e da revolta com as reformas do Maracanã. A frase “não é mais o mesmo Maracanã” foi narrada muitas vezes pelos torcedores e motivou essa pesquisa.

Para alguns, o novo Maracanã continua sendo o gigante. Porém, para outros, ele foi maior em outra época, pois a sua grandeza estava associada ao seu caráter

mais acolhedor e popular. Pelo fato de não ter sido consultado sobre as alterações que foram feitas no Maracanã, o torcedor sente-se marginalizado e ainda mais resistente às mudanças, ampliando a sensação de diminuição do lugar.

No estádio *Engomadinho*, o torcedor também se sente tolhido e vigiado pelo que ele considera um excesso de segurança. A ambiência do estádio é transpassada pelo controle da vigilância que denota um caráter menos espontâneo à partida. Mas os torcedores são transgressores e aos poucos vão se apossando do que por direito é seu: o direito de encorajar sua equipe. Eles já não obedecem mais à numeração das cadeiras, usam espaços vazios como arquibancadas improvisadas (escadas, locais com cadeiras quebradas, divisórias de setores, rampas), levantam, pulam e buscam romper com toda ordem de controle. As vítimas simbólicas²⁴ da mudança de paradigma desses equipamentos, os “lugares de pé” são combatidos energeticamente pelos novos designers de estádios. O *Engomadinho* sem dúvida fala de um processo que se pode dizer de despertencimento, o que está ligado sempre à busca do sentido,²⁵ quando alguma perda é vivenciada, o que, no caso desses torcedores, se refere a eles não se sentirem mais como parte do Maracanã.

De forma geral, os extratos metafóricos sintetizam a angústia e a ira dos torcedores do novo Maracanã. No entanto, esse ente movido à paixão e emoção cria narrativas que simbolizam e (tentam) ainda ressignificar o espaço futebolístico.

NEO QUÍMICA ARENA: DE UM NOVO LAR CORINTHIANO AO USO E APROPRIAÇÃO DO TURISMO ESPORTIVO NACIONAL

No projeto inicial de candidatura do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 2014, objetivou-se demonstrar a imagem do país na capacidade de organizar, planejar e executar diretrizes políticas econômicas de projeção internacional,²⁶ além de relatar que os investimentos em diversas áreas nas cidades sede retornariam como legados

²⁴ ROUX. L'ambiance des stades.

²⁵ HEIDEGGER. *Lettre sur l'humanisme*.

²⁶ MARCELLINO. *Legados de megaeventos esportivos*. RODRIGUES *et al.* *Legados de megaeventos esportivos*. MASCARENHAS. *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. UVINHA. *Megaeventos esportivos: legados para o turismo e a hotelaria*.

positivos à população. Conforme Brasil,²⁷ esse possível legado se expressa no desenvolvimento de diversos setores, sendo o Turismo destaque por ser um campo interdisciplinar diretamente relacionado ao fluxo migratório; meios de hospedagem; mobilidade; hospitalidade; entretenimento; planejamento e infraestrutura turística.²⁸

No entanto, como investigou a rede Observatório das Metrôpoles,²⁹ há muito mais impactos econômicos, de urbanização e de violação dos direitos humanos³⁰ oriundos desses megaeventos esportivos no Brasil. Com a construção dos estádios para a realização dos megaeventos esportivos, os possíveis legados negativos tangíveis podem resultar em conflitos ao longo do processo de planejamento e organização,³¹ além de outros processos como: remoções, processos de gentrificação, aumento da dívida interna, endividamento a longo prazo, aumento das desigualdades, redução de serviços públicos, valorização econômica da área e “elefantes brancos”.³²

O futebol sofreu diversas modificações ao longo dos anos, em especial suas instalações, de acordo com Mascarenhas.³³ No Brasil, duas alterações marcam o início da “nova geração de estádios”, a mudança característica do torcedor para consumidor, exacerbando as questões econômicas e financeiras e a compreensão do estádio como uma arena multiesportiva que deve ser utilizada para além do jogo de futebol, modelo estratégico de negócios apresentado pela FIFA e concebido às sedes dos megaeventos esportivos, dentre elas, a Neo Química Arena em São Paulo.

No dia 22 de julho de 2011, assinou-se entre diversos representantes o documento que dava início à construção do novo estádio do SCCP, dentre outros objetivos, o desenvolvimento da infraestrutura na região Leste de São Paulo. A construção do estádio teve como responsável a empreiteira Odebrecht Infraestrutura, com capacidade para 68 mil lugares, sendo 20 mil assentos removíveis, parte integrante aos requisitos mínimos da FIFA para abertura da Copa do Mundo no Brasil.³⁴

²⁷ BRASIL. Guia de Recomendações de Parâmetros e Dimensionamentos para Segurança e Conforto em Estádios de Futebol.

²⁸ ROMANO *et al.* Megaeventos Esportivos: uma reflexão sobre os legados da UEFA Eurocopa.

²⁹ OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES.

³⁰ SANTOS JÚNIOR *et al.* *Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016.*

³¹ MATIAS. Os efeitos dos megaeventos esportivos nas cidades.

³² RUBIO. *Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social.* CASHMAN. *The Bitter-Sweet Awakening: The Legacy of the Sydney 2000 Olympic Games.*

³³ MASCARENHAS. A mutante dimensão espacial do futebol, p. 62.

³⁴ ROMANO. *Atratividade turística em estádios de futebol: visitação no estádio Arena Corinthians.*

O Corinthians teria uma perda com a escolha do Morumbi, pois deixaria escapar uma oportunidade única de obter o seu tão acalentado estádio – que tornaria sua concretização possivelmente mais demorada, cara e incerta. Não seria, portanto, uma situação de mera indiferença, o ganho foi significativo, porque não só passou a ter um estádio que sequer possuía, como o obteve em condições especiais e num padrão muito elevado.³⁵

O valor de construção previsto na matriz de responsabilidade da Copa do Mundo 2014, no início, girou em torno de R\$1,08 bilhão de reais, sendo, destes, R\$400 milhões de financiamento federal, R\$420 milhões em investimentos do governo local e R\$260 milhões de iniciativa privada. Em 2018, os valores totais do estádio chegaram a R\$1,792 bilhão, considerando os juros, encargos e o valor dos Certificados de Incentivo ao Desenvolvimento – CIDs.³⁶

Vários torcedores utilizavam tal expressão [nós que vamos pagar o estádio] em sentido pejorativo, indicando ser equivocado por parte do clube elevar os valores para arrecadar a quantia necessária para saldar as contas. Outras críticas emergiam nesse contexto, como a de que não era necessário ter construído uma “Arena Padrão FIFA” para o clube e o envolvido em negociações com a “política da copa”. O aumento para “pagar o estádio” era tomado como “roubar o corintiano” e que a exclusão dos torcedores mais pobres dos jogos do clube maculava a arena como “casa do Corinthians”.³⁷

A venda dos *naming rights* para empresa Hypera Pharma por 20 anos pelo valor aproximado de R\$300 milhões de reais a partir de 2020 auxiliou, mas não esmiuçou, a dívida, na qual a torcida pagou a maior parte dessa conta, através dos preços altos de ingressos, dos aumentos nos valores dos planos de sócio-torcedor, modificando o perfil do público encontrado nessas “Arenas Padrão FIFA”.

Desde então a Neo Química Arena adotou o uso do turismo esportivo em diversas ações relacionadas (ou não) à temática futebolística, abordando diferentes públicos, desde a pessoa física a conglomerados corporativos, com o objetivo de usufruir da infraestrutura que o legado tangível — estádio de futebol — proporciona como parte integrante do lazer e turismo da maior megalópole do hemisfério sul, o retorno financeiro para custeio e manutenção do estádio.

³⁵ COUTO. A disputa política em torno do Estádio em São Paulo, p. 70.

³⁶ ROMANO. *Atratividade turística em estádios de futebol*. CASSUCCI, B. Comissão do Corinthians sugere acordo com Odebrecht e detalha dívida da Arena.

³⁷ BOCCHI. *Do estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo...* p. 169.

Salienta-se que a presente seção é um fragmento da dissertação desenvolvida com objetivo de apresentar a Arena Corinthians — na época, como um dos principais atrativos turísticos e de lazer da cidade de São Paulo. Na correlação conceitual com o turismo, pode-se classificar na categoria de turismo de Nostalgia, “que engloba turistas de estádios, arenas ou museus esportivos motivados pelo conhecimento de novas culturas, realidades, significados e estruturas”.³⁸

A pesquisa de método qualitativo e exploratória usufrui de levantamento bibliográfico, documental e pesquisa de campo através da técnica de observação participante e entrevistas temáticas aos atores sociais – Gestor da Arena; Gestora do Órgão público de turismo local; Moradores do entorno; e visitantes de eventos de lazer e turismo realizados nesses espaços.

Dentre os diversos eventos de cunho esportivo, musical, corporativo, social, de entretenimento além de exposições, congressos realizados na arena, destaca-se o Treino Aberto³⁹ como um evento cultural, histórico e de resguardo na antiga forma de torcer. Salienta-se que essa iniciativa demandada pelos torcedores e para os torcedores teve apoio do clube e dos gestores da Arena, sendo uma recente iniciativa nacional na qual usufruem de equipamentos ora proibidos, ora limitados pelos órgãos de segurança do estado de São Paulo em partidas oficiais.



Figura 1 - Treino Aberto – Pirotecnia e Nostalgia nas Arquibancadas da Neo Química Arena.
Fonte: Acervo Pessoal – Fillipe Romano (2018).

³⁸ GIBSON. *Sport Tourism*, p. 134. ROMANO; UVINHA. *Turismo Esportivo e Patrimônio Cultural*, p. 183.

³⁹ ROMANO. *Atratividade turística em estádios de futebol*.

O treino aberto ocorreu numa sexta-feira, 6 de abril de 2018, às 20h, sendo que os 37 mil ingressos disponíveis para o treino haviam sido adquiridos pelos torcedores — era necessária a troca de 1kg de alimento não perecível. Faz-se pertinente frisar que as Torcidas Organizadas do Corinthians convocaram os torcedores para escoltar o ônibus do clube.

Os dados apresentados a seguir foram obtidos através da análise participante; entrevista semiestruturada com 25 visitantes do evento Treino Aberto e, posteriormente, foram entrevistados, através de um roteiro temático, 5 visitantes e moradores do entorno do estádio que preenchessem estes requisitos: morar em um raio de 5 km do estádio há pelo menos 8 anos, frequentar os eventos e atividades no estádio, ser maior de 18 anos.

Como síntese do público entrevistado, destaca-se como perfil médio: homens com faixa etária entre 29 anos, moradores da capital paulista, a maioria não sócios do clube e frequentadores do estádio pela primeira vez.

Perfil Visitantes Treino Aberto	
Média Faixa Etária	29 anos
Gênero	
Feminino	10
Masculino	15
São associados do SCCP?	
Sócio do SCCP	4
Não Sócio do SCCP	21
Frequência no estádio	
1ª vez na Arena	17
Já frequentou outras vezes	8

Tabela 1 – Perfil dos Visitantes Respondentes do Treino Aberto. Fonte: ROMANO (2018).

Correlacionado aos dezessete visitantes que estavam no estádio pela primeira vez, questionaram-se os motivos que os fizeram não visitar o espaço anteriormente, obteve-se a questão financeira (9) e a falta de tempo/oportunidade (7), revalidando o perfil de torcedores de baixa renda e torcedores organizados

apontados durante a análise observacional. O último questionamento referiu-se sobre as motivações para a participação no Treino Aberto, sendo o principal motivo para dezenove respondentes o incentivo ao clube.

Evidencia-se o evento dentro do turismo de nostalgia, com o objetivo de reviver momentos vividos nos anos 1990, com a presença de materiais proibidos em estádios no estado de São Paulo, como pirotecnia com fogos de artifício, sinalizadores, bandeiras de mastro, bandeirões e quantidade ilimitada de materiais de percussão. Isso perpassa uma sensação dicotômica de apoio, divagação, melancolia e, principalmente, nostálgica.

Ao planejar ações e atividades nos estádios ou entorno, deve-se atentar aos critérios sociais: o impacto da obra sobre o meio ambiente, sobre a escala urbana e sobre a comunidade na execução dessas atividades.⁴⁰ As experiências significativas e positivas ofertam maior probabilidade de esses equipamentos serem frequentados,⁴¹ entretanto, o que se constatou com as entrevistas aos moradores é a sensação de exclusão e não pertencimento desse espaço.

Não, até pra mim que sou corintiano já é difícil estar aqui, as coisas mudaram muito e a diretoria acham que quem mora na Zona Leste é playboy, se for olhar esses ingressos pra sentar no concreto a R\$ 60 reais é quase um crime, pra sentar no concreto e [urinar] no mármore, preferia pagar R\$ 10 no Pacaembu que pelo menos dava pra levar alguém. É difícil pra gente que mora aqui ter isso e não usar, temos que escolher bem, se parar pra pensar eu que estou com mulher e filhos, qualquer jogo aqui na Arena, gastaria pelo menos R\$ 200 reais e olha que moro aqui do lado, imagina quem vem de longe?.⁴²

Ainda que o turismo esportivo se desponte como um facilitador econômico, em especial no que tange à autossustentabilidade financeira de uma arena esportiva, pretende-se destacar a importância do turismo esportivo de nostalgia que o estádio de futebol trouxe ao imaginário do seu torcedor e ao cotidiano da população do entorno, tanto como ambiente, espaço de lazer e entretenimento quanto na promoção de eventos corporativos e ações de marketing que viabilize o uso para além das partidas de futebol.

⁴⁰ GIRALDI. Equipamentos de lazer: uma reflexão sobre o espaço urbano.

⁴¹ RODRIGUES; RECHIA. A relação entre as transformações dos espaços de lazer advindas dos megaeventos esportivos e a humanização das cidades.

⁴² Morador 4 entrevistado por ROMANO. *Atratividade turística em estádios de futebol*.

A Neo Química Arena, que nomeou o tour temático como Casa do Povo, faz jus às inúmeras ações e atividades desenvolvidas em seus domínios, dentre elas, o Treino Aberto surge como forma de resgatar (ou até mesmo criar) a sensação de pertencimento que havia com o Pacaembu e com a forma do torcer, que foi perdida para as inúmeras mudanças e adequações às novas regras impostas pela FIFA. O Turismo de nostalgia destaca essas ações afirmativas ainda que não sejam a ideal – falta de planejamento e cooperação acaba por se destoar como uma ação em prol da retomada cultural no ato de torcer do brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que estádios de futebol representam o principal legado tangível dos megaeventos esportivos. Prova disso é que as dinâmicas dos clubes e as configurações dos atos de torcer são recriadas; as formas de lazer e socialização das comunidades do entorno impactadas; a mobilidade urbana e os acessos logísticos aos estádios são afetados; em suma, uma série de políticas públicas de planejamento urbano, de esporte e de turismo é exigida em função de uma perenização que justifique grande empenho e financiamento na construção e/ou renovação desses monumentos.

Entretanto, nem sempre os legados são de fato tão harmoniosos e positivos como esperados. No caso do Brasil, *a priori*, o saldo das reformas, construções e reconstruções de estádios para a Copa do Mundo de 2014 foi consideravelmente negativo. Além de falhas projetuais e econômicas mais evidentes, como atrasos nas entregas das Arenas, superfaturamento das obras, demolições sem consultas públicas aos residentes/torcedores, percebem-se em nossas pesquisas impactos sociais e culturais significativamente danosos. Menciona-se o processo de *gentrificação* ocasionado pelo aumento no preço dos ingressos; a sensação de não pertencimento do espaço totalmente modificado e/ou modulado pelo excesso de vigilância; a mudança significativa da compreensão de torcedor para consumidor; o empobrecimento da ambiência do lugar, dadas as manifestações controladas; entre outras considerações anteriormente citadas.

Essas constatações individuais podem ser entendidas como desdobramentos ocorridos noutros estádios de futebol em todo o país pós-Copa do Mundo, especialmente dos estádios que são geridos em parceria ou de propriedade de clubes de futebol tradicionais do Brasil. Muito mais que isso, esse fenômeno de modificação dos modos de torcer, motivado sobretudo pela transformação física do equipamento esportivo, é um fenômeno das cidades. O empobrecimento das redes de relacionamentos em espaços atomizados e a elitização que afasta e ignora a periferia e as comunidades marginalizadas mostram que os estádios são microcosmos inseridos em uma dinâmica muito maior.

As reformas/construções dos estádios despontam como inegáveis rupturas dicotômicas, frequentemente citadas nas falas dos torcedores/visitantes que buscam de alguma maneira ressignificar aquele espaço através das memórias afetivas e simbolismos. Eles debatem, sobretudo, contra a barreira socioeconômica imposta, um dos principais fatores na mudança do torcer do brasileiro. Para custear as caras Arenas, medidas de financiamento via programas de sócio-torcedores, encarecimento do preço dos ingressos e comercialização do lazer são exemplos do dinamismo econômico de curto prazo que muda a característica do estádio e promove uma elitização que gera a conseqüente exclusão no acesso a certos tipos de emoção.

Como contraponto, aponta-se que os estádios hoje são muito mais tecnológicos, seguros, limpos, democráticos (vide a maior presença de torcedores excluídos do ambiente masculinizado de outrora, como mulheres, idosos e crianças) e multifuncionais (com garagens, comércio, museus, alimentação, tours e eventos, que garantem lazer para além dos 90 minutos da partida de futebol e possibilitam a autosustentabilidade das modernas arenas). No entanto, as modificações ou (re)construções tendem a negligenciar as manifestações de paixão das camadas mais populares por um clube ou o ambiente autêntico de socialização plural movido pelo futebol, que é a função primária de um estádio.

Por essa razão, o presente artigo apresenta a necessidade de reflexão do estádio como espaço de diversidade econômica e social, com foco na retomada cultural e centralidade na formação identitária do torcedor. Um estádio menos violento, sujo, precarizado não significa a exclusão ou desterritorialização de certo tipo de público, mas a criação de políticas que orientem o torcedor sem o segregar, confinar ou adestrar.

Uma coisa é certa: assim como o futebol, o estádio vai continuar mudando e, para alguns, ressignificá-lo nunca mais será possível. Para outros, assim como na imprevisibilidade do jogo, o estádio vai mudar sempre e ainda assim será possível “ressemantizá-lo” com o tempo, atribuindo um novo significado ao lugar.⁴³ Os estádios são palimpsestos que comportam camadas simbólicas que são recriadas nas fissuras inerentes de toda transformação.

* * *

REFERÊNCIAS

- BLUMENSCHNEIN, F.; NAVARRO, D. Impactos socioeconômicos da Copa do Mundo FIFA 2014 e seu legado para o futebol brasileiro. **Política Externa**, v. 22, n. 2, 2013.
- BOCCHI, G. M. M. **Do estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians**: etnografia de um processo de “atualização”. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, 2016.
- BRASIL. Ministério do Esporte. **Guia de Recomendações de Parâmetros e Dimensionamentos para Segurança e Conforto em Estádios de Futebol**. Brasília, DF: Ministério do Esporte, 29 jun. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3xNrEqy>. Acesso em: 21 abr. 2022.
- BUARQUE DE HOLLANDA, B. B. A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do *Jornal dos Sports* (1940-1980). **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, v. 5, n. 1, p. 367-404, 2016.
- CASHMAN, R. **The Bitter-Sweet Awakening**: The Legacy of the Sydney 2000 Olympic Games. Sydney: Walla Walla Press, 2006.
- CASSUCCI, B. Comissão do Corinthians sugere acordo com Odebrecht e detalha dívida da Arena. **Globo Esporte**, São Paulo, 25 set. 2017. Disponível em: <http://glo.bo/3dHVG8E>. Acesso em: 21 jun. 2022.
- COUTO, C. A disputa política em torno do Estádio em São Paulo. In: CARVALHO, M.; GALGIARDI, C. (Org.). **Megaprojetos, megaeventos, megalópole**: a produção de uma nova centralidade em São Paulo. São Paulo: Olho d’Água, 2015.
- DUARTE, C. R. *et al.* O Projeto como Metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. In: DUARTE, C. R. de S.; RHEINGANTZ, P. A.; BRONSTEIN, L.; AZEVEDO, G. **O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa/PROARQ, 2007.

⁴³ PEIXOTO. *Paisagens urbanas*.

- EDENSOR, T. Producing Atmospheres at the Match: Fan Cultures, Commercialisation and Mood Management in English Football. **Emotion, Space and Society**, 2015.
- FARIAS, A.; LAURENCEL, L. **Estatística Descritiva**, 2000. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional – Apostila). Disponível em: <https://bit.ly/3E6sqDp>. Acesso em: 6 jun. 2022.
- FERREIRA, F. DA C. **O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras**: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã. Tese (Doutorado em Geografia) – UERJ, Rio de Janeiro, 2017.
- GIBSON, H. Sport Tourism: Concepts and Theories: An Introduction. **Sport in Society**, v. 8, n. 2, p. 133-41, 2005.
- GIRALDI, R. de C. Equipamentos de lazer: uma reflexão sobre o espaço urbano. In: LAGES, B. (Org.). **Lazer e turismo**: conceitos e reflexões. São Paulo: Plêiade, 2009. v.1, p. 53-73.
- GIRÃO, C. Maracanã: destruir ou preservar. **Vitruvius**, São Paulo, a. 12, 2012.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- HEIDEGGER, M. **Lettre sur l’humanisme**. Paris: Gallimard, 1966.
- LEFEBVRE, H. **La production de l’espace**. Paris: Éditions Anthropos, 2000.
- LIRA, E. M. R. **Um convite à reciprocidade**: bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos. Tese (Doutorado em Arquitetura), UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.
- MANKIW, N.G. **Introdução à Economia**: princípios de micro e macroeconomia. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- MARCELLINO, N. C. (Org.). **Legados de megaeventos esportivos**. Campinas, SP: Papyrus, 2013. (Coleção Fazer/Lazer).
- MASCARENHAS, G. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, 2005.
- MASCARENHAS, G.; BIENENSTEIN, G.; SANCHEZ, F. **O jogo continua**: megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- MATIAS, M. Os efeitos dos megaeventos esportivos nas cidades. **Revista Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 175-198, 2008.
- MELO, N. R. de. **O grande palco futebolístico**: ambiência e memória no estádio do Maracanã pós-reforma para a Copa de 2014. Tese (Doutorado em Arquitetura), UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.
- MONTANER, J. M.; MUXÍ, Z. **Arquitectura y política**: ensayos para mundos alternativos. Barcelona: Editorial GG, 2011.
- OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. Quem somos. **Histórico**, [201-]. Disponível em: <https://bit.ly/3ffXdmK>. Acesso em: 15 maio 2022.
- PEIXOTO, N. B. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Editora Senac, 1996.
- PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Campinas/SP, 1998.

- QUEIROZ, F. **O preço da emoção**: as transformações do custo do lazer futebolístico no estádio Mineirão entre 1994 e 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer), UFMG, Belo Horizonte, 2018.
- RAFFESTIN, C. **Pour une géographie du pouvoir**. Paris: Litec, 1980.
- RODRIGUES, E.; RECHIA, S. A relação entre as transformações dos espaços de lazer advindas dos megaeventos esportivos e a humanização das cidades. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 61-81, 2016.
- RODRIGUES, R. P. *et al.* (Org.) **Legados de megaeventos esportivos (Legacies of Sports Megaevents)**. Brasília/DF: Ministério do Esporte, 2008.
- ROMANO, F. S. **Atratividade turística em estádios de futebol**: visitação no estádio Arena Corinthians. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento do Turismo), USP, São Paulo, 2018.
- ROMANO, F. S.; UVINHA, R. R. Turismo esportivo e patrimônio cultural: o museu do futebol no Brasil como atrativo temático. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 14, n. 1, p. 182-211, 2021.
- ROMANO, F. S.; VICO, P.; SILVA, A.; UVINHA, R. Megaeventos Esportivos: uma reflexão sobre os legados da UEFA Eurocopa. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 153-168, 2015.
- ROUX, J-M. L'ambiance des stades. *In*: MESTRES, J-M. (ed.). **Grands stades en quête d'urbanité**. Urbanisme, 393, France, 2014.
- RUBIO, K. (Org.) **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. ISBN 978-85-7396-588-9.
- SANTOS JÚNIOR, O.; GAFFNEY, C.; RIBEIRO, L. (Org.). **Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Rio de Janeiro: e-papers, 2015.
- THIBAUD, J-P. O Ambiente Sensorial das Cidades: para uma abordagem de Ambiências urbanas. *In*: TASSARA, E. T. O; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. (ed.). **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.
- TUAN, Yi-Fu. **Space and Place: The Perspective of Experience**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.
- UGLIONE, P. **A Memória na cidade e a invenção do lugar**. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- UVINHA, R. R. Megaeventos esportivos: legados para o turismo e a hotelaria. *In*: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Legados de megaeventos esportivos**. Campinas/SP: Papirus, 2013, p. 107-122.

* * *

Recebido em: 15 de outubro de 2021
Aprovado em: 20 de abril de 2022

Football Fan Groups and Police: Confrontations, Perceptions and Other Actors – The Case of the City of Goiânia/Brazil

Torcidas organizadas de futebol e Polícia:
confrontos, percepções e outros atores – o caso de Goiânia/Brazil

Fernando Segura

Centro de Investigación y Docencia Económicas, Ciudad de México, México
Doutor em Sociologia, EHESS, Paris
fetrejo77@hotmail.com

John Williams

School of Media, Communication and Sociology, University of Leicester, United Kingdom
Doutor em Sociologia, University of Leicester, United Kingdom

David Wood

School of Languages and Cultures, University of Sheffield, United Kingdom
Doutor em Literatura, University of Exeter, United Kingdom

Flávia Alchuffi

Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, Brasil
Mestre em Sociologia, UFG

Vitor Gomes

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil
Mestre em Sociologia, UFG

Luiz Rodrigues Lemes

Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, Brasil
Mestre em Comunicação, UFG

ABSTRACT: This article analyzes interactions among fan groups (locally called *torcidas organizadas*), police and other actors involved in the professional football in the city of Goiânia, capital of the state of Goiás (Brazil). In a context where violent incidents and deaths related to football have grown, the initial focus of this research was the perceptions of football fans and the military police of Goiás from a global perspective of the hooliganism problem. The study was based on systematic ethnography at stadiums and data collected from 300 questionnaires. Initial access to the Police Unit of Events was complemented by extensive contacts with supporters, as well as the observation of policing. Given the different forms of abuse identified in an environment characterized by a denial of established actors about the prevailing violent atmosphere; this work asks what possible changes could be implemented? Accordingly, the paper ends with some notes for possible new approaches.

KEYWORDS: Football; Goiânia; Brazil; Supporters; Policing.

RESUMO: Este artigo analisa as interações entre torcedores organizados, policiais e outros atores envolvidos no futebol profissional na cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás. Em um contexto em que os incidentes violentos e as mortes têm aumentado, o foco inicial desta pesquisa era a percepção dos torcedores de futebol e da Polícia Militar de Goiás a partir de uma perspectiva global do problema do hooliganismo. O estudo envolveu etnografias sistemáticas em estádios e dados coletados de 300 questionários. O acesso inicial ao 'Batalhão de Eventos' foi complementado por contatos com torcedores, assim como a observação do policiamento. Dadas as diferentes formas de abusos identificadas em um ambiente caracterizado pela negação dos atores estabelecidos sobre a atmosfera violenta prevalente; o trabalho se pergunta quais possíveis mudanças podem ser implementadas? Finalmente, o artigo termina com algumas notas para possíveis novas abordagens.

PALAVRAS-CHAVES: Futebol; Goiânia; Brasil; Torcedores; Policiamento.

INTRODUCTION

Hooliganism may be studied as a global phenomenon¹ for researchers might find common features in different countries, while elucidating the particularities of specific contexts.² Brazil, together with Argentina, stands among the countries with the highest death rates related to football in recent decades. Both countries also share another common feature: no official on-line data is available on this score from national sources. The state of Goiás is no exception. This current research deals with just one city, Goiânia, capital of Goiás, where three professional clubs share most of the passionate local fandom, *Vila Nova* (VN), *Atlético Clube Goianiense* (ACG) and *Goiás Esporte Clube* (GEC). Although the initial focus here was primarily the interactions between organised fan groups – known in Brazil as *torcidas organizadas* – and the police in Goiânia. Our observations revealed several forms of physical and symbolic violence. Therefore, our empirical contribution seeks to introduce other elements and actors besides fans and policing in the construction of the “violence” problem. With no intention to generalize from a single case study, we would like to call the attention about attitudes of established groups which condemn physical aggression but deny other forms of violence.

During the process of research, we were led to interactions with professional clubs and mainstream journalists together with other actors that compose collectively, this sort of social world.³ In can be said, in Elias and Scotson’s terms⁴ that the established groups in this nexus have shown no real interest in changing things, allowing only marginal spaces for ‘outsiders’, such as women, not to mention gay and lesbian groups. Accordingly, besides the extraordinary rate of supporters’ deaths in the urban area of Goiânia, it is also important to warn about the general environment

¹ DUNNING. *Towards a Sociological Understanding of Football Hooliganism a Global Phenomenon*, p. 141.

² SPAAIJ. *Football Hooliganism as a Transnational Phenomena: Past and Present Analysis: A Critique – More Specificity Less Generality*, p. 414.

³ BECKER. *Art Worlds*, p. 12.

⁴ ELIAS; SCOTSON. *The Established and the Outsiders*, p. 6.

of dominant masculinity around Brazilian and Goiás' football in particular.⁵ This dominant masculinity can be shown by extensive homophobic chants and expressions considered as 'normal', even celebrated by some of the local journalism establishment and ignored by public and football authorities.

GLOBAL PERSPECTIVES OF VIOLENCE AND HOOLIGANISM: SPECIFIC FEATURES FROM BRAZIL

This research started with a concern for improving our understanding and analysis of violence between football supporters and the police in Goiânia, however, we decided to focus this research on a broader picture of hooliganism. We do not aim to present here an exhaustive state of the art across the world. Though, it was necessary to place the problem in common and divergent frames in order to introduce elements that were observed when undertaking our own ethnographic study. Very different formulations were put forward in this sense to investigate the problem in the UK more than 40 years ago, firstly, as a reaction of the dislocated working class to transformations in relations within the game itself; then, as expressions of ritualized performances underpinned by symbolic forms of aggression.⁶ Other authors soon explained the problem as a quest for excitement and emotional release as part of lower class masculinity, with the phenomenon worsening during the early 1960s.⁷ This sort of environment in the 1970s and 1980s started to produce high levels of competition and increasing organization among male fan groups, called firms. Other researchers claimed that this sense of belonging to a group of loyal 'lads' was less about fighting and violence and more about enjoying different, heightened moments of collective expressive social life under threat.⁸ The proliferation of a recognized

⁵ LEMES. O preconceito dentro e fora das quatro linhas: o papel dos jornalistas goianos no debate sobre a homossexualidade no futebol, p. 10.

⁶ MARSH. *Aggro*, p.11.

⁷ DUNNING; MURPHY; WILLIAMS. *The roots of hooliganism*, p. 1.

⁸ ARMSTRONG; HARRIS. *Soccer Hooligans: Theory and Evidence*, p. 427.

‘culture’ of hooliganism found expression in the construction of specific attitudes and styles.⁹ However, all this culture of aggressive masculinity involved frequent clashes between hooligan groups and police.¹⁰

At the height of the hooligan phenomenon in England in the second half of the 1980s things took a dramatic turn. A series of fan tragedies brought an end to the volatile atmosphere of the terraces. Top stadia in England would now be all-seated, heavily surveilled and stewarded, and mainly violence-free.¹¹ What led to this dramatic shift? Firstly, a disaster at the Heysel Stadium in Brussels in 1985, which witnessed the death of 39 fans crushed in a crowd panic.¹² This was followed in 1989 by the tragedy of the Hillsborough Stadium in which 96 Liverpool fans were ‘unlawfully’ killed following inept policing and terrace overcrowding.¹³ A report produced 23 years later (and after many attempts to re-open the case) by the Hillsborough Independent Panel demonstrated,¹⁴ beyond question, the crucial role of crowd mismanagement by the police, by the football and stadium authorities, and the false information about ‘causes’ published by sections of the press.¹⁵ However, by late 1980s and especially during the 1990s hooliganism was not only a British phenomenon, but a world-wide concern. Cross-national studies appeared.¹⁶ Some academics began to stress the way in which police action was a decisive factor in helping to escalate, or de-escalate tensions around soccer grounds.¹⁷ Brutal policing, sensationalist media coverage, and violence on the field could also impact on supporter behaviour.¹⁸ As a result, some European countries have increasingly chosen

⁹ REDHEAD. *Some Reflections on Discourses on Soccer Hooliganism*, p. 480.

¹⁰ WARD; WILLIAMS. *Soccer Nation*, p. 271.

¹¹ KING. *The End of Terraces*, p. 15.

¹² GOULD; WILLIAMS. *After Heysel: How Italy Lost the Football ‘Peace’*, p. 587.

¹³ WARD; WILLIAMS. *Soccer Nation*, p. 217.

¹⁴ HILLSBOROUGH. *The Report of the Hillsborough Independent Panel*, p. 3.

¹⁵ WILLIAMS. *Justice for the 96? Hillsborough, Politics and the English Football*. p. 273.

¹⁶ GIULIANOTTI; BONNEY; HEPWORTH. *Soccer, Violence and Social Identities*, p. 2. TSOUKALA. *Soccer Hooliganism in Europe*, p. 5.

¹⁷ STOTT; ADANG; LIVINGSTON; SCHREIBER. *Tackling Football Hooliganism: A Quantitative Study of Public Order, Policing and Crowd Psychology*, P. 116.

¹⁸ BRAUN; Vliegenthart. *The Contentious Fans*, p. 797.

low-profile policing.¹⁹ *Fanprojekts* were funded for example in Germany,²⁰ with a variety of social projects underpinned by the support of mediators; a model that has been replicated in other European countries. These schemes of mediation have been starting to be discussed recently in parts of South America, particularly in Colombia.²¹ Thus, we would like to signal that different forms of hooliganism and violence have not been exclusively a British or even a European phenomenon. Far from it; we can trace some common and also divergent parallels in Latin America, especially, but not exclusively, in Argentina and Brazil.

The work of the sociologist Amílcar Romero, together with that of the anthropologist Eduardo Archetti, has been pioneering in studying the growing problem of violence in Argentina. Their early analysis highlighted the impact of brutal police repression, the violent aggression among organised supporters, the complexity of relationships with institutional power sources, and a useful typology of fan-related deaths since the 1950s.²² In Brazil, however, the initial studies about *futebol* focused on the idealized accounts of the game first proposed in the 1940s by the Brazilian public intellectual Gilberto Freyre and the journalist Mario Filho. This kind of early narrative also insisted on the construction of a collective cross-racial positive imaginary for Brazilian society. Violence seemed not to be a problem.

It is indeed curious, that Argentinean ‘carnival’ climate of supporting has been gradually imitated in other South and Central American countries,²³ except with the added ingredient of dispositions for confrontations, and battles against the police, which have become a source of reputation-building.²⁴ This style has been

¹⁹ LAURSEN. Danish Police Practice and National Fan Crowd Behaviour, p. 326.

²⁰ WINANDS; GRAU. Socio-Educational Work With Football Fans in Germany: Principles, Practice and Conflicts, p. 1008.

²¹ SALVEMOS AL FUTBOL. *El problema de la violencia en el fútbol argentino hoy*, p. 3.

²² ARCHETTI; ROMERO. Death and Violence in Argentinian Soccer, p. 38.

²³ RODRIGUEZ; SOTO; ZUÑIGA. Bares de fútbol/torcidas de futebol na América Latina. Um estado da situação, p. 2.

²⁴ GARRIGA. *Haciendo Amigos a las Piñas*. p. 10. MOREIRA. Juego electoral y las relaciones políticas en el fútbol argentino, p. 128. SEGURA; MURZI; NASSAR. Violence and Death in the Argentinean Soccer in the New Millennium: Who is Involved and What is at Stake?.

incorporated into recent Brazilian traditions, where the history of *torcidas* has had very different roots, relating to the samba from the 1940s in Rio de Janeiro²⁵ or the activist groups of the 1970s instituting protests against rising ticket prices and the mismanagement of club authorities.²⁶ Since the 1990s, however, a certain cultural radicalization gradually started to take place on the Brazilian terraces.²⁷ *Torcidas organizadas* grew in number by attracting mainly male teenagers and young adults from the popular classes, specific events could be utilized to stir up violent aggression.²⁸ Fan chants now increasingly swore death to enemies, accompanied by threatening gestures.²⁹ The public image of *torcidas* has been therefore increasingly associated with violence and media panics.³⁰

Accordingly, this research aims to signal specificities of violent behaviour and abuses identified in the city of Goiânia. Among the 304 soccer-related deaths that occurred in Brazil between 1988 and 2016,³¹ the state of São Paulo presented 50; Rio Grande do Norte 43; Rio de Janeiro 32 and Goiás 30 fatal casualties. The state of Goiás appears highly placed among the deadliest locations out of the 26 states in Brazil. Furthermore, the authors of this research identified at least 11 soccer-related fatalities between August 2017 and September 2019 around the metropolitan area of Goiânia alone. We propose two hypotheses about the serious problem of supporters' killings here: (1) the prevalence of national and local radical fan rivalries; and (2) the rise of internal disputes for power within the same group of fans. Then, what incidents are involved here? Should we focus only on deaths, rather than broaden our understanding of the atmosphere within the world of Brazilian soccer, the state of Goiás and the city of Goiânia in particular? We chose to expand our analysis and consider the prevailing general environment and the attitudes of different actors.

²⁵ HOLLANDA. *O Clube como vontade e representação*, p.21.

²⁶ FLORENZANO. Dictatorship, Re-Democratisation and Brazilian Football in the 1970s and 1989s, p. 147.

²⁷ TEIXEIRA. *Os perigos da paixão*, p. 33.

²⁸ TOLEDO. *Torcer: a metafísica do homem comum*. p. 176.

²⁹ MONTEIRO. *Torcer, lutar, ao inimigo massacrar*, p. 6.

³⁰ LOPES. A construção do problema social da violência no futebol brasileiro, p. 89.

³¹ MURAD. *A violência no futebol*, p. 3

FIELDWORK WITH SUPPORTERS AND POLICE, INTERACTIONS WITH CLUBS AND JOURNALISM

The first incident observed by the main author, recently arrived in Goiânia, was in the largest stadium of the city, *Serra Dourada*, back in April 2016. It was a large-scale disturbance involving a group of supporters and the military police, subject of latter widespread media condemnation of ‘violent’ fans. As a result, the researcher decided to offer a course on football culture and policing for graduate students in 2017. The Police Unit of Events of the military police (BEPE) was contacted by e-mail in order to invite them to participate in one of the sessions. The lieutenant in charge of the security at stadia, now Captain Ricardo Junqueira Dourado, asked to attend as an ‘ordinary’ student to acquire knowledge and discuss the work of his specialized police body. This partnership opened doors for what proved to be a fruitful collaboration, both in the classroom and in the field.

INITIAL METHODOLOGICAL APPROACH

During the first four months, systematic observations were concentrated primarily on the behaviour of organised fans and the police. The group then produced a series of written reports compiled from first-hand information. Yet, instead of focusing on policing and its reactions, we also chose to accompany groups of supporters on their experiences: entering the stadium; performing during games in different sectors of stands; and reviewing events after matches. We stayed frequently with groups outside the stadium when they gathered to celebrate or just fraternize, eating and drinking around ‘informal’ food stalls. For a second seminar, a few more students joined: another member from the police and one young woman from one of the fan groups, Thaissa, who allowed interactions with insider fellow supporters. The team then decided to conduct a survey focused on violence perceptions at the stadia involving both fans and the police. Ethical permission was firstly granted by the graduate

programme of sociology at the Federal University of Goiás, then by the Colonel of the BEPE. All responses were provided anonymously.

DATA COLLECTION AND ANALYSIS

After 4 months of ethnographic observations, specific surveys were elaborated by the research group. We included some basic questions about age and gender, and then more detailed ones for fans about: club of support; being part or not of the organised groups; reasons and frequency to attend stadia; views on forms of perceived violence and abuse; ideas to reduce confrontations, as well as the role of both fans and police, though police and fans got slightly different questionnaires. These topics emerged from previous fieldwork observation, informal conversation with fans, police and our own discussions in the classroom. The following percentages show the distribution of individuals who took part in the surveys. Out of the 243 fans consulted, 95 (39%) claimed to be VN's supporters, 83 (34%), GEG's fans and 65 (26%) from ACG. It is worth mentioning that 80% of these fans were male. Form the 33 BEPE members that responded, 26 were males and only 7 female officers. When conducting fieldwork and when applying the questionnaires, the group was careful in trying to avoid the role-duality problem, particularly with supporters. We introduced ourselves with an official printed message from the University explaining the academic purposes of the inquiry. Despite - or because of - that, some individuals refused to answer, while others asked whether they could bring friends to collaborate. The main researcher was involved with students in the survey process. We usually divided the data collection mission in two groups that covered different areas around and inside stadium each time. With the police officers, the surveys were conducted three hours before the games at their usual meeting point. We need to reckon that data collection was more empiric-driven than theoretical oriented. The whole process involved 70 games, but the surveys naturally produced a series of difficulties. Replies from 300 interview questionnaires were hoped for, and although the 33 target for police

respondents was reached, some replies from supporters had to be discarded when processing the data. Some left answers incomplete as they were anxious to enter the stadium when being consulted. Even though the response rate was lower than that originally foreseen, a representative sample of N = 234 supporter returns and N = 273 total returns (91%) was achieved. Moreover, a Master's dissertation on the study of public communication was being undertaken by one of the members of team.³² This research about homophobia, helped to identify, beyond our defined questions, other forms of abusive expressions in chants from organised supporters and more 'spontaneous' verbal abuse from all kinds of fans. This work also demonstrated through interviews with journalists from TV, radio and written press, how homophobic comments were considered 'natural' in the state of Goiás; justified and reproduced in in-house 'jokes' when referring to colleagues. All these elements convinced the group that our last months of fieldwork should focus not only on physical confrontations, but also consider a wider picture of the hyper-hetero masculine atmosphere around stadia and in media coverage.

FINDINGS: SUPPORTERS' GATHERINGS, POLICING, FATAL EVENTS AND HOMOPHOBIA

Football is very important for the almost two million inhabitants in the metropolitan area of Goiânia and its neighboring cities. The city of Goiânia has five stadia; *Serra Dourada*, the biggest, inaugurated in 1975 with a capacity of 50,000 spectators. Due to its precarious facilities, dirty bathrooms and unsafe sectors, but mainly because of national safety patterns adopted in Brazilian stadia, only around 30,000 spectators were allowed entry by police before the outbreak of the Covid-19 pandemic. The others, used only for games with expected crowds of no more than 10,000 fans, are the *Olympic Pedro Ludóvico*, and the home stadia of each of the three elite clubs. In relation to fan rivalries in Brazil, each club has organised fans operating within

³² LEMES. O preconceito dentro e fora das quatro linhas: o papel dos jornalistas goianos no debate sobre a homossexualidade no futebol, p. 124.

variations of the 'Bedouin syndrome', as it was the case in the UK during the 70s and 80s,³³ in relation to other peers from different latitudes in the country. This means that a 'friend of a friend is a friend; the enemy of an enemy is a friend, and the friend of an enemy in an enemy'. Nevertheless, these codes only apply to supporters and are often inconsistent and unstable; ordinary fans do not really care about them. In this context, organised fans groups of VN, AGC and GEC have been in a permanent state of tension and often engage in confrontations with rivals. The intensity of clashes, especially between the *torcidas organizadas* of VN and GEG, led the local Minister of Justice (*Ministério de Justiça*) to ban these groups for a number of years in 2011. Moreover, and despite the fact that Goiânia was not selected as a host for the 2014 FIFA World Cup, a specialized police unit for public order events in the area (BEPE) was created in 2013. One of the first interventions of this body was to establish negotiations with the leaders of the organised fan groups in order to reach agreement and convince the Minister of Justice to let these prohibited groups enter stadia. This guarantee allowed the return of *torcidas organizadas* with their flags, musical instruments, uniforms – and occasional violent aggression. Nonetheless, each member had to be registered on a list and all that information was transmitted to the BEPE.

In spite of the efforts of the police body to organise fans journeys, frequent clashes in bus stations, streets and, on more than one occasion, in the stands, gradually led the police to adopt a hardening stance. After TV coverage of a large-scale fight between the organised fans of GEC and VN in July 2017 at the *Serra Dourada*, the BEPE insisted that local derbies should be staged without away fans. The police here act as one established actor and the fans can be considered as outsiders in what could be read as a rather unequal balance of power. However, relationships around staging matches are more complex than this, since more agents can actually intervene and influence the 'game' equilibrium. According to one of our police informants, the

³³ DUNNING; MURPHY; WADDINGTON. Anthropological Versus Sociological Approaches to the Study of Soccer Hooliganism: Some Critical Notes, p. 460.

decision to ban away fans whenever the three local clubs play each other has improved crowd management around the venues. Nevertheless, a remarkably similar outcome to what happened first in the province of Buenos Aires and then in the rest of Argentina³⁴ with this measure operating since 2013, seems to have occurred in Goiânia. Violent episodes now started to be displaced, often taking place far from the stadia. They have not ceased and, more importantly, they have become a security problem in some distant neighborhoods during derby days.

It is also important to stress that Goiás was considered the 9th most violent state of Brazil in 2018: 2,025 of the 48,962 general homicides occurred there, around 4% of the national total.³⁵ Therefore, two additional hypotheses are plausible complementary of each other here. Firstly, it is likely that the high rates of domestic general crime and serious weaponised violence may have an impact and permeate the world of football. Secondly, there may be highly specific and intensive forms of soccer disputes that pertain here; meaning that different forms of abuse are inherent and generated inside the micro-cosmos of the local football environment. In the two-year period when this research was being carried out, the research group learned that during a derby match between GEC and VC, played without away fans, a supporter had travelled to a local bus station 30 minutes before the start of the match to shoot at the main group of rival fans. The individual concerned was eventually killed by a bullet coming from the other side. Some months after that episode, a supporters' bus travelling to the next derby game was attacked with a homemade Molotov bomb, producing several injuries. Just weeks after, the supporters of one of the closet allies of GEC from the southern state of Paraná were attacked by a group of VN with another Molotov. As a result, some groups of the *torcida organizada* of GEC felt their honour had been offended too far; they decided to strike back. In November 2018, a teenager of VN out walking, was the subject of a surprise attack and was beaten to death.

³⁴ SALVEMOS AL FUTBOL. *El problema de la violencia en el fútbol argentino hoy*, p. 2.

³⁵ FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, 13, 2019. Disponível em: www.forumseguranca.org.br. Acesso em 15 jan. 2020, p. 3.

A very delicate moment in the process of research occurred when the main author was invited in April 2018, to attend a soccer tournament among different groups of one the *torcidas organizadas*. As Rookwood and Palmer have argued³⁶, the traditional, competitive formats of soccer may not only be inappropriate to promote peaceful relations, but they can even exacerbate latent tensions among rival groups. As that journey went on, it became evident, through ethnography; that the strain during the tournament was growing ever tighter, and the atmosphere became so tense that one of the organisers eventually took out a gun and shot a live round into the air to disperse what appeared to be an imminent massive fight.

We identified among supporters, two different positions in relation to violent fights against 'enemies': those who urged for yet more punishments and revenge; and those who were more open to strategic truces. We could obviously only talk safely with this second group, as they wanted their voice to be heard. In May 2018, during a derby match between GEC and VN with no away fans; a 1-3 score created a very hostile climate. According to the police, one disillusioned fan set fire to a club t-shirt, which provoked anger among fellow supporters and police action. Fans later denied this version of events, but we could observe a huge group of supporters throwing objects at the ranks of police, some of whom reacted by beating with riot sticks. The Shock Unit (different to BEPE but in coordination with the latter) intervened by launching pepper grenade, which generated scenes of panic. The match was halted and the crowd evacuated, but the repression continued outside. Then, the mounted police charged indiscriminately against fans leaving the venue. Parents were running with their kids crying. In these sorts of events, each side tends to blame the other as scenes worsen.

³⁶ ROCKWOOD; PALMER. Invasion games in war-torn nations, p. 185.

CROSSED PERCEPTIONS OF SUPPORTERS AND POLICE: CAUGHT BETWEEN RECOGNITION AND BLAME

As far as perceptions of violence within the atmosphere of football in Goiânia are concerned, 44% of the supporters consulted considered that physical aggression had grown in recent years. Some 29% disagreed and said that violence had declined. It is important to clarify that not all answers to the survey questions appear in the tables presented below, only those considered relevant for this paper. For the 33 police officers consulted, six individuals argued that violence has increased, while twenty-one believed that it has decreased, mainly thanks to their efforts. Two facts may play a part here; some of the police surveyed were relatively new staff, with only a few games of service when consulted. Others, who declared that they ‘never’ saw or heard any physical violence, may have simply not wanted to compromise themselves with their answers, despite assurances about anonymity. We have included in the tables only those answers of complete agreement or disagreement with the key issues, although in some cases interviewees agreed partially, or simply did not have any comment about the topic. This explains the discrepancies between the percentage figures. We can see that many more supporters than police claim to have seen acts of aggression at soccer events including three-quarters who have seen fighting at matches (Tables 1 and 2).

<i>Acts at stadia</i>	Saw acts of vandalism	Saw individuals fighting	Saw people selling drugs	Saw individuals stealing
<i>Yes</i>	69%	75%	21%	23%
<i>Never saw, never heard</i>	10%	5%	57%	55%

Table 1: Perceptions of supporters on aggression and delinquency (N = 243).

<i>Acts at stadia</i>	Saw acts of vandalism	Saw individuals fighting	Saw people selling drugs	Saw individuals stealing
<i>Yes</i>	54%	54%	39%	33%
<i>Never saw, never heard</i>	6%	3%	12%	30%

Table 2: Perceptions of police (BEPE) on aggression and delinquency (N = 33).

Notice that a large majority of supporters disagree that games should be staged with no visiting supporters and oppose the ban of organised fans (Tables 3 and 4).

	Increase presence of police	Prohibit organised supporters	No visiting supporters	More stewards needed	Mediators of conflicts needed	More dialogue with police
<i>Agree</i>	66%	23%	14%	60%	68%	78%
<i>Disagree</i>	16%	63%	79%	30%	18%	12%

Table 3: Perception of supporters on security issues.

	Increase presence of police	Prohibit organised supporters	No visiting supporters	More stewards needed	Mediators of conflicts needed	More dialogue with supporters
<i>Agree</i>	60%	49%	36%	84%	63%	51%
<i>Disagree</i>	2%	18%	33%	3%	6%	3%

Table 4: Perception of BEPE officers about security issues.

Police views, perhaps unsurprisingly, are rather more divided. It can be also observed in Table 3 that BEPE's officers overwhelmingly agree with the idea of more stewards to support and relieve their work. The police also agree - in significant number - with the idea of more police presence and more dialogue with supporters, a view mirrored by our fan samples. However, almost half of police respondents (49%) agree with the ban of organised groups of supporters - fewer than one-in-four fans (23%) feel the same way. Supporters were also strongly against total bans on visiting fans, while police views were much more split on the matter. When supporters discuss violence and abuse on the part of authority figures at soccer events (i.e., the police), 98 individuals (40%) claimed to have been victims of official misbehaviour, at least once. It is perhaps useful at this point to quote the words of one of the leaders of an organised 'end' at stadium in this respect:

BEPE has done an important job to allow us to come back [into the stadium]. If it was not for them, there would be even more physical violence and confrontations. However, two factors have avoided sustainable peace. Most of us - by that I mean members of *torcidas organizadas* - we simply like fighting and that complicates things for everyone. Thus, even though we respect the battalion, they treat us as an authoritarian father. They say what we can, and we cannot, do. They do not allow us to have a more egalitarian dialogue.

We need to specify, however, that the BEPE is not the only police body active at stadiums; the Shock Unit (outside and inside), the Civil Police (inside and outside), and the Mounted Police (outside) also intervene. However, out of the 33 members of BEPE surveyed, only four claimed to have seen some abuse by authority figures. This may suggest a loyalty to the collective, or else, a view that, in the context of soccer almost any act from the police towards supporters may be construed as legitimate. Now, if we dive into perceptions of other forms of abuse and discrimination (racial or sexual), the answers from out 243 supporters show that 140 (56%) said that 'never' saw, or heard, any form of sexual discrimination at soccer events, even though a significant number observed chants and abusive songs aimed towards opponents routinely calling rival players and fans 'homosexuals'. Our observational fieldwork confirmed that around 60% of the chants deployed at stadiums contain homophobic

words against opponents. For the police, out of the 33 members consulted, 15 (45%) stated that never saw, nor heard, any form of sexual discrimination or homophobic chanting. Perhaps this is even more alarming, given their role in enforcing equality statutes. Moreover, this sort of abuse is not the monopoly of organised fans. In every single game we attended, ordinary fans (those not belonging to *torcidas organizadas*) from all kinds of ages and backgrounds, including male and female supporters, ‘insulted’ rivals’ players, referees and also their own players with homophobic abuse; but what about clubs, journalists and other actors in relation to these incidents and abuses?

AUTHORITIES AND JOURNALISM: PUBLIC DISCOURSES AROUND FAN VIOLENCE AND ABUSES

If we look into the role of the mainstream media in Brazil, it can be interpreted as being among the most deeply established groups in terms of the organization and representation of soccer. A main holding has held the rights to broadcasting games for decades in the country, to the point where they have provided more financial resources to clubs than ticket selling, and they have regularly scheduled kick-off times according to their interests. Sometimes they delay games because of their own TV drama shows. As far as this research is concerned, we organised a seminar in May 2019 on how to promote peace in the stands through the construction and intervention of club-run social programmes and mixed-gender initiatives. No reporter of any media outlet showed up at the seminar. Since mid 2016, however, one of the most important written newspapers of the state of Goiás called the lead author on at least six occasions when physical violence relating to organised supporters was a focus for extensive coverage on TV. Nevertheless, one representative of each of the three elite clubs and one from the *Federação Goiana de Futebol* (the local football federation) showed up, plus two officials of the local Public Department of Justice; all of them were invited by the BEPE and around 60 fans who participated in the survey process. Besides the presentation, we offered to assist in the launching of practices adapted to the circumstances in the area. Strangely, perhaps, but also symbolically

powerful, a donation of blood between rival supporters was also suggested by the police. For all our well-intentioned propositions, nothing that was discussed, not a single idea or social action proposed, was appropriated by any of these agents.

It is also worth mentioning that a fan seminar organised by and for women of one of the three local clubs was held in January 2018, at the local Chamber of Representatives to discuss these and other issues. More than 200 female members were present and several women's leaders spoke about their experiences within the *torcida*, or simply as soccer fans. This seminar was observed by the main author. However, no women from the other two clubs were invited and no replication of the initiative has ever taken place. Our informants had divergent opinions about the idea of a separated fan movement for females. Whereas some believed that a women's formation could operate with autonomy in relation to organised fan groups, others stressed that they could only be a branch of the whole entity, subject to the decisions and orientations of the (male) supporters.³⁷ It was also significant that while some women were willing to advocate for a less violent atmosphere, others were keen to celebrate victorious fights and even the deaths of 'enemies'. They were as deeply invested in local rivalries as some male fans were. This challenged the possibility of a consistent solidarity and cohesion among local female fan groups.

Another seminar, this time organised by the research team in September 2019 at the Federal University in the City, also focused on the role of women, in more general terms about their place in the history of football in Brazil delivered by one of the authors of this paper. Although we invited media outlets; again, no media representative appeared. In addition to that, one of the clubs was already playing at the first division of the national championship and there was pressure to develop their women's team, no official of any of the elite clubs came or even replied to the formal invitation. We also noticed, through ethnographic fieldwork, that the soccer authorities and even the public address announcements at the stadiums in Goiânia, do

³⁷ NETTO. Desigualdades de gênero no futebol: o caso das torcidas organizadas em Goiás, p. 2.

nothing to combat homophobic expressions. On the contrary, informal conversations and off-the-record comments with clubs authorities and local fans made to our team confirmed that those involved rather enjoyed the verbal abuse aimed at rivals, especially soccer players, as a means of destabilizing them emotionally. Furthermore, our interactions with the traditional local media outlets were not that different. Several journalists were interviewed by the parallel Master's dissertation student about homophobia in this state of the central region of Brazil. Under the shield of anonymity, half of the 18 interviewees stated that such expressions were 'normal', mere banter, part of Brazilian soccer-folklore. All these interactions experienced led us to acknowledge that there were no genuine interests in changing the prevailing atmosphere of football of Goiás by the soccer authorities, the mainstream media, a large majority of organised fans and the public bodies involved (in any form other than punishment for physical aggression by fans). This is one reason why we propose different approaches for further research.

DISCUSSION AND CONCLUSIONS

This research was initially focused on the different perceptions of supporters and the military police about violence in soccer events in Goiânia, capital of Goiás, Brazil. Accordingly, some of the common ground of the hooliganism theory was considered in order to grasp international parallels and discern specificities of the local context. Some features were indeed remarkably similar to research findings produced by British –especially between the 70s and 80s-, other European and also Argentinean scholars: rivalry based on honour and prestige among peers; in other words, competition to deploy hegemonic masculinity. Strain and aggression between supporters and police can be also considered among other similar characteristics the 'old' British environment at stadiums and the current state in Argentina. However, we would like to stress particularities from this specific research. We are well aware that the full observational fieldwork and the surveys would not have been feasible (especially the section aimed at the Police Unit of Events) without the support of

Lieutenant, now Captain Junqueira. He acted as a key gatekeeper allowing access both to the BEPE and to local fan groups. We reckon, in this vein, that this unit has made important efforts to engage, both with researchers and organised supporters, although they are the main public security body at stadia and make recommendation to the authorities, this body share the final policy making decisions with other established groups. The BEPE authorities might disagree with this point of view, since they stress that they have been trying to settle meetings and discuss sensitive matters, periodically, with organised supporters. However, we realized that police exercise authority over fans in a way which is not about promoting 'egalitarian dialogue.' So, this style of management of soccer crowds and the unstable engagement to respect agreements from important segments of fans led the police, 'inevitably' to adopt -and maintain- 'high profile', militaristic policing.

Our initial, and perhaps rather naïve hypothesis was that violent episodes were the likely product of strain among fans on the one hand, and supporters against police on the other. Our interactions, during the last phase of research, with clubs' authorities, supporters, police and journalists led us to modify our discussion. It would be difficult, though not impossible, to introduce, gradually, a lower profile of policing at soccer stadia in Goiás, at least inside the venues. If we just consider the responses of the officers who were consulted, they agreed with the idea of more stewards, but that would, in fact, require more investment in training from clubs as well as a reduction in police numbers. We also need to be realistic and reckon that a lower profile of policing does not exclusively depend upon the BEPE. As far as we could ascertain, police bodies believe that they deliver the best possible service. We have never heard any senior police official offer any public admission of mistakes made. This also happens in Argentina and, indeed in England in the decades between 1960 and 1990.³⁸

³⁸ NEWSON. Football, Fan Violence, Identity Fusion, p. 433.

Other relevant findings suggest that elites clubs in Goiânia have shown a clear lack of interest in creating cosmetic, never mind structural changes to what they currently do. According to our local informants from every side, these clubs care only about three immediate things: the result of the following game; how to obtain more money from players' transfers and TV rights; and how to be in a better position than their two local rivals. Unlike other clubs who work with a diverse sample of supporters – including gays and lesbian groups, fans of African-descendants, women, fans with disabilities, and even social scientists – as it seems to be the case in the coastal state of Bahia;³⁹ the professional clubs in Goiânia seem far away from this more progressive approach. Similar reflections occur in relation to mainstream media, as they have been interested only in covering physical violence, condemning organised supporters and sometimes the police, but have shown no sensitivity at all towards playing a bigger role in fostering a more peaceful atmosphere at soccer. Maybe this approach conflicts with dominant values?

We propose then a different, and perhaps deeper, perspective for further research and preventative work. In order to reduce violence, confrontations and abuse, and to produce wider impacts, at least on the local championship of Goiás, a collective change in the prevailing culture is desperately required. However, this change will not come easily based on establishing consent among different actors. That scenario would mean reducing the power gap between the established ones and the peripheral groups who are not heard, not really considered - as authors such as Elias and Scotson,⁴⁰ Hughes and Goodwin⁴¹ have theoretically put forward in reading unequal balances of power in socially interdependent relations. In order to have a concrete starting point in this case, we would suggest actors to adopt sustainable and different roles to negotiate change. Yet, what kind of change? Due to the hetero-

³⁹ LAW. How Bahia became the most progressive soccer club in Brazil. Disponível em: <https://bityli.com/Pr8Mt>. Acesso em 20 dez. 2019, p. 1.

⁴⁰ ELIAS; SCOTSON. *The Established and the Outsiders*, p. 5.

⁴¹ HUGHES; GOODWIN. Established-Outsider relations and figurational analysis, p. 8.

normative values prevailing, this may be a long and problematic path, full of obstacles laid out by some of the established agents and even colluded in by some peripheral ones. An urgent truce is more than needed for a shift that requires working on new generations of supporters and police, as well as on representatives of the soccer and public authorities. We are also aware that an effort of mainstream journalism should also be part of the change. With the current trend to highlight and even amplify violent episodes, but no real interest in covering seminars and take part in debates to foster peace, all of this seems more a message of hope than a realistic path. There is not enough general consensus; for example, about tackling homophobia and its partner dominant hegemonic-masculinity. We call, nevertheless, for different public policies and more social science research applied to alert about these features identified. This sort of approach may, ideally, mean attempts to build substantial different female spaces at the stadiums and in terms of more support for women's soccer, along with the creation of community mixed-gender programmes where young supporters of different teams could meet, interact and reflect about a different atmosphere. Whether elite clubs are willing to underpin these initiatives is unclear, but perhaps with enough pressure of other actors they might be led to provide support.

* * *

REFERENCES

- ARCHETTI, Eduardo; ROMERO, Almícar. 'Death and Violence in Argentinian Soccer'. In: GIULIANOTTI, R.; BONNEY, N.; HEPWORTH, M. (orgs.) **Soccer, Violence and Social Identities**, p. 37-70. London: Routledge, 1994.
- ARMSTRONG, Gary.; HARRIS, Rosemary. 'Soccer Hooligans: Theory and Evidence'. **Sociological Review**, 39, n. 3, p. 427-567, 1991.
- BECKER, Howard. **Art Worlds**. Berkeley: University of California Press, 1982

BRAUN, Robert; VLIEGENTHART, Rens. The Contentious Fans: The Impact of Repression, Media Coverage, Grievance and Aggressive Play on Supporters' Violence. **International Sociology**, 23, n. 6, p. 796-818, 2008.

DUNNING, Eric. Towards a Sociological Understanding of Football Hooliganism, a Global Phenomenon. **European Journal on Criminal Policy and Research**, 8, n. 1, p. 141-62, 2000.

DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John. *The roots of hooliganism: an historical and sociological study*. London: Routledge, 1988.

DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WADDINGTON, Ivan. Anthropological Versus Sociological Approaches to the Study of Soccer Hooliganism: Some Critical Notes. **Sociological Review**, 39, n. 3, p. 459-78, 1991.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **The Established and the Outsiders: a Sociological Inquiry into Community Problems**. London: Frank Cass & Co, 1965.

FLORENZANO, José Paulo. Dictatorship, Re-Democratisation and Brazilian Football in the 1970s and 1989s'. In: FONTES, Paulo; HOLLANDA, Bernardo. (Orgs.). **The Country of Football: Politics, Popular Culture and The Beautiful Game in Brazil**, London: Hurst, 2014.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, 13, 2019. Disponível em: www.forumseguranca.org.br. Acesso em: 15 jan. 2020.

GARRIGA, José. **Haciendo Amigos a las Piñas: violencia y redes sociales en una hinchada de fútbol**. Buenos Aires: Prometeo, 2017.

GIULIANOTTI, Richard; BONNEY, Norman; HEPWORTH, Mike. **Soccer, violence and social identities**. London: Routledge, 1994.

GOULD, David; WILLIAMS, John. After Heysel: how Italy Lost the Football 'Peace'. **Soccer & Society**, 12, n. 5, p. 586-601, 2011.

HILLSBOROUGH. The Report of the Hillsborough Independent Panel. London: The Stationary Office, 2012.

HOLLANDA, Bernardo. **O Clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

HUGHES, Jason; GOODWIN, John. Established-Outsider Relations and Figurational Analysis. **Historical Social Research**, 41, n. 3, p. 7-17, 2016.

KING, Anthony. **The End of Terraces: The Transformation of the English Football in the 1990s**. Leicester: Leicester University Press, 2000.

LAURSEN, Beedholm. Danish Police Practice and National Fan Crowd Behaviour: Dialogue or Coercive Force? **Soccer & Society**, 20, n. 2, p. 325-340, 2019.

- LAW, Joshua. How Bahia Became the Most Progressive Soccer Club in Brazil, *The Guardian*, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3RVkRTX>. Acesso em: 20 dez. 2019.
- LEMES, Luiz. **O preconceito dentro e fora das quatro linhas: o papel dos jornalistas goianos no debate sobre a homossexualidade no futebol**. Dissertação Mestrado em Comunicação. Goiânia: UFG, 2019.
- LOPES, Felipe. A construção do problema social da violência no futebol brasileiro. **Athenea Digital**, 16, n. 2, p. 89-113, 2016.
- MARSH, Peter. **Aggro: The Illusion of Violence**. London: Dent and Ldt, 1978.
- MONTEIRO, Rodrigo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: raça rubro-negra!** Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- MOREIRA, Veronica. Juego electoral y las relaciones políticas en el fútbol argentino. **História: Questões e Debates**, 57, p. 127-149, 2012.
- MURAD, Maurico. **A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas**. São Paulo: Benvirá, 2017.
- NETTO, Thaissa. **Desigualdades de gênero no futebol: o caso das torcidas organizadas em Goiás**. Monografia em sociologia, Rio de Janeiro: Estácio de Sá, 2021.
- NEWSON, Martha, 2019. Football, Fan Violence, Identity Fusion. **International Review for the Sociology of Sport**, 54, n. 4, p. 431-444, 2019.
- REDHEAD, Steve. Some Reflections on Discourses on Soccer Hooliganism. **Sociological Review**, 39, n. 3, p. 480-486, 1991.
- RODRIGUEZ, Onésimo; SOTO, Luis; ZUÑIGA, Cindy. Bares de fútbol/ torcidas de futebol na América Latina. Um estado da situação. **Recorde**, 12, n. 2, p. 1-67, 2019.
- ROOKWOOD, Joel; PALMER, Clive. Invasion Games in War-Torn Nations: Can Football Help to Build Peace? **Soccer & Society**, 12, n. 2, p. 184-200, 2011.
- SALVEMOS AL FÚTBOL. **El problema de la violencia en el fútbol argentino hoy**. Buenos Aires: Salvemos al Fútbol, 2019.
- SPAAIJ, Ramon. Football Hooliganism as a Transnational Phenomena: Past and Present Analysis: A Critique – More Specificity Less Generality. **International Journal of the History of Sport**, 24, n. 7, p. 411-31, 2007.
- SEGURA, Fernando; MURZI, Diego; NASSAR, Belén. Violence and Death in the Argentinean Soccer in the New Millennium: Who is Involved and What is at Stake? **International Review for the Sociology of Sport**, 54, n. 7, p. 837-54, 2019.
- STOTT, Clifford; ADANG, Otto; LIVINGSTONE, Andrew; SCHREIBER, Martina. Tackling Football Hooliganism: A Quantitative Study of Public Order, Policing and Crowd Psychology. **Psychology, Public Policy and Law**, 14, n. 2, p. 115-41, 2008.
- TEIXEIRA, Rosana. **Os perigos da paixão: visitando as jovens torcidas cariocas**, Rio de Janeiro: Annablume, 2004.

TOLEDO, Henrique. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História São Paulo**, 163, p. 175-189, 2010.

TSOUKALA, Anastassia. **Soccer Hooliganism in Europe: Security and Civil Liberties in Balance**. UK: Palgrave, 2009.

WARD, Andrew; WILLIAMS, John. **Soccer Nation: Sixty Years of the Beautiful Game**. London: Bloomsbury, 2010.

WINANDS, Martin; GRAU, Andreas. Socio-educational Work with Football Fans in Germany: Principles, Practice and Conflicts. **Soccer & Society**, 19, n. 7, p. 1007-1022, 2016.

WILLIAMS, John. Justice for the 96? Hillsborough, Politics and the English Football. *In*: HOPKINS, M. *et al.* (orgs.). **Football Hooliganism, Fan Behaviour and Crime**. E-Book: Palgrave, 273-295, 2014.

* * *

Recebido em: 19 de novembro de 2020
Aprovado em: 29 de agosto de 2021

Same Field, Different Skin Colors: The Performance of Race and Colorism in Brazilian Football

Mesmo campo, diferentes cores de pele:
A performance da raça e do colorismo no futebol brasileiro

Francisco Quinteiro Pires

New York University, New York, United States
Doutor em Estudos Culturais e Literários, NYU
fqp202@nyu.edu

ABSTRACT: This article investigates how processes of racialization and the ideology of colorism operate in the football games played in the city of São Paulo between teams of Black Brazilians against teams of White Brazilians from 1927 to 1939, and in a 2003 match recorded by the documentary *Preto contra branco*. It builds on interpretations by authors who studied the news articles about those matches, arguing that the games embody political narratives that counteract the ideology of colorism. They also invoke a racial division similar to the one drop rule in the United States and subversively reenacted it, which destabilizes the myth of racial democracy in Brazil. In defiance of a colorist discourse that at once favors limited national integration and reinforces racial hierarchy, those games represent a critique against racism and the myth of racial harmony. They also contest Gilberto Freyre's reductive notion that Afro-Brazilians practice football as an "arte de songamonga."

KEYWORDS: Racial Democracy; Race; Gilberto Freyre, Brazilian Football; Colorism.

RESUMO: Este artigo investiga como processos de racialização e a ideologia do colorismo operam nos jogos de futebol disputados, na cidade de São Paulo, entre times de brasileiros negros contra times de brasileiros brancos de 1927 a 1939 e em uma partida de 2003 registrada pelo documentário *Preto contra branco*. Com base em interpretações de autores que analisaram textos jornalísticos sobre essas partidas, ele argumenta que esses jogos encarnam narrativas políticas que se contrapõem à ideologia do colorismo. Essas disputas também estabelecem uma divisão racial semelhante à regra da gota única nos Estados Unidos e subversivamente a reencenam para desestabilizar o mito da democracia racial no Brasil. Desafiando um discurso colorista que promove uma integração nacional limitada enquanto reforça uma hierarquia racial, essas partidas representam uma crítica ao racismo e ao mito da harmonia entre as raças. Eles também contestam a noção redutora de Gilberto Freyre de que os afro-brasileiros jogam o futebol como "uma arte de songamonga".

PALAVRAS-CHAVE: Democracia racial; Raça; Gilberto Freyre; Futebol brasileiro, Colorismo.

INTRODUCTION

Between 1927 and 1939, teams of Black and White Brazilians played football matches to commemorate the official end of slavery in the state of São Paulo. In these two decades, an amateur football league always scheduled the games on May 13th, the day in which the Lei Áurea abolished slavery in the South American country in 1888. Brazil was the last nation in the Americas to prohibit the enslavement of Black people. In these games, players divided themselves according to their races. Some of them were able to self-identify the color of their skin. At that time, Arthur Friedenreich was the most important Brazilian football player. Friedenreich played for the team of White footballers on the May 13th games.¹ He was mixed-race, born to a German father and a Black mother. Friedenreich was a chameleonic player.

The purpose of these matches was to celebrate a new era in Brazil, in which an incipient project of national identity strived to subdue Black people in a color-blind society. Authors who analyzed news articles from that period claim that, by being regarded as original, “essa iniciativa reforçava um discurso proclamado de que o brasileiro seria um povo avesso ao preconceito racial.”² After the teams of Black players have accumulated victories in some of the May 13th competitions, these authors asserted that the news articles about the games, which were published between 1927 and 1939, praised the athletic, bodily, and technical performance of the Afro-Brazilians, who were able to play in “a clima de cordialidade”.³ The essentialist compliments would set the tone for a future consensus about the supposed innate aptitude of Black sportsmen for playing football and interpret that sport as an opportunity to include Black people socially and economically.⁴

¹ ABRAHÃO; CALDAS; SOARES. O ex-jogador de futebol Arthur Friedenreich em museus da cidade de São Paulo, p. 96.

² ABRAHÃO; SOARES. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos “pretos x brancos”, p. 51.

³ ABRAHÃO; SOARES. Raça e civilidade nos jogos “preto x branco”, p. 1138.

⁴ ABRAHÃO; SOARES. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais, p. 6.

This idea reinforced the perception of racial inclusiveness in Brazil, which would later be hegemonically proposed as the myth of racial democracy.⁵ Gilberto Freyre deemed Brazilian football a creative and unique reinvention of a European sport for which the contribution of Afro-diasporic people was fundamental.⁶ Freyre would keep stressing this argument from the late 1930s forward, a period in which racial integration in Brazilian professional football had already started. For him, Brazilian players of African descent turned an English invention into a sport more spontaneous, similar to a dance with Dionysian moves. In an article published in 1938, Freyre defined Brazilian football as the enemy of “formalismo apolíneo e amigo das variações; deliciando-se em manhas moleironas, mineiras a que se sucedem surpresas de agilidade. A arte de songamonga”.⁷ Like *capoeira*, football played by people of African descent in Brazil became for Freyre the manifestation of *malandragem*.⁸

The same practice of organizing games of Black players against White players resurfaced in São Paulo in the 1970s. However, contrary to the matches that took place from 1927 to 1939, which commemorated the abolishment of slavery and the supposed inclusion of formerly enslaved people and their descendants into Brazilian society, the games from the 1970s onward were *jogos de várzea* within a spontaneous, amateur, and unofficial competition organized by poor, working class people.⁹ Directed by Wagner Morales, the documentary *Preto contra branco* (2004) narrates the complex history of the football tournament composed of two racially divided teams that started in 1970s. It focuses on the 2003 game, and registers how players negotiate perceptions of skin color for the *jogos de várzea* of that unofficial competition. The games took place in São João Clímaco, a peripheral and proletarian neighborhood in the city of São Paulo, in the week before Christmas, a holiday popularly associated with fraternity and forgiveness.

Self-identified White Brazilians from São João Clímaco play against self-identified Black players of the neighboring slum of Higienópolis. In interviews for

⁵ ABRAHÃO; SOARES. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais, p. 14.

⁶ FREYRE. Prefácio à primeira edição, p. 24.

⁷ FREYRE. Foot-ball mulato, p.4.

⁸ FREYRE. Foot-ball mulato, p.4.

⁹ ABRAHÃO; SOARES. Uma análise sobre o “racismo à brasileira” através dos jogos “preto x branco”, p. 2-3.

Morales' documentary, organizers and players in the yearly football game explain it as a celebration of color blindness.¹⁰ Nonetheless, what the documentary registers is a temporary permission for self-identified White players, organizers, and fans to shout racist slurs at Black people during the matches, without feeling shame or expecting punishment. That temporary permission operates as an instance that destabilizes the enduring myth of racial democracy by making racism in Brazilian society more explicit. When players chose to self-identify as Black people, their decision challenges the argument according to which football is a sport in which reactions against racism always have to be disguised and "infrapolitical," as Richard Follett argues in an article that focuses on the intersection between football and race in Brazil.¹¹ As Follett affirms, "black Brazilian football proved to be a crucial political and social site ... [for] celebrating the roguish *malandro*, a figure from the slave quarters and urban slums who pitted his wits against authority and who challenged his former masters by cunning, contrivance, and uncontrollable spontaneity".¹² Follett contends that race in the realm of Brazilian football has been a disguised, infrapolitical subject matter.

According to David Scott, infrapolitics is not what it seems to be. As Scott proposes, "[e]ach of the forms of disguise resistance, of infrapolitics, is the silent partner of a loud form of public resistance. ... No public claims are made, no open symbolic lines are drawn. All political action takes forms that are designed to obscure their intentions or to take cover behind an apparent meaning".¹³ They impose different logic of political action. Marked by infrapolitics, the games played in São João Clímaco seems to avoid any direct denunciation of racist discourses or acts from most of the players and organizers. The exceptions are chameleonic players like Preguinho, who chose to play for the team of Black players.

Scott defines "dissimulation" as a form of infrapolitics practiced by subaltern groups. For Freyre, Brazilian football's "arte de songamonga" was imbued with the practice of dissimulation.¹⁴ When Freyre proposed "flamboyant" e "malandro" as

¹⁰ PRETO contra branco.

¹¹ FOLLETT. *The Spirit of Brazil: Football and the Politics of Afro-Brazilian Cultural Identity*, p. 84.

¹² FOLLETT. *The Spirit of Brazil: Football and the Politics of Afro-Brazilian Cultural Identity*, p. 73.

¹³ SCOTT. *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*, p. 199.

¹⁴ SCOTT. *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*, p. xiii.

essential characteristics of the Brazilian football player, he assured that this definition “está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil,” as an “arte que não se abandona nunca à disciplina do método científico mas procura reunir ao suficiente de combinação de esforços e ao mínimo de efeitos em massa a liberdade para a variação, para o floreio, para o improviso”.¹⁵ In Freyre’s view, the African ancestry of Brazilian players explained the successful performance of the national football team in the 1938 World Cup, which took place in France. He interpreted the unprecedented achievement of the national team, which reached the 1938 World Cup semifinals, as the result of “coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro”.¹⁶ Freyre regarded that success as the accomplishment of Brazilian society as a whole.

This article investigates how processes of racialization and the ideology of colorism operate in the football games played in the city of São Paulo by Afro-Brazilians against White Brazilians from 1927 to 1939, and in the 2003 match recorded in *Preto contra branco*. By dialoguing with authors who analyzed the news reports about the racially segregated matches, published in the 1920s and 1930s, this article argues that these games can be perceived as microcosms of Brazilian society.¹⁷ Not only inside the four lines of the football fields, but also in daily life, social interactions in Brazil are hypothetical examples of the idea of color blindness toward race. However, as this article claims, the athletic and social performances of those footballers depend on the ideology of colorism, which incessantly reinforces racial hierarchy and problematizes the recalcitrant tendency to minimize the significance of race in a society as miscegenated as the Brazilian one. As Alessandra Devulsky states, colorism is an ideology that establishes a racial hierarchy comprised of “um sistema de valoração que avalia atributos subjetivos e objetivos, materiais e imateriais, segundo um critério fundamental eurocêntrico.”¹⁸ In Devulsky’s definition, colorism “incorpora ... dados históricos, culturais, estéticos e

¹⁵ FREYRE. *Foot-ball mulato*, p.4.

¹⁶ FREYRE. *Foot-ball mulato*, p.4.

¹⁷ According to Abrahão and Soares, “o ritual do ‘Preto X Branco’ condensa as relações raciais na cultura brasileira reproduzindo-as e colocando-as em destaque através do futebol.” ABRAHÃO; SOARES. *Os jogos de futebol “preto x branco” e a dramatização da questão racial no Brasil*, p. 12.

¹⁸ DEVULSKY. *Colorismo*, p. 29.

biológicos, nos quais a proporção de pigmento epidérmico é somente um dos elementos definidores de raça”.¹⁹

This article contends that those games, performed according to racializing divisions, embodied political narratives that counteract the colorist and historical reading of “miscigenação como uma prova ocular da ausência de racismo”.²⁰ Those matches invoke a racial division similar to the one drop rule in the United States and subversively reenact it to contest the idea that race may be considered irrelevant or a fabricated problem in Brazil, given the different hues of skin colors observable in Brazilian society. In defiance of a colorist discourse that silences the political voices of Afro-Brazilians while reinforcing a racial hierarchy, those games represent an critique against racism and the myth of racial harmony. They also destabilize the reductive and racialized notion that Afro-Brazilian players, for supposedly being “flamboyant” and “malandros,” essentially practice football as the “arte de songamonga”.²¹

FOOTBALL AS A CELEBRATION OF RACIAL INCLUSIVENESS

As other popular cultural manifestations, football has historically become a crucial symbol for constructing national identity in Brazil. Football has contributed for the subjugation of discussions about race in favor of an integrationist discourse.²² Edward Telles interprets racialization in Brazil as a process that encapsulates opposite, incompatible views. As Telles notes, recent scholarly research tended to address the effects of exclusion, while past studies privileged the stance of racial mixture. In his study, Telles focuses on the persistence of an idea that links miscegenation to racial inclusivity, as if inequality and discrimination, both products of slavery, are transitory. Telles asks why “an ideology of racial inclusion” was acceptable historically in Brazil: “What is it about the Brazilian system that supported arguments about racial inclusivity? And if there is any support for them,

¹⁹ DEVULSKY. *Colorismo*, p. 41.

²⁰ PIRES. Ruídos raciais: A experiência sonora e violenta da miscigenação em O som ao redor de Kleber Mendonça Filho, p. 33.

²¹ FREYRE. Foot-ball mulato, p. 4.

²² ABRAHÃO; SOARES. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais, p. 14.

how can inclusivity coexist with exclusiveness? For me, this remains the enigma of Brazilian race relations”.²³

The story of the games of Black players against White players at two different historical moments in Brazil problematizes “the enigma of Brazilian race relations.” In Brazil, categories of race that depend exclusively on skin color apparently tend to be malleable as if race is in the eye of the beholder. Besides skin color, Brazilians base their racial judgments on the ideology of colorism: other physical and social characteristics, such as hair’s texture, and facial forms, and apparent material status of a person, render how processes of racialization structure advantages and privilege in Brazilian society.

Although Thomas Skidmore compared Brazil to the United States to affirm that the South American country avoided categorizing people according to the “descent rule”— in which it is ancestry rather than phenotypical elements that define race —, ancestry represents a prominent racial standard in Brazil.²⁴ As Alessandra Devulsky states, mixed-race people worry about their family backgrounds, knowing that their origins may threaten their possibility for social mobility.²⁵ The restrictions on the ascension of a *miscigenado* to a better social position “depended upon his exact appearance (the more ‘Negroid,’ the less mobile) and the degree of cultural ‘whiteness’ (education, manners, wealth) he was able to attain”.²⁶ In a supposed color-blind social scenario, Brazilians are sensitive to racial categories. The understanding of race in Brazil relies on the assumption that there is a conditional ability to make skin color seem less visible and to promote a limited inclusion which, nevertheless, also derives from racial criteria. The racially divided teams and their chameleonic players, like Friedenreich, manifest the tension between racial differentiation/sameness and social/body performances. The myth of racial democracy and the ideology of colorism have historically masked this tension.

²³ TELLES. *Race in Another America: The Significance of Skin Color in Brazil*, p. 6.

²⁴ SKIDMORE. *Black Into White: Race and Nationality in Brazilian Thought*, p. 40.

²⁵ DEVULSKY. *Colorismo*, p. 24.

²⁶ SKIDMORE. *Black Into White: Race and Nationality in Brazilian Thought*, p. 40.

SEPARATE BUT EQUAL: RACISM IN BRAZILIAN FOOTBALL

Racial integration in Brazilian football was an incipient and fraught process when the first matches of teams of Black players against teams of White players took place in the 1920s to celebrate the abolition of slavery. The games represented an officially authorized attempt to commemorate the abolition on May 13th after two decades of governmental unwillingness to remember the end of slavery in 1888. Although the authorities in the city of São Paulo repressed the celebrations of May 13th, formerly enslaved people, freed Black people, and their descendants were able to observe with music and dance, during the 1890s, the date of the implementation of Lei Áurea.²⁷ From that decade onward, labor and immigrant organizations began to interpret the abolition of slavery as the end of the impediment to the massive arrival of European immigrants in Brazil. The most radical labor militants, with anarchist tendencies, treated the date as a chance to denounce a new form of servitude: wage slavery.²⁸ They focused on the similarities between owning and renting a person.

However, according to George Reid Andrews, more important than the participation of the newly constituted working class in the May 13th celebrations in São Paulo was the continuous performance of Black civic and social organizations in the three decades after the end of enslavement of Black people.²⁹ The Black movement proposed a more formal commemoration, which included poetry readings, public processions, and speeches about emancipation.³⁰ The more ostensive observance of the holiday can be read as a reaction to the prejudice of White elites, which viewed the popular celebrations of May 13th with dance and

²⁷ ANDREWS. *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*, p. 213.

²⁸ ANDREWS. *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*, p. 213.

²⁹ ANDREWS. *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*, p. 213.

³⁰ Andrews writes that “festivities usually centered on such ‘civilized’ activities as speeches honoring emancipation (often by local political figures), poetry readings, music, and, in the evening, ballroom dances. By the late 1920s, observances in the state capital included a march by representatives of the various black organizations from center city to the tomb of black abolitionist Luis Gama in the Consolação cemetery. Following ceremonies at his grave, they would then visit the offices of newspapers and radio stations to impress on the media the importance of May 13 in Brazilian history.” According to Andrews, the events sponsored each year by black social clubs around the state of São Paulo (many of them named in honor of May 13) were harder to dismiss. ANDREWS. *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*, p. 213-214.

music as an proof of the supposed barbarism and inferiority of “a childish *povo*, which would seize on any opportunity for a party”.³¹ Andrews noted that the *preto-branco*, the so-called games of Black against White players, was an additional attempt to make the festivities of May 13th appear more civilized. As Andrews states, in the 1920s

segregation of soccer teams had only just begun to break down in Rio de Janeiro and was firmly entrenched in São Paulo. The city’s top black and white players were thus confined to separated leagues, with no opportunity to play each other save in informal scrimmages. In an effort to circumvent this segregation and give blacks greater exposure, in 1927 several black leaders came up with the idea of an annual black-white game, to be played on Abolition Day. These games received extensive coverage in the local media, which was astonished to find that the black players, who have been relegated to the “secondary” division of the local league, consistently victorious over the white.³²

The racially divided games took place in São Paulo between 1927 and 1939. The Black movement took on the organization of the football matches on May 13th from 1929 onward.³³ That fact problematizes the reductive notion that football is a sport in which Brazilians could only defy racializing hierarchies—as Richard Follett contends—in disguised and “infrapolitical” forms.³⁴ It also complicates Follett’s statement that “black Brazilians situated ideological and cultural concerns above more fundamental structural, economic, and class issues”.³⁵ As Andrews argues, “the black-white game” was one of the tactics adopted by the Black movement to make Afro-descendants more visible in the public sphere while they struggled for a broader political participation in Brazilian society.³⁶

In the first edition of the clash between racially segregated teams, Liga dos Amadores de Futebol proposed a game without monetary rewards and whose winners would receive a trophy with the name of Princesa Isabel, who promulgated Lei Áurea. In 1927, the then president of Brazil, Washington Luís, attended the first match, which took place in the most prestigious stadium in the city of São Paulo.

³¹ ANDREWS. *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*, p. 213.

³² ANDREWS. *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*, p. 214.

³³ ABRAHÃO; SOARES. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos “pretos x brancos”, p. 48.

³⁴ FOLLETT. *The Spirit of Brazil: Football and the Politics of Afro-Brazilian Cultural Identity*, p. 84-85.

³⁵ FOLLETT. *The Spirit of Brazil: Football and the Politics of Afro-Brazilian Cultural Identity*, p. 89-90.

³⁶ ANDREWS. *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*, p. 214.

According to authors who investigated the new articles about those matches, the official aim of the racially divided games was to promote confraternization and fraternity after the abolition of slavery, an initiative that also included the donation of part of the tickets' revenue to Black organizations.³⁷ Black footballers performed alongside White players in the same field, but not on the same team, a concretization of the "separate but equal" notion in the history of football in Brazil. The press in São Paulo deemed the sports event an opportunity to advance the ideology of meritocracy by confirming that Brazilians supposedly did not judge themselves with racial criterion.³⁸ They only honored individual excellence. From the first game, newspapers started publishing articles that complimented the performance of the Black players after they won the matches. These pieces emphasized the sportsmen's cordiality and the games' impressive technical quality, except for the 1929 match, which ended with an ordinary tie.

The statements acknowledging that Brazilians of African ancestry could show discipline and civilized manners would reach their apogee within two decades. In the 1940s, Gilberto Freyre asserted that football was able to sublimate the irrational instincts and violent impulses of Brazilian society (24). As he claimed, "O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura".³⁹

Freyre regarded football as a national institution that was able to transcend irrational issues that arose during the historical formation of Brazil, such as the racist view that Black Brazilians had animal instincts. It is crucial to note that he presented this statement eleven years before the national team won in 1958 the first of its five World Cups. Pelé, Didi, and Garrincha, Black and mixed-race players, were considered the best players of the unprecedented victory in the most important football championship. According to Freyre, that is the reason why the conservative elites in Brazil accepted the proposal of a racially integrated sport. For them, "the

³⁷ ABRAHÃO; SOARES. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos "pretos x brancos", p. 50.

³⁸ ABRAHÃO; SOARES. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos "pretos x brancos", p. 48.

³⁹ FREYRE. Prefácio à primeira edição, p. 24.

game tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente — pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa — de energias psíquicas e de impulsos racionais que sem o desenvolvimento do futebol ... teriam provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade em nosso meio”.⁴⁰

However, the Brazilian elites’ acceptance of football based on moral reasons, which Freyre stressed in his interpretation, was not totally settled and evident in the first three decades of the twentieth century. In 1930, the year when Liga dos Amadores de Futebol ceased its operations, Associação Paulista de Esportes Atléticos began to control the organization of the event. That association highlighted the racially divided games as a display for the meritocratic integration of Black footballers in the incipient professionalization of football in Brazil.⁴¹

FROM WHITE AMATEURISM TO MULTIRACIAL PROFESSIONALISM

One of the top scorers of the history of football, the best Brazilian player of his time, and a mixed-race man from São Paulo, Arthur Friedenreich symbolized the transition from football amateurism to professionalism between the 1910s and 1930s. To make the May 13th celebratory matches more appealing, Friedenreich played on the team of White people. José Miguel Wisnik associated the skin color of Friedenreich and his importance for the emerging professionalized football with the enigma and ambiguity of racial relations in Brazil. In comparing the mixed-race footballer to a figure of heroic dimension, Wisnik states that Friedenreich

dispôs da fama ambivalente do herói que ao mesmo tempo se mostra e se oculta, através do protagonismo inequívoco e discreto com que disfarçava a condição, nem inteiramente admitida e nem inteiramente rejeitada, de jogador mulato em plena era do amadorismo elitista e branco. A sua entrada no futebol é possibilitada, aliás, pela condição social de classe média, dada pela origem do pai, um alemão radicado no Brasil, graças à qual começou a jogar pelo clube paulista Germânia e onde começou a se firmar pelo talento, transferindo-se depois para o Ipiranga e mais tarde para o Paulistano. A cor e o cabelo “ruim” indicavam a

⁴⁰ FREYRE. Prefácio à primeira edição, p. 24-25.

⁴¹ ABRAHÃO; SOARES. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos “pretos x brancos”, p. 48.

ascendência materna (a mãe era uma lavadeira negra) e a marca atávica do escravismo brasileiro, que, segundo se conta insistentemente, ele tentava atenuar (pelo menos no começo da carreira) usando gorro e alisando o cabelo.⁴²

Being a middle-class and light-skinned man, according to Wisnik, allowed Friedenreich to play football in the 1910s and 1920s, decades in which the sport was an elitist hobby of White Brazilians.

Although Afro-Brazilians did not play for Brazil in international tournaments, Friedenreich integrated the first national team, which was created in 1914. One of his colleagues on the national team, the goalkeeper Marcos de Mendonça, embodied the White elite amateurism of the Brazilian football of the 1910s. Mendonça defined the transitional period of the 1920s as *amadorismo marrom*.⁴³ One of the few authors to write a book about the history of Black people in Brazilian football, Mário Filho identified in the 1940s the nostalgia for the supposed superior quality of amateur football. As Mário Filho noticed, White people were nostalgic because in the amateur era of Brazilian football “[s]abia-se quem era o preto, quem era o branco, o branco e o preto não se confundiam”.⁴⁴ The professionalization of football theoretically blurred the racial boundaries between White and Black peoples, while some scholars, such as Gilberto Freyre, started complicating the ideology of whitening by celebrating Brazilians with African ancestry. The racially integrated football teams reinforced the view of Brazil as a miscegenated country, in which race allegedly had played a more negligible role.

Nonetheless, as Mário Filho suggested, the nostalgia was not a simple sentiment for a better and idyllic past; it also revealed a recurring anxiety about the decline of the whitening ideology and the presumed invisibility of race in Brazilian social relations. This notion of a presumed process of whitening for the Brazilian society, the belief that the African heritage would be erased by contact with an alleged superior race, remained strong among members of the White elite until the mid-twentieth century. As Skidmore argues, the “early 1950’s marked the end of the

⁴² WISNIK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, p. 222.

⁴³ Literally translated as “brown amateurism,” *amadorismo marrom* is a reference to the skin color of mixed-race people who started playing soccer in professional leagues in the 1930s.

⁴⁴ FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 29.

era when the Brazilian opinion-makers were able to use the whitening ideal both to reassure themselves about their racial future and to establish claim to a morally superior solution to the race problem”.⁴⁵

THE UNOFFICIAL REAPPEARANCE OF THE RACIALLY DIVIDED GAMES

Preto contra branco, a documentary by Wagner Morales, presents a series of interviews with organizers, fans, and players in the annual tournament that takes place in a dirt field in São João Clímaco, a peripheral and poor neighborhood in São Paulo. These players are not professionals. They play *futebol de várzea*. The documentary records the interviewees’ points of view and behavior in two consequential situations: during informal meetings at a bar and during the game that occurred in 2003. Abrahão and Soares associated the visibility of this racially divided game in the 2000s to the adoption of affirmative action in academic settings during the same period. According to them, “a especificidade desse jogo, para além do inusitado, se relaciona com o tema das relações raciais na cultura brasileira e estava naquele período reacquecido em função da adoção de cotas em algumas das universidades brasileiras”.⁴⁶ The documentary’s interviewees explain that the idea of teams divided according to the footballers’ skin color was a casual decision. Previously, team selection was based on the criterion of marital status, in which teams of single men played against teams of married men. The emphasis on the accidental nature of the standard of racial separation functions as a defense mechanism for the participants, who can allege that racism does not exist in the annual competition, because the game is only a pastime in the week before Christmas, a holiday marked by the idea of confraternization. However, the celebration of fraternity obscures the ideology of colorism and the underlying persistence of racial categories, which the interviews reveal as a short-circuit of the myth of racial harmony.⁴⁷

⁴⁵ SKIDMORE. *Black Into White: Race and Nationality in Brazilian Thought*, p. 209.

⁴⁶ ABRAHÃO; SOARES. Futebol e diversidade cultural: Uma análise sobre a idealização dos jogos “preto x branco” em São João Clímaco/SP, p. 357.

⁴⁷ Abrahão and Soares argues that the “adoção do critério racial para diferenciação dos times e a composição do jogo “Preto X Branco” ajuda a reforçar os valores antirracistas, caros à

Already at its beginning, *Preto contra branco* shows how sensibility to racial categories and the ideology of colorism are a day-to-day experience in Brazil. The director asks the interviewees to choose a skin color that represents them the best. The choices were varied. Most of the time, the respondents avoided being direct and instead presented brief reasonings, such as the following:

Eu acho que sou da cor branca.
 Mais para preta.
 Não muito preta, meio clara.
 Minha família é da raça indígena.
 Eu me considero negro, apesar de ter umas características de pessoas tipo branco: nariz mais afilado, cabelo mais liso.
 Eu acho que não existe um branco, branco mesmo.⁴⁸

After asking the interviewees to describe their skin color, the director invites them to decide which color they were more comfortable with when appearing in the movie. Although some of them stuck to unusual, arbitrary colors, such as green and blue, all of them requested that their image should be lighter, an example of their preference for representation with fairer skin.⁴⁹

Preto contra branco also registers interviews and conversations at the Bar do Medião. While drinking beer, founders, organizers, fans, and players explain the origin of the games of Black against White. There are two versions: one, already mentioned, is that before the establishment of racial division, teams were organized according to the marital status of the players; the other refers to Tipiu as the man who supposedly invented the competition. This version emphasizes the personality and influence of Tipiu, a now deceased Afro-descendant man who was very popular and charismatic among Black and White people in São João Clímaco. At the bar, Pneu also remembers the score of the first game in 1971: it was a victory of 3 to 1 for the team of Black footballers. However, as proof that the participants did not want to

constituição, à vivência e ao ethos do povo brasileiro.” However, they do not elaborate on the infrapolitical strategy employed by the participants regarding processes of racialization. ABRAHÃO; SOARES. Futebol e diversidade cultural: Uma análise sobre a idealização dos jogos “preto x branco” em São João Clímaco/SP, p. 360.

⁴⁸ PRETO contra branco, 00:01:25-00:03:01.

⁴⁹ Among the seven mentioned answers, only one was peremptory. This categorical answer was from the interviewee who said that his race was Amerindian. Vagueness marked the other answers. In a country like the United States, where the one drop rule prevails, it would be uncommon to hear people giving answers such as “I think my color is White” or “I think that there is no such thing as a pure White person.”

acknowledge the superiority of one race over the other, they affirmed that nobody registers the statistics of the games. They only remember the result of the previous year's match.

SKIN COLOR AND THE IRIDESCENT EFFECT

Preto contra branco also presents the views of the organizers, players, friends, fans, and relatives on three mixed race persons who participate in the annual competition. They are Reginaldo, Marcelo, and Preguinho, chameleonic players who can to a certain extent choose their team by self-identifying their skin color. Described by his colleagues as the son of a mixed-race mother with light skin and a *mulato* father with dark skin, Reginaldo explains that he considers himself White. He only played for the Black team once, in his first time at the competition, because there were not more spots available on the team of White players. As Marcelo declares, he is *moreno*: “Falam que moreno não é cor, ou é preto ou é branco. Só que eu fico ali em cima do muro,” he says.⁵⁰ When other football players demanded that he decide the team to which he belongs—since he already played for both—he chose to be White. Marcelo considers his father White and his mother Black, but his mother views herself as “*marronzinha*.” She regards her son as “*queimadinho de sol*” and her husband as “*furta-cor*”.⁵¹

Despite the resentment of his father, a self-identified White, Preguinho has been playing for the team of Black players. The only professional football player who participated in the annual competition, he refused to be perceived as a White person. Preguinho could have self-identified as a White person by employing “the iridescent effect” available in the perception of racial categories in Brazil. In an interview for the documentary, a Black player whose racist nickname is “Pneu” explains that some of the mixed-race competitors of the annual games are “chameleons,” because they choose to be on the team of White players one year and then integrate the team of Black players in the next match. That is not the case of

⁵⁰ PRETO contra branco, (00:18:32-00:18:43).

⁵¹ My translations of *marronzinha*, *queimadinho de sol*, and *furta-cor* into English are, respectively, “brownish,” “tanned,” and “iridescent.”

“Pneu,” whose phenotype is identified as African, according to the ideology of colorism. As Devulsky states, after the end of slavery, “a sociedade brasileira tratou de conservar a gradação racial entre negros claros e escuros como instrumento para mantê-los distintamente apartados do que se compreendia como sociedade civil”.⁵²

The Portuguese word *pneu* is an abbreviation of *pneumático* and it means “tire” in English. The derogatory nickname derives from the black color of the vulcanized rubber from which tires are made. Pneu, a dark-skinned man whose real name is Wilson, that his nickname was given to him at a very young age. As a child, the father of one of his teammates was a truck driver and lived in a house with a backyard full of tires. He alleges that every kid on his team was called Pneu. Since Wilson did not like the nickname, because he had “a radical streak,” it stuck. Wilson affirms that in Brazil a nickname usually sticks to people when they show clear disapproval of it. Wilson tellingly avoided mentioning the racism intrinsic to his nickname, although, as he said to the director, he had “a radical streak.”

Contrary to Preguinho’s attitude, a player who chose to be identified as Black, both Reginaldo and Marcelo make use of this effect to be included on the team of White footballers. Emanuelle Oliveira-Monte reads the stance of Preguinho on race in *Preto contra branco* as an example of a slight alteration in the racial relations in Brazil. She argues

that, although the whitening ideology still permeates the Brazilian collective unconscious, the promotion of a system of racial self-representation, the so-called *auto-denominação*, is gradually provoking a shift in the Brazilian racial paradigm: the black subject starts to reaffirm himself or herself as “black,” consequently placing the black subject at the center of identity politics.⁵³

However, it is crucial to note that Preguinho had a particular and different social positioning in comparison with Reginaldo and Marcelo. He was a professional football player. In Brazil, the so-called *país do futebol*, football is one of the few opportunities for social mobility by Afro-Brazilians other than menial and precarious jobs. The self-identification of Preguinho as a Black person in the annual

⁵² DEVULSKY. *Colorismo*, p. 48.

⁵³ OLIVEIRA-MONTE. Emanuelle. Blacks versus Whites: Self-Denomination, Soccer, and Race Representations in Brazil, p. 83.

competition of São João Clímaco occurred after some adjustments in the perception of race in Brazilian football. As mentioned before, the tendency to accept the Black body as innately constituted to play football began to emerge in the 1930s during the first racially divided games. Freyre interpreted that tendency as the central characteristic that would make Black footballers more magical, “flamboyant” and “malandros”. For Freyre, players of African ancestry in Brazil essentially practice football as “*arte de songamonga*”.⁵⁴

In opposition to that essentializing definition, Wisnik uses the word *prontidão*, the ability to be ready and improvise, to criticize the notion that Black people possess special body intelligence for sports and music.⁵⁵ The notion of *prontidão* may also be marked by racism and paternalism to the extent that it advances the idea that Black people have only an innate tendency to react instantly with their bodies when facing challenges in the practice of sports, dance, or music. In those occasions, they manifest this ability, which is associated with a physical, rather than an intellectual, dimension.

The culmination of affirming the superior physical ability of Black people occurred in 1958, when the Brazilian national team won its first World Cup. The poet Carlos Drummond de Andrade asked Brazilians to publicly praise the unprecedented victory, in which Pelé, a seventeen-year-old Black player, performed at a level that virtually everyone considered extraordinary. As Andrade claimed, the final victory in the most important football championship revealed how poor, mixed-race, and Black players could correct the deficiencies of Brazilian society. Although Andrade was hyperbolic in his assertion and emphasized class exclusion, he implicitly celebrated African ancestry as a positive feature of Brazilianess. As he stated in “O Divino Caneco, Suécia,” “[o] futebol trouxe ao proletário urbano e rural a chave ao autoconhecimento, habilitando-o a uma ascensão a que o simples trabalho não dera ensejo”.⁵⁶

Arguably the best player of the history of football, Pelé was associated with the perception that Brazil would eventually be a great nation. Brazilians glimpsed in Pelé

⁵⁴ FREYRE. *Foot-ball mulato*, p.4.

⁵⁵ WISNIK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, p. 226-229.

⁵⁶ ANDRADE. *Quando é dia de futebol*.

the accomplishment of the promise of becoming “the country of the future,” an alias attributed to Brazil. As Decio de Almeida Prado declared in “Fotos de Pelé,” football

[...] começa como um esporte, uma exibição das potencialidades atléticas do homem: corrida, salto, golpe de vista, resistência, reflexos. E termina como um poderoso símbolo da vida social. Nunca o Brasil foi mais triste do que em 1950, ao perder o título mundial para o Uruguai. Ou mais alegre do que em 1958, ao ganhá-lo da Suécia. Eram sessenta anos de aspirações coletivas, de sonhos de grandeza nacional que se tornaram realidade.

Pelé foi perfeito até nisso: coincidiu com a glória do seu país.⁵⁷

Prado described Pelé as a synthesis of cerebral and physical players who are able to be traditional and improvise at the same time. Also, in his commentary, he makes clear how gendered the nationalist project and racial categories are in both Brazilian football and society, a problematic subject that demands an in-depth study that is beyond the scope of this article.

In the Brazilian historical context, the specific case of Preguinho reveals the limitations imposed by the ideology of colorism on the understanding and practice of football. In deciding to be a self-identified Black person, Preguinho negotiates a specific belief on the body of Black people associated with the practice of football in Brazil and reacts to an emotional conflict with his self-identified White father, a family feud that the documentary does not discuss in depth. In this sense, and notwithstanding the risk of being racially stereotyped, Preguinho embodies a representation of a football player who in a complex web of meanings has a positive element, which is the identification of a person of African ancestry gifted enough to have a career as a professional in the so-called *país do futebol*. In defiance to the notion that in Brazilian football racism will always be “infrapolitical,” Preguinho makes his Blackness hypervisible. In 2003, Preguinho did not want to mask his mixed-race origin to be a footballer, as Friedenreich would have done in the 1920s. Nonetheless, the visibility of Preguinho’s skin color outside the sphere of his career as a professional sportsman makes him the target of racist insults, such as “monkey,” when performing as an amateur for the team of Black players in the annual competition of São João Clímaco.

⁵⁷ PRADO. *Tempo (e espaço) no futebol*.

CONCLUSION: MAKING RACIALIZATION VISIBLE

As authors who analyzed news articles about the football games between teams of White and Black players in São Paulo have asserted, the organization of these matches had had as its primary political aim to promote the inclusion of formerly enslaved people and their descendants in Brazilian society in the 1920s and 1930s. During a transitional period in which a racially integrated professionalization of football replaced the White elite amateurism, Black and White people were able to play in the same field, although on different teams, a symbolic representation of the separate but equal rule in Brazilian football. In *jogos de várzea* of the annual tournament in São João Clímaco from the 1970s onward, some mixed-race footballers could choose their teams. Their preference was for the team of White players, although one of them decided to be on the team of Black footballers, a decision that confronts the ideology of colorism. Moreover, a black-and-white perspective makes visible processes of racialization in Brazil based on skin color.

This article argues that these games decenter the interpretation of racial harmony as an official discourse whose intention is to mask instances of racism in Brazil. They also short-circuit the reductive notion that Afro-Brazilians practice football as “*arte de songamonga*” and always adopt “infrapolitical” stances regarding racial discrimination. By assessing “the enigma of race relations” in Brazil through football, this article approaches the ideology of colorism as a fundamental element for the organization of the matches. It also claims that these games destabilized the myth of inclusiveness that obscures the persistent production of racial difference in Brazilian football after the official end of slavery.

REFERENCES

ABRAHÃO, Bruno; CALDAS, Francisco; SOARES, Antonio. O ex-jogador de futebol Arthur Friedenreich em museus da cidade de São Paulo. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**. Universidade do Minho, Braga, v. 7, n. 2, p. 93-111, 2020.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Futebol e diversidade cultural: Uma análise sobre a idealização dos jogos “preto x branco” em São João Clímaco/SP. **Revista Espaço Plural**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 29, p. 338-360, 2013.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Futebol e lazer: Uma análise sobre o “racismo à brasileira” através dos jogos “preto x branco”. **Licere**. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 1-24, 2012.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Curitiba, v. 30, n. 2, p. 9-23, 2012.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos “pretos x brancos”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 47-61, 2012.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Os jogos de futebol “preto x branco” e a dramatização da questão racial no Brasil. **Licere**. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1-17, 2011.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Raça e civilidade nos jogos “preto x branco”. **Movimento**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1137-1148, 2016.

ANDREWS, George Reid. **Blacks and Whites in São Paulo**, Brazil, 1888-1988. Madison: University of Wisconsin Press, 1991.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. São Paulo, Companhia das Letras, 2014, e-book.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

FOLLETT, Richard. The Spirit of Brazil: Football and the Politics of Afro-Brazilian Cultural Identity. In: OBOE, Annalisa; SCACCH, Anna (org). **Recharting the Black Atlantic: Modern Cultures, Local Communities, Global Connections**. New York: Routledge, 2008, p. 71-92.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 4, 17 jun. 1938. Disponível em: <https://bit.ly/3QWpED6>. Acesso em: 30 mar. 2022.

FREYRE, Gilberto. Prefácio à primeira edição. In: FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

OLIVEIRA-MONTE, Emanuelle. **Blacks versus Whites: Self-Denomination, Soccer, and Race Representations in Brazil.** Luso-Brazilian Review. University of Wisconsin Press, Madison, v. 50, n. 2, p. 76-92, 2013.

PIRES, Francisco Quinteiro. **Ruídos raciais: A experiência sonora e violenta da miscigenação em O som ao redor de Kleber Mendonça Filho.** Luso-Brazilian Review. University of Wisconsin Press, Madison, v. 57, n. 2, p. 32-55, 2020.

PRADO, Decio de Almeida. **Tempo (e espaço) no futebol.** São Paulo: Companhia das Letras, 2014, e-book.

PRETO contra branco. Direção: Wagner Morales. Brasil, 2004 (78 min), son., cor.

SCOTT, James. **Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts.** New Haven: Yale University Press, 1990.

SKIDMORE, Thomas. **Black Into White: Race and Nationality in Brazilian Thought.** Durham: Duke University Press, 1993.

TELLES, Edward. **Race in Another America: The Significance of Skin Color in Brazil.** Princeton: Princeton University Press, 2014.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

* * *

Recebido em: 28 de maio de 2021
Aprovado em: 11 de julho de 2022

Representações sobre corpos, práticas e costumes: uma análise dos anúncios publicitários do *Jornal dos Sports* (1930-1940)

Representations about Bodies, Practices and Customs:
An Analysis of the Public Announcement of *Jornal dos Sports* (1930-1940)

Kelen Katia Prates Silva

Universidade Federal da Grande Dourado, Dourados/MS, Brasil
Doutoranda em História, UFGD
kelenkatia@hotmail.com

RESUMO: Este artigo analisa os anúncios publicitários do *Jornal dos Sports* como espaço de construção de representações que atendia a interesses múltiplos. Explorando as possibilidades do uso da propaganda e da publicidade, destaco que é preciso compreendê-las em seu *tempo* e *espaço*. Ao eleger propaganda e publicidade como objeto da História é necessário explorar os interesses que perpassam a sua produção, as representações e as possibilidades de leitura do vivido. Desse modo, ao analisar os anúncios publicitários noto que o *Jornal dos Sports* utilizou diversas estratégias para anunciar produtos e serviços. A publicidade nas páginas do *Jornal dos Sports* se mostra também como um espaço de construção de representações sobre a sociedade e o campo esportivo nas décadas de 1930 e 1940, no Rio de Janeiro, e de uma forma mais ampla no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornal dos Sports*; Representações; Corpos; Práticas e costumes.

ABSTRACT: This article analyzes the public announcing of *Jornal dos Sports* as a space for building representations that served multiple interests. Exploring the possibilities of using advertising and publicity, I emphasize that it is necessary to understand them in their time and space. When choosing advertising and publicity as the object of history, it is necessary to explore the interests that permeate its production, the representations and the possibilities of reading the experience. Thus, while I was analyzing the advertisements I notice that *Jornal dos Sports* used several strategies to advertise products and services. Advertising on the pages of *Jornal dos Sports* also shows itself as a space for building representations about society and the sports field in the 1930s and 1940s, in Rio de Janeiro, and more broadly in Brazil.

KEYWORDS: *Jornal dos Sports*; Representations; Bodies; Practices and Customs.

INTRODUÇÃO

Esse artigo parte de um recorte da pesquisa que realizei durante o mestrado, cujo objetivo do estudo era a investigação das representações sobre as práticas esportivas e o futebol de mulheres no Rio de Janeiro, nas páginas do *Jornal dos Sports*, entre 1931 e 1941.¹ Na produção do texto da dissertação fiz uma breve discussão sobre os espaços publicitários do *Jornal dos Sports*. Nesse primeiro momento foi possível constatar que o jornal anunciava produtos e serviços para o público feminino e masculino e produzia representações sobre o vivido. Portanto, este artigo objetiva ampliar essa análise compreendendo os anúncios publicitários do *Jornal dos Sports* como espaço de construção de representações que atendia a interesses múltiplos.

Ao utilizar a imprensa escrita como fonte de pesquisa as/os historiadoras/es por vezes negligenciam a potência e as possibilidades do uso da propaganda e da publicidade como objeto histórico. Ao problematizar os anúncios publicitários do *Jornal dos Sports* compreendo-os nas edições desse impresso como um espaço relevante na construção de representações sobre a sociedade e o campo esportivo nas décadas de 1930 e 1940, no Rio de Janeiro, e de uma forma mais ampla no Brasil.

Explorando as possibilidades do uso da propaganda e da publicidade nos estudos historiográficos, destaco que é preciso investigá-las em seu *tempo e espaço*. Ao selecionar a propaganda e publicidade como objeto da investigação é necessário analisar os interesses que perpassam a sua produção, as representações e as possibilidades de leitura do vivido. Cabe destacar que “ao contrário da propaganda, de caráter ideológico, contemporânea do próprio surgimento da imprensa, a publicidade [...] nasceu em contexto posterior, pode ser remetido para 1870 aos quadros da Grande Depressão”.²

O conjunto de crises do último quartel do século XIX ficou conhecido como a “Grande Depressão”, marcada pela grande instabilidade do sistema capitalista. Esse contexto de crise incorporou a revolução científica e tecnológica, desencadeando a concorrência entre as empresas de grande vulto e determinando uma acirrada

¹ SILVA. “O jogo das letras”.

² MARTINS. *Revistas em revista*, p. 253.

competição pela demanda.³ “Nesse propósito, propaganda e publicidade integraram-se, passando a atuar conjuntamente como mecanismo crucial dos quadros de demanda, elemento vital do mercado capitalista”.⁴

Martins considera que “o caráter propagandístico da publicidade a potencializava, gerando energias motivadoras do comportamento, elemento decisivo na conduta social do século XX”.⁵ Para Martins a publicidade evoluiu em três momentos: o primeiro, a partir de 1870 até por volta de 1930, os anúncios eram lacônicos e diretos. “Seu conteúdo de natureza informativa dava a conhecer ao leitor o que havia no mercado”.⁶ “Numa segunda etapa os recursos visuais entram em cena”.⁷ Os anúncios, focalizando através do texto e, sobretudo, da imagem apresentavam diversos produtos e serviços aos leitores. O terceiro momento da evolução da publicidade, segundo a autora, se dá no contexto do pós-guerra no qual “o uso de recursos sensoriais foi decisivo para a conquista do consumidor. Imagens e textos ritmados, versos em redondilhas, com apelos do momento foram recorrentes naquela produção [...]”.⁸ A publicidade vinculou imagens e conteúdo que insistiam na divulgação de valores nacionais.

Ao investigar as relações entre impressos e publicidade Martins afirma que ambos se direcionavam para o mesmo propósito “dar-se a conhecer, divulgar-se”, “produzir-se e vender-se”.⁹ Os jornais e revistas se mostram como espaços viáveis para anúncios de produtos e serviços diversos, “embalagem ideal para o produto publicidade”.¹⁰ Nessa relação impressos-publicidade as revistas eram privilegiadas “pela melhor resolução gráfica dos ultramodernos recursos visuais recém-apropriados: fotografia, linotipia, clichês em cores etc..”.¹¹

Os novos recursos gráficos na virada do século XX, a necessidade de transmitir a mensagem com rapidez e hábil recurso de seduzir o público leitor são notáveis também nos jornais da época. No *Jornal dos Sports* a publicidade atuou com

³ MARTINS. *Revistas em revista*, p. 253.

⁴ MARTINS. *Revistas em revista*, p. 253.

⁵ MARTINS. *Revistas em revista*, p. 254.

⁶ MARTINS. *Revistas em revista*, p. 254.

⁷ MARTINS. *Revistas em revista*, p. 254.

⁸ MARTINS. *Revistas em revista*, p. 256-7.

⁹ MARTINS. *Revistas em revista*, p. 244.

¹⁰ MARTINS. *Revistas em revista*, p. 244.

¹¹ MARTINS. *Revistas em revista*, p. 245.

a intenção de anunciar produtos e serviços, mas também de construir, por meio da linguagem escrita e uso de imagens, modelos de corpos, práticas e costumes para uma sociedade que buscava se mostrar cada vez mais urbana e civilizada.

Os caminhos metodológicos percorridos nessa pesquisa tratam a publicidade enquanto meio de promover representações sobre o vivido. Tomo o espaço publicitário não apenas como anúncios de produtos e serviços, mas também como espaço de alinhamento ao projeto ideológico e mercadológico adotado pelo *Jornal dos Sports* nas décadas de 1930 e 1940. A escolha temporal dessa pesquisa se justifica por se tratar das duas décadas iniciais da fundação do *Jornal dos Sports* e da inserção e consolidação desse impresso no mercado editorial.

Ao considerar o projeto ideológico desse impresso apontei em pesquisas anteriores¹² a aproximação do *Jornal dos Sports* com o discurso higienista presente no governo de Getúlio Vargas. Ao pensar a publicidade dentro do espaço mercadológico é possível apontar a associação do esporte, em diversas modalidades, aos produtos e serviços oferecido como estratégia de manutenção do jornal. Para compreender essa lógica de mercado ressalto que o *Jornal dos Sports* se inseriu no mundo dos impressos como o primeiro diário esportivo do Brasil. Assim, há uma ambivalência nessa estratégia adotada: o jornal anuncia o produto ou serviço ao mesmo tempo que anuncia o esporte – produto do próprio diário esportivo.

JORNAL DOS SPORTS

Criado em 13 de março de 1931, o diário esportivo o *Jornal dos Sports* nasceu como um impresso voltado exclusivamente para o esporte, em suas diversas modalidades. O jornal explorava várias modalidades até então pouco noticiadas pela imprensa, com o objetivo de se tornar um diário poliesportivo. Em outro escrito apresento como e em que momento o *Jornal dos Sports* se consolidou como um defensor das práticas esportivas se mostrando uma importante fonte de informação e construção do campo esportivo no Rio de Janeiro.¹³

¹² SILVA. “O jogo das letras”, 2019.

¹³ Ver: SILVA. *O jogo das letras*, 2020.

O impresso foi fundado diante de um evidente crescimento das notícias esportivas nos jornais de grande circulação. Tal fato demonstra um duplo movimento no início do século XX: a popularidade crescente da prática esportiva se deve a esse espaço privilegiado que obteve na imprensa e, ao contrário, esse espaço na imprensa deve-se à popularidade crescente da prática esportiva.¹⁴ O sucesso editorial do *Jornal dos Sports* é muitas vezes associado unicamente a Mário Filho,¹⁵ contudo cabe destacar Argemiro Bulcão que, além de fundador, foi uma figura fundamental na consolidação desse impresso no mercado editorial.

O *Jornal dos Sports* se inseriu no mercado editorial com o objetivo de dar conta de um imaginário urbano (e suburbano) centrado no esporte.¹⁶ “Desta forma, o *Jornal dos Sports* se tornaria um jornal esportivo, um veículo diário de comunicação e, principalmente, um ávido defensor da prática dos esportes entre a população carioca”.¹⁷ Pretendendo se tornar “a voz dos esportes” procurou “privilegiar qualquer prática que se identificasse com o esporte e com o corpo, mesmo que não houvesse ainda uma identificação com a cultura nacional, como o golfe, por exemplo”.¹⁸

Outro aspecto relevante é o constante uso de imagens (fotografias, charges, caricaturas) nas edições do *Jornal dos Sports*. Ao se referir as charges e caricaturas Couto comenta que estas “denotavam um mundo de emoções, de resultados inesperados e de personagens que poderiam se transformar em heróis e ídolos, ou vilões e derrotados”.¹⁹ Além das imagens o impresso também contava com as seções “Críticas e sugestões”, “turf”, “Últimas notícias” e “Opinião dos nossos leitores” e abordava assuntos como carnaval, teatro e cinema, além da presença de anúncios de diversos produtos e serviços. Noto que ao informar sobre as mais diversas práticas esportivas o jornal imprimia representações e colaborava para a

¹⁴ Para compreender a relação entre esporte e imprensa ver: MELO. Causa e consequência, p. 21-51; MELO. Esporte, propaganda e publicidade no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX e XX, p. 25-40, maio 2008; RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*; MELO. *Jornalismo Opinativo*.

¹⁵ Mário Filho teve uma longa trajetória na imprensa e se tornou um dos mais importantes jornalistas esportivos do Brasil.

¹⁶ Ver: COUTO. *A hora e a vez dos esportes*.

¹⁷ COUTO. *A hora e a vez dos esportes*, p. 43.

¹⁸ COUTO. *A hora e a vez dos esportes*, p. 44.

¹⁹ COUTO. *A hora e a vez dos esportes*, p. 91.

organização e consolidação do campo esportivo no Rio de Janeiro, e de forma mais abrangente no Brasil.

OS ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS NAS PÁGINAS DO *JORNAL DOS SPORTS*

Ao eleger a propaganda e publicidade como fonte histórica considero que esses espaços possibilitam outros olhares sobre o cotidiano social, conforme já apontado por Santos.²⁰ Há na publicidade do *Jornal dos Sports* uma significativa associação de diversos produtos e serviços às práticas esportivas. Couto relata que boa parte desta publicidade era de produtos e serviços ligados à beleza, à saúde e ao bem-estar físico e mental dos homens e mulheres.²¹ Santos afirma que:

Pensar a propaganda como fonte histórica, é compreendê-la como possibilidade de trabalho com linguagens que não estejam somente no campo do verbal ou escrito. Mas de imagens que representam também a possibilidade da leitura da vida social. Essas não podem ser confundidas com “panoramas de época” ou “ilustrações”, mas como representações do vivido, associada a perspectiva da história como construção do que selecionamos como “passado”.²²

Ao anunciar e promover os exercícios físicos e o esporte, em suas diversas modalidades, o *Jornal dos Sports* apresentava as práticas esportivas como elemento formador da nação e uma ferramenta eficaz no fortalecimento do corpo. É notável a aproximação das concepções ideológicas do impresso com os discursos médicos higienistas amplamente divulgados no Brasil. Pereira observa que:

Os higienistas propunham padrões de moradia, alimentação e até organização familiar aos habitantes da cidade – definindo regras e estabelecendo disciplinas a serem seguidas. Dentro deste impulso geral, que vinha pelo menos desde os tempos do segundo reinado, um objetivo particular ia assumindo, para os médicos dos primeiros anos do século, uma importância especial: a higienização do corpo do indivíduo, supostamente depauperado por séculos de inércia e de preguiça.²³

²⁰ Ver: SANTOS. *História e Propaganda*.

²¹ Ver: COUTO. *A hora e a vez dos esportes*.

²² SANTOS. *História e Propaganda*, p. 2.

²³ PEREIRA. *Footballmania*, p. 36-37.

Ribeiro e Corrêa comentam que “a cultura física apregoada pelos ideais higiênicos encontrara nos *sports* uma recreação saudável, promotora de vantagens ao aperfeiçoamento orgânico, indispensável ao desenvolvimento físico da nação”.²⁴ As preocupações com a higienização do corpo e da busca por uma sociedade civilizada, que deveria se distanciar “de séculos de inércia e preguiça”, podem ser notadas nas constantes publicidades de serviços médicos presentes no jornal, como no exemplo abaixo.



Fig. 1 - Anúncio Dr. Augusto Linhares.

Fonte: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, maio de 1932, Anno II, n. 358, p. 2.

O anúncio publicitário é exposto de forma simples e direta. Localizado no fim da segunda página do jornal o anúncio contém o nome do médico “Dr. Augusto Linhares”, sua especialidade “ouvido, nariz e garganta” e o endereço e telefone de seu consultório. Ao fazer a publicação de seus serviços no *Jornal dos Sports* o médico visava atingir seu público consumidor, ou seja, seus futuros/as pacientes leitores/as do jornal. Contudo, Augusto Linhares não aparece apenas nos anúncios. Em abril de

²⁴ RIBEIRO; CORRÊA. *Higienismo e os primórdios do esporte*, p. 113.

1932 o *Jornal dos Sports* entrevistou o referido médico que deu instruções de como se deve fazer ginástica na defesa de que “o sport é um remédio para muitos males”.

O SPORT E' REMÉDIO PARA MUITOS MALES

Dr. Augusto Linhares, em palpitante entrevista ao JORNAL DOS SPORTS, diz como se deve fazer gymnastica

O sport não pode prescindir da medicina nem esta sciencia deve deixar que a humanidade se exercite sem a regulamentação necessária. Ambos se completam, para a grandeza athletica das raças.

Os sports são remédios, também, como disse o dr. A. Austregesilio pelas colunas do JORNAL DOS SPORTS, numa entrevista de grande significação physiologica.

Temos batido nessa tecla com immensa satisfação expendendo opiniões das maiores autoridades no assumpto.

Hoje damos a palavra do dr. Augusto Linhares, para analysar essa questão que ainda paira como um ponto de interrogação nas convicções athleticas da nossa gente.

O dr. Augusto Linhares, especialista em moléstias de garganta, nariz e ouvidos, tendo estudado em Berlim, Londres e Paris, trouxe dessas capitães de além-atlantico os melhores argumentos para convencer-nos de que o sport deve obedecer aos preceitos da medicina afim de resultar na hygidez racial dos povos, em vez de molestar-os sabido que todo excesso é prejudicial ao organismo.

ANTES DO MAIS, O SPORT

O dr. Augusto Linhares estava na Polyclinica Geral do Rio de Janeiro, cumprindo com a sua tarefa matinal quotidiana das 10 às 11, naquela casade allivio e de dor... Fomos entrevistado-o. Queríamos ouvir-o sobre sports. Inteirado dos nossos propósitos, o grande clinico brasileiro offereceu-nos uma cadeira e disse a plenos pulmões:

- antes do mais, o sport

- para os meninos e homens feitos, mocinhas e senhoras, todos devem praticar a gymnastica compatível com as suas capacidades eugênicas. O sport é a base da saúde universal e consequentemente a pedra de toque do progresso. A America do Norte ahi está, com seus grandes estádios e piscinas soberbas a ensinar ao resto do Kosmos que o “espiritto são deve ter um corpo são”. A doença é uma fraqueza, as vezes physica, as vezes moral. [...]

OS SPORTS COMO REMEDIO

- Quaes são as doenças que se curam com sports?

- perguntámos. E o dr. Linhares, com aquella sua clareza de expressão, commentou com sympathia:

- Há doenças physicas e Moraes que podem ser curadas com os sports. Sei de muitas psychoses que desapareceram com a gymnastica e os banhos de sol dos quaes Rellier é o maior apologista. Onde não entra o sol entra o medico – diz o chinez. Muitas insufficiencias respiratórias desapareceram ao cabo de exercícios moderados apontados pelos clinicos. Sou um grande amigo dos sports – rematou o doutor Linhares – e acho que não se pode viver com boa saúde sem dar trabalho muscular ao organismo. (grifos nossos).²⁵

²⁵ O sport e' remédio para muitos males. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, abr. 1932, Anno II, n. 332, p. 3.

É relatado na notícia que o *Jornal dos Sports* já havia realizado outras entrevistas com especialistas do assunto para discutir os benefícios do esporte para a “grandeza atlética das raças”. O esporte, conforme o jornal, deveria obedecer aos preceitos da medicina de modo a resultar na higiene racial dos povos e seguir as indicações dos especialistas, visto que os excessos poderiam ser prejudiciais ao organismo. Diante dessa advertência o Dr. Augusto Linhares dá instruções para que “meninos e homens feitos, mocinhas e senhoras” praticassem a ginástica de acordo com suas capacidades eugênicas. E defendeu que essa prática está associada ao “toque do progresso” em concordância com o que se podia notar na América do Norte. O esporte seria, nas concepções do médico entrevistado, uma forma de combater as fraquezas físicas e morais.

As associações entre esporte e combate às moléstias não estão apenas na publicidade de serviços médicos e nas entrevistas realizadas com especialistas em defesa da prática, sem excessos, dos exercícios físicos e do esporte. Os anúncios de medicamentos também apresentam esse discurso aos/as leitores/as.



Fig. 2 - Anúncio do fortificante Morrhuina.

Fonte: *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, ago. 1933, Anno III, n. 749, p. 2.

Este anúncio está localizado na segunda página do jornal. Sem estabelecer uma seção exclusiva para os anúncios publicitários as edições do *Jornal dos Sports* anunciavam produtos e serviços na mesma página que apresentavam as notícias esportivas. No medicamento Morrhuina “poderoso fortificante” a imagem que acompanha o anúncio traz a figura de um corpo de um homem forte e com o rosto sombreado, efeito que enfatiza os músculos bem definidos da figura representada. A imagem demonstra a força e a saúde do homem ao exibi-lo levantando o peso com apenas uma das mãos.

O jornal anuncia um corpo exemplar que poderia ser alcançado por meio do consumo do medicamento e do exercício físico. É preciso considerar as estratégias utilizadas na linguagem verbal e não verbal para compreender que as publicidades são, de acordo com os apontamentos de Santos, “lugares de mercado, de discursos, de produção de verdades, um lugar de dominação ou de resistências”.²⁶ Compartilhando dos estudos de Sant’anna compreendo que “a imagem serve menos como simples ilustração ou versão secundária do texto escrito e muito mais como ferramenta analítica que pode expressar os valores materiais e culturais de uma sociedade determinada”.²⁷

Os anúncios publicitários presentes nas páginas do *Jornal dos Sports* também utilizavam a contraposição desse corpo exemplar para promover anúncios de medicamentos. Alguns medicamentos evidenciavam corpos doentes, feios e fracos, construindo a representação de corpos que deviam ser combatidos e substituídos. “Assim as imagens de doentes e inaptos eram utilizadas para convencer os consumidores a comprar os produtos”.²⁸ O medicamento sedalina é um exemplo dessa forma de anúncio.

O medicamento Sedalina é anunciado na quarta página do jornal entre notícias sobre clubes independentes, anúncios de jogos e resultados, eventos de nascimentos e aniversários. Ressaltando a presença de anúncios de serviços e produtos ao longo de todas as páginas do jornal.

²⁶ SANTOS. *História e Propaganda*, p. 15.

²⁷ SANT’ANNA. *Propaganda e História*.

²⁸ SILVA. *O jogo das letras*, p. 61.



Fig. 3 - Anúncio do medicamento Sedalina.

Fonte: *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, dez. 1937, Anno VII, n. 2532, p. 4.

No anúncio a imagem expõe um homem aparentemente doente. Os traços em torno das bochechas aparentam que este homem está magro e fraco. Os olhos semiabertos e a posição da boca passam a sensação de dor e sofrimento. Apesar do anúncio não destinar esse produto às mulheres, entre as funções do medicamento anunciado estava o combate de “cólicas das senhoras”.

A imagem de doentes expressa uma forma de anunciar as qualidades de um produto, ou seja, de acordo com Santos, “partia-se do princípio de não esconder a dor, ao contrário, a longa descrição dos males, a figura de corpos doentes, eram testemunhos das doenças que se deveria combater”.²⁹ O corpo apresentado na publicidade acima era fraco, magro e doente e estava em dissonância ao modelo do “homem moderno” – saudável, ágil, belo, forte e esportivo. Essa forma de anúncio utilizava também de imagens de mulheres, como no anúncio do Cafiaspirina.

²⁹ SANTOS. *História e Propaganda*, p. 22.



Fig. 4 - Anúncio do medicamento Cafiaspirina.
 Fonte: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, abr. 1941, Anno XI, n. 3592, p. 3.

Apesar do medicamento Cafiaspirina, anunciado na terceira página do *Jornal dos Sports*, utilizar a imagem de uma mulher para descrever os males da dor de cabeça, o faz sem criar um modelo de corpo não exemplar. Ou seja, a mulher apresentada na imagem exibe uma expressão de dor, contudo não é um corpo feio e fraco. A imagem revela uma mulher com os cabelos penteados, batons nos lábios, a pele aparentemente saudável, sofrendo dos males da dor de cabeça. Nos anúncios publicitários do *Jornal dos Sports* “não havia espaço para corpos femininos entendidos como doentes, feios e fracos”.³⁰

Outro produto que se destaca nos anúncios são os cigarros e charutos. A notável presença da indústria do tabaco nas páginas do impresso parece divergir dos ideais de saúde. Ao estudar o esporte e publicidade na transição do século XIX e XX Melo considera que:

³⁰ SILVA. *O jogo das letras*, p. 62.

Essa relação com a indústria de tabacos era provavelmente aceita em função de não haver ainda tanta clareza acerca dos malefícios do cigarro, mas fundamentalmente porque, no fundo, a preocupação com a saúde ainda era mais um discurso e uma afirmação de ordem moral do que uma preocupação efetiva com os benefícios da prática esportiva, algo que ainda não era nem mesmo largamente conhecido.³¹

Para além da falta de clareza dos malefícios do tabaco “a presença de tais anúncios pode ser entendida considerando os cigarros industrializados como uma prática da vida urbana que diferenciava a sociedade urbana carioca dos hábitos tradicionais de fumar ou mascar, presentes no ambiente rural”.³² Melo afirma que “Os cigarros e charutos, portanto, estabeleciam uma conexão com o “mundo civilizado europeu” e com o ideário da modernidade; era uma nova moda, um novo hábito, sinal de sucesso, distinção e virilidade masculina (ou sinal de ousadia feminina)”.³³ Nas páginas do *Jornal dos Sports* diversas marcas de charutos e cigarros são anunciadas, entre elas o cigarro Lincoln.



Fig. 5 - Anúncio cigarros Lincoln

Fonte: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, maio 1948, Anno XVII, n. 5744, p. 3.

³¹ MELO. *Esporte, propaganda e publicidade no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX e XX*, p. 34.

³² SILVA. *O jogo das letras*, p. 63.

³³ MELO. *Esporte, propaganda e publicidade no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX e XX*, p. 34.

Ocupando um espaço significativo o anúncio é apresentado na parte superior da terceira página do jornal. Ao anunciar o cigarro Lincoln “de ponta a ponta o melhor” o *Jornal dos Sports* associa o produto ao futebol – esporte que já demonstrava grande popularidade e público no período. Há nessa publicidade uma estratégia de utilização da imagem do atleta Jair, meia esquerda do Flamengo, para atingir o público aficionado pelo futebol. A utilização do atleta como garoto propaganda causa uma identificação do público adepto ao futebol com o produto anunciado. O corpo masculino do atleta simboliza, nas entrelinhas, a compatibilidade do corpo esportivo e saudável ao consumidor de cigarros.

Na imagem o jogador de futebol vestindo uma camisa do Flamengo segura uma caixa de cigarros Lincoln. Ao fundo da imagem há uma arquibancada cheia de pessoas semicoberta por um efeito sombreado que aparenta ser fumaça. O produto (cigarro), a imagem do jogador de futebol (Jair) e o brasão do time (flamengo) expressam valores e comportamentos a serem seguidos pelos praticantes do “esporte bretão” e, sobretudo, pelos torcedores. Assim o ato de fumar e jogar/torcer ganha sentidos e significados no campo futebolístico reforçando a ideia de modernidade e masculinidade. Além dos cigarros as bebidas alcoólicas também ocupavam os espaços de publicidade do jornal.



Fig. 6 - Anúncio Brahma.
 Fonte: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, jan. 1949, Anno XVII, n. 5947, p. 4.

No anúncio acima é informado o processo de fabricação apontando que é “justamente a maturação no preparo da Brahma Chopp a fase decisiva da sua boa qualidade”. Ressaltando também que o produto, devido a sua qualidade, “só faz bem!”. O anúncio caracteriza a bebida como “saborosa, pura e aromática”, informa sobre “todos os ricos princípios tônicos do malte e aquele aroma e sabor estimulante do lúpulo que facilita a digestão”. O texto bem elaborado, a frase apelativa e a provocação aos sentidos (olfato e paladar) do leitor são estratégias utilizadas pelo jornal ao anunciar, na quarta página dessa edição, o produto Brahma Chopp.

O texto e a imagem remetem ao produto anunciado. Cabe destacar que junto a imagem do copo de chopp há uma tampa de garrafa, reforçando que o produto estava disponível em garrafa ou em barril, conforme anunciado. Porém, a imagem da tampa da garrafa traz um texto: “ouça as transmissões esportivas da Rádio Nacional, todos os domingos, à tarde, em ondas curtas e médias. Aos sábados, à tarde ou à noite, pela Rádio Mauá”. O jornal utilizou a estratégia de anunciar dois produtos na mesma imagem apresentando-os como harmônicos e complementares. Ou seja, o leitor poderia consumir o chopp Brahma ouvindo a programação esportiva.

A publicidade do chopp Brahma durante as décadas de 1930 e 1940 apareceram sempre com alguma referência do campo esportivo. Os anúncios acompanhavam a programação esportiva dos rádios, como no exemplo acima, ou utilizavam-se de imagens do campo esportivo – eram comuns os anúncios com imagens de banhos de mar, remo e futebol.

O texto abaixo apresenta as qualidades produto, como o fez no anúncio anterior. Contudo, vale evidenciar a utilização da imagem de fundo para a publicidade do chopp Brahma. Em primeiro plano é utilizada a figura de uma mão segurando uma garrafa do chopp anunciado e servindo-o no copo que compõe a imagem. Ao fundo há uma imagem de um jogo de futebol: no campo os jogadores e na arquibancada um significativo número de torcedores. Nota-se na arquibancada a presença de uma mulher de cabelos curtos e usando chapéu. O rosto perfilado exhibe uma expressão de fala e/ou grito no momento do registro, dando a entender que a personagem estava envolvida nas emoções do jogo em andamento. Apesar do produto não se destinar as mulheres destaca-se a utilização da figura da feminina nas arquibancadas de um jogo de futebol.



Fig. 7 - Anúncio Brahma
 Fonte: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, maio de 1938, Anno VIII, n. 2678, p. 4

Além de construir e reafirmar hábitos que foram socialmente atribuídos a masculinidade, como o ato de fumar ou consumir bebida alcoólica, os anúncios publicitários nas páginas do *Jornal dos Sports* também construía representações sobre o feminino associando-o ao campo esportivo. Todavia, vale ressaltar que a participação de mulheres no esporte tinha seus espaços de incentivos e proibições, devendo, segundo o discurso vigente, não divergir da “natureza feminina”.

Os corpos das mulheres eram utilizados nos anúncios reforçando seu aspecto de beleza, graciosidade, delicadeza e associando a necessidade de fortalecimento do corpo objetivando a beleza e a maternidade. O *Jornal dos Sports* se mostrou um incentivador da participação de mulheres no campo esportivo, ainda assim, essa participação era limitada, discutida e por vezes até interdita.

O *Jornal dos Sports*, assim como a grande imprensa do Rio de Janeiro, passou, na década de 1930, a explorar a paixão clubística disseminada pela popularidade que o futebol já apresentava nesse momento. Souza Neto aponta que “o início da década de 1930 demarca a massificação do futebol e a consolidação das torcidas,

enquanto grupos sociais específicos”.³⁴ Desse modo, a associação de produtos aos clubes passou a ser cada vez mais explorada pelo jornal.

Os anúncios publicitários utilizam textos e imagens para criar uma associação dos produtos as práticas esportivas colaborando para a construção do corpo e da moral durante as décadas de 1930 e 1940. Se mostrando como um espaço de construção do campo esportivo, determinando hábitos e espaços para homens e mulheres.

Analiso o anúncio da loja de sapatos Casa Gallo. Em tom de notícia o jornal promoveu os produtos da referida loja explorando a paixão clubística da senhorita Gracinda Soares.



Fig. 8 - Anúncio Casa Gallo.
 Fonte: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, abril de 1932, Anno II, n. 325, p. 4.

O jornal assim publicou:

[...] Entramos na Casa Gallo, para comprar sapatos. Os srs. Sylvestre Gallo & C. atenderam-nos com toda solicitude. Os sympathicos commerciantes de calçados tem ali no n. 59 da rua da Assembléa um ambiente aberto as calenturas de todos os sorrisos e á camaradagem de todos os sportsmens. É moda, agora, ir comprar botas na Casa Gallo, onde o sport se casa com o bom humor dos funcçionarios para o bem estar da freguezia.

³⁴ SOUZA NETO. *A invenção do torcer em Bello Horizonte*, p. 21.

Quando se fala, ali, no America ou no Vasco, Flamengo, Botafogo, Fluminense e outros, o desconto é certo, nas compras feitas. Hontem, por exemplo, usámos deste “truc”.

UMA CASA SÓ PARA MUITOS CLUBS!

Enquanto o empregado nos calçava, atenciosamente, falámos em football, para matar o tempo. As nossas palavras encheram o estabelecimento de uma alegria comunicativa.

O sr. Magalhães, um dos proprietários, falou na boa forma do America apontando a sua caixa, senhorita Gracinda Soares, como uma torcedora intransigente do Vasco e... do Flamengo.

– Mademoiselle é Vasco e Flamengo? – perguntámos.

A graciosa funcionaria, declarando-se portuguesa, disse que é vascaína de coração, mas admira enormemente o Club de Regatas do Flamengo.

– Quando o rubro-negro joga com os cruzmaltinos ou competem com esses em provas náuticas ou aquáticas – acrescentou a nossa entrevistada – sou imparcial, para todos os efeitos. Que querem os senhores? “entre les deux mon coeur balance...”

OPINIÕES SPORTIVAS DIVERGENTES UMA CASA DE PAZ...

A senhorita Gracinda Soares é nadadora do Vasco. Foi candidata ao concurso em que se elegeu a Rainha da Colonia Portuguesa. Sportwoman, como as que mais o forem. Na casa Gallo ella expende as suas ideias com personalidade e independência. Quando o America é mal sucedido, os vascaínos, botafoguenses, tricolores e etc. apparecem sorridentes para comprar calçados. Há uma hora de gozo sportivo e de choro concentrado [...].

E a senhorita Gracinda, cheia de graça, continua a dizer bem do Vasco e a mostrar a belleza do Flamengo, enquanto a [farasduia] passa olhando a mostras repletas de sapatos [...].³⁵

A publicidade da loja Casa Gallo é um exemplo da utilização da imagem da mulher e do sentimento de pertencimento a um ou vários clubes. Com o belo sorriso a se destacar Gracinda Soares é fotografada. Vestidos longos, lenço a cobrir os cabelos e salto alto compunham o traje da torcedora do Vasco e do Flamengo. A pose perfilada, a mão na cintura e um dos pés levemente inclinado produz a imagem de uma mulher branca, bela, graciosa e, em certa medida, sedutora.

Esse anúncio pode ser analisado em três aspectos: a utilização da fotografia, em divergência as imagens anteriores; a construção textual em tom de notícia e a construção social da realidade fotografada. Ao pensar o primeiro aspecto percebo a incorporação da fotografia nos anúncios que utilizavam anteriormente caricaturas, imagens e/ou charges. Noto também uma construção textual cada vez mais elaborada e estratégica nos anúncios do *Jornal dos Sports* e a construção de uma

³⁵ Onde o América é rei o Vasco e o Flamengo têm majestade. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, abril de 1932, Anno II, n. 325, p. 4.

realidade, ou representação, por meio da utilização da imagem feminina presente no anúncio.

Os adjetivos empregados ao se referir a Gracinda são comuns nas notícias que relatam as torcedoras. Beleza, simpatia, graça, delicadeza integram os atributos das torcedoras publicadas no *Jornal dos Sports*. A paixão pelo futebol vivenciada pela caixa da Casa Gallo é demonstrada como harmoniosa e aceitável para o perfil da mulher moderna. A beleza e graça exibidas pelas mulheres ao torcer pelas disputas cada vez mais acirradas integravam o universo futebolístico da década de 1930.

A paixão da senhorita Gracinda, caixa da Casa Gallo, pelo Vasco e pelo Flamengo compõe o enredo da publicidade. O anúncio explora a aproximação dos produtos (sapatos) com o pertencimento clubístico que se consolidou no Rio de Janeiro. Ao enfatizar que quando se fala em futebol “o desconto é certo”, o jornal anunciava que o futebol não se restringia apenas às disputas nos estádios, se tornando um assunto para “matar o tempo” e facilmente iniciar uma conversa. Ao citar que “quando o America é mal sucedido, os vascaínos, botafoguenses, tricolores e etc. aparecem sorridentes para comprar calçados. Há uma hora de gozo sportivo e de choro concentrado...”,³⁶ a notícia/publicidade relatava sobre os comportamentos específicos dos sujeitos-torcedores/as.

Os discursos sobre modernidade, corpo e moral percorrem os anúncios presentes nas páginas do *Jornal dos Sports* demonstrando as intencionalidades do impresso. A publicidade atuava com a intenção de anunciar produtos e serviços, mas também de construir por meio da linguagem escrita e uso de imagens modelos de corpos, práticas e costumes para uma sociedade que buscava se mostrar cada vez mais urbana, civilizada e esportiva.

CONCLUSÃO

O estudo realizado permite apontar as possibilidades dos usos da propaganda e publicidade como objeto histórico. Essa investigação percorre o *tempo*, o *espaço* e as

³⁶ Onde o América é rei o Vasco e o Flamengo têm majestade. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, abril de 1932, Anno II, n. 325, p. 4.

representações dessa tipologia de fonte. A propaganda e publicidade permite um olhar sobre o vivido e as representações produzidas em determinadas épocas e locais.

O século XX, como já demonstrado nos estudos de Victor Andrade de Melo (2008),³⁷ aquece a relação entre a prática esportiva e os anúncios publicitários. Essa relação já existia no século XIX com a associação do turfe na propaganda e publicidade, contudo considero que o século XX ampliou esse movimento, sobretudo pelo processo de massificação do futebol – modalidade que passa a ser constantemente utilizada em anúncios publicitários no *Jornal dos Sports*, fonte investigada nessa pesquisa.

Ao analisar os anúncios publicitários noto que o *Jornal dos Sports* utilizou diversas estratégias para anunciar produtos e serviços. Sem estabelecer uma página específica para os anúncios publicitários o jornal apresentava produtos e serviços, oferecidos para homens e mulheres, junto as notícias esportivas.

Desse modo, os anúncios publicitários se constituíam como espaços de construção de representações demonstrando, por exemplo, os hábitos dos atletas, por meio da utilização de figuras públicas como anunciantes de produtos; os cuidados com o corpo através do uso de medicamentos; os comportamentos determinados ao feminino ao torcer. Portanto, a publicidade nas páginas do *Jornal dos Sports* se mostra também como um espaço de construção de representações sobre a sociedade e o campo esportivo nas décadas de 1930 e 1940, no Rio de Janeiro, e de uma forma mais ampla no Brasil.

* * *

REFERÊNCIAS

COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes**: a criação do *Jornal dos Sports* e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). Dissertação (Mestrado em História Social). UERJ, São Gonçalo, 2011.

³⁷ Ver: MELO. Esporte, propaganda e publicidade no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX e XX, p. 25-40.

MARTINS, Ana Luíza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. *In*: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MELO, Victor Andrade de. (Org.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 21-51.

MELO, Victor Andrade de. Esporte, propaganda e publicidade no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX e XX. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 25-40, 2008.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Tempo, 2007.

RIBEIRO, Jean Carlo; CORRÊA, Joyce Nancy da Silva. Higienismo e os primórdios do esporte: os casos do Acre e de Goiás. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 108-121, 2018.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Propaganda e História: antigos problemas, novas questões. **Projeto História**, São Paulo, PUC-SP, n. 14, 1997.

SANTOS, Chrislene Carvalho dos. História e Propaganda: análise de corpos femininos em imagens publicitárias na década de 20. **História Hoje** – Anpuh Brasil, v. 3, n. 9, p. 1-29, 2006.

SILVA. “**O jogo das letras**”: práticas esportivas e futebol de mulheres nas páginas do *Jornal dos Sports* (1931-1941). Dissertação (Mestrado em História), UFGD, Dourados, 2019.

SILVA, Kelen Katia Prates. **O jogo das letras**: práticas esportivas e futebol de mulheres nas páginas do *Jornal dos Sports* (1931-1941). Curitiba: CRV, 2020.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Bello Horizonte**: da Assistência ao Pertencimento Clubístico (1904-1930). Dissertação. (Mestrado em Lazer). UFMG, Belo Horizonte, 2010.

* * *

Recebido em: 30 de maio de 2021
Aprovado em: 2 de fevereiro de 2022

Fútbol contemporáneo e identidad en la Comunidad Valenciana: entrevista al sociólogo Ramón Llopis-Goig

Contemporary Football and Identity in the Valencian Community: Interview with Sociologist Ramón Llopis-Goig

Futebol e identidade na contemporaneidade na Comunidade Valenciana: entrevista com o sociólogo Ramón Llopis-Goig

Rodrigo Koch

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, São Francisco de Paula/Brasil
Doutor em Educação (Cultura Juvenis), UFSM
prof.koch.rodrigo@gmail.com

RESUMEN: Entrevista al sociólogo Ramon Llopis Goig, professor titular de la Universitat de València y autor de libros, artículos e investigaciones sobre el fútbol y la identidad en España y Europa. El investigador presenta sus reflexiones sobre el escenario contemporáneo y pandémico, con mayor atención, para la Comunidad Valenciana. La entrevista considera y profundiza el análisis de fenómenos que ya estaban en marcha y que se aceleraron en los últimos dos años. El texto se presenta en versiones en español y portugués.

PALABRAS CLAVE: Ramon Llopis-Goig; Fútbol; Identidad; Comunidad Valenciana.

ABSTRACT: Interview with sociologist Ramon Llopis Goig, professor at the Universitat de València, and author of books, articles and research on football and identity in Spain and Europe. The researcher presents his thoughts on the contemporary and pandemic scenario, with greater attention, for the Valencian Community. The interview considers and deepens the analysis of phenomena that were already underway and that were accelerated in the last two years. The text is presented in Spanish and Portuguese versions.

KEYWORDS: Ramon Llopis-Goig; Football; Identity; Valencian Community.

RESUMO: Entrevista com o sociólogo Ramon Llopis Goig, professor titular da Universitat de València, e autor de livros, artigos e investigações sobre futebol e identidade na Espanha e na Europa. O pesquisador apresenta suas considerações sobre o cenário contemporâneo e pandêmico, com maiores atenções, para a Comunidade Valenciana. Na entrevista são consideradas e aprofundadas as análises sobre fenômenos que já estavam em curso e que foram acelerados nos últimos dois anos. O texto é apresentado nas versões espanhol e português.

PALAVRAS-CHAVE: Ramon Llopis-Goig; Futebol; Identidade; Comunidade Valenciana.

INTRODUCCIÓN

Ramón Llopis-Goig es catedrático de la Universitat de València, vinculado al Departamento de Sociología y Antropología Social, habiendo realizado periodos como investigador invitado en la Universidad de Leicester (Reino Unido) y en el Instituto Universitario Europeo de Florencia (Italia). Es autor de libros, artículos y ha realizado estudios sobre sociología del deporte en España y Europa, entre los que se destacan las obras *Ideal democrático y bienestar personal* (2011), *Spanish football and social change* (2015) y *Sociología del deporte* (2017).

El encuentro con el profesor Ramón se produjo a raíz del interés de este investigador por el tema ‘Fútbol y identidad’, objeto de su investigación y, a raíz del período posdoctoral vinculado al Institut de Creativitat i Innovacions Educatives de la Universitat de València, en el Curso académico 2021-22. La entrevista que sigue se realizó en idioma español y, luego de autorizada su publicación, fue transcrita y traducida al portugués.

En esta conversación, realizada presencialmente en su despacho del edificio de la Facultat de Ciències Socials de la Universitat de València, el 9 de diciembre de 2021, Ramón Llopis-Goig expone sus pensamientos y análisis sobre el fútbol contemporáneo, la identidad y las aceleraciones en el contexto social provocado por la pandemia, con la mirada más centrada en la Comunidad Valenciana. El investigador cree que la pandemia no produjo nuevos escenarios identitarios en el fútbol posmoderno, es decir, solo aceleró fenómenos que ya estaban en marcha y que hasta entonces habían causado preocupaciones menores. Este texto presenta las versiones de la entrevista en español, en la que se realizó, y la traducción al portugués.

* * *

ENTREVISTA

Rodrigo Koch (RK): ¿Cómo define la relación entre la Comunidad Valenciana y el fútbol? ¿Existe una identidad específica de Valencia?

Ramon Llopis-Goig (RLG): He trabajado durante muchos años en el tema del fútbol y la identidad. En 2015 publiqué un libro¹ que de alguna manera puso fin a esta etapa de mi investigación, ya que pasé más de diez años investigando y analizando cuestiones sociológicas en el fútbol. El tema más importante que traté fue el de las identidades: identidad regional, identidad nacional, [...] por lo que en los últimos años me he apartado un poco del tema. Actualmente estoy interesado en otros temas deportivos.

Desde una perspectiva general, la relación de la Comunidad Valenciana con el fútbol es muy similar a la que se da con cualquier otra región de España, o de Europa. El fútbol fue el primer deporte de masas. Así, en gran medida, la sociedad

del ocio y el consumo se fue consolidando a la par que el fútbol se desarrollaba, crecía y se profesionalizaba. Mucho después, esto sucedió con otros deportes. En los últimos 30 años, muchos deportes se han convertido en estilos de vida, vinculados, incluso, a la educación. Sin embargo, el fútbol fue el primero en profesionalizarse, generó muchos intereses e influyó en muchos aspectos. Dentro de este panorama, la sociedad valenciana tiene básicamente las mismas características que cualquier otra región española, ya que hay una serie de clubes que son históricamente importantes en esta construcción: Valencia CF, Levante UD, Villarreal CF, Elche CF, CD Castellón, Hércules CF, Alicante CF, [...] ¿Por qué los clubes son tan importantes para la identidad e identificación local? En España, tuvimos un marco competitivo regional inicial hasta finales de la década de 1920, cuando se creó la Liga (1928); por tanto, hasta ahora, la configuración era regional y no todos los equipos importantes eran favorables a dejar el marco regional y pasar al marco nacional. Desde hace varios años, algunos equipos participan en ambos torneos. En las regiones existía un gran interés competitivo, basado en rivalidades,

¹ LLOPIS-GOIG. Spanish football and social change.

que en muchos casos involucraban a más de uno o dos clubes de la misma ciudad. La gente estaba muy obsesionada con su identificación con el equipo de la ciudad. Las identidades regionales estaban fuertemente vinculadas, más que en otros países europeos. España es el primer estado moderno del mundo, creado en el siglo XV por una unión dinástica. Las unificaciones de Italia y Alemania, por ejemplo, tuvieron lugar mucho más tarde. Hubo dificultades para producir una integración, como ocurrió con Francia, que desarrolló una centralización con 'herramientas sociales' más poderosas. La lengua y la etnia francesa se homogeneizaron, pero no en España. El proceso de integración española en un estado nacional fue más complicado, ya que no existía ningún medio de comunicación, ni un sistema educativo con acceso para la mayoría. Entonces, ¿cómo podríamos crear una identidad nacional española sin estos medios? Es por ello que las identidades regionales han sobrevivido y se han mantenido fuertes y, en algunos casos, se han revitalizado en siglos posteriores, como en los casos de Cataluña, el País Vasco y, en menor medida, los casos de Valencia y Galicia. Es necesario tener en cuenta esta

perspectiva histórica y política para entender por qué los clubes son representantes de identidades en España. Esta evolución no se ha reproducido en otras partes del planeta. Las características sociales, políticas e históricas de la sociedad valenciana están de alguna manera relacionadas con el fútbol.

RK: Ante este escenario, ¿qué sienten los valencianos sobre la selección española? ¿Qué es más importante para los valencianos? ¿Los clubes o la selección nacional? ¿Hay relaciones políticas o solo deportes?

RLG: Este es un tema muy interesante. Las identidades tienen un nivel diferenciado: local-regional, nacional-estatal, supra-estatal-europeo, [...] Podemos pensar en ellas de dos formas: excluyentes o inclusivas. Cualquiera puede tener una identidad a nivel regional y ser contrario a otra identidad regional; sin embargo, estas personas no se oponen necesariamente a una identidad nacional. Por lo tanto, las identidades pueden mezclarse o acoplarse, a menos que esta identidad regional tenga un reclamo político y aspiraciones de convertirse en un estado. Esto es lo que vemos en una parte de Cataluña y en

una parte del País Vasco, pero estos grupos no representan la mayoría de la población de estas regiones que quieren la independencia. En el caso de Valencia y, de la identidad valenciana, y también en la mayoría de los otros casos, la identificación española no fue vista como algo exclusivo; al contrario, es algo que podemos articular. Aquí la selección española siempre ha sido muy bien recibida. Te pongo un ejemplo: España acogió solo un Mundial de Fútbol, en 1982, y el Estadio de Mestalla fue elegido como sede del grupo en el que compitió la selección española en la primera fase, porque se sabía que en ese momento el equipo era muy querido en la sociedad valenciana. En Valencia no hubo sentimiento anti-español. El sentimiento identitario valenciano no es incompatible con la identidad española.

RK: En Brasil, según mi tesis², hay una transformación de las nuevas generaciones de aficionados al fútbol en aficionados o simplemente seguidores de celebridades y clubes extranjeros, principalmente Real Madrid y Barcelona en los últimos años y ahora Paris Saint Germain y Liver-

² KOCH. Futebolização.

pool. Para muchos, ya no existe un sentimiento sólido de apego al club familiar. ¿Se produce este fenómeno o también está ocurriendo en Valencia?

RLG: Este tema se ha desarrollado en varias dimensiones, pero antes de entrar en este tema, creo que es importante ponerlo en contexto un poco. Hablamos de situaciones que no cambiaron de la noche a la mañana, es decir, se desarrollaron en procesos históricos de largo plazo, y también de temas que están llenos de contradicciones, ambivalencias y paradojas, por lo que no pueden interpretarse de manera lineal. El mundo de las identidades de la modernidad se encuentra en un proceso de transición, pero no se sabe si es una transición a otro estado o si simplemente está rompiendo con lo que teníamos. El período por el que estamos haciendo esta transición parece ser menos monolítico y más plural y heterogéneo; o quizás, simplemente estamos siguiendo una lógica de mercado, que también ha penetrado en el mundo del fútbol y las identidades del fútbol. Por tanto, estaríamos siguiendo dentro de un panorama de posmodernidad, pero ya no son las identidades locales y regionales o nacionales. Todo está ligado al

consumo, los grupos mediáticos, las grandes celebridades, las marcas y los megaequipos que se han convertido en conglomerados transnacionales capaces de llamar la atención de otras partes del mundo. Hay signos de dinámica en todas partes, por lo que ya no podemos decir que los niños seguirán los mismos equipos que los padres; sin embargo, todavía hay muchos niños que, por influencias familiares, siguen los mismos clubes que sus padres y, más adelante, cuando los jóvenes se unen a otros equipos porque tienen la oportunidad de seguir clubes ingleses o alemanes, [...] También puede haber múltiples identificaciones, es decir, seguir siendo seguidores del club familiar e igualmente nutrir la lealtad al Liverpool, Bayer Munich y/o Paris Saint Germain, por ejemplo.

RK: Messi se mudó recientemente de Barcelona al Paris Saint Germain, es decir, ya no tiene cierta identidad española, pero entre los niños y jóvenes de Valencia sigue siendo un referente. ¿Cuál es su opinión sobre este aspecto del fenómeno futbolístico?

RLG: Sí, todavía lo es después de muchos años. Vino aquí muy joven y ha vivido la mayor parte de su vida aquí en España. Hay muchos casos como el de Messi. El fútbol europeo funciona así. Los clubes observan a los jugadores de fútbol de todo el mundo y terminan contratándolos a una edad muy temprana, a los 12 o 13 años. Traen a sus familias con ellos, encuentran trabajo para sus padres y muchos se naturalizan. Estamos debatiendo temas de nuevas dinámicas, que tienen que ver con la globalización, la entrada del fútbol en el mercado de consumo, el aumento de la oferta de medios de entretenimiento y, con las tendencias tecnológicas, mercantilizadas y globalizadas. Todos estos fenómenos están presentes y ejercen sus efectos sobre el fútbol, que es un deporte masivo y de gran importancia económica. Es natural que haya transformaciones de identidad, entre otras cosas porque cada año unos mueren y otros nacen, es decir, hay situaciones que son naturalizadas por generaciones posteriores que aún provocan ciertos alejamientos en generaciones anteriores. Este tema es fascinante. Pero el fútbol tiene algo que se diferencia de otros fenómenos sociales, que es la memoria colectiva, que también

es un almacén de identidad – con el pasado, la historia, los estadios, los trofeos, los grandes jugadores, los goles decisivos, los días de gloria, los equipos emblemáticos [...] Este recuerdo no se pierde. Al contrario, se mantiene y se retroalimenta. Frente a estas transformaciones sociales que estamos viviendo vertiginosamente, veo cada vez más grupos que están obsesionados con el pasado de gloria, celebrando el aniversario de los logros de años anteriores. Todo es muy complejo y no hay garantías de que estemos avanzando hacia una lógica de identidades impuesta por el mercado. Cuando comencé a estudiar fútbol, noté que en España el asociativismo futbolístico era muy pequeño, comparado con Reino Unido, por ejemplo. Pero, ya hay minorías que quieren quedarse con la esencia de los clubes.

En su análisis, ¿la pandemia ha alterado la relación de la afición con el fútbol y con sus clubes preferidos? ¿Hubo una aceleración de algunos procesos que ya estaban en marcha? En Brasil, la mayoría de los jóvenes ya seguía el fútbol solo a través de los medios de comunicación, asistiendo al estadio algunas veces al año. Durante la pande-

mia, el único acceso al fútbol era a través de pantallas. ¿Cómo está ocurriendo tal condición aquí? ¿La mercantilización y espectacularización del fútbol contemporáneo está acabando con los lazos de identidad?

Creo que la pandemia en sí no ha producido nada nuevo en la sociedad. La pandemia contribuye a acelerar algunos procesos de transformaciones que ya estaban presentes en las sociedades europeas y latinoamericanas. Estos procesos ya existían y se aceleraron porque necesariamente hubo una aceleración de la mediación en la tecnología, en el consumo y en muchas otras cosas. Por otro lado, también hay cada vez más trabajos telemáticos, consumo de fútbol y entretenimiento a través de los medios de comunicación. Esto también estaba acelerando la digitalización de la sociedad y por lo tanto ya estaba perdiendo contactos físicos y reales. Los aficionados al fútbol pasaron un poco por esto durante la pandemia, pero con cambios tan rápidos, se abre la posibilidad de que las personas se pregunten qué se están perdiendo: “¿Me estoy perdiendo algo? Estoy perdiendo contacto con los fanáticos, con la naturaleza del espectáculo, con la emoción del estadio [...]!?”

Pierden el tiempo que tenían con este contexto, pero no pierden su valor o importancia para los individuos. Entonces, creo que no volverá al escenario prepandémico, porque no volveremos a tener la sociedad que teníamos antes. La sociedad nunca vuelve a ser lo que era, incluso si existen estrategias de recuperación. Si pasamos menos tiempo en contacto con la naturaleza, en un momento en el que la salud mental se está derrumbando por el escaneo excesivo, podríamos decidir pasar unos días en el campo. Llevándolo al fútbol, puedo decidir – ahora que los estadios vuelven a abrir – cuándo volveré para asistir a ellos y hacer las cosas que solía hacer, incluso con el aumento de los precios de las entradas, con cierto miedo a la pandemia y con las restricciones, porque esto es valioso para mí. Es difícil saber qué va a pasar. En este panorama general, existen problemas relacionados con el futuro público consumidor de fútbol, es decir, los más jóvenes, que ya fueron detectados antes de la pandemia. La lógica consumista de esta nueva generación tiene problemas con el fútbol. Por ejemplo, cuando yo era niño y los fines de semana había un partido de fútbol televisado, mi abuelo, que no tenía televisión, venía a

mi casa y se sentaba en el sillón; y durante las dos horas que duró el partido no se movió, ni siquiera para ir al baño. Esto desapareció. Una persona joven no puede pasar más de dos minutos viendo algo, ya sea mediático o in loco, sin mirar otras pantallas. La estructura del consumo de fútbol sigue siendo la misma, pero los artefactos que conducen al consumo de fútbol y al público consumidor han cambiado. Existen numerosas plataformas que permiten el consumo bajo demanda, con diferentes ángulos de cámara, estadísticas, narraciones y comentarios (que también se han transformado). Antes de la pandemia, ya se había detectado un cierto cambio. No todos los jóvenes participaron o participan en el fútbol como antes, ya que existe una gran variedad de actividades de ocio y entretenimiento. Y además, para muchos, no es la práctica deportiva más importante. En la sociedad española y en la comunidad valenciana esto también ha cambiado mucho en las últimas décadas. Hace unos años las principales prácticas deportivas estaban ligadas a modalidades competitivas, federadas y colectivas, y nos adentramos en un escenario posmoderno en el que el fitness, la gimnasia, las actividades desinsti-

tucionalizadas e individuales han ganado más espacio e importancia – y se adaptan mejor a los objetivos actuales – en la vida de las personas que están mucho más preocupadas por esculpir sus cuerpos y tienen menos tiempo. No cambió al cien por cien, pero creció mucho.

¡Gracias por escucharnos!

¡Gracias!

INTRODUÇÃO

Ramón Llopis-Goig é professor titular da Universitat de València, vinculado ao Departamento de Sociologia e Antropologia Social, tendo realizado períodos como pesquisador visitante na Universidade de Leicester (Inglaterra) e no Instituto Universitário Europeu de Florença (Itália). É autor de livros, artigos e conduziu estudos sobre a sociologia do esporte na Espanha e na Europa, onde destacam-se os trabalhos *Ideal democrático y bienestar personal* (2011), *Spanish football and social change* (2015) e *Sociología del deporte* (2017).

O encontro com o professor Ramón surgiu através do interesse deste pesquisador na temática 'Futebol e Identidades', objeto de investigação dos mesmos e, por conta do período de pós-doutorado vinculado ao Institut de Creativitat i Innovacions Educatives de la Universitat de València, no curso letivo de 2021-22. A entrevista que segue foi realizada no idioma espanhol sendo, depois de autorizada sua publicação, transcrita no mesmo e traduzida para o português.

Nesta conversa, realizada pessoalmente em seu gabinete no prédio da Facultat de Ciències Socials da Universitat de València, dia 09 de dezembro de 2021, Ramón Llopis-Goig expõe seus pensamentos e análises sobre o futebol contemporâneo, identidade, e as acelerações no contexto social causado pela pandemia, com olhar mais voltado à Comunidade Valenciana. O pesquisador acredita que a pandemia não produziu novos cenários identitários no futebol pós-moderno, ou seja, apenas acelerou fenômenos que já estavam em curso e que causavam preocupações menores até então. Neste texto apresentam-se as versões da entrevista nos idiomas espanhol, no qual foi realizada a mesma, e a tradução para o português.

* * *

ENTREVISTA

Rodrigo Koch (RK): Como você define a relação da Comunidade Valenciana com o futebol? Há uma identidade específica de Valência?

Ramon Llopis-Goig (RLG): Trabalhei durante muitos anos com o tema futebol e identidade. Em 2015 publiquei um livro³ que de alguma maneira encerrou esta etapa da minha pesquisa, pois fiquei mais de dez anos investigando e analisando questões sociológicas do futebol. O tema mais importante que tratei foi o das identidades: a identidade regional, a identidade nacional, [...], portanto nos últimos anos estou um pouco afastado da temática. Estou, no momento, interessado em outros temas do esporte.

Em uma perspectiva geral, a relação da Comunidade Valenciana com o futebol é muito similar ao que ocorre com qualquer outra região espanhola, ou da Europa. O futebol foi o primeiro esporte de massas. Então, em grande medida, a soci-

³ LLOPIS-GOIG. Spanish football and social change.

idade do ócio e do consumo foi se consolidando ao mesmo tempo em que se desenvolvia, crescia e se profissionalizava o futebol. Muito depois, isto se sucedeu com outros esportes. Nos últimos 30 anos, muitos esportes se converteram em estilos de vida, vinculados – inclusive – à educação. Porém, o futebol foi o primeiro que se profissionalizou, gerou muitos interesses e influenciou em muitos aspectos. Dentro deste panorama, a sociedade valenciana tem basicamente as mesmas características que qualquer outra região espanhola, pois há uma série de clubes que são importantes historicamente nesta construção: Valencia CF, Levante UD, Villarreal CF, Elche CF, CD Castellón, Hércules CF, Alicante CF, [...] Por que os clubes têm tanta importância na identidade e na identificação local? Na Espanha, tivemos um marco competitivo regional inicial até final dos anos 1920 – quando foi criada a Liga (1928); portanto, até este momento a configuração era regional e, nem todas as equipes importantes foram favoráveis a deixar o marco regional e passar ao marco nacional. Durante vários anos, algumas equipes estiveram participando dos dois torneios. Nas regiões havia um grande interesse competitivo,

baseado em rivalidades – que em muitos casos envolvia mais de um ou dois clubes da mesma cidade. As pessoas fixavam muito sua identificação com a equipe da cidade. As identidades regionais estavam fortemente vinculadas, mais que em outros países europeus. A Espanha é o primeiro estado moderno do mundo, criado no século XV, por uma união dinástica. As unificações de Itália e Alemanha, por exemplo, foram realizadas muito depois. Houve dificuldades de se produzir uma integração, como ocorreu com a França, que desenvolveu uma centralização com ‘ferramentas sociais’ mais potentes. A língua e a etnia francesa ficaram homogeneizadas, mas na Espanha não. O processo espanhol de integração em um estado nacional foi mais complicado, pois não havia meios de comunicação e tampouco um sistema educacional com acesso para a maioria. Então, como poderíamos criar uma identidade nacional espanhola sem estes meios? Por isso, que as identidades regionais sobreviveram e se mantiveram fortes e, em alguns casos, se revitalizaram em séculos posteriores, como são os casos da Catalunha, do País Basco e, em menor medida, os casos de Valência e da Galícia. É necessário levarmos em

conta esta perspectiva histórica e política para entender por que os clubes são representantes das identidades na Espanha. Esta evolução não se reproduziu em outras partes do planeta. As características sociais, políticas e históricas da sociedade valenciana, de alguma maneira, têm relação com o futebol.

Diante deste cenário, quais os sentimentos dos valencianos sobre a seleção espanhola? O que é mais importante para os valencianos? Os clubes ou a seleção? Há relações políticas ou apenas esportivas?

Este é um tema muito interessante. As identidades têm um nível distinto: local-regional, nacional-estatal, supraestatal-europeu, ... Podemos pensá-las de duas maneiras: excludentes ou includentes. Qualquer pessoa pode estar em uma identidade de nível regional e ser contrária à outra identidade regional; porém, não necessariamente estas pessoas se colocam contrárias a uma identidade de âmbito nacional. Portanto se podem mesclar ou acoplar as identidades, a menos que esta identidade regional tenha uma reivindicação política e aspirações para converter-se em um Estado. É o que vemos em uma

parte da Catalunha e em uma parte do País Basco, mas estes grupos não representam a maioria da população destas regiões que querem a independência. No caso de Valencia e, da identidade valenciana, – e também na maioria dos demais casos – a identificação espanhola não foi conduzida como algo excludente; muito pelo contrário, é algo que podemos articular. Aqui a seleção espanhola sempre foi muito bem recebida. Vou te dar um exemplo: a Espanha sediou apenas uma Copa do Mundo FIFA, em 1982 e, se elegeu o Estádio Mestalla como sede do grupo no qual competia a seleção espanhola na primeira fase, porque era sabido que naquele momento o selecionado era muito querido na sociedade valenciana. Em Valência não existia nenhum sentimento anti-espanhol. O sentimento identitário valenciano não é incompatível com a identidade espanhola.

No Brasil, de acordo com minha tese⁴, há uma transformação das novas gerações de torcedores do futebol em aficionados ou apenas seguidores de celebridades e clubes estrangeiros, principalmente de Real Madrid e Barcelona nos

⁴ KOCH. Futebolização.

últimos anos e, agora do Paris Saint Germain e do Liverpool. Para muitos, não há mais um sentimento sólido vinculado ao clube familiar. Tal fenômeno ocorre ou está ocorrendo também em Valência?

Esta temática se desenvolveu em várias dimensões, mas antes de entrarmos neste assunto, considero importante contextualizar sobre isto um pouco. Estamos falando de situações que não se transformaram da noite para o dia, ou seja, foram desenvolvidas em processos históricos de longa duração, e também de questões que estão repletas de contradições, ambivalências e paradoxos, portanto, não se pode interpretar linearmente. O mundo das identidades da modernidade está em processo de transição, porém não se sabe se é uma transição para outro estado ou se simplesmente se está rompendo com o que tínhamos. O período para o qual estamos fazendo esta transição parece ser menos monolítico e, mais plural e heterogêneo; ou talvez, simplesmente estamos seguindo uma lógica do mercado e, que também penetrou o mundo do futebol e das identidades futebolísticas. Portanto, estaríamos seguindo dentro de um panorama da pós-modernidade, porém já não

são as identidades locais e regionais ou nacionais. Tudo está vinculado ao consumo, aos grupos midiáticos, às grandes celebridades, às marcas, e às megaequipes que se converteram em conglomerados transnacionais capazes de atrair atenção de outras partes do mundo. Há indícios de dinâmicas por toda parte, então já não podemos mais dizer que os filhos seguirão as mesmas equipes dos pais; no entanto, ainda há muitas crianças que por influências familiares seguem os mesmos clubes dos pais e, depois quando jovens se afiliam a outros times porque tem a oportunidade de acompanhar clubes ingleses, ou alemães, [...] Também pode haver identificações múltiplas, ou seja, seguem aficionados ao clube familiar e igualmente nutrem uma fidelidade com o Liverpool, o Bayer Munique e/ou o Paris Saint Germain, por exemplo.

Recentemente Messi se transferiu do Barcelona para o Paris Saint Germain, ou seja, não possui mais certa identidade espanhola, mas entre crianças e jovens valencianos segue sendo uma referência. Qual sua opinião sobre este aspecto do fenômeno futebolizador?

Sim, segue sendo depois de muitos anos. Ele veio para cá muito jovem e, viveu a maior parte da sua vida aqui na Espanha. Há muitos casos como o de Messi. O futebol europeu funciona assim. Os clubes observam jogadores de futebol em todo mundo, e acabam contratando eles ainda muito jovens – com 12 ou 13 anos de idade. Trazem junto com eles suas famílias, conseguem trabalho para os pais e muitos se naturalizam. Estamos debatendo questões de novas dinâmicas, que estão relacionadas com a globalização, a entrada do futebol no mercado consumidor, o incremento da oferta de meios de entretenimento e, com tendências tecnológicas, mercantilizadas e globalizadas. Todos estes fenômenos estão presentes e exercem seus efeitos sobre o futebol, que é um esporte massivo e tem importância econômica elevada. É natural que haja transformações identitárias, até porque, a cada ano morrem alguns e nascem outros, ou seja, há situações que são naturalizadas pelas gerações posteriores que causam ainda certos estranhamentos nas gerações anteriores. Este tema é fascinante. Mas o futebol tem algo que difere de outros fenômenos sociais, que é a memória coletiva, que também é um depósito de

identidade – com o passado, a história, os estádios, os troféus, os grandes jogadores, os gols decisivos, os dias de glória, as equipes emblemáticas [...] Esta memória não se perde. Pelo contrário, se mantém e é retroalimentada. Diante destas transformações sociais que estamos vivendo de forma vertiginosa, cada vez mais vejo grupos que se fixam no passado de glórias, celebrando o aniversário das conquistas de anos anteriores. Tudo é muito complexo, e não há garantias que estejamos caminhando para uma lógica de identidades imposta pelo mercado. Quando comecei a estudar o futebol, observei que na Espanha o associativismo no futebol era muito pequeno, em comparação com a Inglaterra, por exemplo. Mas, já existem minorias que querem manter a essência dos clubes.

Na sua análise, a pandemia alterou a relação dos torcedores com o futebol e com os clubes de preferência? Houve aceleração de alguns processos que já estavam em curso? No Brasil, a maioria dos jovens já acompanhava o futebol apenas pelos veículos midiáticos e, frequentando poucas vezes o estádio ao ano. Durante a pandemia, o único acesso ao futebol era através das telas. Como está ocorrendo

tal condição aqui? A mercantilização e espetacularização do futebol contemporâneo estariam acabando com os vínculos identitários?

Eu acredito que a pandemia por si mesma não produziu nada de novo na sociedade. A pandemia contribuiu para acelerar alguns processos de transformações que já estavam presentes nas sociedades europeia e latino-americana. Já existiam estes processos e eles foram acelerados porque houve, necessariamente, uma aceleração de mediação na tecnologia, no consumo e, em muitas outras coisas. Por outro lado, também há cada vez mais postos de teletrabalho, e consumo do futebol e entretenimento através da mídia. Isto também estava acelerando a digitalização da sociedade e, portanto a mesma já estava perdendo os contatos físicos e reais. Os torcedores e aficionados do futebol passaram um pouco por isto durante a pandemia, mas com transformações tão rápidas, se abre a possibilidade para os indivíduos questionarem sobre o que estão perdendo: “Estou perdendo algo? Estou perdendo o contato com os aficionados, com a natureza do espetáculo, com a emoção do estádio [...]!?” Perdem o tempo que tinham

com este contexto, mas este não perde o valor ou importância para os indivíduos. Então, eu acredito que não haverá um retorno para o cenário anterior à pandemia, porque não voltaremos a ter a sociedade que tínhamos antes. A sociedade nunca volta ao que foi, mesmo que hajam estratégias de recuperação. Se passarmos menos tempo em contato com a natureza, no momento em que há um colapso da saúde mental pelo excesso de digitalização, podemos decidir em passar alguns dias no campo. Trazendo para o futebol, posso decidir – agora que os estádios estão abertos novamente –, quando voltarei a frequentá-los e fazer as coisas que antes fazia, mesmo com o aumento dos preços dos ingressos, com certo medo da pandemia e com as restrições, porque isto tem valor para mim. É difícil saber o que vai acontecer. Neste panorama geral, há problemas relacionados com o futuro público consumidor de futebol, ou seja, os mais jovens, que já estavam detectados antes da pandemia. A lógica consumidora desta nova geração tem problemas de encaixe com o futebol. Por exemplo, quando eu era criança e nos finais de semana havia uma partida de futebol televisionada, meu avô – que não tinha televisor – ia

até minha casa e se sentava na poltrona; e durante as duas horas do jogo ele não se movia, nem mesmo para ir ao banheiro. Isto desapareceu. Um jovem não consegue estar mais de dois minutos assistindo algo – seja mediado ou *in loco* – sem observar outras telas. A estrutura de consumo do futebol segue sendo a mesma, porém os artefatos que conduzem ao consumo do futebol e o público consumidor se transformaram. Há inúmeras plataformas que permitem o consumo *on demand*, com variados ângulos de câmeras, estatísticas, narrações e comentários (que também se transformaram). Antes da pandemia já se havia detectado uma certa mudança. Nem todos os jovens estavam ou estão vinculados ao futebol como antes, pois há uma gama enorme de atividades de ócio e entretenimento. E também, para muitos, não é a prática esportiva mais importante. Na sociedade espanhola e na comunidade valenciana isto alterou muito também nas últimas décadas. Há poucos anos, as principais práticas esportivas estavam vinculadas as modalidades competitivas, federadas e coletivas e, estamos passando a um cenário pós-moderno no qual as atividades *fitness*, ginásticas, desinstitucionalizadas e indivi-

duais ganharam mais espaço e importância – e se ajustam melhor aos objetivos atuais – na vida das pessoas que estão muito mais preocupadas em esculpir seus corpos e dispõem de menos tempo. Isto não alterou cem por cento, mas cresceu muito.

Obrigado pela atenção conosco!

Obrigado!

* * *

REFERÊNCIAS

FERRANDO, Manuel García; LLOPIS-GOIG, Ramón. **Ideal democrático y bienestar personal**: encuesta sobre los hábitos deportivos en España 2010. Madrid: Consejo Superior de Deportes/Centro de Investigaciones Sociológicas, 2011.

FERRANDO, Manuel García; OTERO, Francisco Lagardera; LLOPIS-GOIG, Ramón; SOLER, Anna Vilanova. (Orgs.). **Sociología del deporte**. Madrid: Alianza Editorial, 2017.

KOCH, Rodrigo. **Futebolização**: identidades torcedoras da juventude pós-moderna. Brasília, DF: Trampolim Editora/Ministério da Cidadania, 2020.

LLOPIS-GOIG, Ramón. **Spanish football and social change**: sociological investigations. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

* * *

**Recebido em: 20 de dezembro de 2021.
Aprovado em: 7 de fevereiro de 2022.**

Um estádio estando país ou o Mineirão é uma esquina redonda

Luis Maffei ⁱ

Nunca nos esqueceremos de 2018, pelas piores razões. Um de seus dias de auspício mais nefando foi 4 de abril, quando a maioria do STF negou o pedido de *habeas corpus* impetrado pela defesa do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, que fora condenado a 12 anos e um mês de prisão pelas acusações de lavagem de dinheiro e corrupção passiva. A votação no Supremo terminou com a noite avançada, mas, por volta das 21h40, com o placar em Brasília indicando 5 a 2 contra o pedido, o destino da sessão já estava virtualmente selado.

Nesse momento, os times de Cruzeiro e Vasco da Gama entravam no gramado do Mineirão para um jogo da segunda rodada da fase de grupos da Copa Libertadores da América. Sou Vasco. Estava naquela arquibancada mudada para pior, gentrificada, enfeitada como foi para a Copa de 2014 – exatamente como o Mara-

canã. O Mineirão lembra a arquitetura do Maracanã, mas tem traços inconfundíveis; ambos foram danificados, receio, para sempre. Perdemos estádios, ganhamos arenas com menos graça. Felizmente, habito e me esfrego em São Januário, que tem até capela e pôr do sol.

*

Nunca nos esqueceremos de 1985, por razões ambíguas. Seu dia mais funesto foi 21 de abril, o domingo em que morreu Tancredo Neves, o presidente eleito, rosto da Nova República e do fim de um regime civil-militar que definhou com a lentidão dos mortos-vivos, deixando centenas de zumbis que ainda nos assombram. No dia 23, o corpo de Tancredo seguiu para Belo Horizonte. Vivíamos na Antônio Carlos. Eu era uma criança em fins de infância saída do Rio por um motivo pouco nobre: o desejo mal tido de minha mãe que eu estudasse no Colégio Militar, o que no do Rio seria impossível, pois, em minha família, não figurava nenhum insigne representante das Forças Armadas, ufa.

1985 me saiu um ano estranho. Naquela cidade, de acento simpático, doce e sensual, vi uma face da solidão que ainda, à distância, por vezes me cutuca. Vi também muitas outras coisas. Mas a dependência de meus 11 anos não permitia que eu fosse longe desacompanhado. Por isso, a rotina se espalhava, timidamente, ali por São Francisco, Pampulha, entre o Colégio Militar de Belo Horizonte, a UFMG e o Mineirão – e uma visita ou outra, desenxabida, ao BH Shopping, do outro lado da cidade. A presença precoce da universidade se explica: 1. pela Escola de Veterinária, que atendia nossa cadela; 2. por ser aonde fomos parar, Flávio, meu colega, e eu, após fugir do colégio pulando o muro. A fuga não deu certo, não me alongo nisso. Mas, sempre que vou à Faculdade de Letras, lembro-me, com honra, daquela tarde, em que nos perdemos no *campus*, então dotado de proporções desmedidas, labirínticas, da Federal de Minas.

Logo atrás das trepadeiras, havia o Mineirão, uma espécie de miragem, um logo ali. O Mineirão é uma esquina redonda.

*

O novo Mineirão é boboca por dentro, mas tem o mesmo impacto por fora (ao contrário do Maracanã, que teve roubado seu teto histórico). Conheci-o na Copa do Mundo, quando fui assistir ao Bélgica x Argélia. Alguma coisa acontece em mim diante dessa geração belga, de quem fui atrás também em São Paulo, no jogo contra a Coreia do Sul, e para quem torci discretamente em 2018 – menos na recente Eurocopa, por causa de seu futebol menos sedutor. Em Beagá, a propósito, depois do jogo, fui encher a cara na companhia do cavalheiro Elcio Cornelsen, no Lourdes, diante de um televisor que mostrava o entediante 0 a 0 entre Brasil e México. Nada que a amizade, a elegância e o álcool não redimissem.

Depois de muitos anos, ter revisto a arquitetura do estádio, tão marcante que inspira, inclusive, o logotipo do nosso FULIA,¹ foi bonito e bom.

E aquela semifinal, hein? E aí, Aécio, seu agoureiro?

*

¹ Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes da Faculdade de Letras da UFMG.

O campo é presente radical. Quase não pensei em Brasília durante aqueles noventa e poucos minutos, mas esse “quase” faz quase toda a diferença. Lembrar daquele jogo é melancólico. Sou Vasco. O Vasco, já apresentando, de novo, um time mais ou menos, vinha de um Campeonato Brasileiro surpreendente, e estava na decisão do Estadual. O time de 2017 era melhor que o de 2018, mas o de 2018, até aquele jogo, competia. E aquele jogo, justamente aquele jogo, marcou um limite na história recente do Vasco. E lá estava eu, com Evelyn, no Mineirão.

Decidimos embarcar nessa aventura logo após o primeiro jogo da final do Carioca, no domingo anterior, quando o Vasco venceu o Botafogo no finalzinho. No setor leste no Engenhão, nós nos entreolhamos e dissemos, “vamos para Beagá na quarta”. Nada é melhor que o raro encontro entre amor e liberdade. Então, em 4 de abril, rodávamos sobre a antiga BR-3.

Nesse dia, uma diabólica imbricação entre a história da minha vida, a do meu time e a do meu (?) país praticamente gargalhou em meus tímpanos. No domingo seguinte, sairíamos, Evelyn, Dioniso e eu, do Maracanã, com a cabeça pesada e baixa, após a perda do Estadual, num jogo agônico que terminou nos pênaltis,

para o Botafogo. Na véspera, Lula fora levado para Curitiba, onde passaria mais de dois anos preso. Sabíamos do vilipêndio legal e político, mas não tínhamos a clareza de que aquela semana era um salto que Jair Bolsonaro, sem sair de sua miliciania poltrona, dava rumo à presidência da República.

O quase faz diferença. Naquela noite, o Mineirão é onde eu, mais uma vez, estava, e era, para meu coração que não é do tamanho do mundo, o Brasil inteiro. Aquele estádio, projetado por Guimarães Júnior e Gaspar Garreto, mas cuja alma recupera um Brasil *kubitschekiano*, de uma modernidade toda Minas e Brasília, já nasceu na época errada, no segundo ano dos malditos generais. O Mineirão é uma esquina redonda entre um sonho fracassado, mas belo, e um fracasso real.

*

O filho ilustre de São João del-Rei, avô de Aécio Neves, morreu, numa triste ironia, em 21 de abril de 1985, dia de Tiradentes. O Campeonato Brasileiro daquele ano, a velha Taça de Ouro, apresentava um regulamento especialmente confuso. Não o resumo, só digo que os clubes chamados grandes figuraram, na primeira

fase, nos grupos A e B, e outros, de menor expressão, nos grupos C e D. Nessa fase, a última rodada do retorno de C e D ocorreu precisamente no dia da morte de Tancredo. Nos grupos mais importantes, no fim de semana anterior.

O futebol é uma experiência iniciática, que só pode ter lugar no estádio. Meu pai e eu já íamos ao Mineirão desde que nos mudáramos, era nosso prazer. No dia 14 de abril, sete antes de Tancredo Neves morrer, fui, pela primeira vez, assistir ao Vasco fora de casa. Com a camisa cruz-maltina, como sempre, entrei no estádio um pouco arrepiado. Lá dentro, erramos a direção e entramos na torcida do Atlético. Uma jovem, imediatamente, nos abordou e disse, em mineiro afável: “oi, a torcida do Vasco está bem ali”. Não ter de correr da torcida rival me deixou vagamente decepcionado. Sim, foi esse instante que me revelou a amizade, cheia de acasos históricos, entre as duas torcidas etc.

*

O esquema de segurança daquele jogo da Libertadores concentrou a torcida do Vasco no Mineirinho, longe da ameaça azul, e nos deslocou para o estádio com muita polícia em volta: “Cum on feel

the noize”. Bem, não era um Vasco e Atlético. Um sujeito disse a outro, não antes, mas já depois da partida, “nunca vim a um jogo com o Cruzeiro que não me causasse problema”, enquanto esperávamos, por mais de uma hora, para sair do estádio. Evelyn e eu levávamos casacos, naquela noite quente para os corpos e gélida para nossa democracia, apenas para esconder as cruces. Deu certo.

Não é exagero: aquele jogo foi o último, na história recente do Vasco, em que o time lembrou o tamanho do clube. Alguém citará o 4 a 4 com o Flamengo, em 2019, mas gostar de um empate com o rival do Leblon já indica certo apequenamento. Em Belo Horizonte, naquela noite de 2018, o Vasco jogou bem, contra um adversário forte, em domínio alheio, numa grande competição continental. Se eu fosse Shelley (ele, não ela), escreveria: “No more – Oh, never more!”.

Quer dizer, se eu fosse um poeta romântico, eu diria que ter visto, ao mesmo tempo, o melhor e o último jogo de Paulinho, filho de Oxóssi, pelo Vasco, justo o jogo em que ele sofreu uma contusão dramática, justo o jogo que reputo como o último que se acerca do tamanho de meu clube, tem a ver com aquilo de o destino rir de mim e tal.

*

Há o Mineirão, há o Mineirinho. Em janeiro de 1985, lá fomos nós para eu prestar o exame de admissão no CMBH. Na altura, eu participava da escolinha de futebol de salão do Bradesco/Atlântica, justo o Bradesco/Atlântica, ex-Atlântica/Boavista e depois apenas Bradesco, na Rua Barão de Itapagipe. Ao lado de nós, crianças, treinava um dos maiores times de voleibol do país, e não nos cansávamos de ver Bernard, Fernandão, Bernardinho, Amauri, Bebeto etc., bem ali. O time de futebol de salão também era muito bom, mas o de vôlei, esporte que começava a alçar altos voos, era luxo só.

E foi em janeiro de 85 que o Campeonato Brasileiro de 84 começou a ser decidido, em Belo Horizonte. Por coincidência, o Bradesco/Atlântica hospedou-se no mesmo hotel onde estava a delegação da vez dos meninos que vinham de certo cursinho carioca, todos os anos, tentar ingressar no CMBH – havia um convênio entre o bom hotel e o curso, e estávamos lá só por isso, nós, os filhos de civis.

Meu pai e eu conseguimos dois ingressos. Nas cadeiras do Mineirinho, eu vestia a camisa do Bradesco/Atlântica, usada nos

treinos, para gozar com o primeiro jogo da final de um campeonato que não podia ser perdido – afinal, do outro lado não estava a Pirelli, mas um time que não podia bater o nosso. Não só bateu no jogo, mas na melhor de três do campeonato, assim como nas finais de 85 e 86. Era o grande Minas Tênis Clube, de Pelé e Young Wan Sohn.

Mas o que realmente importou para aquele menino de quase 11 anos foi outra coisa. Quando o Bradesco venceu o primeiro set, tirei o casaco (há muitas ocasiões a que se presta um casaco) e vibrei sem timidez. Ao sentar-me, ouvi uma doce voz em meu ouvido, cuja dona estava exatamente atrás de mim, falando mineiro, com muito bom humor diante daquela criança estranha e vestida com a roupa errada: “você é carioca”? Virei-me e vi uma jovem e seu gostoso sorriso, em companhia de seu também simpático namorado. Caí de muda e falsa paixão por ela.

Acho que gosto tanto do sotaque mineiro (simpático, doce, sensual, não?) por causa desse momento, do sopro no ouvido, do roçar do cabelo, de uma voz cuja face não me lembra.

E foi no Mineirinho que vi um show do Quiet Riot, mas não vem ao caso.

*

Algo liga minha experiência de certos momentos catastróficos da vida brasileira a Belo Horizonte. Em 17 de abril de 2016, a Câmara dos Deputados autorizou a abertura do processo de impeachment contra a quase gaúcha, mas belo-horizontina, Dilma Rousseff. Assisti àquele macabro polaroid de Brasil, com Evelyn e nossa querida amiga lisboeta Diana Pimentel, na Praça da Estação, em meio a muita gente entre lágrimas e revolta, impotência e medo.

Sempre abril? É que abril de 85 é antecedente de abril de 2016, e abril de 2016 é uma das causas de abril de 2018 – e segue nossa história (?).

*

O Atlético venceu o Vasco por 1 a 0, gol do soberano Reinaldo. Ambos os times já estavam classificados para a próxima fase daquele campeonato rocambolesco. Eu sabia que ver Reinaldo (era seu último ano de Galo) e Éder em ação, na casa deles, mesmo depois do auge, era alguma coisa.

Aliás, em certo outro jogo, que pode ter sido (não tenho certeza) um Cruzeiro x Villa Nova, convenci meu pai a irmos de

geral. Ele odiava, mas foi, como já fora, por insistência minha, no Maracanã. Descobri, então, que a geral do Mineirão era relativamente mais alta que a do Maracanã, onde eu adorava ir, e que isso permitia uma visibilidade melhor do jogo.

Meu pai até concordou, mas não voltei a convencê-lo a ir lá embaixo.

*

Voltando de Belo Horizonte, na quinta-feira, 5 de abril de 2018, Evelyn e eu paramos num estabelecimento da rodovia. Como sempre, havia televisores, que transmitiam a notícia de que Sergio Moro decretara a prisão de Luís Inácio Lula da Silva. A sexta-feira foi de mobilização, estávamos na Cinelândia, mas ninguém supunha seriamente que Lula não se entregasse.

No sábado, depois de passar dois dias no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, o ex-presidente teve de driblar a multidão para sair do prédio. Antes, fez um dos discursos mais notáveis de sua trajetória, no qual clamou: “Não adianta eles acharem que vão fazer com que eu pare, eu não pararei porque eu não sou um ser

humano, sou uma ideia, uma ideia misturada com a ideia de vocês”.² É desse dia a memorável foto de Francisco Proner que, ao mostrar Lula no meio de um mar humano, ilustra precisamente a transformação daquele homem em ideia, não platônica, mas política, o que faz dele mais homem ainda.

Ainda em 2016, escrevi uns versos que hoje subscrevo com mais raiva: “Este país/ falácia e medo/ ensina o que é o contrário da esperança”. O poema se intitula “Brasil 2016”, e pertence a um conjunto (quase) todo dedicado aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Muito do que ocorreu na sequência, Copa do Mundo + Olimpíada, desvela aspectos problemáticos dos governos Lula e Dilma, desde uma relação permissiva com o capital até a autoritária, portanto ainda mais perigosa em cenários como o atual, regulamentação da Lei Antiterrorismo. Depois de tanto e tudo, este país não tem mesmo a ver com esperança. Lula está livre, o canalha semi-analfabeto Moro foi desautorizado, tudo bem, mas é pouco, nem sei se se configura esperança. Também não tenho esperança no

Vasco, mas essa relação não precisa de esperança, precisa é de doença, e isso tenho de sobra.

*

Desci sozinho para ver o féretro que levava o corpo de Tancredo, vindo do aeroporto da Pampulha, rumo ao Palácio da Liberdade, naquele 23 de abril de 1985. Obrigatoriamente, o carro dos bombeiros teria de passar em frente a meu edifício, na Antônio Carlos. Um pouco às cegas, minha mãe e meu pai escolheram aquele apartamento por ficar bem perto do colégio e por ter um quintal. Não foi uma boa escolha, mas me deu memórias.

Minha mãe era uma mulher sofisticada, com tintas antiadulocêntricas surpreendentes em sua geração – em qualquer geração, cabe dizer. Irmos para Belo Horizonte, porém, foi motivado pelo equívoco de quem via as fardas com um fascínio que não combinava com seu gosto por Giuseppe Verdi e Dolores Duran. Já meu pai era um trabalhista à moda antiga, que guardava com orgulho a foto da assinatura de sua filiação do PDT, em 1981.

² Disponível em: <https://bit.ly/3xB5Q1o>.

Esse mesmo pai chorou como uma criança contrariada, um bezerro sem mãe, quando Tancredo morreu. Durante muito tempo ele negou essas lágrimas, talvez constrangedoras para um brizolista. Então, desci sozinho para ver o cortejo de Tancredo, minha mãe à janela, centenas de pessoas na rua. O Brasil, ora bolas, já me preocupava.

*

O futebol é uma experiência iniciática, que só pode ter lugar no estádio. O Vasco x Botafogo que teve lugar no primeiro domingo com Lula preso foi uma experiência que Dioniso jamais esquecerá, e que jamais esquecerei de ter vivido com ele. Ainda falta o Mineirão em sua vida, resolveremos isso. O que não falta é ele entrar em campo com o nosso time, coisa que já fez várias vezes, no Maracanã, no Engenhão, em São Januário.

Já no Mineirão, naquele domingo, outro eco meio triste da quarta-feira. É que, como o Atlético tinha vencido o primeiro jogo da final do Mineiro por 3 a 1, a torcida do Vasco cantou muito para a do Cruzeiro: “Ô ô ô, vice do Galo!”. Pois bem, o Cruzeiro reverteu

a vantagem e foi campeão. Sempre podemos dizer que não é problema nosso.

*

Voltei à Taça de Ouro de 85 no segundo jogo da semifinal, Atlético x Coritiba. Num Mineirão que foi esquina entre muita eletricidade e pouco futebol, vimos o 0 a 0 que empurrou o Coxa, que ganhara o jogo de ida, para a decisão. Fomos jantar, meu pai e eu, num restaurante das redondezas, e não me esqueço de o garçom olhar para mim e dizer, claro, em mineiro, com tristeza: “O nosso Galo, poxa...”. Senti, na condição de não torcedor, certa superioridade que a Fortuna, ou melhor, a vascaíndice, nunca deixou durar muito.

Fui torcedor por algumas horas, pela tevê, durante a final excêntrica, quando, enchido de saudade da cidade onde vivia (“você é carioca?”, perguntou-me a morena do Mineirinho; não, mas quase – a ela, disse que era), torci, como quase todo o Rio de Janeiro, para o ambivalente Bangu. O bom time de Castor vinha de um daqueles grupos menores, o C ou o D, e chegou à final. Sabemos o resultado.

*

No país cujo presidente é Jair Bolsonaro, sem partido, onde, até o momento em que encerro este texto, quase 600 mil morreram de Covid-19, onde a democracia é corroída na carne das instituições, onde a fome campeia e o neoliberalismo deita e rola, onde a população pobre, preta, LGBTQIA+ e as mulheres sofrem diário extermínio, num Mineirão vazio como um funeral na pandemia, Cruzeiro e Vasco se enfrentaram, no dia 24 de junho de 2021, pelo Campeonato Brasileiro da segunda divisão.

* * *

ⁱ Luis Maffei é professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui Graduação em Letras (1999), Mestrado (2003) e Doutorado (2007) em Literatura Portuguesa, todos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Como ensaísta, publicou os livros: *Do Mundo de Herberto Helder* (Oficina Raquel, 2017); *Ciranda da poesia – Manuel de Freitas por Luis Maffei* (EdUERJ, 2015); *Despejo quieto – ensaios sobre poesia portuguesa* (EdUFF, 2015); e, com Pedro Eiras, *A vida repercutida – uma leitura da poesia de Gastão Cruz* (Lisboa, Esfera do Caos, 2012). Organizou, em parceria com Diana Pimentel, *Até que – Herberto Helder* (Lisboa, Guilhotina, 2015); com Ida Alves, o livro *Poetas que interessam mais – leituras da poesia portuguesa pós-Pessoa* (Azougue); com Lilian Jacoto, *Soldado aos laços das constelações – Herberto Helder* (Lumme); e com Jorge Fernandes da Silveira, *Poesia 61 hoje* (Oficina Raquel). É também poeta, tendo publicado: em 2006, *A*; em 2008, *Telefun-*

ken; em 2010, *38 círculos*; em 2011, *Pulsatilla*; em 2013, *Signos de Camões*; em 2015, *40*; e, em 2016, *Vista de Olímpia*. Em 2012, estreou como contista com o livro *Contos da Colina*, escrito em parceria com Nei Lopes e Mauricio Murad. Coorganizou, com Mayara R. Guimarães, o livro de contos *Extratextos 1 – Clarice Lispector, personagens reescritos*, no qual também participa como contista. Como ensaísta, tem textos publicados em diversas revistas, como *Metamorfoses*, *Ipotesi*, *Via Atlântica* e *FuLiA/UFMG*, e as portuguesas *Colóquio/Letras*, *Relâmpago*, *Telhado de Vidro* e *Cadernos de Literatura Comparada*. Coordena, para a editora Oficina Raquel, a série “Portugal, 0”, dedicada à novíssima poesia portuguesa. Pelo conjunto da obra, recebeu o prêmio Icatu de Artes – Literatura, 2013. É Sócio Benfeitor do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

Vício da Gema

Caio Junqueira Maciel

Nunca fumei
mas trago o Vasco
baseado na paixão dos alucinados
e se agarro a esse vício inexplicável
e subo o morro pra buscar fatal cigarro
é ali que morro na cruz de malta crucificado.

Não sou de beber
mas me embriago
das antigas vitórias por mares nunca idos,
onde o Vasco escreveu múltiplos capítulos
e na adega do almirante entornei mil títulos.

Nunca cheirei mas admito
que enfileirei carreiras com seus craques
desde Barbosa Eli Danilo Jorge Ademir Bellini
e vai minha memória explodindo, farejando
Dinamite Romário Jorginho Pernambucano.

Não frequento a ATA,
associação dos torcedores anônimos,
pois dou meu nome e minha cara a tapa
prossigo nesse vício, nessa quimera,
e se caio uma duas três ou sete quedas
mesmo que haja o encachoeirado pranto
sei que após o tombo me levanto,
a obsessão da caravela vascaína
sempre me ergue, me orienta e me alucina.

Caio Junqueira Maciel nasceu em Cruzília/MG, em 1952, é pseudônimo e apelido afetivo de Luiz Carlos. Fez os primeiros estudos em sua terra; cursou o colegial no Instituto Padre Machado, de Belo Horizonte, onde obteve o título de mestre em literatura brasileira, pela UFMG, dissertando sobre a poesia de Dantas Mota. Foi professor de literatura brasileira por quarenta anos. Foi editor, com Gilberto Xavier, dos *Cadernos de literatura comentada*, pelas Edições Horta Grande.

Publicou ensaios em jornais e revistas do Brasil e de Portugal – país em que viveu por quase um ano, em Braga. Obteve o primeiro lugar no concurso artístico Teixeira de Pascoaes, em 2017, outorgado pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Publicou, dentre outros, os seguintes livros de poemas *Sonetos dissonantes*; *Felizes os convidados*; *Doismaisdois é igual ao vento*; *Era uma voz: sonetos só pra netos e Paiol*. Participou de várias antologias com poemas e contos, entre elas, *Jovens contos eróticos*, da editora Brasiliense; *Antologia Coletivo 21*, pela Autêntica; *Adolescência & Cia.*, pela Miguilim.

Fonte: <https://editoraurutau.com/autor/caio-junqueira-maciel>.
Rede social: <https://www.facebook.com/caiojmaciel>.